

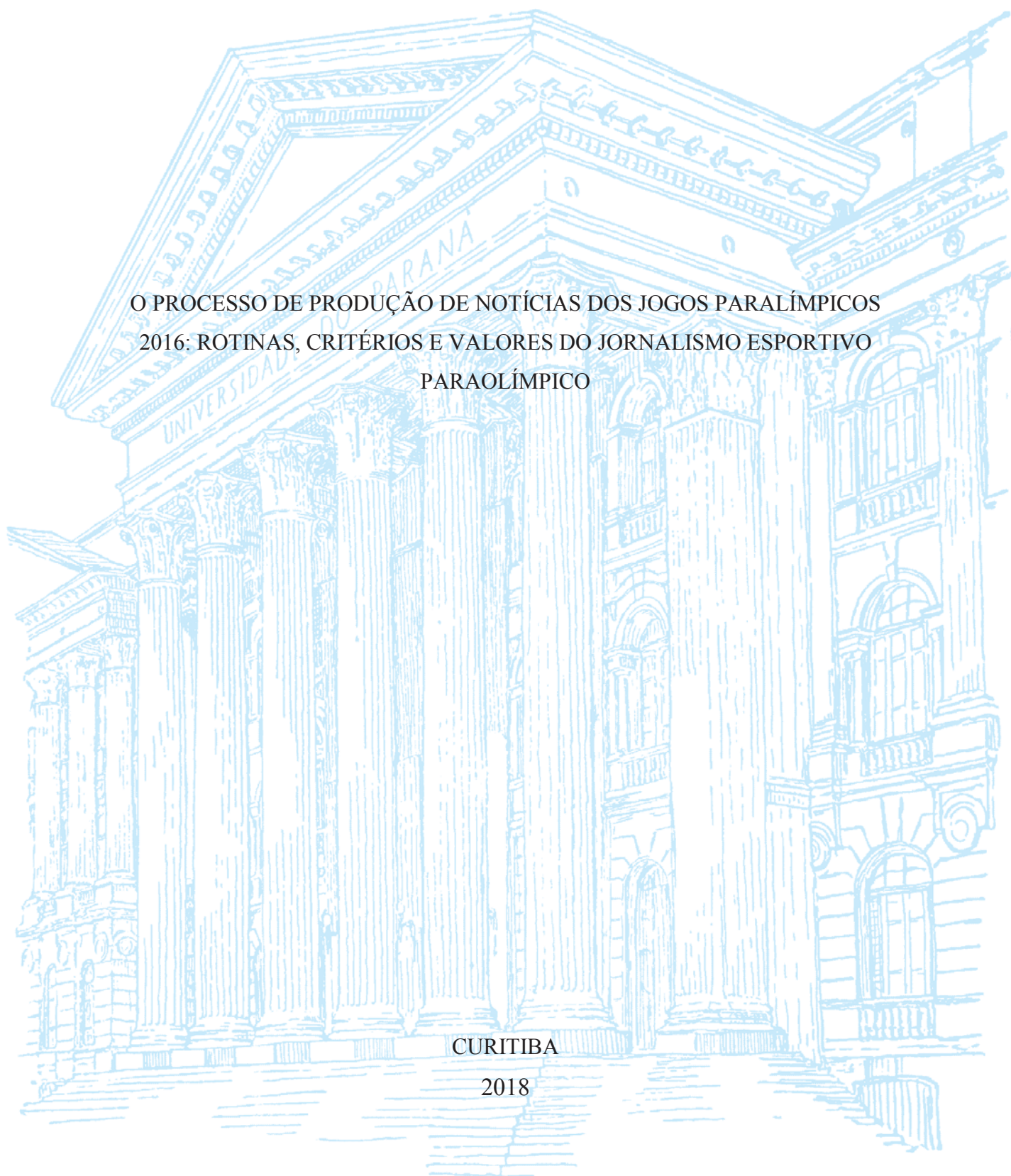
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SILVAN MENEZES DOS SANTOS

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS DOS JOGOS PARALÍMPICOS
2016: ROTINAS, CRITÉRIOS E VALORES DO JORNALISMO ESPORTIVO
PARAOLÍMPICO

CURITIBA

2018



SILVAN MENEZES DOS SANTOS

**O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS DOS JOGOS PARALÍMPICOS
2016: ROTINAS, CRITÉRIOS E VALORES DO JORNALISMO ESPORTIVO
PARAOLÍMPICO**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do Título de Doutor em Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Doralice Lange de Souza

Co-orientador: Prof. Dr. Jose Solves Almela

CURITIBA

2018

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca de Ciências Biológicas.
(Giana Mara Seniski Silva – CRB/9 1406)

Santos, Silvan Menezes dos
O processo de produção de notícias dos Jogos Paralímpicos 2016 :
rotinas, critérios e valores do jornalismo esportivo paraolímpico. / Silvan
Menezes dos Santos. – Curitiba, 2018.
289 p. : il. ; 30cm.

Orientadora: Doralice Lange Souza
co-orientador: Jose Solves Almela

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências
Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Olimpíadas 2. Jornalismo esportivo 3. Esporte paraolímpico I. Título
II. Souza, Doralice Lange III. Almela, Jose Solves IV. Universidade
Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-
Graduação em Educação Física.

CDD (20. ed.) 796.0456



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **SILVAN MENEZES DOS SANTOS**, intitulada: **O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS DOS JOGOS PARALÍMPICOS 2016: ROTINAS, CRITÉRIOS E VALORES DO JORNALISMO ESPORTIVO PARAOLÍMPICO**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 23 de Fevereiro de 2018.


DORALICE LANGE DE SOUZA(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)


JOSÉ CARLOS MARQUES(UNESP/BAU)


GIOVANI DE LORENZI PIRES(UFSC)


JOSEP ANTONIO SOLVES ALMELA(UCH)


RENATO FRANCISCO RODRIGUES MARQUES(USP)


WANDERLEY MARCHI JÚNIOR(UFPR)

Às Mulheres, Ana Márcia, Edelzuita e Manuelle, que assim, com “M” maiúsculo, me conduziram com garra e força até aqui. Também ao pequeno grande homem entre elas, Marcello, cuja racionalidade extrema e presença silenciosa me deram segurança para seguir o caminho.

AGRADECIMENTOS

Assim como fiz na ocasião da defesa do mestrado, retomo a ideia de que o significado de agradecer é, no fim, o reconhecer da ação do outro sobre, por e para você. Não podia subsumir tal ato ao cansaço deste momento finalístico da trajetória do doutorado, ocultando justamente o reconhecimento daqueles que de alguma maneira me abraçaram e me carregaram até aqui. Não podia mesmo me deixar iludir pela fascinante tentação de acreditar que alcancei tal feito por mérito próprio, tendo tanta gente trabalhando no plano do afeto, do carinho, do amor e da amizade nos bastidores destes quatro anos que se passaram.

Antes de mais nada, e sobretudo, reconheço a relevância de cada cidadão que paga impostos para termos universidades públicas de qualidade neste país. Além do mais, junto e inerente a isto, torna-se necessário reconhecer a persistência e a pertinência dos presidentes Lula e Dilma na distribuição massiva e manutenção das bolsas de estudos e dos programas de pós-graduação através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a Capes. Aproveito, assim, para espriar meu reconhecimento aos professores e servidores da Universidade Federal do Paraná, em especial aos do Departamento de Educação Física. Merecem também uma menção de reconhecimento o secretário do programa de pós, Rodrigo, sempre disposto e disponível, e ao ilustre mestre, guru, camarada, professor Laércio Pereira.

Aos jornalistas participantes e colaboradores do estudo, não tenho palavras para saudá-los, meu reconhecimento à centralidade de vocês na existência deste trabalho.

Aos professores participantes da banca de qualificação e da defesa, meu muito obrigado pela atenção, disposição e cuidado com a leitura, as críticas e as contribuições.

Impossível não lembrar e deixar de reconhecer a orientadora e amiga Dora. Junto com sua família, Arnaldo, Cau e Isa, me receberam com o carinho e o afeto necessários para a adaptação inicial em Curitiba e para seguir fortalecido na trajetória.

Ao grupo de estudos e pesquisas, que agora ganha nome, o Lepscea, e todas e todos que por ali estiveram, na parceria, na saúde e na doença. Suélen, Aninha, Tati, Amandinha, Sabrina, meu reconhecimento ao compartilhar e ao escutar diário dedicado por vocês em tantos momentos destes quatro anos.

Aos amigos que lá em Curitiba tive a oportunidade de fazer, Philippe e o presente que me destes, Isabelinha, Rubens e Robertinha, Rick e Natasha, Nadyne, Maria Angélica, meu reconhecimento à luz que ascenderam em meus caminhos.

Aos amigos de outros tempos que, por obra do acaso e por competência, acompanharam as trilhas pela fria e gélida Curitiba, Lucélia, Biazinha, Tônico e Thaisinha, A40, meu reconhecimento ao acalento de vocês destinados a mim. Uma felicidade e uma honra.

Aos presentes acadêmico-políticos de afeto que recebi do CBCE, Gabi, Luize, Simone e Felipe, meu reconhecimento a cada sorriso e a cada colorido compartilhado em meio a massa cinzenta dos dias curitibanos.

Aos amigos do LaboMídia, da UFSC e da UFS, por fazerem deste um laboratório vivo em razão e emoção durante estes quatro anos em Curitiba. Em especial, ao mestre e guru Giovani e a matriarca Thyrsa e aos mentores e incentivadores Sergio e Cristiano, meu mais sincero muito obrigado.

Aos amigos de Valência, na Espanha, Pepe, Jorge, Vinicius e Francisco, pelos dias intensos de descoberta e de companheirismo, meu reconhecimento.

Aos amigos daqui da Ilha, sempre à espreita e de portas abertas, Tia Marlene, Ronei, Sarinha, Rodrigão, Nettones, Sue e Ju, vocês escreveram muitas destas linhas.

Aos amigos de lá de Aracaju, sempre à espera de cada verão. Mari, Rodrigo e Bruna, Fred e Kaquinha, Mago e todos Os Boleiros, Jaci, meu reconhecimento a cada gesto de amizade e a cada abraço de boas-vindas e de até logo.

À Tia Carla, à Carol e à toda Família Buscapé, meu reconhecimento ao afeto familiar em cada reencontro.

Ao meu pai, Seu Silvio, meu reconhecimento por ter me colocado e me apresentado a este mundo.

À minha base, Dona Ana, Dona Edelzuita, Lella, Cello e agora Aline, eu nunca chegaria sem vocês. Meu reconhecimento a simples existência de cada um.

Ao universo e ao meu coração, que como diria Bethânia, chegaram com a paz, com o amor e “imbelezô eu”.

Gratidão.

Praia do Campeche, Florianópolis,
Silvan Menezes.

*Chegar para agradecer e louvar.
Louvar o ventre que me gerou
O orixá que me tomou,
E a mão da doçura de Oxum que consagrou.
Louvar a água de minha terra
O chão que me sustenta, o palco, o massapê,
A beira do abismo,
O punhal do susto de cada dia.
Agradecer as nuvens que logo são chuva,
Sereniza os sentidos
E ensina a vida a reviver.
Agradecer os amigos que fiz
E que mantém a coragem de gostar de mim, apesar de mim...
Agradecer a alegria das crianças,
As borboletas que brincam em meus quintais, reais ou não.
Agradecer a cada folha, a toda raiz, as pedras majestosas
E as pequeninas como eu, em Aruanda.
Agradecer o sol que raia o dia,
A lua que como o menino Deus espraia luz
E vira os meus sonhos de pernas pro ar.
Agradecer as marés altas
E também aquelas que levam para outros costados todos os males.
Agradecer a tudo que canta no ar,
Dentro do mato sobre o mar,
As vozes que soam de cordas tênues e partem cristais.
Agradecer os senhores que acolhem e aplaudem esse milagre.
Agradecer,
Ter o que agradecer.
Louvar e abraçar!*

Maria Bethânia Teles Veloso

RESUMO

O esporte paraolímpico passa por um processo de espetacularização, visto que tem se aproximado dos meios de comunicação de massa, tem sido apropriado por grupos de mídia e tem se adaptado às demandas midiáticas em diversos países, não sendo diferente no Brasil. Reconhecemos, também, que por conta do potencial que os meios de comunicação de massa possuem, o esporte paraolímpico está sendo incluído na agenda da cultura esportiva global, tanto como manifestação de prática corporal, quanto como fenômeno a ser vendido e consumido. Além disso, reconhecendo ações que as instituições gestoras do esporte paraolímpico têm desenvolvido no sentido de qualificar a cobertura midiática dele, tanto no âmbito internacional como no nacional, o objetivo deste trabalho foi caracterizar o processo de produção de notícias sobre o esporte e os atletas paraolímpicos realizado por jornalistas esportivos na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio/2016. Em específico, os objetivos foram caracterizar as condições de produção e a rotina produtiva de notícias, identificar critérios de noticiabilidade definidos por jornalistas esportivos na cobertura do esporte paraolímpico e identificar valores-notícia mobilizados por eles durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio/2016. Esta pesquisa caracterizou-se como um estudo descritivo com abordagem qualitativa, inspirada em alguns elementos dos estudos de *newsmaking*. Optamos por recolher os dados por via de entrevistas semiestruturadas com os jornalistas interlocutores do estudo após a realização do megaevento esportivo. Foram entrevistados para o estudo 15 jornalistas/editores de diferentes grupos de mídia e jornais do país, os quais realizaram a cobertura dos JP Rio/2016. Dos 15 interlocutores do estudo, cinco eram editores de esporte e os outros dez eram repórteres dos respectivos jornais/grupos de mídia no momento da cobertura dos JP. Em síntese, podemos caracterizar que o esporte paraolímpico aparenta estar se inserindo na cultura esportiva através de uma mediação jornalística e midiática, cujo discurso tem reproduzido práticas tradicionalmente exercidas com as demais manifestações do esporte midiáticas e espetacularizadas até então. Como forma de atender aos interesses comerciais da indústria midiática, apesar de os jornalistas esportivos demonstrarem reconhecer a relevância social e esportiva do esporte paraolímpico como prática corporal inclusiva para pessoas com deficiência, eles tendem a continuar enfocando a produção noticiosa nas dimensões objetivas da competição esportiva - como a sobrevalorização das vitórias e das medalhas - e nas dimensões subjetivas, que podem operar como elo identificador da venda do produto midiático-esportivo ao público consumidor – tais como a dialética global-local e a dramatização da cobertura jornalística do esporte paraolímpico.

Palavras-chave: Esporte Paraolímpico. Mídia. Jornalismo Esportivo. Produção de notícias.

ABSTRACT

The Paralympic sport undergoes a process of spectacularization, since it has approached the mass media, has been appropriated by media groups and has adapted to the media demands in several countries, being no different in Brazil. We also recognize that because of the potential of the mass media, Paralympic sport is being included in the global sports culture agenda, both as a manifestation of body practice and as a phenomenon to be sold and consumed. In addition, recognizing the actions that the Paralympic sport management institutions have developed in order to qualify their media coverage, both internationally and nationally, the objective of this work was to characterize the process of producing news about the sport and Paralympic athletes carried out by sports journalists covering the Rio / 2016 Paralympic Games. Specifically, the objectives were to characterize the production conditions and production routine of news, to identify journalistic criteria defined by sports journalists in the coverage of the Paralympic sport and to identify news values mobilized by them during the coverage of the Paralympic Games Rio / 2016. This research was characterized as a descriptive study with a qualitative approach, inspired by some elements of the studies of newsmaking. We chose to collect the data through in-depth interviews with the journal's interlocutors after the sports mega event. Were interviewed for the study 15 journalists / editors from different media groups and newspapers in the country, who covered the coverage of JP / 2016. Of the 15 interlocutors in the study, five were sports editors and the other ten were reporters from their respective newspapers / media groups at the time of JP coverage. In summary, we can characterize that the Paralympic sport appears to be entering the sports culture through a journalistic and mediatic mediation, whose discourse has reproduced practices traditionally exercised with the other manifestations of the sport mediatized and spectacularized until then. As a way to cater to the commercial interests of the media industry, while sports journalists demonstrate that they recognize the social and sporting relevance of Paralympic sport as an inclusive bodily practice for people with disabilities, they tend to continue to focus news production on the objective dimensions of sports competition - such as the overvaluation of victories and medals - and in the subjective dimensions that can act as an identifiable link in the sale of the media-sport product to the consumer public - such as the global-local dialectic and the dramatization of journalistic coverage of the Paralympic sport.

Keywords: Paralympic Sports. Media. Sports Journalism. Newsmaking.

3.2. Dos critérios de noticiabilidade à predominância do interesse do público	208
3.2.1. A expectativa pela vitória, os resultados esportivos e o imperativo das medalhas.....	219
3.2.2. A dialética global-local.....	227
3.2.3. Entre informar através das histórias das deficiências e aproveitar o drama já pronto.....	232
3.2.4. Curiosidades do esporte paraolímpico.....	239
3.3. Os valores-notícia	247
3.3.1. A esportividade paraolímpica.....	247
3.3.2. A superação da deficiência como meio de inspiração e de exemplo a ser seguido.....	256
APONTAMENTOS FINAIS	265
REFERÊNCIAS	277
APÊNDICES	289
APÊNDICE 1 - Roteiro de entrevistas	289

PRÓLOGO

Retirando dos rodapés da história da tese, a vida que existe nela

No texto “Uma tese é uma tese”¹, Mario Prata pergunta: “Quando é que alguém vai ter a prática ideia de escrever uma tese sobre a tese? Ou uma outra sobre a vida nos rodapés da história?” Mais do que um simples questionamento, este é um feliz convite do cronista para que todos revelem a vida humana que existe por trás, pela frente, por cima ou por baixo de qualquer tese. Quando digo todos, são literalmente todos, desde os pesquisadores mais renomados – sobretudo os que adoram ser chamados de Phd. - legitimados pelo universo científico a formularem teses - até aqueles formuladores de teses de boteco, de rodas de conversa ou de grupos de amigos e famílias no *Whatsapp*. Como mesmo diz o escritor, “acho que seria um tesão”.

Pois, então, peço aqui licença aos avaliadores e aos possíveis leitores interessados, os quais, quiçá, esta tese venha a ter, para acatar a segunda pergunta-proposta de Mario Prata e retirar dos rodapés da história desta tese, a vida que existe nela. Com este prólogo, pretendo apresentar o “tesão” que motivou e que fez mover esta tese, para além de uma justificativa pessoal, a qual se juntaria às justificativas acadêmicas e sociais – aqui falo daquelas formais cujas normas dos trabalhos acadêmicos exigem e que já estão no corpo do texto. Pretendo, com este fragmento pré-introdutório, revelar futilidades pessoais de um filho da classe média brasileira que, apesar de ter se deparado com alguns percalços da vida neste estrato social do país, durante os idos da década de 1990, foi, na verdade, um grande privilegiado dos avanços sociais conquistados durante os anos 2000 – como acesso à universidade pública de qualidade e bolsas de estudos. Avanços estes, inclusive, que agora, ao fim da tese, deixam saudade não pelo término deste processo, pois isso precisava e devia acontecer, mas pelo ataque e pelo assalto a que estes avanços estão sendo acometidos pelos canalhas, os quais dia após dia têm golpeado e usurpado direitos sociais dos cidadãos deste país.

O “tesão” por esta tese talvez exista desde a época quando este que vos escreve era cuidado pelos dois irmãos adolescentes, mais velhos, durante as tardes do contra turno escolar. Momentos passados pelos três em um apartamento bravamente alugado pela matriarca solteira da família, num bairro de classe média, da então pequena e

¹ O texto completo está disponível em: <https://marioprata.net/cronicas/uma-tese-e-uma-tese/>. Acessado em 09/01/2018.

tranquila Aracaju, capital de Sergipe - o menor estado do país. Uma cidadezinha com costumes interioranos e com traços urbanos de uma capital, localizada às margens do refrescante calor litorâneo do nordeste brasileiro.

Naquele período, a brava mãe se separava pela segunda vez, com três filhos debaixo dos braços (um menino, uma menina e mais um menino – eu), e ainda perdia um apartamento para a Caixa Econômica Federal dos tempos do presidente Fernando Henrique Cardoso, vulgo FHC. Uma época em que os imóveis eram financiados com prestações atualizadas de maneira imprevisível, mês a mês. Eram mensalidades que davam um verdadeiro frio na barriga a cada boleto empurrado por debaixo da porta, pois o valor só aumentava. Lembro, inclusive, o dia em que os pais, ainda juntos, mas já em crise no relacionamento, no último ato de desespero, enviaram carta endereçada ao referendado sociólogo, formado pela Universidade de São Paulo e então presidente da república, com a esperança de contarem com a sensibilização do tucano-mor para o perdão da dívida, que se acumulava e crescia diuturnamente. Expectativa frustrada.

Enfim separada e com a sonhada casa própria que seria para criar os filhos nas mãos do banco e do governo tucano, restou à brava Mãe abraçar os filhos e alugar um apartamento - sem saber bem como pagar todas as contas – para ficarem próximos aos velhos amigos do condomínio de classe média, onde havia, lá mesmo, perdido o referido imóvel endividado. Sem vergonha da dívida e com a coragem e a certeza de que enfrentaria tudo pelo máximo conforto que pudesse dar aos filhos, a Mãe e a Mulher multiplicava suas horas de trabalho para tentar dar conta das contas, que chegavam mês a mês. No meio dessa ideia de conforto mirada bravamente por ela, estavam a manutenção dos três filhos em escola particular, a internet banda larga da extinta Velox para mantê-los conectados em casa e a assinatura da televisão a cabo, da então embrionária Net, para entretê-los. O que em um primeiro olhar parece luxo, em um segundo olhar a equação se complexifica e revela que a internet e a TV custavam menos do que pagar uma empregada doméstica para tomar conta das três crianças-adolescentes. Surgia, então, neste contexto, o menino apaixonado por televisão, esporte e futebol, que se transformaria em professor de Educação Física.

Junto ao fim do casamento, rompia-se também a insistente tentativa do pai e ex-marido de fazer do menino mais novo - que desde pequeno já demonstrava estatura acima da média - um torcedor do São Paulo Futebol Clube e do Fluminense Football Club. Neste momento, abria-se a porta para a Mãe, torcedora do Clube de Regatas Flamengo, ensinar ao filho que aquele homem continuava sendo o pai dele, apesar de

ser um traidor, que fazia escolhas erradas em tudo e que, inclusive, não era diferente nos clubes de futebol para os quais escolhia torcer. Foi fazendo do pequeno aracajuano um torcedor do Flamengo que a brava Mãe e Mulher o ensinou também, e sobretudo, que as mulheres devem e precisam ser respeitadas, pois elas são fortes, são donas de si e estão longe de depender dos homens para qualquer coisa, inclusive para criar bem três filhos.

Foi nesta troca de times de futebol para torcer, todos do eixo Rio-São Paulo, que já se revelavam os indícios jamais racionalizados da influência que a televisão exercia na vida daquela família e, principalmente, do pequeno grande jovem torcedor do Flamengo. O futebol das quartas-feiras à noite e dos domingos à tarde, transmitido pela televisão aberta (o que continua até hoje) era somente de partidas dos times do Sul-Sudeste. O noticiário esportivo diário, no horário do almoço, que alcançava o sinal das tevês do Nordeste, era tão só o programa Globo Esporte, produzido e veiculado pela Central Globo de Televisão, no Rio de Janeiro. O cerco era fechado e a mediação cultural do esporte e do futebol nas regiões norte, nordeste e centro-oeste do Brasil era feita estritamente a partir dos clubes cariocas e paulistas da primeira divisão nacional. Para o torcedor marginal do circuito central do futebol nacional, era aceitável até torcer para um time de cada estado, como o caso do pai e ex-marido, por exemplo, torcedor do Fluminense no Rio, e do São Paulo, em São Paulo. Torcer para Sergipe e Confiança, times da capital sergipana, que quase sempre estiveram nas divisões inferiores do futebol do país, era para poucos. Ir ao estádio Lourival Batista (Batistão) era só uma prática casual de lazer para pai e filho.

Até aí a relação entre mídia e esporte aparecia de maneira subliminar e sutil no delineamento dos gostos e costumes do futuro estudante de Educação Física. Afinal, todo brasileiro, principalmente homem, tinha que torcer para um time de futebol da primeira divisão nacional. Neste caso não foi diferente, o menino adotou o clube de preferência da Mãe e se apaixonou pelo rubro-negro carioca, assim como sempre foi e é sua relação passional com a matriarca, adotando e reproduzindo muitos dos gostos e hábitos dela, inclusive os de estar rodeado de amigos para muita conversa e muita festa. Um estilo de viver sinestésico de mãe e/para filho, com vistas para a alegria de estar de corpo e alma, permanentemente elogiando a beleza da presença em vida, festejando, sorrindo, tudo para tornar leve e fluida a luta diária contra os percalços e amarguras, que fazem parte do cotidiano das classes médias e baixas, construtoras deste país tão diverso, tão desigual, mas ainda assim tão bonito por natureza.

Viravam os anos 2000. Os apertos financeiros prosseguiam. O cheque especial salvava a família mês após mês. A Mãe trabalhava diuturnamente para pagar as contas e os juros. Os três filhos mergulhavam na adolescência. Eles se amavam e, ao mesmo tempo, se digladiavam como todo irmão. Na falta de dinheiro para babás ou empregadas domésticas, os irmãos se cuidavam entre si e cuidavam da casa. Dividiam as tarefas. Um lavava os pratos, outro varria a casa e outro estendia as roupas. No meio, e entre tudo isso, estava ela, a televisão. Ficava ligada desde a hora em que se chegava da escola para o almoço e compunha, principalmente, a saga diária dos dois irmãos homens, a qual começava no Globo Esporte, ao meio dia, e percorria os três jogos da Liga dos Campeões da Europa, transmitidos pelos canais ESPN na TV por assinatura. Eram os tempos e espaços dessa mídia esportiva, que tomavam conta e cuidavam dos dois meninos. Inclusive os horários de estudo eram pautados pela mídia esportiva. O intervalo de cada jogo dos grandes clubes europeus era o momento que restava para fazer as tarefas escolares do dia em casa. No fim, por consequência das circunstâncias e das condições, quem os cuidava e os olhava era a televisão, era o esporte midiaticizado, era a falação esportiva.

À mãe, por falta de outra alternativa, cabia confiar nos três filhos e na televisão. Apostou na autonomia individual e coletiva das crias. Sempre que possível, e necessário, mediava com carinho e rigidez o esclarecimento de cada um deles. Ela sempre respeitou a subjetividade, as particularidades e as diferenças que os três já começavam a apresentar na adolescência. O mais velho e mais caseiro, sempre estudioso, demonstrava a paixão pelos estudos e a facilidade na aprendizagem. A menina, a irmã do meio, adorava as amigas, detestava estudar e sempre teve dificuldade para aprender qualquer tipo de coisa. O mais novo, este que vos escreve, vivia para jogar futebol sempre que possível, estudava por obrigação e medo das broncas da Mãe, mas sempre aprendeu rápido tudo o que se propôs a estudar. No meio, e entre isso tudo, estava ela, a televisão, com seu futebol do Rio, de São Paulo e da Europa, e suas novelas, retratando uma vida brasileira que se resumia à zona sul carioca.

Aos 10 anos de idade, o “tesão” pela mídia, pela televisão, pelo futebol e pelo esporte já tinha sido demarcado em mim. Este imbricado relacionamento de consumo midiático travestido de cuidado ia sendo gravado dia após dia naquela infância e adolescência, nas matrizes culturais do menino alto e desengonçado, que sequer entendia o porquê daqueles gostos e costumes midiático-esportivos. As competências de recepção crítica e reflexiva sobre a narrativa da mídia esportiva que viriam a se formar

posteriormente no encontro acadêmico-científico estavam ali, elas precisavam apenas de alguma mediação. A formação gramatical para aprender a fazer esta leitura emancipadora sobre uma das suas principais paixões da adolescência, o esporte midiático, viria somente na universidade, justamente devido ao encontro com uns camaradas que estudam esta relação entre mídia e esporte no país. Infelizmente, esta mediação ainda não foi na escola, espaço este que, inclusive, me oportunizou uma boa diversidade de práticas corporais e esportivas, mas nunca me provocou a pensar sobre os porquês e sobre o para quê delas. Todavia, inclusive nestas oportunidades práticas, o gosto hegemônico pelo futebol já se mostrava conformado. Mesmo sendo tachado como um jogador alto demais para jogar futebol/futsal, entre idas e vindas em outras modalidades como vôlei, handebol, tênis de mesa, natação e judô, o fim sempre foi no time de futsal da escola. Importa mencionar que, apesar de desengonçado e sem total controle do corpo, que crescia de modo descompensado, sempre fui um bom pivô no futsal e um bom zagueiro no futebol de campo.

Aos 16 anos, já adolescente e assumindo responsabilidades de adulto, ingresso na Universidade Federal de Sergipe (UFS) no curso de Licenciatura em Educação Física. Enquanto cursava o currículo tal como sugerido pelo departamento, trabalhava como corretor de imóveis na cidade e preservava a paixão pelo futebol da mídia, colecionando camisas de clubes nacionais e internacionais. Usava o dinheiro das comissões de venda para, sempre que possível, comprar camisetas oficiais, mesmo sendo mais caras. Porém, a maior parte da coleção era mesmo composta por camisas falsificadas, de camelôs. Era o que o dinheiro permitia comprar.

Foi então a partir das idas para as aulas de Pedagogia do Esporte, com o professor, mestre, mentor e camarada, Sergio Dorenski, itabaianense cabra da peste, muitas vezes indo vestido com as camisas dos clubes, servindo de outdoor ambulante para marcas esportivas e publicitárias, que o meu “tesão” por esta tese finalmente foi despertado e compreendido por mim mesmo. Nascia ali a vontade de entender mais e mais sobre quem eu era, por que eu era, como tinha sido e de que maneira eu tinha me tornado um aficionado em assistir a futebol e a outros esportes na televisão, um consumidor midiático-esportivo fascinado.

Desde os idos do início da graduação o professor, e agora amigo, Dorenski, me provocava a discutir sobre a relação entre a mídia e o futebol brasileiro durante as suas aulas, falando sobre Flamengo e Rede Globo. O “canto da sereia” já ressoava. A semente foi plantada aula após aula e, dois anos depois de iniciado o curso, lá estava eu

no Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva (LaboMídia) da UFS. Em uma ocasião específica, o mesmo Dorenski convidara todos os alunos a assistirem a uma palestra de um tal professor Giovani Pires, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que viria palestrar na Universidade Tiradentes, uma grande faculdade particular de Aracaju. Neste dia, o então professor Giovani, ao lançar provocações e reflexões sobre fatos dos quais eu me lembrava bem - mas não entendia - da imbricada relação entre mídia e esporte, fez a semente brotar e o “tesão” pela tese, a partir daí, só aumentou. Depois disso veio o estímulo para ir a congressos da área, para participar do Grupo de Trabalho Temático (GTT), “Comunicação e Mídia”, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Vieram outros mestres, orientadores e hoje grandes amigos como Diego Mendes e Cristiano Mezzaroba, que não só mantiveram a chama do interesse acesa, mas também depositaram confiança, apostaram, e a cada dia de convivência no laboratório e na UFS jogaram mais lenha para que o gosto pela tese sobre Mídia e Esporte só aumentasse. Foram estes últimos que deram o empurrão final para a ida a Florianópolis “com a cara e a coragem” para fazer mestrado com aquele mesmo Giovani Pires.

Digo a cara e a coragem, porque condições financeiras para me manter vivendo em Florianópolis não tínhamos. Mesmo tendo reservas financeiras do trabalho como corretor, sabíamos que o custo para viver na Ilha era alto e não havia nenhuma garantia de que conseguiria a bolsa de estudos. Apesar dos pesares, fui! A preocupação da Mãe de como seria a sobrevivência caso não tivesse a bolsa logo foi sanada com a mudança e com a amorosa acolhida do professor Giovani, da sua companheira Thyrsa e do “cão-humano”, Tango. Mais do que professores, eles foram/são verdadeiros amigos, pais, tios, como queira chamar, que nos deram total segurança de que tudo estaria bem pelos próximos dois anos, estudando Mídia e Esporte na Ilha da Magia. No fim, consegui a bolsa de estudos para o mestrado e tudo correu com tranquilidade, mesmo com saudades de casa, da família, dos amigos, da cidade.

É neste momento que volto ao início deste prólogo para relembrar que, mesmo sem muitas dificuldades para um filho da classe média brasileira, era praticamente impossível eu ter me mantido em Florianópolis sem a bolsa de estudos. A então presidente Dilma Roussef democratizava o acesso à pós-graduação pelo país, aumentava o número de bolsas de mestrado e doutorado e permitia, assim, que nortistas e nordestinos fossem ao sul e ao sudeste brasileiro, regiões que concentraram historicamente a pós-graduação e a ciência do país, para realizar formação continuada e

alcançar níveis mais altos de graduação que, até então, a maioria das famílias daquelas regiões jamais sonhara em conquistar.

O mesmo ocorrera para o doutorado, em Curitiba. Também sem perspectivas de alguma fonte de renda, as bolsas de estudos duramente sustentadas e distribuídas pelo governo Dilma foram o que permitiu a minha manutenção na capital da chuva e do frio do país. A tranquilidade e a receptividade proporcionadas pela professora, orientadora e amiga, Doralice e toda a sua família, também foram fundamentais para acreditar que esta etapa da formação acadêmica daria certo. Além disso, a abertura e a sensibilidade de Dora em permitir e incentivar que eu continuasse estudando a relação entre Mídia e Esporte, mesmo sem que ela tivesse contato algum com o tema, também impulsionaram o “tesão” pela tal da tese que viria agora ao final do doutoramento. No meio tempo destes quatro anos, Dora e o seu jeito comunicativo de se relacionar trouxe o professor e amigo Sakis Pappous, que trabalhou conosco durante três meses e também viu em mim o gosto e a vontade de seguir estudando a temática, me mostrando, então, as possibilidades de mergulhar no universo midiático-paraolímpico.

Agora, chegando ao fim, vieram os amigos de LaboMídia, que seguiram o caminho de estudos para Curitiba, trouxeram a paixão pelo tema, pelo assunto, por esta tese, e juntos fizemos o movimento para criarmos o Laboratório de Estudos e Pesquisas Socioculturais do Esporte Adaptado (Lepscea/UFPR). Já quase no fim, também, fui mais uma vez privilegiado de poder estudar por quatro meses em Valência, na Espanha, com bolsa do doutorado sanduíche. Lá conheci mais um professor e amigo, Pepe Solves, que no interior da sua simplicidade como acadêmico e ser humano, me mostrou que o “tesão” pela tese está mesmo dentro da gente, em nossos corações. A dedicação dele ao trabalho acadêmico-científico voltado às pessoas com doenças raras é elucidativa para que qualquer um entenda que é a paixão que move qualquer tese.

Sem ir mais longe do que já fui, escrevendo 7 páginas de prólogo, não posso deixar de mencionar que foi o “tesão” em estudar Mídia e Esporte, despertado e alimentado pela universidade pública brasileira e pelos servidores públicos-professores com os quais tive contato durante os 10 anos ininterruptos de universidade (entre graduação, mestrado e doutorado), que me permitem, hoje, enxergar o golpe jurídico-parlamentar-midiático, que deram e seguem dando no povo e na democracia brasileira. Desde 2016, com a consumação deslavada do golpe travestido de impeachment, perdi o entusiasmo pela tese em muitos momentos. A perspectiva de sucateamento das universidades públicas, através da supressão de recursos para educação, ciência e

tecnologia no país, ação que impacta diretamente na distribuição de bolsas de estudos e retira a possibilidade de outros cidadãos nortistas e nordestinos de galgarem caminhos de formação em pós-graduação assim como eu consegui, são exemplos de fatores do golpe que, muitas vezes, me fizeram questionar o porquê e para que continuar com a tese e com o doutoramento. Por isso, ao fim deste prólogo, além de reafirmar que só finalizei esta tese porque havia muito “tesão” envolvido, peço a todos os professores e estudantes de pós-graduação deste país: lutemos pela paixão das nossas teses. Lutemos para que a tese dos nossos orientandos tenha entusiasmo. Lutemos pelo fomento ao desejo dos jovens deste país pelos estudos. Lutemos pela universidade pública brasileira. Lutemos pela educação pública!

INTRODUÇÃO: o problema e a sua relevância

A relação de reciprocidade entre o esporte e a mídia na contemporaneidade é inegável. Para as instituições de mídia, como empresas de comunicação que se sustentam no tripé informação-entretenimento-publicidade, o esporte é um valioso objeto a ser trabalhado por lhes fornecer o "show já pronto, pois o cenário, o roteiro, os atores, os espectadores e até os (tele)consumidores estão antecipadamente garantidos, o que facilita a sua transformação em produto facilmente comercializado/consumido em escala global" (PIRES, 2002, p. 90). Por outro lado, para o esporte, a mídia é um importante instrumento/meio de divulgação, visibilidade, atração de consumidores e, conseqüentemente, de aquisição de recursos financeiros através de cotas publicitárias (BETTI, 2001; PIRES, 2002).

A mídia é um elemento onipresente na sociedade moderna e contemporânea por se constituir de um conjunto de instituições/instrumentos, que lidam eminentemente com o processo comunicativo da vida social. Ou seja, ela é mediadora de um fenômeno e uma demanda primária da vida humana em comunidade, a interação social (THOMPSON, 1995, 1998). Diferentemente, o esporte é um fenômeno social moderno multifacetado (BRACHT, 1997), com múltiplos modos de se manifestar (ou não) em diferentes contextos socioculturais. Assim, diante do alcance social que a primeira tem em comparação ao segundo, para se aproximar e utilizar dos benefícios que aquela poderia lhe proporcionar, o esporte adaptou-se e transformou muitos dos seus códigos, normas e regras para ser aceito pela mídia. Este é um processo denominado de espetacularização do esporte (PIRES, 1998), que é a transformação deste em espetáculo da mídia, através da sobreposição de diretrizes, linguagens e interesses do campo midiático sobre o campo esportivo (SANFELICE, 2010).

O (tele)espetáculo esportivo é uma realidade textual relativamente autônoma, construída pela mídia (BETTI, 1998a, 2001), isto é, um modo de representação social do fenômeno esportivo, veiculado através das estratégias e interesses midiáticos, o qual é pautado, predominantemente, pela manifestação do esporte de alto rendimento (BRACHT, 1997). O espetáculo esportivo da mídia é, portanto, senão o principal, um dos principais modos de se compreender o esporte na contemporaneidade, impactando diretamente na conformação da cultura esportiva dos diferentes contextos sociais (PIRES, 2002).

Os fenômenos culturais são mediados por processos comunicativos que corroboram para a formação dos diferentes sentidos que eles vão adquirindo na sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2004, 2009), principalmente aqueles veiculados pelos meios de comunicação de massa, assim como o esporte. Neste processo de atribuição de sentidos a diferentes fenômenos culturais, há uma dialética de múltiplas mediações, na qual se insere a interferência da individualidade dos sujeitos, da situação em que vivem, das instituições com as quais se relacionam e/ou se inserem no dia a dia, e das tecnologias de comunicação de que se utilizam ou com que eles estabelecem algum tipo de contato (OROZCO, 1993).

As mediações culturais contribuem para a recepção ativa dos discursos e objetos de consumo produzidos pela mídia (JACKS, 1999). Este modo de compreender desconstrói a ideia unívoca de que o público é passivo e alienado perante os meios de comunicação de massa. Entre tantas mediações culturais existentes, ressaltamos a mediação hegemônica destes meios nos sentidos atribuídos ao fenômeno esportivo. Contudo, não desconsideramos que há outros importantes mediadores os quais podem interferir nesses modos de compreendê-lo na sociedade atual, sobretudo com o advento das tecnologias digitais e mídias sociais. Podemos mencionar como exemplos de mediadores culturais do esporte, instituições como a escola e as universidades, as igrejas e religiões, as políticas públicas, as associações comunitárias, os sindicatos profissionais, entre tantos outros.

No que se refere ao esporte paraolímpico², o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), desde a sua criação, em 1995, desenvolve uma política de investimento nas ações de comunicação e mídia acerca do esporte para pessoas com deficiência, principalmente na divulgação dos Jogos Paralímpicos (JP) dentro do país. Assim, o CPB posiciona-se como um efetivo mediador cultural do esporte paraolímpico no Brasil

² Ainda que em produções anteriores tenhamos utilizado o termo “paralímpico” para nos referir a esta manifestação do esporte para pessoas com deficiência, a partir das reflexões advindas do processo de construção da tese optamos por utilizar a expressão “paraolímpico”. Entendemos que esta é uma forma não só de respeitar as regras formais da língua portuguesa, onde se prevê que é incorreto suprimir a letra inicial do sufixo na junção de duas palavras, mas também que esta é uma maneira de resistir às determinações dos interesses econômicos das instituições esportivas gestoras, as quais buscam, com a utilização do primeiro termo mencionado, unificar a marca e transformá-la em produto a ser vendido em escala global, pautando-se em uma hegemonia anglo-saxã da língua inglesa, onde denomina-se “*paralympic*”. Além disso, compreendemos a outra justificativa formal de que a mudança do termo seria uma maneira de retirar o caráter submisso ou paralelo existente para com o esporte olímpico como uma questão de superficialidade, considerando que é o modelo de organização das competições e a sua lógica de disputa que poderia caracterizar o esporte paraolímpico como um fenômeno diferente do olímpico, e não somente a sua denominação. É válido ressaltar que os nomes próprios relacionados à manifestação esportiva serão mantidos, respeitando os usos do termo conforme opção formal das entidades esportivas, tais como o próprio nome do comitê e dos jogos.

e também aposta no poder de mediação da mídia. Todos os presidentes que estiveram à frente da entidade até hoje consideram a aproximação com a mídia fundamental para a popularização do esporte paraolímpico no país e também para a atração de possíveis patrocinadores, que subsidiem financeiramente esta manifestação esportiva (MIRANDA, 2011).

Em 1996, o Comitê promoveu a transmissão dos Jogos Paradesportivos Brasileiros pela TV Educativa e, pela primeira vez, comprou os direitos de transmissão dos JP. Para a edição daquele ano, os Jogos de Atlanta/1996, foram convidados quatro jornais nacionais e foram levados dois jornalistas e dois fotógrafos para fazerem a cobertura da competição. A estratégia da entidade se repetiu até os Jogos de 2012, sendo que, em 2004, na edição de Atenas, foram realizados *workshops* no Brasil com a finalidade de orientar os jornalistas para a cobertura do evento, no sentido de indicar modos de se comportar na relação com atletas com deficiência, modos de se referir a eles e, principalmente, elucidar os objetivos sociais e esportivos que a instituição tinha de veicular e de difundir o esporte paraolímpico no país (MIRANDA, 2011; NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010). Nas edições de 2000, 2004 e 2008, o CPB sublicenciou gratuitamente os direitos de transmissão dos Jogos para grandes instituições da mídia nacional, principalmente para as Organizações Globo. Em 2012, na edição de Londres, já não foi mais preciso o Comitê comprar os direitos, pois a Globo o fez espontaneamente e transmitiu a competição através do seu canal por assinatura, *SporTv*.

A aproximação entre CPB e mídia é um importante passo para a transformação do esporte paraolímpico em um objeto com significância cultural no país. De acordo com os pressupostos comunicativos de Martín-Barbero (2009), compreendemos que as mediações institucionais do Comitê e as mediações técnicas do discurso midiático podem levar o esporte paraolímpico tanto ao status de produto em formato comercial, como de bem social, componente das matrizes culturais do povo brasileiro. Assim, entende-se que as ações de divulgação e visibilidade midiática para o esporte paraolímpico, desenvolvidas no Brasil, estão transformando essa manifestação esportiva em um fenômeno espetacularizado e mercadorizado no país, e junto a isso, cada vez mais estão o demarcando como manifestação reconhecida na cultura esportiva nacional. Interessa entender, no entanto, que tais processos de espetacularização, mercadorização e popularização são dialéticos, visto que pela lógica midiática, um produto popular, com muita audiência, atrai a publicidade, assim como por uma via contrária, um produto comercialmente interessante pode ser capaz de atrair as audiências.

Do ponto de vista do tripé que sustenta o discurso midiático, informação-entretenimento-publicidade, podemos afirmar, tendo como base os estudos de Pires (2006) sobre os estágios do processo de midiaticização do esporte, que a versão paraolímpica estaria transitando do primeiro para o segundo estágio. De acordo com o autor, a primeira etapa da midiaticização do fenômeno esportivo ocorre através da utilização que a mídia faz dele, transmitindo e noticiando, para expor marcas de produtos diversos e, assim, angariar cotas publicitárias. O segundo estágio deste processo se configura quando a própria manifestação do esporte transforma-se no produto, negociado e vendido à mídia, através dos direitos de transmissão.

Após 20 anos do início da política de comunicação, desenvolvida pelo CPB, de aproximação com a mídia, o esporte paraolímpico já ocupa espaço nos noticiários esportivos do país³, tendo marcas associadas que o patrocinam e buscam publicidade através dessa manifestação esportiva. Porém, conforme apontado anteriormente, somente em 2012, as Organizações Globo compraram os direitos de transmissão dos JP para transmiti-los em seu canal fechado da rede por assinatura (*SporTV*). Para 2016, as Organizações Globo novamente adquiriram os direitos de transmissão dos JP, desta vez tanto para a tv aberta como para a fechada, sublicenciando-os para a Tv Brasil, no caso da primeira⁴. Na tv fechada, o canal Sportv teve o maior índice de audiência da sua história durante a transmissão da cerimônia de abertura dos JP 2016⁵. Medições de audiências televisivas por todo o mundo apontaram um recorde de assistência para a edição de 2016 dos JP⁶, o que pode ser revelador de uma eminente midiaticização e consequente popularização ou massificação do esporte paraolímpico pelo mundo.

³ Pode-se ter como exemplo deste espaço que vem sendo ocupado pelo esporte paraolímpico no noticiário do país o site *globoesporte.com* que criou uma seção específica para a produção e publicação de notícias sobre a temática. Ver em: <http://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/>. Acessado em 21/12/2017.

⁴ O contrato de sublicenciamento está disponível em <http://www.ebc.com.br/institucional/sites/institucional/files/atoms/files/contrato_1042-2015_-_globosat_programadora Ltda.pdf> Acessado em 31/10/2017.

⁵ Segundo dados do Ibope, o canal atingiu cerca de 4,2 milhões de telespectadores durante a cobertura da cerimônia de abertura dos JP 2016, o que foi o recorde de audiência desde a criação do canal por assinatura em 2003. Ver mais informações em: <http://natelinha.uol.com.br/noticias/2016/09/12/sportv-2-atinge-maior-audiencia-da-sua-historia-com-abertura-da-paraolimpiada-102033.php>. Acessado em 21/12/2017.

⁶ Segundo dados oficiais veiculados pelo IPC, os JP de 2016 tiveram cerca de 4,1 bilhões de telespectadores durante os 11 dias de realização do megaevento, sendo transmitido durante 5110 horas em 154 países. Estes são dados que superaram todas as edições anteriores dos JP, tendo crescimento de 7% no número de telespectadores em comparação com a edição de Londres/2012, aumento de 30% no número de países onde foi transmitido e aumento de 90% da quantidade de horas transmitidas por todo o mundo. Ver mais informações em: <https://www.paralympic.org/news/rio-2016-paralympics-smash-all-tv-viewing-records>. Acessado em 21/12/2017.

Neste processo de encaminhamento para o segundo estágio de mediação do esporte paraolímpico no Brasil, evidencia-se a negociação e venda dos direitos exclusivos de transmissão dos JP para a hegemônica Organizações Globo. O que pôde ser visto, no primeiro momento, foi a insatisfação do público com o fato de a empresa de mídia não transmitir ao vivo, por exemplo, a cerimônia de abertura dos JP, de 2016, em seu canal aberto⁷. Observa-se, neste caso do esporte paraolímpico no Brasil, o prelúdio do que pode vir a ser, mais uma vez, a monopolização das Organizações Globo para com uma manifestação esportiva, assim como tem feito por vias suspeitas de corrupção⁸ durante décadas, e continua fazendo com o esporte olímpico e com o futebol, em especial no que se trata das negociações dos direitos de transmissão dos Jogos Olímpicos (JO) e das Copas do Mundo de futebol masculino da FIFA.

Relativamente, o sublicenciamento dos direitos de transmissão da Tv Globo para a Tv Brasil no âmbito da tv aberta - esta que, por sua vez, também liberou o sinal para a rede de televisão estatal de São Paulo, a Tv Cultura - em um primeiro olhar pode sugerir uma perspectiva de democratização midiática e comercial do esporte paraolímpico no país. Porém, por outro lado, também se evidencia que a Rede Globo, mais uma vez, colocou-se à frente das negociações e da detenção prioritária dos direitos de imagem do esporte, neste caso em específico da manifestação paraolímpica. Desse modo, as Organizações Globo mantêm sua posição histórica de sócia majoritária e principal gerenciadora das negociações do esporte, podendo, assim, monitorar as cotas publicitárias investidas no esporte paraolímpico, seu novo produto, e se tornando, conseqüentemente, a principal acumuladora dos lucros gerados por ele.

⁷ A insatisfação e crítica do público com a omissão da Tv Globo para com a abertura dos JP foi identificada em pesquisa que está em desenvolvimento por pesquisadores do Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva da Universidade Federal de Santa Catarina (LaboMídia/UFSC) e do Laboratório de Estudos e Pesquisas Socioculturais do Esporte Adaptado da Universidade Federal do Paraná (LEPSCEA/UFPR). A pesquisa intitulada, "Twittando sobre os Jogos Paralímpicos", analisou a participação do público através da rede social *twitter* durante as cerimônias de abertura e encerramento dos JP. O estudo estava em desenvolvimento durante a finalização deste trabalho e deverá estar disponível, assim que finalizado, no site labomidia.ufsc.br. A insatisfação e críticas do público também podem ser visualizadas em: <https://olimpiadas.uol.com.br/externo.htm?id=a0d2834ae1d38a6dad745d087f9a5720170908>. Acessado em 21/12/2017.

⁸ Neste ano de 2017 investigações comandadas pela justiça norte-americana chegaram a denúncias de pagamento de propinas por parte de dirigentes da Rede Globo para magnatas gestores do futebol nacional e internacional em troca da garantia dos direitos exclusivos de transmissão de competições de futebol na América Latina, como a Copa Libertadores e a Sul-Americana, assim como também da Copa do Mundo. Ver notícia em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2017/11/1935637-globo-pagou-propina-por-copas-de-2026-e-2030-diz-testemunha.shtml>. Acessado em 21/12/2017. Inúmeros escândalos de corrupção envolvendo a formação e manutenção destes monopólios midiático-esportivos já vinham sendo denunciados pelo jornalista britânico, Andrew Jennings, há alguns anos (JENNINGS, 2011, 2014; SIMSON; JENNINGS, 1992).

Além de aproximar o esporte paralímpico da mídia, o CPB, assim como outras instituições burocráticas internacionais gestoras dessa manifestação esportiva, também tem despendido esforços para tentar qualificar a cobertura midiática. Esse trabalho tem se materializado em guias de orientações à mídia, produzidos por estas entidades esportivas, como algo que se assemelha a manuais de redação. Para os Jogos Paralímpicos de 2012, em Londres, a *British Paralympic Association* (BPA) distribuiu à mídia local, credenciada no evento, o "*Guide to Reporting on Paralympic Sport*" (Guia para se reportar ao esporte paralímpico) (BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION, 2012). A proposta foi apresentar sugestões de escrita e de comportamento para os jornalistas se referirem ao esporte e aos atletas paraolímpicos. O *International Paralympic Committee* (IPC), em 2014, também publicou um guia que seguiu a mesma linha do britânico, o "*Guide to reporting on persons with an impairment*" (Guia para se reportar às pessoas com limitação/comprometimento) (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014).

Não diferente, inclusive inspirado nesses dois primeiros citados, um guia de orientações à mídia brasileira para os JP, de 2016, também foi produzido, o "Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016" (PAPPOUS; SOUZA, 2016). Os professores Athanasios Sakis Pappous, da Universidade de Kent - Inglaterra, e Doralice Lange de Souza, da Universidade Federal do Paraná, orientadora desta tese, produziram o guia por meio de uma parceria estabelecida em edital aprovado pelo *Newton Fund*, via Fundação Araucária/PR. Esse guia brasileiro, embora produzido no contexto acadêmico, conta com a chancela e o reconhecimento do CPB na sua veiculação e distribuição à mídia nacional.

Diante do exposto, entendemos que o esporte paraolímpico passa por um processo de espetacularização, visto que tem se aproximado dos meios de comunicação de massa, tem sido apropriado por grupos de mídia e tem se adaptado às demandas midiáticas em diversos países, não sendo diferente no Brasil. Reconhecemos, também, o potencial que os meios de comunicação de massa possuem na mediação cultural do esporte paraolímpico, incluindo-o na agenda da cultura esportiva global, tanto como manifestação de prática corporal, quanto como fenômeno a ser vendido e consumido. Além disso, reconhecemos as ações que as instituições gestoras do esporte paraolímpico têm desenvolvido no sentido de qualificar a cobertura midiática dele, tanto no âmbito internacional como no nacional. A partir destes elementos, o problema de pesquisa identificado e que desenvolvemos neste trabalho foi o seguinte: **como se caracterizou o**

processo de produção de notícias sobre o esporte e os atletas paraolímpicos durante os JP Rio/2016?

Os estudos sobre a relação mídia e esporte há algum tempo vem sendo desenvolvidos no campo da Educação Física e estão cada vez mais em evidência no Brasil. Um levantamento da produção científica nos periódicos nacionais da Educação Física sobre a temática mídia e tecnologias, entre os anos de 1990 a 2005, identificou 106 artigos e, destes, os que eram relacionados ao esporte correspondiam a 58% da produção mapeada (PIRES *et al.*, 2006). De 2006 a 2012, em um novo mapeamento sobre a temática da mídia, o objeto da Educação Física mais estudado nesse universo foi, novamente, a relação com o esporte, correspondendo a 45,18% do total de 193 artigos identificados em 16 periódicos nacionais da área (SANTOS *et al.*, 2014).

As investigações sobre a relação de reciprocidade entre a mídia e o esporte no país cresceram exponencialmente nos últimos anos e têm contribuído para a compreensão crítica do fenômeno esportivo sob o ponto de vista social. É possível identificar estudos sobre marketing esportivo (BARTHOLO; SOARES, 2006); publicidade (GODOI, 2011); entretenimento (MARIN, 2009); telenovela e esporte (MELO, 2012); charges jornalísticas (MESSA; PIRES, 2012); transmissões esportivas (SANTOS; ALVES, 2009); *games* (HORN; MAZO, 2010); cinema (ARAÚJO, 2012); mídia impressa e ídolos (CAVALCANTI; CAPRARO, 2012); televisão (SANTOS; MEDEIROS, 2009); e portais de notícias na internet (MUHLEN; GOELLNER, 2012). Além destas, outras pesquisas investigaram também o processo de produção das notícias e estratégias jornalísticas no trato com o esporte, tais como: o *newsmaking* (PIRES, 2008) a dialética local-global (PIRES *et al.*, 2008); o agendamento midiático-esportivo (MEZZAROBA; PIRES, 2011); e os enquadramentos jornalísticos (SANFELICE, 2011).

Se por um lado já existe um corpo significativo de conhecimentos acerca da temática mídia e esporte no Brasil, os estudos sobre a relação do esporte paraolímpico com os meios de comunicação de massa ainda são incipientes. É possível identificar alguns pesquisadores que têm se debruçado na investigação da temática. Dentre eles, parte realizou análises da cobertura jornalística sobre este tema na mídia nacional (CARLOS; MARQUES, 2017; CIOCCARI, 2013; FIGUEIREDO, 2014; GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; HILGEMBERG, 2014a, 2014b, 2015, 2017; MARQUES J., 2017; NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010; ZOBOLI *et al.*, 2014, 2016; ZOBOLI; QUARANTA; MEZZAROBA, 2013), outros investigaram a abordagem

mediática do esporte paraolímpico sob o ponto de vista dos próprios atletas e gestores (MARQUES R. *et al.*, 2013, 2014) e existe também estudo sobre o potencial mercadológico dos atletas paraolímpicos (FARIA; CARVALHO, 2010). Já no contexto internacional, pode-se encontrar uma extensa produção analisando e discutindo o discurso midiático sobre o esporte paraolímpico (BRUCE, 2014; BUYSSE; BORCHERDING, 2010; CASTILLO; SÁEZ, 2011; CHANG *et al.*, 2011; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009, 2010; HARDIN; HARDIN, 2003; HARDIN; HARDIN, 2004, 2005; HARDIN, 2003; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011a, b; PAPPOUS *et al.*, 2009; SILVA; HOWE, 2012; THOMAS; SMITH, 2003; ZHAO, 2008).

Os estudos voltados à análise do produto midiático do esporte paraolímpico têm se preocupado em desenvolver chaves interpretativas e categorias de investigação como forma de compreender o que a mídia tende a valorizar e/ou desvalorizar com relação a esta manifestação esportiva (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009). De uma maneira geral, são estudos e pesquisas que visualizam a veiculação midiática como uma potente colaboradora no processo de estigmatização e/ou desestigmatização dos atletas e pessoas com deficiência (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010).

Um dos pontos em investigação nas pesquisas tem sido o nível e o tipo de esportividade que a mídia costuma associar ao esporte e aos atletas paraolímpicos. Por exemplo, foi investigado se o discurso midiático-esportivo veicula uma narrativa textual e imagética composta por elementos característicos do mundo esportivo, como os espaços de realização das provas, a indumentária de disputa, a postura competitiva e expressões de força e virilidade, ou se tais elementos são omitidos da cobertura midiática. Sob esta perspectiva, tem-se identificado, por vezes, uma ausência de esportividade ou uma esportividade encenada/parcial, e, com menor incidência, uma esportividade verdadeira/total (PAPPOUS *et al.*, 2007; PAPPOUS *et al.*, 2009; SANTOS; FERMINO, 2016).

Outro ponto comumente investigado sobre a relação da mídia com o esporte paraolímpico são os estigmas veiculados ou não pelo discurso midiático. Os estigmas são características depreciativas e identidades virtuais associadas a um grupo social ou pessoas em específico, as quais não correspondem a identidade real delas (GOFFMAN, 2012). Nas pesquisas voltadas ao esporte e aos atletas paraolímpicos, identificou-se ao menos quatro narrativas da mídia que tendem a reproduzir estigmas, são elas: o *supercrip*; a vitimização; a trivialização; e a infantilização.

A narrativa do *supercrip* enfoca nas histórias de superação das deficiências dos atletas, alçando-os à condição de super-heróis (HARDIN; HARDIN, 2004; SILVA; HOWE, 2012; GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009). A vitimização é um tipo de discurso midiático que posiciona os atletas como vítimas sofredoras das suas deficiências (HILGEMBERG, 2014). A trivialização é uma narrativa que focaliza em dimensões pessoais e afetivas da vida íntima dos atletas paraolímpicos, em detrimento de enfoque nas dimensões esportivas relacionadas a eles. Por sua vez, a infantilização é uma forma de representação midiática em que os atletas paraolímpicos aparecem como pessoas dependentes ou em situação de fragilidade, necessitadas da assistência de um adulto (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010; DUNCAN, 2006). Estas tipologias da narrativa midiática voltada ao esporte paraolímpico são consideradas uma forma de secundarização do potencial esportivo dos atletas com deficiência, tornando-se, assim, um obstáculo para o discurso de inclusão social de pessoas com deficiência através do esporte (MARQUES R., 2016).

Os estudos de Marques R. *et al.* (2014; 2015) apontam que a referida veiculação midiática do esporte paraolímpico é controversa sob o ponto de vista de atletas brasileiros e portugueses. Uma parte deles acredita ser positiva a narrativa do *supercrip*, pois assim ganham visibilidade social através da mídia. Outra parte, ao contrário, entende tal narrativa como prejudicial à valorização deles como atletas de alto rendimento, visto que o foco acaba voltando-se às suas deficiências. Importa notar ainda que este dissenso ocorre, principalmente, entre os atletas de nível paraolímpico/internacional e os atletas de nível nacional ou regional, os quais entendem o *supercrip* como um obstáculo para serem reconhecidos como atletas de alto nível em desenvolvimento.

Entre as pesquisas desenvolvidas no contexto internacional, um estudo etnográfico, realizado por Howe (2008), descreve a experiência de uma empresa de mídia britânica que se credenciou para a cobertura dos Jogos Paralímpicos de Atenas/2004. Ao término do estudo, o autor reconheceu a importância da participação ativa do Comitê nacional britânico, a BPA, e do IPC, na mediação da relação mídia, esporte e atletas paraolímpicos, pois, na ocasião, figuraram na organização da cobertura de modo a valorizar o produto em questão, o movimento paraolímpico como um todo. Porém, ele também concluiu que essas instituições esportivas paraolímpicas comportaram-se quase como editoras do conteúdo jornalístico, controlando o que devia

e o que não devia ser veiculado, o que incomodou os jornalistas com quem conviveu naquele período.

Um exemplo de assunto vigiado pelas instituições esportivas para o controle da sua veiculação e abordagem na produção midiática é a classificação dos atletas paraolímpicos. De acordo com Howe (2008), os jornalistas credenciados para a cobertura dos JP, naquela ocasião, foram orientados a não pautarem o tema nas suas reportagens, visto que se tratava de uma questão polêmica, mal resolvida pelos órgãos reguladores da manifestação esportiva e que, por conta disso, poderia gerar prejuízos para a imagem do movimento paraolímpico, tanto do ponto de vista social, como publicitário.

A classificação dos atletas é o modo de organização e distribuição dos atletas paraolímpicos, nas suas respectivas modalidades, por classes/categorias, de acordo com o nível das deficiências. Os atletas com deficiência visual e intelectual passam por uma classificação médica e os atletas com deficiência física passam por uma classificação funcional, cujo objetivo é definir com qual grupo de atletas eles podem competir. Um método que busca colocar os atletas com deficiência em condições mais aproximadas de igualdade de chances nas competições paraolímpicas (HOWE; JONES, 2006; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012).

Os atletas são distribuídos em diferentes classes de disputa a partir da acuidade visual apresentada, ou do nível cognitivo daqueles com deficiência intelectual, ou da funcionalidade motora demonstrada pelos que possuem deficiências físicas – esta, especificamente, é avaliada em correlação com as demandas de movimento exigidas pela modalidade esportiva referente. Por exemplo, na natação, os atletas são divididos em S1, S2, S3 e, assim por diante, de acordo com o nível de capacidade motora ou acuidade visual que eles apresentam. A letra utilizada refere-se à modalidade em questão – neste caso da natação o “S” é a inicial da sua denominação na língua inglesa (*swimming*) – e o numeral está ligado ao grau de comprometimento - quanto maior a numeração, menor a limitação apresentada.

A classificação dos atletas, portanto, se configura como um modo de controle social que estrutura e organiza o esporte paraolímpico mundialmente, cuja lógica operacional funciona como um espaço de disputa de poder entre as instituições esportivas internacionais e nacionais desta manifestação esportiva. Isto ocorre, sobretudo, pelo fato de os protocolos de classificação estarem em permanente desenvolvimento e mudanças, tornando-se assim um meio de se angariar benefícios nas

disputas esportivas para atletas de algumas nações, frente a outros países menos influentes neste contexto esportivo. Além disso, a fidedignidade e a confiabilidade das classificações dos atletas estão em permanente questionamento, visto que conforme relatos deles próprios é possível disfarçar dificuldades motoras ou até mesmo limitações visuais, gerando assim distúrbios e problemas éticos neste processo de organização das competições (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012).

Além da polêmica e das problemáticas inerentes à classificação dos atletas no modo de organização do esporte paraolímpico, esta questão também é considerada como possível motivadora do desinteresse da mídia por esta manifestação esportiva. Visto que o aspecto valorizado pela mídia com relação ao universo do esporte de alto rendimento é o mérito esportivo, ou seja, a exclusividade da conquista de medalhas e a possibilidade de criação de heróis únicos para cada modalidade, tal forma de se organizar do esporte paraolímpico se torna, então, distoante do interesse midiático (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Neste sentido, considera-se a classificação dos atletas extensa e, por conta disso, confusa para a compreensão dos telespectadores, como também compreende-se que ela gera um elevado número de campeões em provas clássicas do esporte mundial - por exemplo os 100 metros rasos do atletismo ou os 50 metros livre da natação. Assim, entende-se que é retirado o caráter exclusivo das conquistas paraolímpicas, dificultando, por sua vez, o trabalho da narrativa midiática de transformar ídolos em heróis esportivos do universo das pessoas com deficiência.

Diante do cenário de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre a temática aqui proposta, o problema de pesquisa investigado neste trabalho estruturou-se a partir de um elemento central que o justifica. É possível identificar estudos tanto sobre o discurso midiático relacionado ao esporte paraolímpico, como sobre as percepções de gestores e atletas acerca desse discurso no Brasil (MARQUES R. *et al.*, 2013, 2014). Neste contexto, entretanto, constatamos uma lacuna para se investigar a perspectiva de jornalistas esportivos sobre a aproximação da mídia com o esporte paraolímpico, os quais ficam nos bastidores e são o outro lado desse processo relacional. Portanto, os estudos desenvolvidos até então nos servem como base teórica tanto por possibilitar conhecer o tipo de abordagem do discurso midiático-esportivo sobre o esporte paraolímpico, como também a posição dos atletas acerca desta abordagem. Assim, a lacuna de pesquisa que nos conduziu a presente investigação foi de buscar compreender os aspectos motivadores, as condições de produção dos jornalistas e os critérios

mobilizados por eles para desenvolverem o referido tipo de abordagem midiática que comumente se veicula do esporte e dos atletas paraolímpicos.

Vale destacar aqui, inclusive, que para o desenvolvimento deste trabalho optamos por não definir e utilizar um único eixo teórico de análise e discussão dos achados da pesquisa. Por compreendermos o tema como um fenômeno multidisciplinar, entendemos que a sustentação do trabalho em uma perspectiva teórica específica nos limitaria os procedimentos de leitura e interpretação do campo de investigação, visto que a problemática norteadora se trata de uma questão não só jornalística, mas também comunicativa, sociológica, esportiva, educativa e política. Neste sentido, destacamos que não delimitamos um referencial teórico especializado para a construção da tese.

A nossa pretensão com esta pesquisa foi trazer a perspectiva de mais um grupo de personagens que fazem parte do contexto midiático e paraolímpico, os jornalistas. O intuito é que esta investigação junto aos jornalistas e às suas formas de construir as notícias subsidie o debate acerca do tema, no sentido de desenvolvê-lo e aprofundá-lo junto aos dados de pesquisas já existentes, tais como os referenciados acima. Quanto mais informações e dados de pesquisas, os quais ajudem a fechar o círculo dos diversos personagens que fazem parte do universo da mídia com o esporte paraolímpico no Brasil, ambos os lados dessa relação só têm a ganhar, tanto o esporte de modo geral, como o esporte paraolímpico e o jornalismo.

Optamos pela temática mídia e esporte paraolímpico também devido à repercussão social e à conformação cultural que se pode ter sobre esta manifestação do esporte de acordo com o tipo de discurso midiático que venha a ser veiculado. O discurso midiático-esportivo sobre a manifestação paraolímpica do esporte pode exercer um papel fundamental no processo de estigmatização ou desestigmatização das pessoas com deficiência na sociedade (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010). Com esta pesquisa, portanto, pretendemos contribuir com a qualificação da cobertura da mídia em relação ao esporte paraolímpico no Brasil e elucidar problemáticas relacionadas aos preconceitos que a mídia, por vezes, promove e/ou ajuda a perpetuar sobre as pessoas com deficiência.

Este estudo ajuda a desvelar criticamente os modos de produção de notícias esportivas a respeito do esporte adaptado e paraolímpico⁹. Além disto, discute e

⁹ Todas as modalidades esportivas criadas e/ou modificadas para pessoas com deficiência podem ser chamadas de “adaptadas”. No entanto, somente as modalidades que fazem parte do programa dos Jogos Paralímpicos podem ser chamadas de paralímpicas.

problematiza iniciativas de qualificação de jornalistas, em específico o guia para a mídia, desenvolvido para os JP/2016 (PAPPOUS; SOUZA, 2016). Ele também gera conhecimentos que podem contribuir para uma produção midiática mais qualificada, no sentido de se combater estereótipos e criar imagens mais positivas a respeito de pessoas com deficiência.

O enfoque do estudo no processo de produção de notícias justifica-se por ser este um fenômeno, dentro do campo de atuação profissional da mídia e do jornalismo, permeado por um conjunto de peculiaridades. São diversas as justificativas técnicas, políticas, profissionais e comerciais fornecidas pelos construtores da notícia para defender o porquê de se narrar determinado fato de uma tal maneira e não de outra. Para tanto, nesse contexto de produção das notícias, existe um conjunto de vertentes acadêmico-científicas que procuram compreender as nuances que compõem esse fenômeno social, o qual envolve e atinge as mais diversas esferas da sociedade, não devendo ser diferente com o esporte e o esporte paraolímpico. Nesse sentido, buscamos em alguns trabalhos da antropologia da comunicação, na teoria do *newsmaking* e nas teorias do jornalismo sobre a notícia, subsídios para imergir no problema de pesquisa deste trabalho, considerando, principalmente, a posição do jornalista como protagonista da construção das notícias.

A notícia é uma construção social (MENDES, 2013; TUCHMAN, 1983; WOLF, 1987) marcada, sobretudo, pelas dimensões de espaço e tempo ocupados pelo jornalista. A hora do fechamento do jornal, por exemplo, é um cronômetro permanente do tempo de trabalho no processo de construção da notícia. A subjetividade do jornalista é outro filtro inevitável deste processo, pois a atividade profissional do jornalista ultrapassa os muros das suas casas, das ruas e da redação do jornal, permeando o seu cotidiano de modo perene. Aparece também nesse processo a etiqueta profissional com os companheiros de classe, considerando-se que os jornalistas vivem entre a solidariedade no compartilhamento de informações e o status e o prestígio que os "furos" de notícias podem lhes proporcionar. Inerente a isso, está a consolidação de laços de amizade para o estabelecimento de uma rede de relações, elemento tão importante para a atuação do jornalista, inclusive com as fontes de informação. Além de todos esses elementos básicos que constituem o fazer cotidiano do jornalista, há de se levar em consideração os elementos concernentes ao contexto estrutural e político da redação onde será produzida, editada e publicada a notícia, tais como os valores-notícia, a hierarquia interna e a situação sócio espacial da notícia (MENDES, 2013).

Do ponto de vista antropológico, o processo comunicativo de construção das notícias precisa ser avaliado para além de termos econômicos e/ou ideológicos. No cerne desse complexo percurso de criação de um produto social como a notícia, há outros fatores que devem ser investigados, por exemplo, a comunidade profissional, constituída de personagens permeados da subjetividade humana, que o campo lhes exige. No contexto do jornalismo, do fazer jornalístico, da atuação dos jornalistas e da produção de notícias, para Mendes (2013, p. 301) "é o colorido da realidade concreta que enche de vida essas pálidas formas [as notícias]".

Para Wolf (2001), os estudos que abordam a produção de notícias, ou o *newsmaking*, estabelecem-se sob os limites da cultura profissional dos jornalistas, da organização do trabalho e dos processos produtivos das notícias. O primeiro limite é traduzido nas perspectivas ideológicas e subjetivas daquele que é o personagem criativo do produto. O segundo, por sua vez, define-se e materializa-se nos critérios de noticiabilidade dos fatos. A noticiabilidade é "o conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas - para adquirirem a existência pública de notícias" (WOLF, 2001, p. 190). Dito em outras palavras, o que se torna notícia depende, fundamentalmente, da decisão editorial da mídia (da escolha) e da ética jornalística daqueles que dirigem a primeira.

Do ponto de vista da técnica jornalística, a notícia é "aquilo que, depois de tornado pertinente pela cultura profissional dos jornalistas, é susceptível de ser trabalhado pelo órgão informativo sem demasiadas alterações e subversões do ciclo produtivo normal" (WOLF, 2001, p. 191). Nessa perspectiva de compreensão do que vem a ser notícia, considera-se apenas a factibilidade dos acontecimentos de modo pragmático, sem se avaliar que há, por exemplo, o filtro permanente dos *gatekeepers* (editores) de uma redação de jornal. Dessa forma, o produto informativo, ou seja, a notícia, é o resultado de um conjunto de negociações que vão desde o início da sua geração até a sua publicação (WOLF, 2001).

No universo do *newsmaking* existe outro elemento concernente ao processo que vai além do critério de noticiabilidade, que são os valores-notícia. Estes valores são como regras práticas, que perpassam toda a trajetória de produção da notícia, não se restringindo aos critérios de seleção dela. Eles funcionam como elementos que norteiam a seleção, a exclusão e a ênfase que vai ser dada na redação da notícia, tentando tornar, ao máximo, o fazer jornalístico em algo prático e objetivo. Porém, sobre os valores-

notícia, ressalta-se que eles normalmente não são estáticos, paralisados sob um critério e visão de mundo da sociedade que retrata. Pelo contrário, em uma relação dialógica com a decorrência dos fatos sociais, estes valores configuram-se de modo dinâmico, adaptando-se às configurações que o tempo e o movimento social vão delineando (WOLF, 2001). Segundo Wolf (2001), o modo como uma redação organiza-se, considerando a quantidade e tipos de editorias, seções temáticas, correspondentes especiais e especialistas, é indicador do critério de noticiabilidade e dos valores-notícia, que norteiam a prática jornalística de determinada instituição.

De acordo com os elementos apresentados até aqui, consideramos para este trabalho a diversidade de fatores que podem compor o processo de produção de notícias e o fazer jornalístico de modo geral, como exemplo a subjetividade dos jornalistas, a objetividade e a institucionalidade da mídia neste contexto produtivo. A partir disso, desenvolvemos este trabalho como forma de reconhecer a necessidade de se compreender o processo de produção de notícias no cerne das especificidades e das peculiaridades do esporte paraolímpico, quando transformado em relato noticioso. Com este estudo, portanto, entendemos ter gerado subsídios indicadores que revelam, sobretudo, muitos dos porquês de a mídia e de o jornalismo esportivo retratarem o esporte e os atletas paraolímpicos de determinada maneira ou de outra, tal como já vem sendo apontado pela literatura internacional e nacional.

Sob o ponto de vista das contribuições para a Educação Física, os conhecimentos gerados podem servir de subsídios para o desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas para um trato qualificado do esporte para pessoas com deficiência na escola e em outros campos de intervenção que os profissionais da área atuem. Estes conhecimentos podem ser utilizados, por exemplo, para se debater questões relacionadas a estigma, estereótipo, preconceito, inclusão, discurso midiático, entre outras temáticas que são suscitadas pelo estudo. Em específico, entender o processo de produção de notícias sobre o esporte paraolímpico contribui para o campo da Mídia-Educação (Física), sobretudo dentro da interface que se estabelece entre a Educação Física, a Educação e a Mídia-Educação.

Esta pesquisa se insere na corrente de estudos da Educação Física brasileira relacionada à discussão e investigação sobre mídia e esporte, a qual existe há mais de 20 anos. Entre outros objetivos acadêmicos, científicos e sociais, consolidados especialmente com a criação do Grupo de Trabalho Temático (GTT) “Comunicação e Mídia” no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) em 1996, esta corrente de

estudos tem também o objetivo de produzir conhecimento de modo a subsidiar a dimensão pedagógica da EF como área de intervenção social (BRACHT, 1992). A EF tem no espaço formal de educação - a escola - seu principal campo de atuação, refletindo sobre, com e através das interfaces entre as mídias e a cultura corporal de movimento. Neste contexto, o presente trabalho é um contributo à perspectiva da mídia-educação (física) (PIRES; LAZZAROTTI FILHO; LISBÔA, 2012) de modo a possibilitar o esclarecimento crítico-reflexivo de professores e alunos sobre o universo midiático-esportivo do esporte adaptado e paraolímpico.

Compreender o fazer jornalístico relacionado ao esporte paraolímpico possibilita aos professores e alunos desenvolverem saberes sobre as representações sociais e as manifestações culturais das práticas corporais e esportivas adaptadas para pessoas com deficiência. Este conhecimento permite-lhes, também, trabalharem com as tecnologias de informação e comunicação como instrumentos de aprendizagem e emancipação acerca da relação mídia e esporte paraolímpico, entendendo, principalmente, modos de agir e de se comportar dos meios de comunicação de massa. Além disso, e sobretudo, este estudo gera subsídios para que o processo de ensino-aprendizagem acerca da cultura esportiva paraolímpica possa desenvolver-se de maneira crítica e reflexiva, entre professor e aluno, através da própria criação, produção e reprodução de conteúdos relacionados a esta manifestação da cultura corporal de movimento.

Este estudo também pode subsidiar o trabalho de treinadores, gestores, assessores esportivos, entre outros, que lidam com pessoas/atletas com deficiência. Ao desvelar como se dá o processo comunicativo em suas nuances e obstáculos, a presente pesquisa gera conhecimentos que podem auxiliar profissionais do esporte, em especial jornalistas esportivos, no desenvolvimento de estratégias de comunicação e divulgação da trajetória e dos feitos esportivos de atletas do esporte adaptado e paraolímpico.

Objetivos

Objetivo Geral

Compreender o processo de produção de notícias sobre o esporte e os atletas paraolímpicos realizado por jornalistas esportivos na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio/2016.

Objetivos Específicos

Caracterizar as condições de produção e a rotina produtiva de notícias sobre o esporte e atletas paraolímpicos por jornalistas esportivos durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio/2016;

Identificar critérios de noticiabilidade definidos por jornalistas esportivos na cobertura jornalística do esporte e dos atletas paraolímpicos durante os Jogos Paralímpicos Rio/2016;

Identificar valores-notícia mobilizados por jornalistas esportivos na abordagem do esporte e dos atletas paralímpicos durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio/2016;

Percurso e estratégias metodológicas

Esta pesquisa caracterizou-se como um estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa e inspirado em algumas características dos estudos de *newsmaking*. Desenvolvemos uma análise do processo de produção de notícias sobre os JP 2016, na qual utilizamos elementos dos estudos de *newsmaking*, para os quais a "informação midiática não é isenta da influência de fatores subjetivos, ideológicos, doutrinários, entre outros" (PIRES, 2008, p. 24). Tal como afirma Wolf (1987, p. 201), "um dos resultados significativos deste âmbito de análises tem sido o de desideologizar a análise e o debate sobre as comunicações de massa em geral e sobre o setor da informação em particular".

No presente estudo, a perspectiva metodológica do *newsmaking* nos ajudou na caracterização das condições de trabalho e da rotina produtiva dos jornalistas, como também dos critérios e dos valores mobilizados por eles para a produção de notícias sobre o esporte e os atletas paraolímpicos, neste caso em específico, no contexto de realização dos JP Rio/2016. Deste modo, pudemos colocar em evidência particularidades do que compõe os bastidores da notícia sobre esporte e esporte paraolímpico e, assim, contribuir para a ampliação e o aprofundamento das discussões e debates acadêmico-científicos relacionados ao produto noticioso final da veiculação da mídia de massa acerca desta manifestação esportiva.

Os estudos de *newsmaking*, conforme previsto por Wolf (1987; 2001), tem em seu rito metodológico formal o acompanhamento localizado do fazer jornalístico no

interior de uma redação, tendo as entrevistas como uma estratégia complementar de busca e produção de dados. Porém, por buscarmos uma variedade de possibilidades e modos de agir da cultura jornalística em relação ao esporte paraolímpico, adotando a estratégia de variação máxima de Patton (2001), tornou-se inviável acompanhar e estar presente, em tempo real, em diferentes redações de jornais durante a cobertura dos JP 2016. Neste sentido, como forma de colher o maior número de relatos de diferentes redações, adotamos a entrevista semiestruturada como procedimento principal para a produção dos dados junto aos interlocutores do estudo. Inerente a isto, reconhecemos as limitações desta técnica de pesquisa de modo que ela não nos permitiu caracterizar tal como ocorreu o processo de produção de notícias durante os JP nas redações. Porém, ainda assim, ela nos forneceu pistas/indícios do que foram os bastidores da cobertura noticiosa do megaevento.

Vale ressaltar que os estudos de *newsmaking*, em sua perspectiva teórica, são restritos e focados nos jornalistas como responsáveis pela produção do texto ou da matéria noticiosa. Já os estudos do trabalho jornalístico dos editores, daqueles profissionais detentores do poder de decidir o que vai ou não ser publicado conforme aponta Wolf (1987; 2001), denomina-se de estudo dos *gatekeepers*. Compreendemos, portanto, que se tratam de delimitações metodológicas diferentes do campo de estudos do jornalismo. Entretanto, como forma de enriquecer a investigação sobre o processo de produção de notícias voltado ao esporte paraolímpico, incluímos na pesquisa tanto jornalistas como editores. Fato este que, inclusive, nos permitiu contrapor opiniões dos diferentes personagens atuantes no interior das redações, sobretudo com relação ao objetivo geral e aos objetivos específicos da pesquisa.

As entrevistas ocorreram após a realização do megaevento esportivo. Foram 15 no período entre 02/10/2016 e 21/11/2016 e tiveram duração média de uma hora - sendo a maior com uma hora e quarenta e quatro minutos e a menor com 37 minutos - o que totalizou 920 minutos de entrevistas gravadas e transcritas integralmente. Deste total, oito entrevistas foram realizadas pessoalmente e as outras sete foram feitas através do recurso de webconferência do Skype.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado - conforme disponível no apêndice 1 do trabalho - com questões gerais e específicas, que estavam direta e indiretamente relacionadas ao processo de produção de notícias sobre o esporte e o esporte paraolímpico. Por reconhecermos o lastro de estudos, teorias e conceitos existentes no campo de investigações do *newsmaking*, tomando como

exemplo, principalmente, as obras de Tuchman (1983), de Wolf (1987), de Travancas (1993) e de Howe (2008), o roteiro das entrevistas foi organizado em três eixos basilares de perguntas, são eles: 1) formação e experiências dos jornalistas; 2) condições de produção e rotina produtiva na cobertura dos JP Rio/2016; e 3) critérios de noticiabilidade e valores-notícia mobilizados para a realização da cobertura jornalística dos Jogos. Vale ressaltar que este roteiro, a cada entrevista realizada, ganhou novos contornos e outras questões foram inseridas no decorrer do processo de investigação.

Entendemos que a estratégia da entrevista semiestruturada, com um roteiro pré-definido, configurou-se como uma forma de respeitarmos os elementos teóricos e práticos característicos do fazer jornalístico na produção de notícias, assim como descrito no conhecimento produzido sobre a temática com relação às rotinas produtivas dos jornalistas, ao papel dos *gatekeeper*/editores, aos critérios de noticiabilidade e aos valores-notícia. Ao mesmo tempo, o caráter semiestruturado do roteiro nos permitiu estarmos abertos a possíveis assuntos e questões que viessem a surgir no decorrer das entrevistas e também visualizarmos nuances e particularidades do trabalho jornalístico voltado ao fenômeno esportivo de maneira geral, e ao esporte paraolímpico, em específico. Como apresentaremos nos capítulos subsequentes do trabalho, identificamos, por exemplo, peculiaridades comportamentais na relação jornalista-atleta (paraolímpico), nas decisões jornalísticas por cobrir *in loco* ou não um megaevento esportivo e, neste caso, os JP, assim como especificidades na linguagem utilizada para se construir as notícias sobre os atletas com e/ou sem deficiência.

Como pano de fundo para a realização das entrevistas, e também como estratégia metodológica de associar questões práticas a questões teóricas do fazer jornalístico relacionado ao esporte paraolímpico, acompanhamos e recolhemos as notícias publicadas pelos próprios jornalistas, interlocutores do estudo, durante a cobertura dos JP. A partir deste material, durante as entrevistas, questionamos os jornalistas sobre decisões tomadas na produção das referidas notícias, sobre os critérios e os valores mobilizados por eles para a construção dos produtos noticiosos acerca do esporte e dos atletas paraolímpicos. Vale destacar, com isso, que não utilizamos a produção noticiosa dos jornalistas como objeto de análise do estudo, porém elas nos serviram como objeto metodológico para a formulação de questões investigativas durante a realização das entrevistas. Por exemplo, apresentamos para eles e os questionamos sobre fotografias selecionadas para a composição das matérias e sobre a utilização de expressões

específicas para se referir aos atletas paraolímpicos, tais como “sofre de paralisia”, ou “vítima de acidente”, entre outras.

Como critério de inclusão para participação do estudo, selecionamos mídias e jornalistas que tivessem realizado a cobertura dos JP de maneira direta ou indireta, ou seja, *in loco* no Rio de Janeiro, ou direto da redação. Para definir isto monitoramos o trabalho jornalístico dos principais jornais impressos e com maior circulação dos estados da região sul do país (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) – devido à possibilidade de fazer a entrevista presencialmente, visto que o pesquisador residia em Curitiba/PR. Também acompanhamos o trabalho das principais mídias nacionais que estavam cobrindo o megaevento, tanto impressas, como digitais e televisivas. Deste modo, então, logo após o encerramento dos JP entramos em contato com a redação dos jornais e agendamos com os editores, quando possível, as entrevistas presenciais com eles próprios e com os jornalistas que trabalharam na equipe direcionada a esta cobertura em específico.

Foram entrevistados para o estudo 15 jornalistas/editores de diferentes grupos de mídia e jornais do país, os quais realizaram a cobertura dos JP Rio/2016. Entre eles estiveram profissionais que trabalhavam para mídias com circulação local/regional e mídias com alcance nacional. Selecionamos uma parte de profissionais de quatro mídias de circulação local/regional, outros de duas mídias com alcance nacional e também assessores de comunicação do CPB. No decorrer do trabalho, os grupos de mídia/jornais foram denominados como “Regional” quando de alcance local, sendo numerados de um a quatro, ou “Nacional”, numerados de um a três – incluindo-se nestes o CPB. Por exemplo, “Regional 1”, “Regional 2”, “Nacional 1”, “Nacional 2”.

A opção pela variação entre mídias nacionais e locais justifica-se pela relevância e pelo impacto que ambas possuem na produção e na circulação de notícias sobre o cotidiano do país e sobre o cotidiano das diferentes regionalidades/localidades, respectivamente. No caso das nacionais, são mídias que se caracterizam como potenciais formadoras de opinião sobre temáticas que envolvem interesses da nação, tanto acerca de si mesmas, como no contexto dos fatos e relações internacionais. No caso das mídias locais, normalmente elas se configuram como meios que fazem a mediação informativa e comunicativa dos interesses da referida localidade com os fatos sociais, tanto do próprio âmbito local, como do âmbito nacional/global.

Os interlocutores do estudo que realizaram a cobertura dos JP também foram selecionados pelo critério de terem produzido notícias para diferentes veículos de mídia,

tais como jornais impressos, portais de notícias, televisão e/ou redes sociais. De tal modo, sem desconsiderar as diferenças técnicas e estruturais existentes para a realização do trabalho jornalístico nestes diferentes veículos, compreendemos que ampliamos o espectro de possibilidades e variações que venha a existir no processo de produção de notícias acerca do esporte e dos atletas paraolímpicos.

Junto à variabilidade de veículos midiáticos, também levamos em consideração o fato que, atualmente, a produção jornalística está inserida no contexto da cultura de convergência, em que as mídias tradicionais (revistas, jornais, televisão, rádio) tendem a convergir para um único meio (internet, através de portais de informação e redes sociais) (JENKINS, 2009). Assim, consideramos para o estudo jornalistas que, na maior parte, produziram notícias sobre os JP tanto para o formato tradicional das respectivas mídias, como para suas versões digitais, seja em produção por escrito ou em produção audiovisual. Nesse sentido, participaram do estudo interlocutores de uma mídia televisiva, de quatro mídias impressas (jornais) – todas elas com portal de notícias e com publicação em formato digital na internet - e uma mídia totalmente digital, com veiculação somente em portal e em redes sociais.

Tabela 1: Denominação das mídias e distribuição dos interlocutores do estudo nas respectivas mídias

Nacional 1	<ul style="list-style-type: none"> •Mídia televisiva, portal de notícias e redes sociais •1 editor e 2 jornalistas entrevistados •Cobertura <i>in loco</i>
Nacional 2	<ul style="list-style-type: none"> •Mídia impressa, portal de notícias e redes sociais •1 jornalista entrevistado •Cobertura <i>in loco</i>
Nacional 3	<ul style="list-style-type: none"> •Mídia digital - portal de notícias e redes sociais •1 editor e 2 jornalistas entrevistados •Cobertura <i>in loco</i>
Regional 1	<ul style="list-style-type: none"> •Mídia impressa e portal de notícias •1 editor e 1 jornalista entrevistados •Cobertura direto da redação
Regional 2	<ul style="list-style-type: none"> •Mídia impressa, portal de notícias e redes sociais •1 editor e 1 jornalista entrevistados •Cobertura direto da redação
Regional 3	<ul style="list-style-type: none"> •Mídia impressa, portal de notícias e redes sociais •1 editora e 2 jornalistas entrevistados •Cobertura da redação e <i>in loco</i>
Regional 4	<ul style="list-style-type: none"> •Mídia impressa e portal de notícias •1 jornalista entrevistado •Cobertura direto da redação

Dos 15 interlocutores do estudo, cinco eram editores de esporte e os outros dez eram repórteres dos respectivos jornais/grupos de mídia no momento da cobertura dos

JP. Ressaltamos que tentamos entrevistar o editor da “Nacional 2”, mas não conseguimos contato com ele. No caso da “Regional 4”, não está contabilizada a entrevista do editor desta mídia, porque ele é o mesmo editor da “Regional 2” – sendo que ambas compõem a formação de um conglomerado midiático da região.

Importa destacar que destes interlocutores, três são mulheres, sendo uma editora de mídia impressa local e outras duas, repórteres - uma de mídia impressa local e outra da mídia digital nacional. Além delas, torna-se relevante ressaltar que um dos repórteres homens é usuário de cadeira de rodas.

Todos os interlocutores do estudo possuem formação profissional na área da Comunicação Social, sendo 14 deles com habilitação ou formados diretamente em Jornalismo, e um deles com habilitação em Rádio e Tv. Deste total de interlocutores, dois editores e seis jornalistas realizaram a cobertura *in loco* dos JP, os demais (três editores e quatro jornalistas) a fizeram direto da redação. Para apresentação dos dados mantivemos o anonimato e preservamos a identidade dos interlocutores do estudo, em consonância com a exigência do Comitê de Ética em Pesquisa da Saúde da Universidade Federal do Paraná, e conforme projeto número 55300216.5.0000.0102, aprovado neste mesmo Comitê, sob parecer número 1.574.202. Utilizamos, assim, nomes fictícios para cada um dos interlocutores do estudo. Na tabela 2 - a seguir – apresentamos um perfil de cada um dos editores e jornalistas.

Tabela 2: Apresentação e descrição dos interlocutores do estudo

Número	Nome	Função	Mídia	Região	Posição
1	Fred	Editor	Regional 1	Paraná	Da redação
2	Luiz	Jornalista	Regional 1	Paraná	Da redação
3	Rodrigo	Editor	Regional 2	Santa Catarina	Da redação
4	Sara	Jornalista	Regional 2	Santa Catarina	Da redação
5	Mariana	Editora	Regional 3	Rio Grande do Sul	Da redação
6	Antonio	Jornalista	Regional 3	Rio Grande do Sul	<i>In loco</i>
7	Ícaro	Jornalista	Regional 3	Rio Grande do Sul	Da redação
8	Philippe	Jornalista	Regional 4	Santa Catarina	Da redação
9	Fernando	Editor	Nacional 1	-	<i>In loco</i>
10	André	Jornalista	Nacional 1	-	<i>In loco</i>
11	Vinicius	Jornalista	Nacional 1	-	<i>In loco</i>
12	Francisco	Jornalista	Nacional 2	-	<i>In loco</i>
13	Martins	Editor	Nacional 3	-	<i>In loco</i>
14	Jaciara	Jornalista	Nacional 3	-	<i>In loco</i>
15	Jorge	Jornalista	Nacional 3	-	<i>In loco</i>

Para a organização e análise dos dados recolhidos, utilizamos a análise do conteúdo. Organizamos esse conteúdo apresentado na fala dos interlocutores de acordo

com cada um dos elementos basilares que compõem o processo de produção de notícias, conforme supracitado. Assim, apresentamos em exaustão os dados (unidades de registro) relacionados à formação e à experiência dos jornalistas, os dados referentes às condições de produção e à rotina produtiva deles durante os JP de 2016 e, por fim, os dados que evidenciavam os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia mobilizados por eles durante a cobertura do referido megaevento esportivo. Realizamos tal análise sem a pretensão de categorizar estes dados, contudo a fizemos de modo a explorar as diferentes perspectivas e as contraposições evidenciadas em relação a cada um daqueles elementos do processo.

A sequência do trabalho – referente à apresentação e à discussão dos achados da pesquisa - está organizada em capítulos e tópicos, que representam a diversidade de fatores e perspectivas insurgentes durante o desenvolvimento do percurso metodológico de investigação. Para tanto, no primeiro capítulo, apresentamos os dados relacionados à formação, experiência e atuação profissional dos interlocutores do estudo. No segundo capítulo, trazemos os dados referentes às condições de produção e à rotina produtiva destes jornalistas na cobertura dos JP 2016. Por fim, no terceiro capítulo, destacamos os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia mobilizados por eles para a realização deste trabalho jornalístico, voltado ao esporte e aos atletas paraolímpicos.

1. CAPÍTULO 1: FORMAÇÃO, EXPERIÊNCIA E ATUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JORNALISTAS ESPORTIVOS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Este capítulo abre a apresentação dos dados recolhidos nesta pesquisa como um esforço de trazer à tona um conjunto de elementos que podem nos ajudar a problematizar o objetivo central da investigação. Mesmo não fazendo parte do eixo norteador que delineamos para o estudo – o processo de produção de notícias – os aspectos que compõem o processo formativo dos jornalistas participantes da pesquisa surgiram no transcorrer das entrevistas como fatores que podem nos indicar uma série de explicações e justificativas para as diferentes formas com que eles entenderam e conduziram a cobertura jornalística do esporte e dos atletas paraolímpicos durante os Jogos do Rio/2016. Dessa forma, entendemos este capítulo como uma introdução descritiva de como o processo de formação cultural dos jornalistas participantes da pesquisa pode apresentar elementos fundantes e demarcadores dos modos de compreender e agir destes profissionais.

Em síntese, neste capítulo, procuramos identificar as características da diversidade de matrizes e trajetórias culturais nas quais os interlocutores do nosso estudo formaram a própria cultura jornalística. Afinal, como afirmam Tuchman (1983) e Wolf (1987), há uma forte influência da subjetividade dos jornalistas no processo de produção de notícias, sobretudo nas decisões de pauta e nos enquadramentos jornalísticos realizados por eles no cotidiano profissional.

Os dados encontrados nas falas dos jornalistas, conforme apresentaremos no decorrer deste capítulo, revelam diferentes aspectos que compuseram não só as trajetórias jornalísticas deles, mas também as histórias pessoais, familiares e esportivas antes de ingressarem no mundo profissional do jornalismo, as quais podemos associar aos seus fazeres jornalísticos. Identificamos uma diversidade de elementos sociais e esportivos dos participantes do estudo que apontam - e alguns deles próprios associam de tal maneira - para os modos de olhar, sentir e agir em relação ao objeto de trabalho com que eles se depararam em 2016, o esporte paraolímpico. São questões como o ambiente familiar de formação e convivência; a experiência esportiva e os modos como estabeleceram relação com o esporte nas suas histórias de vida; os contextos e modos de inserção no universo jornalístico; as trajetórias que traçaram, e continuam traçando,

dentro da profissão; e o próprio contexto cultural e comunicativo transmidiático como elemento condutor de diferentes olhares e perspectivas para os seus objetos de trabalho.

Do ponto de vista comunicativo, preocupação central deste estudo, os elementos que apresentaremos nesta seção do trabalho podem ser associados ao que Martín-Barbero (2004, 2009) denominou como “nexos simbólicos” ao se referir a fatores que vão delineando os nossos modos de compreender e agir em relação aos diferentes fenômenos da cultura. Estes nexos simbólicos expressam-se nas nossas gramáticas de ação – de ler, de olhar, de escutar - que são manifestas através dos sentidos humanos – o tato, o olfato, a visão, a audição, o paladar – e assim conformam as competências de ação e recepção no universo comunicativo em que vivemos. Competências estas que são formadas por dois elementos: 1) os usos sociais que fazemos das diferentes mídias, seja rádio, jornal, revistas, cinema, internet, e aqui ressaltamos a hegemonia da televisão no caso do esporte, como forma e meio tradicional de apropriação cultural do fenômeno esportivo na sociedade moderna e contemporânea; e 2) as múltiplas trajetórias de leitura que possuímos e que estão relacionadas a determinantes sociais, como etnia, classe, gênero, nível educacional, hábitos familiares e outros (MARTÍN-BARBERO, 2004, 2009).

Ao apresentarmos, neste capítulo, aspectos da vida familiar dos jornalistas, experiências esportivas de prática e de consumo que alguns deles vivenciaram no decorrer das suas vidas pessoais e até profissionais, assim como os percursos que traçaram, e estão traçando, dentro da profissão de jornalista, entendemos que estamos desvelando suas múltiplas trajetórias de leitura, gramáticas de ação e modos de estabelecer nexos simbólicos com relação ao objeto de estudo. Com os devidos cuidados de não estabelecermos relações diretas de causa e consequência para não direcionar o trabalho a um paradigma positivista, o que não se aplica ao tipo de estudo que desenvolvemos, procuramos elencar elementos que nos provocam a problematizar e buscar reflexões críticas sobre o “como” e os “porquês” de determinadas formas de agir no processo de produção de notícias sobre o esporte paraolímpico.

Organizamos a estrutura deste capítulo em tópicos que representam os diferentes aspectos do processo de formação social, esportiva e jornalística que apareceram nas falas dos participantes da pesquisa e que sugerem ter influenciado nos seus modos de compreenderem o fazer jornalístico. Os tópicos a serem apresentados a seguir são: 1) a referência familiar; 2) a formação acadêmica 3) a experiência de vida; 4) a trajetória multimídia e multissetorial do jornalista (esportivo) contemporâneo.

1.1. A referência familiar

Durante a apresentação das suas trajetórias de vida relacionadas ao jornalismo e ao jornalismo esportivo, parte dos jornalistas entrevistados mencionaram questões familiares para justificar a sua inserção na profissão e/ou para indicar o porquê da preocupação com o esporte como fenômeno social e também midiático. São falas que apontam como costumes e valores familiares, assim como o envolvimento familiar com o esporte, aparecem como fatores determinantes para a iniciação no mundo do trabalho jornalístico e para a visão que se tem deste universo.

A fala do editor Fred revela como o fato de sua família ter profissionais envolvidos com a comunicação social e com o jornalismo foi uma forte influência para a iniciação dele neste campo profissional.

FRED: Eu sempre tive uma ligação muito forte com o jornalismo esportivo, desde moleque, minha família é de jornalista, então é... não só com o jornalismo esportivo, mas com o jornalismo em si, eu tive uma ligação muito forte.

Um primeiro elemento que esta fala evidencia é o caráter de herança social e profissional que o jornalismo, e em específico o jornalismo esportivo, tem na história de alguns dos participantes da pesquisa. A fala do editor Fred remonta a referência familiar com histórico no interior da comunicação social e do jornalismo especializado em esporte no país, tal como se passou com a história de vida dos irmãos Mario Filho e Nelson Rodrigues.

No caso dos dois irmãos famosos, o envolvimento com o jornalismo já foi uma herança familiar do pai, que era jornalista e proprietário de diários. Depois, com a morte do genitor, o irmão mais velho, Mario Filho, assumiu o protagonismo na família e saiu do jornalismo literário para o esportivo por interesse próprio, por gosto pelo futebol. Em seguida, com o desenrolar dos fatos na família, Nelson Rodrigues assumiu também o posto de jornalista esportivo¹⁰, escrevendo crônicas esportivas, e aproveitou para fazer campanha para eleger o irmão, Mario, como o inventor do jornalismo esportivo moderno.

¹⁰ Há quem trate Nelson Rodrigues como cronista esportivo e não como jornalista, pois se propunha a produzir as narrativas sobre o esporte e o futebol de modo a recheá-las de opiniões e percepções pessoais que tinha sobre os fatos esportivos. Todavia, para acompanhar a referência utilizada para mencioná-lo no nosso trabalho, o trataremos como jornalista esportivo.

O protagonismo de Mário Filho como o inventor do jornalismo esportivo moderno do país é considerado uma tradição inventada e criada por seu irmão, Nelson, pois a sua atuação se restringiu a contextos e regiões específicas do Brasil – Rio de Janeiro e Nordeste – dessa forma, torna-se difícil generalizar o seu feito, com o cuidado de não desvalorizar sua importante contribuição (CAPRARO, 2011). Todavia a tradição familiar do fazer jornalístico, no exemplo de Fred, aplica-se e mostra-se inventiva da sua atuação profissional. Antes mesmo de recorrer à formação acadêmica e formal no âmbito da comunicação social e do jornalismo, o depoimento do editor revela ter nos nexos simbólicos relacionados à sua ação jornalística uma forte influência dos hábitos familiares sobre a própria vocação profissional.

Aqui não estamos desconsiderando que a influência familiar ocorre comumente também na escolha e na vocação profissional em outras áreas de atuação no Brasil, sobretudo em algumas mais conservadoras e tradicionalistas, como a medicina, o âmbito jurídico¹¹ e as engenharias, as quais podem render maior retorno de capital financeiro aos herdeiros da tradição. Porém, a referência familiar aparece, nesse caso do jornalismo, como um mediador social não só da decisão de ingressar no campo de atuação, mas também dos modos de compreender a área e o objeto com o qual o jornalista/editor virá a trabalhar.

A partir de outro depoimento, identificamos, também, por exemplo, como a referência familiar pode expandir-se de uma mediação social para uma mediação institucional. No caso do jornalista Luiz, durante a adolescência, o pai possuía uma empresa de publicidade e rádio, onde ele iniciou o trabalho com jornalismo e lá mesmo foi incorporando códigos e valores da cultura jornalística.

LUIZ: Comecei a trabalhar primeiro, depois fui estudar e esse lado esportivo é porque, assim, eu sempre pratiquei esporte desde criança. Meu pai era um homem muito ligado ao esporte. Então, assim, já cresci com essa veia esportiva aí né? Por praticar primeiro, e meu pai também era um homem de comunicação. Meu pai tinha uma agência de publicidade, trabalhou em rádio também e sempre voltado para essa área esportiva. Então, enfim, eu cresci nesse meio aí né? [...] Então, essa questão, essa veia esportiva aí é uma questão que já veio desde cedo.

¹¹ O estudo de Oliveira *et al.* (2017) ilustra não só a influência familiar nas escolhas e na vocação profissional relacionada ao âmbito jurídico, mas revela como a árvore genealógica neste campo tem sido utilizada como formas de manutenção de poder e concentração de riqueza. As evidências apresentadas pelos autores contribuem, sobretudo, para revelar a genealogia do golpe jurídico-parlamentar-midiático sofrido pela presidente Dilma Rousseff em 2016.

Esta possibilidade interpretativa coaduna com o que defende Martín-Barbero (2009) de que as mediações sociais e institucionais ocorrem de modo sincrônico na conformação do *habitus* dos sujeitos no que diz respeito aos modos de ser, estar e agir com relação aos aspectos da comunicação social e da cultura. A partir dessa concepção, compreendemos que tanto a família como a empresa da família participaram da formação cultural comunicativa, jornalística e esportiva nos casos do editor Fred e do jornalista Luiz.

A definição de Orozco (1993) sobre as mediações culturais é mais específica nesse sentido e, entre outras mediações, denomina duas possíveis que podemos relacionar aos exemplos anteriormente citados. Uma é a mediação individual, que se refere à história de vida, fatores emocionais e afetivos da formação do sujeito. A outra é a situacional, que é onde, quando e como se dá ou se deu a interação do sujeito com os meios de comunicação. Nesse sentido, considerando a idade e o tempo de atuação profissional que os dois colaboradores da pesquisa supracitados possuem (editor Fred, 33 anos e 10 de trabalho – jornalista Luiz, 37 anos e 20 de trabalho), levando-se em conta a mediação cultural que tiveram na conformação dos seus *habitus* jornalísticos e esportivos, buscamos identificar nos capítulos posteriores do trabalho como essas características podem tê-los conduzido a uma abordagem tradicionalista, conservadora, estigmatizante ou não da cobertura e do modo de produzir notícia sobre o esporte, os atletas e os Jogos Paralímpicos Rio/2016.

A inserção profissional no universo jornalístico do esporte aparece nas falas dos jornalistas anteriormente citados quase como de ordem natural e inevitável devido à influência familiar que tiveram. De maneira semelhante aos dados encontrados nesta pesquisa, Travancas (1993) identificou influências familiares na adesão de jovens jornalistas à profissão e utilizou o conceito de *network*, ou rede de relações estabelecidas pelos indivíduos, para caracterizar laços criados quase sem escolha na imersão do jornalista neste campo de atuação.

O *network* se baseia em laços criados sem escolha, determinados socialmente, como os de família e parentesco; e os resultantes de liberdade e opção. No caso dos jornalistas desta pesquisa, a ênfase dada nas relações sociais vai privilegiar, através dos seus depoimentos, a escolha pessoal (TRAVANCAS, 1993, p. 84).

A escolha pessoal citada pela autora, e que também aparece em falas dos colaboradores desta pesquisa, na maioria dos casos tem seu início pautado em elementos emocionais, de relações afetivas não exatamente desenvolvidas pelo campo profissional, mas pelos seus parentes que atuavam anteriormente em igual área. A questão é que de um início por vezes passional, o que se torna problemática é a adesão ou manutenção da imersão e dedicação profissional ao jornalismo. Esta, por ser uma atividade dinâmica, atemporal e permanente, que transcende a formalidade dos dias e horários da semana para o trabalho e para o lazer, se entrelaça às relações familiares e pode até se sobrepôr à possibilidade de que o jornalista venha a dedicar mais tempo à família. Quando isso ocorre, pode ser um gerador de tensões na organização de vida dos jornalistas (TRAVANCAS, 1993).

A fala do editor Rodrigo nos apresenta um exemplo de como o fazer jornalístico esportivo, no caso dele, transcendeu as barreiras limítrofes da sua profissão com as da sua família. Quando perguntado sobre a justificativa da sua dedicação/preocupação com o esporte no âmbito do jornalismo, ele respondeu:

RODRIGO: No esporte tudo preocupa né, amigo. Hoje em dia tudo preocupa. Pra tu ter uma ideia, eu sou instrutor de Tae Kwon Do e minha filha é atual campeã brasileira de Tae Kwon Do, e não conseguiu... obteve verba pelo Fundesporte, não foi paga e não conseguiu ir no pan-americano. Tá classificada para o mundial nos EUA, e como vou gastar 30 mil reais pra essa guria ir competir. A guria está desistindo. Tão tentando fazer com que ela não vá né?

Esta fala expressa como o ser jornalista esportivo configura a identidade deste colaborador da pesquisa (Rodrigo, 25 anos de trabalho) dentre outras funções sociais que ele exerce, assim como evidenciado no depoimento, também como instrutor esportivo de Tae Kwon Do e como pai de atleta. Isto tem relação com o achado de Travancas (1993) sobre a relação do ser jornalista com as outras dimensões da vida desses.

Assim como para os jornalistas veteranos, a profissão será fundamental na vida deste grupo, estando presente em todos os momentos de seus depoimentos como um elemento definidor de suas identidades; na maioria das vezes, trata-se do papel principal dentre os vários que desempenham (TRAVANCAS, 1993, p. 81).

Ainda que a fala do editor Rodrigo não revele o quão central é o ofício de ser jornalista na vida dele, um aspecto a se destacar do depoimento é que aparentemente ali há uma relação de troca informativa entre a questão familiar da filha e a questão jornalística de se preocupar e tecer críticas às políticas esportivas de incentivo aos jovens atletas. A partir desta fala, não é possível identificar o percurso formador desse pensamento crítico, se advindo do jornalismo em direção ao caso da filha, ou se o contrário. Porém o que se destaca é que a referida situação evidencia a perspectiva crítica que este editor tem na sua ótica sobre o esporte. Ou sob uma perspectiva diferente, o caso também pode ter sido o elemento catalisador para o desenvolvimento desta ótica, que reconhece a importância de políticas públicas de incentivo à prática esportiva.

Diferentemente do apontado por Travancas (1993, p. 92), de que "o que se percebe ao discutir o papel da família na vida destes profissionais é que há uma tensão sempre presente entre os dois mundos: o do trabalho e o da família", o que o exemplo da fala do editor Rodrigo nos apresenta é a possibilidade dos dois âmbitos coadunarem para um mesmo sentido. Isso se torna possível quando ocorre de ambos terem relação, como neste fato da vinculação esportiva existente do pai com a filha. Nestes casos, nos parece importante ressaltar como a experiência e a inter-relação familiar podem também ter sido importantes contributos para a formação e a atuação profissional crítica do jornalista ou do editor, como nesta situação, no que diz respeito ao olhar para o esporte.

A referência familiar também apareceu como contributo no sentido de ressaltar a importância da formação acadêmica na atuação profissional da área. Uma das características do jornalismo no Brasil é que não existe a obrigatoriedade da titulação acadêmica para o exercício da profissão, seja em âmbito formal ou informal¹². Apesar disso, cerca de 89% dos jornalistas que atuam no país são diplomados na área de jornalismo (BERGAMO; MICK; LIMA, 2013). No caso dos participantes do nosso estudo, somente um dos entrevistados não possui a formação específica em jornalismo, o editor Fernando. Ele se formou em Rádio e Televisão, mas se identifica como jornalista.

¹² A obrigatoriedade da titulação acadêmica para o exercício profissional do jornalismo é uma polêmica que segue em permanente debate no Brasil. Em 2009 o Superior Tribunal Federal (STF) votou como inconstitucional a exigência do diploma e do registro profissional para os jornalistas. Em 2016, o debate foi retomado por uma comissão especial da Câmara dos Deputados para volta da exigência do diploma e segue em tramitação no legislativo sem mais informações sobre os desdobramentos do processo. Ver decisão do STF em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109717>, acessado em 06/06/2017. Ver última notícia encontrada sobre a tramitação no legislativo em: <http://fenaj.org.br/artigos-sobre-o-diploma/>, acessado em 06/06/2017.

FERNANDO: Eu sou formado pela FAAP¹³ em Rádio e Televisão, então eu não sou jornalista por formação. Eu sou jornalista por liminar. Aquela liminar de um tempo atrás aí... pelo exercício da função.

O editor Rodrigo, diferentemente, chamou atenção de que, pelo fato de o pai ser um acadêmico de carreira, pesquisador, com produção científica e preocupação social, ele também procura estar sempre conectado ao mundo universitário e acadêmico como forma de se manter em permanente formação e também para contribuir com a comunidade.

RODRIGO: Sim, mas no meu caso eu tenho uma vida... meu pai era professor universitário, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem anos de pesquisa lá e tudo, gosto muito da área. Já estou há mais de um quarto de século no ramo, mas pretendo... fiz minha pós agora, pretendo mirar um mestrado pra depois ir pra área. Parar com essa loucura e começar uma outra loucura, mas enfim. Eu, por mim, já tinha deixado a área, mas é que a área não me deixa (risadas). Por enquanto, por enquanto. Mas então já to mirando isso aí com carinho. Então eu sempre estou à disposição para o público universitário. Faço palestras pelo estado todo. Tive agora na UNIPLAC, na Unochapecó, tive no Rio Grande do Sul. Fui convidado para ir em São Paulo. Tô sempre reservando um tempo pra isso, então sem problema.

Neste caso do editor Rodrigo, o que podemos ver é um permanente interesse em se manter vinculado ao universo acadêmico por compreender sua importância na formação continuada e crítica do jornalista. Isto difere em parte do que caracterizou a trajetória de formação do jornalista Luiz, por exemplo, que afirmou primeiro viver uma série de experiências práticas das rotinas de produção de um jornalista na empresa de rádio do seu pai, para somente depois buscar a qualificação acadêmica e profissional.

LUIZ: Trabalho em rádio até hoje, enfim, depois busquei a academia, me formei, enfim né? Aí fui buscar especialização, enfim, o conhecimento técnico e teórico, tal, mas eu já tinha essa prática. Comecei muito novo, com 17 anos eu já tava começando, já tava trabalhando no rádio [...] Então, eu comecei a trabalhar no rádio com 17 anos, eu tô com 37. Então é... a vantagem eu comecei muito... ou lógico, a gente começa aos poucos né, vai acompanhando, mas enfim, com 17 anos aí eu já comecei a fazer algumas coisas, já comecei a tá nesse mundo, a acompanhar algumas transmissões de

¹³ Fundação Armando Alvares Penteado.

jogos, aos poucos ia participando, ia fazendo algumas, participava dos programas e tal, e ai depois eu, enfim, fui pra academia estudei, me formei e tal, mas sempre essa área esportiva foi sempre o que eu mais gostei, sempre o que me atraiu mais e ai hoje deu certo de eu tanto aqui no jornal, como na rádio, conseguir fazer essa área esportiva e tal.

O que identificamos nos dados da pesquisa é que essa ordem de iniciar a carreira jornalística pela prática, para posteriormente buscar formação e qualificação acadêmica, não se mostrou predominante no contexto dos colaboradores do trabalho. A maior parte dos nossos entrevistados (treze dos quinze participantes) afirmou ter ingressado no universo jornalístico através da entrada em curso acadêmico de jornalismo, ou em comunicação social com habilitação em jornalismo. Porém o caráter de formação e especialização no jornalismo esportivo por meio das oportunidades e experiências práticas parece ainda ser um imperativo dominante de acordo com os depoimentos. Muitos deles afirmaram ter ingressado no âmbito do jornalismo esportivo por ocasião de um estágio ainda durante o processo de formação, ou mesmo por situação de uma primeira oportunidade de emprego ter surgido nessa área específica.

1.2. A formação acadêmica e o empirismo do jornalismo esportivo

A formação acadêmica e profissional em jornalismo tem sido centro de um permanente debate dentro deste campo. A não obrigatoriedade da titulação para o exercício da profissão no Brasil, assim como em outros países¹⁴, torna a validade do processo formativo dos jornalistas um aspecto constantemente questionável. Esta problemática constitui-se basicamente em uma compreensão dicotomizada da formação em jornalismo. De um lado, uma compreensão de que o jornalismo é uma profissão eminentemente prática e que a partir dessa prática pode-se gerar conhecimentos teóricos. Do outro lado, compreende-se o jornalismo como um campo de atuação que necessita de conhecimentos teóricos e técnicos para somente posteriormente ser exercido com qualidade no âmbito prático. É uma dicotomia que pode ser sintetizada no paralelo entre o ensino do jornalismo ou o ensino para o jornalismo (CASCAIS, 2003).

¹⁴ Rodríguez (2004) realiza uma discussão sobre o fato dos jornalistas, em parte dos países da União Européia, serem reconhecidos e denominados como tal a partir do exercício da profissão e não necessariamente por portarem o diploma de formação acadêmica em Comunicação e/ou Jornalismo. Para a autora, a não obrigatoriedade do diploma gera um problema para a definição da identidade profissional do jornalismo e, por consequência, implica na legitimidade que a profissão possui na sociedade.

No Brasil, conforme supracitado, apesar da não obrigatoriedade, cerca de 89% dos profissionais que atuam como jornalistas no país possuem graduação em Jornalismo ou em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. A maior parte destes mesmos profissionais atuantes na área também concordam e defendem que a formação acadêmica deveria ser obrigatória para o exercício da profissão. Dos entrevistados sobre o referido estudo, 90,2% defendem a exigência de algum tipo de formação superior para a atuação e, destes, 55,4% exigiam a diplomação específica em jornalismo como obrigatória para o profissional da área (BERGAMO; MICK; LIMA, 2013).

Um dado que podemos evidenciar a partir dos participantes do estudo, é que os 15 entrevistados possuem formação acadêmica na área de Comunicação ou Jornalismo, desde os mais experientes aos mais novos na profissão. Identificamos que dos editores com 15, 20 e até 25 anos de exercício da profissão, ou dos jornalistas com 10, 5 ou menos do que 5 anos de profissão, todos passaram por alguma formação acadêmica relacionada à área.

RODRIGO: Então, hoje eu sou editor de esportes do “Regional 2”. A minha trajetória, como eu te disse, já tem mais de um quarto de século, tem mais de 25 anos no ramo. Eu me formei em universidade federal do sul do país, em jornalismo, paralelamente cursei a faculdade de direito em uma universidade particular do sul do país.

PHILIPPE: Tá, eu me formei em 2000. Final do ano 2000, por uma universidade na região noroeste, no interior. Já lá eu trabalhei como, tipo estagiário, assistente já contratado com carteira assinada mesmo, mas não como jornalista, num jornal da cidade, o Diário “local de SCA”.

ANDRÉ: Vamo lá. Sou André, sou formado por uma universidade em Santos, me formei em 2009. Comecei, fiz estágio... fiz estágio... a faculdade ela tem uma emissora de televisão, mas não era nada de esportes e nem de adaptada, fiquei na produção ali mesmo.

O que visualizamos e registramos em praticamente todas as entrevistas é que a presença da mediação acadêmica no processo formativo dos jornalistas é unanimidade. Este dado mostra a relevância atribuída a esta parte formal do processo constitutivo da profissão e também que as empresas estão formando suas equipes do jornalismo esportivo com jornalistas com formação universitária. Tal constatação difere, relativamente, o âmbito jornalístico do esporte do âmbito do entretenimento esportivo. No caso das transmissões esportivas, o que se vê normalmente são especialistas do esporte, tais como árbitros, atletas ou dirigentes aposentados, tecendo comentários e

análises a partir das suas experiências práticas, sem nenhuma formação específica em comunicação ou jornalismo para aquela atuação. Esta atuação sem formação, que tradicionalmente ocorre no contexto midiático-esportivo, amplifica o distanciamento entre a preparação na teoria e a atuação na prática já existente no campo jornalístico (MARQUES J., 2013), como elevando-a ao quadrado no que se refere ao jornalismo esportivo.

Por um lado, a presença praticamente unânime de jornalistas formados na área entre os interlocutores do estudo que participaram da cobertura dos Jogos Paralímpicos 2016, revela uma valorização técnica e teórica da profissão neste contexto. Sem descartar a possibilidade de que tenha sido uma mera coincidência – este também é um dado que contraria a tradicional delegação aos especialistas esportivos (ex-atletas, árbitros ou treinadores) a responsabilidade pela narrativa midiática e jornalística como forma de garantir credibilidade ao discurso midiático-esportivo (SANFELICE, 2010).

Por outro lado, no exemplo que podemos analisar na fala do jornalista Philippe, observa-se o quanto este sentiu falta de uma formação inicial que o introduzisse às características específicas do jornalismo esportivo. Quando perguntado se passou por algum processo formativo voltado à cobertura dos JP Rio/2016, Philippe admitiu que não teve nenhuma preparação e afirmou que gostaria de ter passado por uma formação inicial, a qual tivesse se aprofundado mais nas especificidades do jornalismo esportivo e trouxesse mais subsídios sobre a amplitude e as diversas formas de manifestação do fenômeno esportivo, assim como é o esporte paraolímpico.

PHILIPPE: Não, não, preparação não teve nenhuma [preparação para os Jogos Paralímpicos], só o que a gente aprendeu na faculdade, que é muito raso também. A gente não tem uma disciplina... claro, eu me formei em 2011, no segundo semestre de 2011, já faz 5 anos já né, então eu não sei como tá agora a faculdade, mas na minha época não tinha... existia uma cadeira chamada jornalismo especializado, aí cada aula era um. Um dia jornalismo político, outro jornalismo econômico, outro jornalismo policial, outro, eram duas aulas, para jornalismo esportivo e ponto. Ai no rádio, na cadeira de rádio, aí tinha uma... uma aula ou duas aulas que era rádio esportivo. Não tem uma... não é forte as disciplinas de jornalismo esportivo. O que eu sei é o que eu tenho de experiência dentro da redação, que na verdade é a própria faculdade que a gente faz é dentro da redação, é a experiência de tá na rua, a experiência de ler reportagens, de ler reportagens de outros veículos, e de tá com a mão na massa. Só estando aqui dentro pra, pra ter essa experiência.

A fala do jornalista Philippe traz à tona o empirismo com que normalmente é desenvolvido o jornalismo esportivo no Brasil. Marques J. (2013) disserta que há um esvaziamento do empirismo, o qual é predominantemente voltado à formação do jornalista esportivo no país. Para o autor, os jornalistas esportivos são formados a partir das experiências práticas do cotidiano das redações e praticamente não são apresentados às dimensões teóricas e críticas que vêm sendo produzidas historicamente no contexto acadêmico sobre a temática. Ao citar produções clássicas relacionadas à atuação do jornalista no jornalismo esportivo, tais como obras de Pierre Bourdieu e Umberto Eco, Marques J. (2013) argumenta e sugere possibilidades de qualificação para este empirismo recorrente no jornalismo esportivo, constantemente formado sem reflexão e sem criticidade, assim como citado pelo jornalista Philippe. Conforme aponta o referido autor:

Portanto, numa perspectiva relacionada à práxis, seria interessante evitar o lugar-comum que se atribui ao esporte e buscar alternativas de reinvenção da cobertura esportiva pelos meios de comunicação. Isso implica em avançar para além dos resultados, dos números, das tabelas e das cifras do marketing, como também implica em ir além de se encarar o esporte apenas como fator de entretenimento. No mesmo sentido, a perspectiva relacionada à episteme poderia dar seu contributo: é necessário que se compreendam as relações multiculturais do esporte, e não apenas o factual dos acontecimentos esportivos. Ler textos sobre sociologia do esporte, semiótica da cultura, antropologia, história etc. poderá revelar-se bastante útil para que o esporte seja entendido a partir de perspectivas diferentes daquelas que normalmente se dedicam a ele atualmente. Isso faria com que se pensasse numa prática profissional que não perpetuasse estigmas, preconceitos e discriminações sociais, de um lado, nem juízos inadequados sobre a origem do esporte na sociedade contemporânea, de outro (MARQUES J., 2013, p. 178–179).

A referência do jornalista Philippe à escassez de elementos teóricos e técnicos da abordagem específica do esporte na sua formação profissional para os desafios da prática jornalística que surgem no cotidiano, assim como ele cita ao ser questionado sobre a preparação para a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016, é coerente com a crítica tecida por Marques J. (2013). Contudo, este dado também pode revelar uma distância existente entre as discussões acadêmicas e a produção do conhecimento em relação ao âmbito prático do jornalismo especializado em esporte. De acordo com Weedon *et al.* (2016), efetivamente existe uma distância entre as proposições teóricas e o âmbito prático do jornalismo esportivo, pois, ao menos no campo da sociologia do

esporte, há, na verdade, uma escassez de propostas de boas práticas para o fazer jornalístico voltado ao esporte e, quando existem, tendem a ser subdesenvolvidas. O dado apresentado pelo jornalista Philippe, portanto, reafirma uma lacuna histórica da formação em jornalismo e em jornalismo esportivo existente no Brasil.

Uma outra característica que apareceu com reincidência nas trajetórias formativas dos participantes do estudo foi que parte deles ingressou no jornalismo esportivo por via de oportunidades de estágio, ainda durante o período em que cursavam a graduação em jornalismo. Desse modo, o dado apresentado pelo jornalista Philippe anteriormente, em conjunto aos exemplos da editora Mariana, do editor Martins e do jornalista Jorge, conforme veremos a seguir, revelam e reforçam a característica de uma discussão teórica e técnica específica para o jornalismo esportivo, praticamente inexistente na formação inicial, com a inserção diretamente prática destes no contexto da atuação especializada ainda como estagiários de redações de jornais.

MARIANA: Eu trabalho aqui no grupo “Regional 3” já faz quase 10 anos. Eu entrei... na verdade, minha primeira experiência com jornalismo foi na CEE, que é a Companhia Estadual de Energia Elétrica aqui do Rio Grande do Sul, eu fazia parte da assessoria, fiz um estágio de, mais ou menos, dois meses lá. Enquanto eu tava lá consegui uma vaga de estágio aqui no grupo “Regional 3”, e aí acabei me transferindo pra cá em março de 2007. Aí eu fiz os seis meses de estágio, fazia já voltada pro digital, minha carreira sempre foi bem voltada pro digital. Então eu fazia a arte do site da Rádio “Regional 3”, que é a principal rádio que a gente tem aqui no Sul, no Rio Grande do Sul, e aí seis meses depois surgiu uma vaga de assistente de conteúdo na editoria de esporte, que na época ainda era “Regional 3” Esportes. Era um produto separado da “Regional 3” assim, que era só um site de esportes. Ai então em setembro de 2007 eu já entrei no esporte. Então desses nove anos e meio, quase dez anos, a maioria é em esporte assim, então eu tô no esporte desde setembro de 2007. Passei por várias funções dentro da editoria. Então fui assistente de conteúdo, que ainda era estudante, então fazia funções mais burocráticas. Atualização... na época a gente ainda atualizava tabelas de jogos, tudo na mão, galerias de fotos, algumas pequenas escutas e tal. Depois virei redatora-repórter.

MARTINS: Eu me formei na UFF¹⁵, em Jornalismo e Comunicação, aí trabalhei logo, ainda estagiário, eu dei sorte do Lance, o jornal esportivo estar sendo criado naquela época, então comecei no Lance. Aquela coisa de você antes de formar estar trabalhando lá e sendo meio explorado, mas você não liga, aquela coisa que você está amarrado de estar ali.

¹⁵ Universidade Federal Fluminense.

JORGE: Então, eu comecei a estudar jornalismo em 2009, sou formado pela FMU¹⁶ aqui em São Paulo. No meu primeiro ano de faculdade eu comecei a estagiar no Lance, jornal de esportes. Estagiei por... deixa eu lembrar... entrei no Lance como estagiário de rodada, como a gente chama. Então eu trabalhava três vezes por semana, só pra cobrir... pra ajudar a aumentar o contingente pra cobrir futebol, nas rodadas de futebol, nas rodadas de quarta, sábado e domingo. Em três meses eu passei a ser estagiário fixo, todos os dias, e fui efetivado e comecei a trabalhar com poliesportivo, que são os esportes olímpicos e os outros esportes, tudo menos futebol.

Esta comum designação do estagiário como agente profissional do jornalismo esportivo acaba por confirmar a percepção existente de que no jornalismo esportivo pode-se correr o risco de falhas técnicas e comunicativas de um jornalista em formação inicial, simplesmente pelo fato de ser considerado um campo da mídia que não toca em nada relevante ou importante socialmente (MARQUES J., 2003). Este fator reitera a ideia de que o esporte é, basicamente, um universo do entretenimento, o que o credenciaria como um fenômeno que não demanda seriedade e profissionalismo na sua abordagem jornalística.

Na década de 1980, Tuchman (1983) já tecia críticas ao relato jornalístico sobre esporte, sobretudo à produção audiovisual, pois, para a autora, havia uma maior permissividade nesta narrativa esportiva como forma de aclarar a factibilidade do fenômeno esportivo. Ou seja, um relato jornalístico tratado como menos sério em comparação aos demais, além disso, um relato centrado no factual que já não abordava, por exemplo, questões políticas e econômicas do contexto esportivo.

Os dados supracitados confirmam um ranço histórico da área especializada do jornalismo esportivo e o estigma associado ao jornalista esportivo, de que “qualquer ‘foca’, ao chegar a uma redação, era designado para cobrir o noticiário esportivo ou policial, já que as possíveis consequências de seu despreparo não interfeririam no ‘lado sério’ da vida do leitor” (MARQUES J., 2003, p. 3). De acordo com as informações supracitadas, este fato aparentemente ainda se perpetua. Todavia relatos dos interlocutores do estudo que citaremos a seguir indicam algumas pistas de qualificação da especialização jornalística relacionada ao esporte.

A mudança desse quadro de improvisação pode ser associada, sobretudo, à institucionalização do esporte como direito social, garantido através da Constituição de 1988 (MARQUES J., 2013), mas também podemos associar ao caráter plural,

¹⁶ Faculdades Metropolitanas Unidas.

multifacetado e heterogêneo do esporte na contemporaneidade (MARQUES R., 2015; MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007; MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008). Essa pluralidade do esporte, que o caracteriza de maneira multidimensional, pode estar induzindo uma mudança de percepção dos jornalistas para a necessidade de profissionalização, de formação continuada e especializada para desenvolver o trabalho jornalístico com o fenômeno esportivo.

Uma formação inicial já interessada e voltada ao jornalismo esportivo, assim como a busca por formação continuada relacionada ao tema, também aparecem nos dados recolhidos das falas dos colaboradores, ainda que em menor escala. Em contraponto aos exemplos do empirismo recorrente na formação do jornalista esportivo, dois dos jornalistas mencionaram terem produzido o trabalho de conclusão do curso de jornalismo relacionado ao jornalismo esportivo ainda no processo de formação acadêmica inicial (o jornalista Vinicius e o editor Fred).

VINICIUS: Bom, eu estudei em Bauru, na UNESP¹⁷ de Bauru, me formei em 2007. O meu trabalho de conclusão de curso, a gente fez a transmissão dos Jogos Pan Americanos pra nossa web rádio, que a UNESP Virtual. Éramos eu e mais um amigo. Nós dois transmitimos os Jogos Pan Americanos pela Web Rádio e depois a gente fez um relatório sobre como foi essa transmissão. Então, assim, que modalidades dá pra transmitir em rádio, o que não dá? Experiências que a gente tentou fazer ainda, uma coisa muito incipiente de interatividade, até porque éramos em duas pessoas pra fazer toda a transmissão. Enfim, o meu TCC foi isso, então foi a primeira vez que eu trabalhei ali com narração, com locução esportiva propriamente dito.

FRED: Na faculdade mesmo eu imaginava que ia trabalhar mesmo com jornalismo esportivo, fiz meu TCC no Lance em São Paulo.

As falas do jornalista Vinicius e do editor Fred relativamente vão de encontro à tendência do interesse exclusivo pelos conhecimentos práticos da cobertura jornalística do esporte, conforme apontado por Marques J. (2013). Nestes casos em específico, ambos demonstraram ao menos se interessarem em relatar e refletir sobre suas experiências práticas no contexto do jornalismo esportivo ainda durante a graduação. Entende-se que já são indícios de um interesse acadêmico pelo fenômeno esportivo por

¹⁷ Universidade Estadual Paulista.

parte dos jornalistas quando estavam ainda no processo de formação inicial. Contudo isto não garante aos jornalistas a constituição de uma cultura jornalística que veja e pense o esporte em uma perspectiva sociocultural ampla e crítica, pois este pode ser um interesse acadêmico-científico estritamente técnico e prático dos fazeres jornalísticos.

Outros jornalistas também afirmaram ter buscado ou estarem buscando uma pós-graduação relacionada, direta ou indiretamente, ao tema do esporte (jornalista Vinicius, editor Martins, jornalista André e jornalista Francisco). O editor Martins comenta ter buscado um mestrado em Ciências da Comunicação enquanto trabalhava com a cobertura esportiva fora do país e o mesmo jornalista Vinicius, que se voltou ao esporte na sua formação inicial, também buscou formação continuada relacionada ao tema, inclusive fazendo uma imersão interdisciplinar com a Educação Física.

MARTINS: Tive no portal IG e eu fiquei no Globo antes de ir embora do Brasil. Fiquei quase 8 anos fora, morei um ano na Holanda, mais um ano em Londres, depois fiquei 6 anos em Estocolmo, aí lá em Estocolmo eu fiz o mestrado, na Universidade de Estocolmo, em estudos da comunicação e aí fiquei trabalhando freelancer para alguns veículos. Trabalhei pra Folha, pro Globo. Nem sempre no esporte, mas era os que mais pagavam e também quando você começa a trabalhar com uma coisa, as pessoas vão meio que te procurando pra aquilo, mas quando você tá fora cara, você fazer um freela sobre política, ou coisa que não paga tão bem quanto futebol, eu dei sorte na verdade de ter trabalhado com esporte antes, porque aí isso colaborou.

VINICIUS: Até tinha tentado entrar num mestrado em Jornalismo, mas não deu certo, eu até passei, mas não deu certo eu fazer por escolha profissional. Eu acabei vindo pra São Paulo na época e o mestrado que eu tinha passado era em Bauru. Eu me formei lá em Bauru. Conheço o Mauro Betti de lá também. Aí eu vim pra São Paulo e aqui, nessa coisa de procurar uma vaga pra mim num mestrado, eu achei mais bacana ir pra Educação Física do que o que eu tinha encontrado de área de pesquisa no Jornalismo. Aí eu encontrei 'um professor da Educação Física'¹⁸ e tal, assim acabei entrando no grupo de pesquisa dele e tô lá.

A fala do jornalista Vinicius apresenta-se como um exemplo das possibilidades de qualificação do fazer jornalístico relacionado ao esporte através da aproximação e interlocução com o âmbito acadêmico-científico da Educação Física e das Ciências do

¹⁸ Decidimos omitir o nome do professor ou professora com quem o jornalista estava realizando o mestrado como forma de garantir o anonimato do interlocutor do estudo.

Esporte. O autor que ele cita conhecer, professor Mauro Betti, e o professor ou professora com quem ele está fazendo o mestrado em Educação Física, são referências nacionais, com uma larga produção nos estudos socioculturais sobre esporte no país.

Esta imersão de um jornalista esportivo para formação continuada em um campo de estudos e pesquisas que se aprofunda na complexidade das manifestações do fenômeno esportivo na sociedade, como a Educação Física, não é uma situação recorrente. A disposição do jornalista Vinicius é um caso que representa um passo relevante na qualificação da relação comunicação, jornalismo e esporte, sobretudo se considerarmos que esta é uma possibilidade destes profissionais acessarem a literatura, o conhecimento e as teorias críticas relacionadas ao tema. Podemos, deste modo, vislumbrar que os protagonistas da comunicação social sobre o esporte estarão acessando e sendo continuamente formados para compreender e agir sobre o fenômeno esportivo em sua inteireza (BETTI, 2001). Nesse contexto, os jornalistas poderão se apropriar do fenômeno esportivo em sua complexidade e amplitudes sociológicas, antropológicas, econômicas e comunicativas. Entretanto, ao mesmo tempo, esta busca do jornalista por outra área do conhecimento pode também revelar a deficiência ou a falta de interesse do campo acadêmico da Comunicação e do Jornalismo pelo esporte, sobretudo no que diz respeito ao processo formativo especializado.

A relação de proximidade entre as áreas da Comunicação, do Jornalismo, da Educação Física e do Esporte existe no Brasil de forma institucionalizada desde a década de 1990. No caso da Educação Física e das Ciências do Esporte, em 1995 foi criado o grupo de trabalho temático (GTT) “Comunicação e Mídia” no interior do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)¹⁹ como forma de consolidar e legitimar uma corrente de discussões e produções científicas que relacionavam questões socioculturais e pedagógicas do universo comunicativo, esportivo e educacional, assim como publicidade, marketing, jornalismo esportivo, tecnologias e *games*. No caso da Comunicação Social, em 1997 foi criado o núcleo de pesquisa (NP) “Mídia Esportiva” no interior da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

¹⁹ O CBCE foi criado em 1978 com o objetivo de congregar pesquisadores interessados nos estudos interdisciplinares sobre o fenômeno esportivo. Apesar de em um primeiro momento ter sido predominantemente voltada às dimensões médicas e biodinâmicas do esporte, a partir de 1985 a entidade tem se caracterizado por congregar, representar e defender os interesses socioculturais e pedagógicos de pesquisadores e do âmbito acadêmico-científico das ciências do esporte e da Educação Física no Brasil. Para saber mais, acesse: <http://cbce.org.br/>. Acessado em 22/06/2017.

(INTERCOM)²⁰. Este NP existiu até 2006, quando desapareceu, e a temática do esporte voltou a se estabelecer na entidade científica da área, em 2009, com a criação do grupo de pesquisa (GP) “Comunicação e Esporte”, que permanece existindo até então.

A produção científica que aborda a relação interdisciplinar entre comunicação e esporte foi mapeada e identificou-se que esta abordagem está em permanente crescimento no que se trata dos periódicos nacionais vinculados à Educação Física. De 1990 a 2005, foram mapeados 106 textos em 12 periódicos científicos das duas áreas, e 95 artigos em anais dos congressos nacionais do CBCE e da INTERCOM, que ocorreram neste período. Destes, 18,3% tratavam de aspectos da espetacularização do esporte, englobando elementos relacionados à indústria da informação, e outros 17,32% abordavam questões sobre técnicas midiáticas, envolvendo estratégias e modos de agir do jornalismo esportivo. Do total dos 201 trabalhos mapeados, 29,85% se tratavam de análise de produto midiático (PIRES et al., 2006). Nos sete anos seguintes, de 2006 a 2012, foram mapeados 16 periódicos nacionais da área da Educação Física e 193 artigos que estabeleciam a relação mídia, comunicação, esporte e Educação Física foram encontrados. Do total dos trabalhos, 31,09% fazem uma abordagem metodológica de análise do produto midiático, 9,33% se concentrou nos estudos sobre espetacularização e outros 4,66% abordou questões sobre as técnicas midiáticas (SANTOS et al., 2014).

O que os dados nacionais sobre o desenvolvimento acadêmico-científico das duas áreas – Comunicação e Esporte – em inter-relação nos apresentam, é que há um lastro de conhecimento produzido nacionalmente e um conjunto de subsídios teóricos e práticos que podem servir a uma formação ampliada e crítica sobre a heterogeneidade do esporte, especialmente como fenômeno midiático. Mesmo se caracterizando por um isolamento dos diálogos acadêmicos entre os pesquisadores e profissionais das duas áreas (GASTALDO, 2010), o exemplo da inserção do jornalista Vinicius em um curso de pós-graduação em Educação Física, em âmbito de mestrado, representa uma possibilidade candente para a qualificação do jornalista e, por consequência, do jornalismo esportivo. Caldas (2005, p. 99) chama atenção para a importância deste entrecruzamento de saberes na qualificação ética e cidadã do comunicador:

História, política, filosofia, linguagem, antropologia, ciência e tantos outros saberes que se entrecruzam. Todos eles são necessários para

²⁰ A Intercom foi criada em 1977 com o intuito de congregar pesquisadores e fomentar o compartilhamento da produção científica relacionada à comunicação de maneira interdisciplinar. Para saber mais, acesse: <http://www.portalintercom.org.br/a-intercom>. Acessado em 22/06/2017.

uma reflexão acurada dos meios de comunicação. Para decifrar os símbolos e artefatos produzidos pela indústria cultural, para se estabelecer um diálogo crítico com a sociedade, reduzir as incertezas é preciso recorrer às múltiplas áreas do conhecimento.

O dualismo da ordem vigente entre os caminhos teóricos e práticos da formação dos jornalistas, conforme apresentado por meio dos dados até aqui, apareceu de maneiras diversas e em diferentes momentos no processo formativo dos participantes da pesquisa. A reflexão acurada e o diálogo crítico com a sociedade, através do entrecruzamento de saberes, de acordo com a perspectiva referida pela autora supracitada, foram elementos também despertados pela experiência da cobertura jornalística dos Jogos Paralímpicos de 2016, em específico no caso do jornalista André.

ANDRÉ: Agora eu tive a oportunidade de cobrir um evento como a paralimpíada in loco, então assim, pra mim particularmente foi uma experiência única. Conhecer os atletas, conhecer atletas do mundo todo e conhecer melhor essa área, tanto que agora eu quero estudar né? Quero seguir um mestrado na área do paradesporto, então pra mim abriu os olhos também como uma oportunidade acadêmica, então.

A fala do jornalista André também ratifica a perspectiva que reconhece o valor do entrecruzamento de saberes. Esta valorização de formação continuada e de busca por conhecimento em áreas diversas difere, por exemplo, de uma percepção recorrente entre jornalistas portugueses.

No caso de Portugal, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, existia ainda uma forte negação à necessidade de formação acadêmica para os jornalistas e uma tendência a dar prioridade a uma formação profissional única e exclusiva através da dimensão prática. Para os lusitanos, o importante era “a valorização da tarimba face à formação acadêmica; uma certa ideia do facilitismo profissional; uma concepção predominantemente tecnicista do exercício profissional” (CASCAIS, 2003, p. 92).

O jornalista André, diferentemente, revelou o despertar de um interesse acadêmico por uma qualificação científica da sua prática, a partir da experiência que ele viveu na cobertura jornalística dos Jogos Paralímpicos Rio/2016. Este exemplo nos dá indícios de como o movimento paraolímpico e o seu principal megaevento podem ser catalisadores de uma transformação da percepção individual dos jornalistas sobre o

esporte e, assim, possivelmente, transformarem-se também valores e hábitos da cultura jornalística relacionada ao fenômeno.

A diversidade de questões sociais, políticas e esportivas envolvidas no contexto das pessoas com deficiência, em específico no esporte paraolímpico e nos Jogos Paralímpicos como fenômenos característicos da heterogeneidade do esporte contemporâneo (MARQUES; GUTIERREZ, 2014), são questões que fazem dessa temática um objeto social que, normalmente, desperta muito interesse e curiosidade. Do ponto de vista comercial, ele tem se caracterizado como um nicho de mercado de trabalho com potencial de investimento por ser um fenômeno relativamente novo – tem seus primeiros registros oficiais datados de 1960 – e que está em eminente processo de midiaticização e espetacularização, mobilizando altos recursos financeiros devido, também, ao seu alto custo, como exemplo as próteses e as cadeiras de rodas de alta tecnologia, e o auxílio permanente de equipes médicas multidisciplinares (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Ademais, o esporte paraolímpico também pode se caracterizar como um potente catalisador de transformações sociais no que diz respeito ao processo de inclusão e desestigmatização das pessoas com deficiência, a depender da abordagem que seja veiculada pelo discurso midiático (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010).

O que percebemos na fala do jornalista André foi que a experiência prática da cobertura jornalística *in loco* dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 tornou-se um impulsionador para a busca por qualificação acadêmica diretamente relacionada ao jornalismo esportivo paraolímpico. A atuação profissional do jornalista no megaevento esportivo para pessoas com deficiência, neste caso, foi um meio de sensibilização e de percepção da necessidade e/ou do interesse pela formação acadêmica e por uma qualificação da cultura jornalística relacionada ao esporte e ao esporte paraolímpico por parte do jornalista.

A perspectiva indireta de formação continuada que não tinha relação objetiva com o jornalismo esportivo se evidenciou no caso específico do jornalista Francisco, o qual buscou e se especializou em jornalismo social. Este, devido à sua própria experiência de vida como usuário de cadeira de rodas - a qual citaremos e discutiremos em seção posterior do trabalho – através do jornalismo social foi paulatinamente se aproximando e se vinculando ao jornalismo esportivo paraolímpico. Segundo ele afirma, sua formação e especialização neste âmbito do jornalismo levou-o à cobertura

do esporte paraolímpico por compreendê-lo, também, como um fenômeno social, que vai além da dimensão esportiva.

FRANCISCO: Eu fiz Comunicação Social – Jornalismo na Federal de Mato Grosso do Sul. Logo em seguida eu vim pra São Paulo porque eu passei em um programa de treinamento aqui da “Nacional 2”. Então desde 1999 que eu trabalho aqui na “Nacional 2”. Inicialmente eu era repórter da agência “Nacional 2” que é um setor do Jornal que cobre os estados brasileiros, os diversos estados brasileiros. Logo no começo da minha carreira eu segui pelo caminho do jornalismo social. Fiz uma pós-graduação na PUC aqui de São Paulo, fiz um curso na escola do Gabriel Garcia Marques, ali na Colômbia. Enfim, tive muita ligação com o chamado jornalismo social. Eu digo isso porque eu acho que o esporte paralímpico, por mais que queira se forçar uma interpretação de que ele é puramente uma modalidade esportiva, eu resisto a isso porque eu acho que há uma ligação ainda muito forte com a questão social, o esporte paralímpico.

Esta fala do jornalista Francisco, em determinada medida, abre a possibilidade para problematizarmos tudo aquilo que já foi discutido até aqui sobre formação acadêmica dos jornalistas e dos jornalistas esportivos. Uma problematização tanto sobre o que se refere ao distanciamento entre as dimensões teóricas e práticas do jornalismo na formação dos seus profissionais, como sobre o que se trata das especificidades e aprofundamentos possíveis neste processo formativo para a qualificação da abordagem jornalística do esporte. O caso do jornalista Francisco representa um exemplo de como a formação do jornalista pode superar o característico distanciamento entre teoria e prática existente no processo formativo destes profissionais (MARQUES J., 2013) e exemplifica também como um processo de formação continuada e especializada pode contribuir para uma percepção mais ampliada e uma abordagem crítica do fenômeno esportivo.

A perspectiva do processo formativo pelo qual passou o jornalista Francisco apresenta elementos específicos da sua trajetória – e também da sua condição física, pois é usuário de cadeira de rodas – que trazem contraposições a alguns determinismos sociocomunicativos do jornalismo esportivo e do esporte paraolímpico. Um deles é a quebra da imagem do jornalismo esportivo como uma ação comunicativa pouco séria ou sem tanta relevância social e cidadã frente a temas como política e economia (MARQUES J., 2003). O outro é a perspectiva de jornalismo social apresentada que também vai de encontro a uma abordagem exclusivamente esportivizante, restrita às dimensões esportivas do fenômeno, a qual tem sido indicada pela literatura relacionada

ao tema e por guias que têm sugerido orientações à mídia de formas ideais para cobrir o esporte paraolímpico.

Esta influência da condição física do jornalista Francisco e a experiência de vida dele como usuário de cadeira de rodas são outros elementos as quais aparecem como matrizes culturais para o direcionamento formativo que ele traçou no sentido do jornalismo social. São valores e modos de perceber o fazer jornalístico, assim como a produção de notícias sobre o esporte paraolímpico, que discutiremos na sequência do texto.

1.3. Experiências de vida e o saber da experiência

“Uma *experiência interior*, por mais ‘subjéitiva’, por mais ‘obscura’ que seja, pode aparecer como um *lampejo para o outro*, a partir do momento em que encontra a forma justa de sua construção, de sua narração, de sua transmissão” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 135).

Alguns relatos sobre as experiências de vida relacionadas ao esporte e ao universo da deficiência também apareceram na pesquisa como elementos que compõem a formação cultural de parte dos jornalistas do estudo para lidar com as especificidades do jornalismo esportivo paraolímpico. Citadas pelos interlocutores do estudo, a memória e a percepção das próprias histórias de vidas relacionadas à prática esportiva deles e/ou ao fato de ser uma pessoa com deficiência são elementos que foram associados ao modo intencional, ou até mesmo natural, com que chegam, visualizam e compreendem o jornalismo, o jornalismo esportivo e, em específico, o jornalismo esportivo paraolímpico. Desse modo, identificamos estas experiências referidas pelos nossos interlocutores como mais um elemento que pode ser fundante e conformador de determinados modos de ser e estar na cultura jornalística e esportiva. Podemos considerá-las como experiências sociais e esportivas que gravaram marcas e, ao mesmo tempo, estão gravadas nas matrizes culturais dos jornalistas entrevistados. Ou seja, uma perspectiva dialética de formação cultural em que as experiências coletivas, sociais e midiáticas não só são conformadoras das experiências individuais com relação ao esporte paraolímpico, mas que, também, e sobretudo de maneira reversa, aquelas três primeiras podem ser conformadas e desenvolvidas a partir da segunda.

Conforme supracitado na seção anterior do trabalho, o exemplo do jornalista Francisco, usuário de cadeira de rodas, que traçou a formação acadêmica e continuada

pela via do jornalismo social, também apareceu como indicativo do fato da experiência social e física como pessoa com deficiência tê-lo conduzido naturalmente a tal perspectiva de atuação profissional. A partir da fala do próprio interlocutor, podemos entender como a sua condição física e social de pessoa com deficiência o faz se auto perceber dentro da sua própria trajetória como uma consequência da natureza das coisas, e não como uma coerção ou condução social a partir dos valores e condições com as quais ele foi tendo contato no decorrer da sua trajetória de vida.

FRANCISCO: Então daí, é... há uns 8 anos... quase uma década... eu me voltei um pouco... naturalmente eu me voltei um pouco para a cobertura das questões voltadas à inclusão, à pessoa com deficiência, e criei uma plataforma no jornal, que é meu blog, fez muito sucesso, as pessoas criaram ali empatia com o blog. Depois eu virei colunista do jornal. Então a questão da cobertura paraolímpica, ou dos esportes paraolímpicos, veio também nesse contexto da minha ligação com o jornalismo social, com as questões voltadas às pessoas com deficiência. Uma qualificação estritamente esportiva eu não tive, mas eu acho que ao mesmo tempo que o esporte paralímpico ele crescia no país, ele ganhava fôlego no país, eu sempre fui ligado à esse crescimento e acompanhei esse crescimento. Então mesmo que de uma forma empírica, eu acho que tinha algum tipo de familiaridade com o assunto. Quando houve a parolimpiada de Londres, é... em Pequim eu tava envolvido com outras questões aqui no Jornal, mas Londres o jornal me arregimentou pra ir fazer a cobertura dos Jogos. Então foi nesse momento que houve um estreitamento meu com os Jogos em si.

A experiência da deficiência, neste caso, aparece como elo conector do jornalismo social com a cobertura do esporte paraolímpico. A ligação do referido jornalista com o jornalismo esportivo paraolímpico ocorreu de modo diferente do que vimos até aqui, com outros jornalistas entrevistados. Não foi nem por uma mediação familiar e também não foi por uma mediação institucional da trajetória acadêmica que ele traçou. Francisco chegou até o contato com o movimento paraolímpico principalmente devido às marcas corporais e físicas da sua deficiência motora e, consequentemente, também por ser usuário de cadeira de rodas.

A partir do modo como o próprio jornalista se expressa - “naturalmente eu me voltei um pouco para a cobertura das questões relacionadas à inclusão, à pessoa com deficiência” – destacamos aqui a experiência de vida como elemento agregador e como valor a ser levado em consideração na compreensão da cultura jornalística de modo geral, e na relação desta com a cultura esportiva e paraolímpica. O que percebemos com

este dado é que para além de compreender a produção de notícias como uma narração de relatos da vida social (TUCHMAN, 1983), ela pode ter, também, implícita e fundante à parte subliminar e subjetiva do fazer jornalístico, uma atuação permeada pelas experiências de vida e pelo saber da experiência.

Outros três jornalistas entrevistados também mencionaram as suas experiências de vida anteriores como aspecto marcante das suas decisões por inserção no jornalismo e no jornalismo esportivo, assim como também das suas preocupações sobre modos de atuar em uma cobertura jornalística do esporte paraolímpico. No caso dos jornalistas Luiz, Ícaro e Sara, a experiência de prática esportiva, ainda que em âmbito amador ou semiprofissional, apareceu como um aspecto condutor do início das suas carreiras no jornalismo e também dos modos de compreender e agir de cada um na produção de notícias sobre o esporte. As falas apresentadas a seguir revelam como estas experiências esportivas, assim como a deficiência no caso do jornalista Francisco, citado anteriormente, são referenciadas como pontos de partida para a imersão destes no campo jornalístico.

LUIZ: Enquanto criança e adolescente, praticando esporte, joguei muito tempo futsal, joguei futebol também e foi assim, um caminho meio que automático assim e no fim comecei a trabalhar com meu pai, então foi um caminho meio que automático assim pro rádio primeiro.

SARA: Entrei na faculdade daí em 2000 e me formei em 2005. Eu fui parar no jornalismo esportivo porque eu fui jogadora de vôlei durante 14 anos, profissional, então eu sempre gostei de esporte. Já joguei handebol também, basquete, e então esporte... já fiz dança durante muito tempo, apesar desse meu tamanho, eu fiz dança (risadas), e aí eu joguei vôlei até 2006. Então eu fiz a faculdade enquanto eu tava jogando, que eu sabia que a vida de atleta não ia durar pra sempre. Aí eu me formei, comecei a trabalhar, mas continuei jogando porque eu pensava, tô formada, vou jogar mais um pouco.

ÍCARO: Na verdade a minha escolha profissional pendeu entre a Educação Física e o Jornalismo. Eu fui atleta de esgrima por 20, quase 20 anos, 19 anos. Então durante toda a minha adolescência participava do mundo competitivo e treinava. Ao mesmo tempo sempre fui apaixonado por esporte e escolhi o jornalismo para ir para o jornalismo esportivo. Sempre foi o meu foco.

Esses dados nos apresentam o valor que a experiência de prática esportiva teve, e tem, para a constituição destes entrevistados como sujeitos e, sobretudo, como profissionais. Ao considerarmos a produção de notícias e a cultura jornalística como

meios profissionais inevitavelmente permeados pela subjetividade daqueles que são os seus protagonistas, os jornalistas (WOLF, 1987), as referências mencionadas por alguns dos interlocutores deste estudo nos permitem elencar as experiências de vida esportivas também como fundamentais para a constituição de determinadas formas de agir e de fazer o jornalismo esportivo.

Além de aparecerem como fortes influenciadoras na fase inicial de imersão no jornalismo esportivo, as experiências esportivas da jornalista Sara e do jornalista Ícaro indicam também serem um aspecto interferente na percepção crítica e ampliada que eles possuem acerca do que se trata produzir notícias sobre esporte e do que é fazer uma cobertura jornalística do esporte paraolímpico. Conforme veremos a seguir, estes jornalistas rememoram as modalidades que praticavam e a percepção do espaço marginalizado que estas tinham na cobertura midiática de modo geral. A partir disso, eles apresentam as suas percepções sobre a importância de uma cobertura jornalística que, minimamente, inclua e dê atenção ao esporte adaptado para pessoas com deficiência.

SARA: Ah, acho que pelo fato de ter sido atleta também. Ia para os Jogos Abertos, tinha os ParaJasc²¹, acho que isso assim. Tu sabe o que é ser um atleta, tu sabe que tu treina pra "caralho", que tu não é reconhecido, que tu ganha mal pra caramba, então não tem porque ficar falando, "ai, meu Deus, que triste", não, vamos valorizar o esforço de cada um ali, mais nesse sentido, sabe? Convivi com o esporte desde que eu comecei a fazer balé com cinco anos, que eu comecei a jogar vôlei com 10, então sempre, sempre nesse meio. Sempre tive contato... amigo que é técnico de não sei o que, uma amiga é fisioterapeuta e foi pra vários ParaJasc, então tinha uma relação assim. Eu odeio coisas de coitadismo, então se me obrigassem a fazer eu faria, mas sou totalmente contra se tivesse que fazer.

ÍCARO: Ah, isso aí vem a minha experiência como atleta assim, que eu acompanhei gente da esgrima com cadeira de rodas. Gente que treina muito. Dedicava sua vida a isso, sabe? Então, fazer esporte pra essas pessoas não é uma superação. Fazer esporte é a atividade principal da vida dessas pessoas e elas fazem essa atividade com foco em resultado e em rendimento como qualquer atleta, não tem diferença. [...] Eu tive esse contato com atletas com deficiência. Um contato assim não muito próximo, porque o treino era separado. A maior parte do treino era separado. A gente fazia algumas coisas com eles assim, mas é diferente, é outro tipo de... outro tipo de situação, na esgrima especificamente, mas eu tinha esse contato que me deu essa questão do... de saber que são atletas.

²¹ ParaJasc é a sigla referente aos Jogos Abertos Paradesportivos de Santa Catarina.

Estas duas falas, da jornalista Sara e do jornalista Ícaro, nos remetem diretamente ao centro do objetivo desta pesquisa e nos permitem vislumbrar como a experiência de vida e, sobretudo, a experiência da prática esportiva em modalidades olímpicas, ou outras modalidades pouco valorizadas e pouco reconhecidas na cultura esportiva nacional, configuram-se, neste caso, como um elemento catalisador para a superação da monocultura do futebol que, tradicionalmente, permeia o discurso midiático-esportivo do país (BETTI, 1998; 2001; MARQUES, 2003; 2013). Nestes casos, identificamos como a experiência esportiva forma-os e mobiliza-os como diferenciados construtores de notícias sobre fatos esportivos e também como ambos podem ser tomados como referências de experiências, as quais aparecem como meio de sensibilização e de reconhecimento da causa social e esportiva que envolve o contexto jornalístico do esporte paraolímpico.

A referência das experiências dos jornalistas para os seus respectivos modos de agir para com o esporte paraolímpico na produção jornalística pode ser associada ao que Bondía (2002) denomina como o saber da experiência, que ele define como:

O que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. E esse saber da experiência tem algumas características essenciais que o opõem, ponto por ponto, ao que entendemos como conhecimento (BONDÍA, 2002, p. 27).

A experiência física e social da deficiência vivida pelo jornalista Francisco, assim como as experiências esportivas mencionadas pelos jornalistas Luiz, Ícaro e Sara, aparecem, portanto, como dados que valoram e reforçam a importância destas histórias de vida na formação cultural de profissionais do jornalismo, neste caso, em específico, do jornalismo esportivo e da sua especialidade paraolímpica. Estas experiências são não só formadoras, mas são, sobretudo, mobilizadoras de um modo diferenciado de perceber e narrar o esporte paraolímpico. Em síntese: “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (BONDÍA, 2002, p. 25–26).

Sobre a relação do narrador com a sua experiência, Benjamin (1985), ao descrever a história do escritor russo Nikolai Leskov como exemplo ideal de um narrador, afirma que:

O emprego de agente russo de uma firma inglesa, que ocupou durante muito tempo, foi provavelmente, de todos os empregos possíveis, o mais útil para sua produção literária. A serviço dessa firma, viajou pela Rússia, e essas viagens enriqueceram tanto a sua experiência do mundo como seus conhecimentos sobre as condições russas. Desse modo teve ocasião de conhecer o funcionamento das seitas rurais, o que deixou traços em suas narrativas (BENJAMIN, 1985, p. 199).

Os traços na narrativa advindos das experiências de vida e profissionais, os quais são mencionados pelo referido autor, representam, naquele caso, a riqueza e a valorização das experiências humanas como fatores a serem retomados e revalidados no âmbito da nossa história de vida e de sociedade. Desta forma, estaríamos retomando a condição de humanidade que se reconhece como tal – seres humanos - diante da reificação da vida imputada pelos processos de racionalização e objetividade, ocorrentes na modernização da sociedade e, conseqüentemente, das profissões, não sendo diferente com o jornalismo e com o esporte. Em outras palavras, reconhecer o valor das experiências de vida é uma forma de compreender a formação cultural dos diferentes contextos e fenômenos da sociedade de uma forma ampla e, antes de tudo, de maneira a valorizar a existência humana e a memória dos indivíduos na constituição do coletivo social. De tal modo, sem desprezar o conhecimento técnico e científico do jornalismo, conforme discutido na seção anterior deste capítulo, teríamos construtores de notícias – ou narradores, conforme denomina Benjamin - e as suas respectivas narrativas, permeadas pelas experiências vividas também como conhecimento a ser levado em consideração para a formação cultural e profissional dos jornalistas. Além disso, ainda consoante a Benjamin (1985), a experiência permite ao narrador ter propriedade e ser sensível às condições sociais existentes acerca do fenômeno que ele venha a narrar.

A fala dos jornalistas citados nos permite, dessa forma, reconhecer e indicar como a experiência social da deficiência por parte de Francisco, e as experiências esportivas de Luiz, Ícaro e Sara foram aspectos fundantes para exercerem as suas capacidades e potencialidades como narradores, ou melhor, como produtores de notícias. Ao entendermos a notícia como um constructo social, produzida dentro de um campo de forças, permeado por uma série de questões subjetivas dos próprios jornalistas

e editores, assim como também por questões objetivas e institucionais da indústria midiática e dos meios de comunicação de massa (TUCHMAN, 1983; WOLF, 1987, 2001), a experiência da deficiência e a experiência esportiva destes jornalistas podem ser identificadas como uma característica que pode qualificar e ampliar a formação cultural destes profissionais para a posterior atuação deles. Conforme afirma Benjamin (1985, p. 215):

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens - é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual mesmo o mais profundo choque da experiência individual, a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento.

Estas experiências aqui citadas, nesta perspectiva benjaminiana, podem levar os narradores – jornalistas esportivos - a flutuar em torno da complexidade do fenômeno social ao qual as experiências deles são referentes (a deficiência, o esporte e o esporte paraolímpico). Desse modo, diante dos relatos dos jornalistas, considerando-os como narradores benjaminianos, eles podem perceber e se sensibilizar com diferentes aspectos relacionados ao seu objeto de trabalho a partir das próprias experiências, neste caso, o trabalho com o esporte paraolímpico.

No caso específico do esporte paraolímpico, estes jornalistas que citaram as suas experiências de vida e esportivas apresentam-se como pré-dispostos a perceberem a marginalização que essa manifestação esportiva ainda sofre por parte da mídia de massa no país. Por exemplo, no caso da jornalista Sara e do jornalista Ícaro, que praticaram vôlei e esgrima, respectivamente, ambas são modalidades esportivas que sofrem também deste mesmo problema de falta de visibilidade e de espaço midiático no contexto brasileiro – ainda que não possamos deixar de considerar que o vôlei, diferentemente da esgrima, tenha passado por um processo de midiaticização e tenha angariado espaço na mídia nacional nos últimos anos.

Ao serem estigmatizados pela experiência da deficiência (como o caso do jornalista Francisco) ou até mesmo por terem praticado uma modalidade esportiva compreendida como menor no âmbito do esporte nacional (como os casos dos jornalistas Ícaro e Sara), os jornalistas mostraram-se mais sujeitos a se sensibilizarem e a reconhecerem a necessidade de um trabalho inclusivo na cobertura jornalística sobre o esporte paraolímpico. Grupos estigmatizados, mesmo que por diferentes motivações

e/ou características, tendem a se sensibilizar pela causa e pelo estigma do outro (GOFFMAN, 2012). É uma forma de auto identificação e reconhecimento social intergrupos que, a partir das suas experiências sociais coletivas e/ou individuais formadoras das respectivas intersubjetividades, constituem uma identidade, um afeto social e geram uma autoconfiança (HONNETH, 2003), que, neste caso, é entre os jornalistas esportivos e os atletas e pessoas com deficiência.

O papel das experiências sociais e esportivas dos jornalistas supracitados (Francisco, Ícaro e Sara) no processo de formação cultural e profissional deles como possibilidade de sensibilização para atuação na cobertura jornalística do esporte paraolímpico pode também estar imbricado naquela que seria, conforme aponta Benjamin (1985), mais uma das características dos narradores, o senso prático. A narrativa norteadada pelas experiências de vida, “ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” (BENJAMIN, 1985, p. 200). A utilidade referida não estaria associada a um uso utilitarista ou oportunista da experiência. Por exemplo, as experiências citadas pelos jornalistas não indicam que estão sendo utilizadas como forma de atribuir autoridade ao jornalista esportivo no cerne da cultura jornalística e na cobertura do esporte paraolímpico. Neste caso, o senso prático e a utilidade das experiências de vida - da deficiência e esportivas - configuram-se como “sabedoria” dos jornalistas para possivelmente “aconselharem”, por exemplo, a definição de pautas, os critérios e os valores, ou seja, possíveis modos de narrar e cobrir o esporte paraolímpico.

Para Benjamin:

A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um “sintoma de decadência” ou uma característica “moderna”. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (BENJAMIN, 1985, p. 201).

No caso específico do jornalismo esportivo, e especificamente relacionado ao esporte paraolímpico, narrativa da qual estamos tratando aqui, a extinção da sabedoria e o sintoma da decadência estariam, assim, nas condições modernas e contemporâneas de produzir notícias e também nos modos de se compreender as pessoas com deficiência. O

jornalismo esportivo e paraolímpico são áreas de atuação específicas, que fazem parte de uma cultura jornalística mais ampla, a qual se organiza e se aligeira pela “hora do fechamento” (TRAVANCAS, 1993; TUCHMAN, 1983; WOLF, 1987) e que procura trabalhar em tempo real, sobretudo a partir do advento dos portais de informação na internet e a circulação das notícias nas redes sociais, tudo para corresponder e tentar acompanhar a referida evolução das forças produtivas já mencionadas por Benjamin (1985) naquele contexto. Neste sentido, a sabedoria das experiências de vida dos jornalistas Luiz, Sara, Ícaro e Francisco apareceram como uma relevante possibilidade de exercer o senso prático e a utilidade a fim de aconselharem melhores caminhos para a cobertura jornalística do esporte e, em específico, do esporte paraolímpico.

Nesta via interpretativa de associação do fazer jornalístico à compreensão benjaminiana de um modelo dos narradores de experiências sociais coletivas e individuais, não anulamos a crítica que o autor dirige à própria informação jornalística e também não desconsideramos o contexto histórico e temporal da produção do autor. Benjamin (1985), ao criticar a informação jornalística afirma que:

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação (BENJAMIN, 1985, p. 203).

Naquele momento, a intensa modernização da indústria midiática, fortemente baseada nos preceitos da segunda revolução industrial burguesa, ou seja, de extrema racionalização dos processos produtivos, fazia com que o autor visse na informação jornalística - na produção de notícias - uma ameaça à verdade épica da narrativa das experiências. A verificação imediata, a necessária plausividade da informação jornalística e a sobreposição desta aos saberes que vinham de longe - das experiências sociais - representavam, assim, o declínio da narrativa da experiência diante de uma narrativa racionalizada e industrializada, ou seja, diante da notícia (BENJAMIN, 1985).

Vista a inevitável omnipresença da informação como objeto comunicativo na contemporaneidade, sobretudo no que se refere ao formato noticioso da produção jornalística como constructo social, permeado por critérios e valores (TUCHMAN,

1983; WOLF, 1987, 2001), as experiências de vida social e esportivas dos jornalistas aqui citados apresentam-se como possibilidade de validar a amplitude da formação cultural e profissional deles. Os jornalistas, ao citarem que a partir das suas experiências compreenderam que o atleta com deficiência deve ser entendido e veiculado como um atleta como qualquer outro, apresentam evidências de como as suas experiências individuais podem “aconselhar” a produção jornalística deles mesmos sobre esporte paraolímpico, produzindo as histórias esportivas dos atletas sem muitas explicações ou pré-interpretações necessárias e preservando, assim, a arte da narrativa (BENJAMIN, 1985).

Para Benjamin (1985), a validade da experiência do narrador vai de encontro ao caráter efêmero da rotina produtiva das notícias e da informação jornalística, pois esta última se configura em uma realidade fragmentada e colocada na experiência individual das pessoas, sendo que não necessariamente foi vivida por elas. Nesse sentido, a informação jornalística se torna um problema para a narrativa, especialmente porque são histórias da vida social de algumas pessoas, contadas por outras pessoas, que não necessariamente viveram aquelas experiências. No universo midiático-esportivo, podemos associar e exemplificar a crítica da perspectiva benjaminiana através do conceito de falação esportiva (ECO, 1984).

A narração esportiva ou a notícia sobre esporte se configura como uma falação, criando expectativas, polêmicas, elegendo ídolos e vilões, contando as histórias de vida dos atletas (BETTI, 1998a, 2001), de um modo tal que pode criar a ilusão ao leitor, ouvinte e/ou telespectador, de que ele mesmo vivenciou aquela experiência de prática esportiva. É como se o falante e o ouvinte estivessem praticando o próprio esporte, quando, na verdade, não teriam vivido experiência de prática esportiva alguma, senão a experiência do consumo. É o esporte elevado ao cubo: praticado por um, narrado por um outro e assistido por um terceiro (ECO, 1984). Ou seja, é uma forma de terceirização da experiência através de uma narrativa massificada pelos meios de comunicação. Isto consiste em uma substituição da experiência formativa da prática do esporte pelo tempo de consumo e assistência via meios de comunicação de massa (PIRES, 2002).

As falas supracitadas dos jornalistas revelam a vivacidade e o entrecruzamento das suas próprias experiências de vida com a experiência esportiva dos atletas e do esporte paraolímpico, as quais permeiam a narrativa jornalística que afirmaram produzir. Isto remonta à perspectiva benjaminiana sobre a narrativa das experiências ao

afirmar que “ela [a narrativa] mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1985, p. 205). Em outras palavras, a partir das experiências próprias, estes jornalistas podem imprimir nas suas narrativas sobre as experiências paraolímpicas dos outros – atletas com deficiência – o toque artesão sensível do narrador. “Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata” (BENJAMIN, 1985, p. 205). Ainda que devido ao recorte metodológico do estudo não tenhamos dados para evidenciar as marcas das experiências de vida dos jornalistas nas notícias produzidas por eles sobre os JP, o indicativo do relato deles ao menos nos permite afirmar que tais experiências proporcionaram uma formação cultural crítica para os modos como eles percebem o processo de produção de notícias sobre o esporte e o esporte paraolímpico.

Do fim ao cabo, a valorização das experiências dos jornalistas para um possível processo de qualificação da cobertura jornalística do esporte paraolímpico representa aqui um esforço mimético de representação do renascimento dos narradores natos, assim como fora proposto por Benjamin (BENJAMIN, 1985). Podemos considerá-la, portanto, uma forma de resgate do saber da experiência como meio válido e possível de sensibilizar o fazer jornalístico voltado ao esporte paraolímpico para além dos ditames e pressupostos unívocos da racionalização formativa do âmbito acadêmico. Tal como afirma Bondía (2002, p. 26):

A experiência funda também uma ordem epistemológica e uma ordem ética. O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. O que ocorre é que se trata de um saber distinto do saber científico e do saber da informação, e de uma práxis distinta daquela da técnica e do trabalho.

O valor das experiências não foi discutido até aqui com o intuito de renegar a profissionalização e/ou a formação acadêmica e continuada dos jornalistas. Pelo contrário, o indicativo apresentado nos dados e o encaminhamento interpretativo que demos nesta seção do trabalho não tem relação com a sustentação da presença de especialistas esportivos (ex-atletas, ex-técnicos, ex-dirigentes) para comentar ou cobrir megaeventos esportivos. A presença destes especialistas ocorre sem que estes personagens midiático-esportivos tenham alguma preparação comunicativa e/ou

jornalística para atuarem neste campo profissional. Tal situação é considerada uma forma de tentar dar credibilidade e imputar poder simbólico ao discurso midiático sobre o esporte, uma forma de sobreposição e busca por legitimidade do domínio do campo midiático sobre o campo esportivo (SANFELICE, 2010). Portanto, as experiências e o saber da experiência dos jornalistas foram apresentados nesta seção como forma de valorá-las a partir do seu caráter sensibilizador e de distingui-las do racionalismo técnico-científico da formação acadêmica em jornalismo.

A referência a estas experiências com a deficiência e/ou com a prática de uma modalidade esportiva emergiram dos dados da pesquisa e, a partir da perspectiva benjaminiana, as identificamos como potenciais contributos à cultura jornalística voltada ao esporte paraolímpico, sobretudo no que se trata do processo de desestigmatização das pessoas e atletas com deficiência nos meios de comunicação de massa. A experiência de vida dos construtores das notícias no caso aqui discutido, pode fazer destes jornalistas, por exemplo, potenciais mediadores comunicativos, midiáticos e jornalísticos sensíveis e atentos às peculiaridades do esporte paraolímpico e dos atletas com deficiência.

Os grupos de estigmatizados normalmente se resguardam à margem para onde são empurrados na sociedade, buscando formas de sub existir nela. Uma destas formas é elegendo representantes sociais dos seus grupos (GOFFMAN, 2012). No caso do jornalista com deficiência, por exemplo, ele pode exercer o papel social de representante destes atletas no âmbito midiático e, assim, também pode lograr uma transformação da cultura jornalística que, por vezes, produz e/ou reproduz estigmas sobre as pessoas e atletas com deficiência. A sensibilização do jornalista com a cobertura dos JP pode ser resultante de “que quando ocorre que um membro da categoria [jornalista com deficiência] entra em contato com outro [atleta com deficiência], ambos podem dispor-se a modificar o seu trato mútuo, devido à crença de que pertencem ao mesmo ‘grupo’” (GOFFMAN, 2012, p. 32–33).

Grupos estigmatizados tendem a buscar outros grupos que compartilhem a experiência da estigmatização e tendem também a selecionar um representante que tem como principal tarefa “convencer o público a usar um rótulo social mais flexível à categoria [estigmatizada] em questão” (GOFFMAN, 2012, p. 33). No caso discutido aqui, o jornalista Francisco, por possuir deficiência, poderia ser considerado o representante deste convencimento social. Esta possibilidade de representação da categoria insurge ao considerarmos que ele é agente protagonista da produção noticiosa

e, assim, realiza de maneira técnica a mediação cultural de valores, símbolos e códigos, que constituem os mais diversos fenômenos sociais (MARTÍN-BARBERO, 2004, 2009).

Com relação às experiências dos jornalistas ex-atletas, ainda que não tenhamos evidências sobre um possível sentimento de estigmatização sofrido por eles e que possam transferir para os modos como formam o olhar jornalístico para os atletas com deficiência, o saber da experiência de ter praticado esporte em nível profissional ou semiprofissional e também de ter convivido com atletas com deficiência em treinamento, aparenta ser, minimamente, um contributo formativo a estes jornalistas. Este saber os ajudou a compreender os atletas mais como esportistas do que como pessoas com algum tipo de limitação ou comprometimento. Ou seja, mesmo não se configurando como representantes dos atletas paraolímpicos por uma sensibilização de terem sido sujeitos ou de terem feito parte de grupos estigmatizados, a experiência e a *práxis* do esporte, assim como a convivência social com esse grupo de atletas, se apresentam como elementos a serem levados em conta - o senso prático (BENJAMIN, 1985) - dos jornalistas ao se definir os profissionais que venham a compor as equipes jornalísticas de cobertura de um megaevento como os JP ou de uma competição esportiva adaptada/paraolímpica.

Na sequência do trabalho apresentamos como experiências de atuação profissional dos jornalistas entrevistados também emergiram nos dados como contributo do processo formativo deles. São experiências que revelam, de modo geral, o caráter multimídia e multissetorial da trajetória jornalística da maior parte dos nossos interlocutores, em contraponto a uma outra parte menor deles, que construiu suas trajetórias de atuação unicamente no setor esportivo do jornalismo.

1.4. A atuação profissional multimídia e multissetorial

Como pudemos apreender nos dados apresentados até aqui, o processo de formação cultural dos jornalistas participantes do nosso estudo ocorreu de maneiras diversificadas e com diferentes fatores transversais ou centrais, que influenciaram em tal trajetória formativa. Encontramos a influência familiar como elemento motivador para inserção e desenvolvimento crítico do jornalismo esportivo; identificamos a tendência à priorização da aprendizagem na prática existente no processo de formação acadêmica destes jornalistas; e também mapeamos a presença das experiências sociais e esportivas

como possíveis instrumentos catalisadores para o desenvolvimento da atuação profissional dos interlocutores do estudo. Nesta seção do trabalho, apresentamos algumas características da trajetória de atuação profissional dos nossos entrevistados até chegarem ao status de jornalistas esportivos da cobertura dos JP Rio/2016.

As trajetórias profissionais que encontramos nos dados recolhidos revelam mais uma vez o caráter empírico do processo formativo dos jornalistas, assim como já apresentado e discutido em seção anterior, além disso destacam, sobretudo, uma formação através das ações e das experiências vividas por estes profissionais no campo de atuação. Ao relatarem a passagem por diferentes plataformas midiáticas e por diferentes editorias de redações de jornais, os jornalistas apresentam experiências profissionais plurais até chegarem à seção esportiva e, em específico, ao esporte paraolímpico. Este fato indica a possibilidade de termos a formação dos construtores da notícia através da experiência na ação.

Os editores que participaram do estudo apresentaram uma trajetória mais fixa e consolidada no jornalismo esportivo, ou seja, trajetórias que se mantiveram com perenidade na editoria de esporte. Isto, por um lado, se apresentou como uma possibilidade de abordagem jornalística mais ampla e sensível da diversidade e complexidade temática do esporte paraolímpico. Ou seja, por serem experientes no trabalho com o esporte, os jornalistas se apresentaram como capazes de se adaptarem com facilidade a qualquer nova manifestação ou modalidade esportiva. Por outro lado, a longa trajetória no âmbito esportivo pode se apresentar problemática, fazendo com que estes editores vejam a temática do esporte paraolímpico de maneira objetivada, instrumental, realizando, assim, uma cobertura jornalística como qualquer outra, sem considerar as particularidades e nuances dessa manifestação esportiva. Dito de outro modo, editores advindos da tradição de longos anos no jornalismo esportivo voltado ao futebol podem trazer consigo, por exemplo, os vícios de linguagem e os chavões típicos da monocultura futebolística da mídia esportiva (BETTI, 1998a, 2001), para o tratamento e a abordagem jornalística do esporte paraolímpico. As citações a seguir revelam o conjunto de experiências dos editores no jornalismo esportivo.

RODRIGO: No jornalismo, todo o meu tronco de formação ele acabou se direcionando realmente pro esporte, embora eu tenha trabalhado muito em diversas áreas.

MARIANA: Aí então em setembro de 2007 eu já entrei no esporte. Então desses 9 anos e meio, quase 10 anos, a maioria é em esporte assim, então eu tô no esporte desde setembro de 2007.

FERNANDO: [...] cheguei na Bandeirantes em 2002 como coordenador de eventos internacionais. De lá pra cá, eu também me especializei na questão de aquisição de direitos esportivos e na produção de grandes eventos internacionais. Então, essa foi minha quarta olimpíada, fiz três Copas do Mundo, fiz dez 500 milhas de Indianápolis, fiz três Roland Garros, tenho mais de 30 corridas da fórmula Indy nos EUA, tenho final de Champions League. Então, assim, fiz bastante coisa nesse universo esportivo já... já passei bastante pelo mundo também pra poder fazer todos esses grandes eventos [...] Na área esportiva há 14 anos, na área de televisão 20.

MARTINS: [...] eu estive na Copa de 2010 pelo globoesporte.com, e aí voltei. Aí em 2012 fiz parte dessa equipe do CPB, que como falei pegamos mais algumas pessoas pra ajudar, em 2012 o CPB pegou muita gente que, até por uma questão de pessoas com mais experiência em evento fora e até também era mais barato, pegou jornalistas que estavam no exterior já, lá na Europa. Então, fiz parte dessa equipe de comunicação e foi a primeira vez que trabalhei com Jogos Paralímpicos, fiquei somente com o futebol de 5, fiquei amarrado e disse, "curti, quero trabalhar com esses caras de novo!", aí a oportunidade pintou. Voltei para o Brasil para trabalhar na Copa do Mundo e aí depois que acabou vim pra cá.

O “tronco de formação” mencionado pelo editor Rodrigo feito dentro do universo jornalístico do esporte, ou de 10 anos, como no caso da editora Mariana, ou de 14 anos, como o editor Fernando, ou de 7 anos, como o editor Martins, revela um lastro de experiências com o jornalismo esportivo por parte destes profissionais. Apesar de não serem experiências de vida, sociais e esportivas, são experiências diretamente relacionadas à atuação profissional no âmbito jornalístico, o que carrega em si uma dimensão técnica e instrumental da narração e, assim, faz delas distintas daquelas existentes na perspectiva benjaminiana, conforme discutido na seção anterior do trabalho. Mesmo assim, não se pode negar a validade da experiência desenvolvida por estas trajetórias, as quais, inevitavelmente, vão sendo incorporadas ao processo de qualificação destes editores. Como afirma Benjamin (1985, p. 197), “uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação”. Logo, esta experiência prática cotidiana no jornalismo esportivo pode ser tratada como mais uma faculdade do narrador jornalista. Ou seja, esse dia a dia de anos vividos pelos nossos interlocutores nas redações esportivas de jornais, minimamente, pode tê-los

condicionado à capacidade de qualificar os espaços, tempos e enquadramentos a serem feitos para a narrativa noticiosa sobre diferentes manifestações esportivas.

A partir da perspectiva benjaminiana que desenvolvemos até então, a longa experiência jornalística com o esporte por parte dos editores pode ter proporcionado a eles, de maneira positiva, aquelas mesmas faculdades do narrador, citadas na seção anterior. O senso prático, a amplitude do olhar, a memória e a reminiscência são todas qualidades de um narrador, as quais para um editor de esportes experiente, pode ser útil para que eles atuem em seus papéis, dentro das redações, visualizando a complexidade e a inteireza do esporte (BETTI, 2001). Como editores que atuam na mediação das forças presentes na redação de um jornal, tais como os interesses comerciais e políticos da empresa, as exigências das marcas publicitárias que compram espaços ou tempos da mídia e os interesses e subjetividades dos jornalistas e repórteres, a larga experiência deles pode ser um fator facilitador para a atuação profissional cotidiana, sobretudo com relação ao esporte paraolímpico que, conforme apontam Marques e Gutierrez (2014), é uma manifestação do esporte ainda incipiente em seu processo de midiaticização e mercadorização. Por conta desta incipiência, o esporte paraolímpico é um tema esportivo noticioso, que ainda mobiliza poucos interesses políticos e comerciais na indústria midiática. Este fator pode diminuir as tensões de forças existentes na redação jornalística para cobrir tal manifestação esportiva.

A experiência perene dos editores no mundo esportivo também pode ajudar a consolidar o esporte paraolímpico como uma pauta esportivizada na construção dos cadernos esportivos dos respectivos jornais onde eles trabalham. Isto significa dizer que o esporte paraolímpico pode, a partir do olhar amadurecido desses editores colaboradores da pesquisa, ser tratado e abordado na editoria de esportes para além da pauta social ou de comoção em que normalmente se veicula. Com editores que têm passagens por coberturas de inúmeros megaeventos esportivos, tais quais são os JP, imagina-se que a transposição dessa experiência ocorra de maneira a tratar o megaevento paraolímpico tão seriamente e de modo esportivizado como se noticia todos os outros. Esta, inclusive, é a expectativa e o formato mais indicado pelo IPC (2015), pelo CPB (2010) e pelos guias de orientações (BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION, 2012; INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014; PAPPOUS; SOUZA, 2016) que foram produzidos para a mídia.

A normalização do esporte paraolímpico como pauta eminentemente esportiva por parte de editores com longa experiência jornalística no esporte, todavia, pode

também fazer com que não se tenha o devido cuidado com as nuances e particularidades do esporte paraolímpico em meio à objetividade e à hora do fechamento da cultura jornalística, e diante da velocidade e do imediatismo dos portais de informação na internet. O esporte paraolímpico como manifestação esportiva contemporânea se apresenta de maneira heterogênea e complexa (MARQUES; GUTIERREZ, 2014). Ele possui características e formas de se organizar próprias, pois envolve uma gama diversa de tipos e graus de deficiências, envolve uma complexa classificação funcional dos atletas e, também por conta disso, possui uma série de adaptações nas regras das modalidades ali disputadas. Entende-se, assim, que um tratamento esportivizado da referida manifestação esportiva na pauta jornalística, o qual faça a cobertura, homogeneizando-a com as demais manifestações e práticas do esporte, pode também ser um problema para a preservação das características originárias do esporte paraolímpico.

No que se trata dos jornalistas entrevistados, conforme apresentaremos a seguir, suas trajetórias perpassam por diferentes mídias e editorias, trabalhando desde temas como política, cidade, economia, site de fofocas sobre celebridades e chegando, por fim, à editoria de esporte. Se por um lado este pluralismo pode corroborar com a formação de narradores, com experiências vividas e passíveis de compreender as diferentes condições sociais, econômicas e políticas do esporte paraolímpico; por outro lado, estas são trajetórias jornalísticas as quais também podem fazer com que se formem jornalistas centrados no caráter técnico da produção de notícias e que buscam operar os procedimentos objetivos do fazer jornalístico, independente da temática com que estão lidando. Ao trabalharem de tal maneira, os jornalistas podem, assim, não desenvolver um olhar sensível para as particularidades da cobertura jornalística de um evento como os JP. Os JP são um megaevento que se constitui como fato social a partir de características específicas e especiais, tanto no que diz respeito ao tema, como no que diz respeito à logística, às especificidades linguísticas, comportamentais, entre outras questões. Visto deste ponto, as experiências multieditoriais dos jornalistas, que apresentamos na sequência, podem se configurar como potencial elemento profissional de influência nos modos de agir deles durante o processo de produção de notícias sobre o esporte paraolímpico

LUIZ: Hoje eu trabalho no rádio e aqui na “Regional 1” também e aqui na “Regional 1” já fiz algumas outras funções fora do esporte. Então já trabalhei em pelo menos outras duas editorias, mas nos

últimos dois anos aí eu já tô na editoria de esporte, que na verdade é o que faço na rádio também, enfim.

SARA: Bom, eu trabalhei a vida inteira com rádio. Trabalhei seis anos lá na Rádio “X” de Porto Alegre e lá eu trabalhava com Geral. Lá na Rádio, e principalmente grande parte das rádios, existem duas redações. Uma redação de jornalismo e outra redação de esportes, e as duas não se misturam. Existem os programas de jornalismo e os programas de esportes, e a equipe é bem dividida. Então, por isso era muito difícil eu participar das coberturas esportivas. Com o enxugamento das redações, a crise no jornalismo, isso começou a mudar muito devagar.

PHILIFE: [...] fiquei quatro anos no esporte, daí eu sai em 2012... continuei na empresa, mas eu sai em 2013, fui pra outra área. Fui trabalhar no site mesmo, no site do “Regional 2” como editora de pauta e depois fiquei um ano em mídias sociais e voltei pro esporte agora em fevereiro. Basicamente é isso, foi bom ter aprendido e atuado em outras frentes do jornal, lidando com outras pessoas, outros gestores, mas já tava agoniada pra voltar, apesar de ser uma rotina bem louca, bem cansativa, eu to mais feliz agora de novo (risadas).

ANTONIO: Sim, aqui fui direto pra editoria de esportes. Desde que eu comecei, basicamente sempre trabalhei com esporte. Dei umas saídas assim no jornal “Y”, de Santa Maria. No Diário “N” eu não trabalhei com esportes, trabalhei em Política, Polícia, um pouco de Geral também, circulei em várias editorias. Geral, Política e Polícia principalmente, mas sempre com esporte assim, ali desde o jornal “Z”, desde 2005 eu tô exclusivamente no esporte, então eu to 11 anos exclusivamente em editoria de esporte.

VINICIUS: [...] comecei no jornal “V” como editor de esportes, aí depois de alguns meses lá, na editoria de esportes, eu passei a ser editor de cidades. Tava editor do caderno de cidades e tal, prestei a seleção da “Nacional 1”, aí quando o processo seletivo me chamou eu voltei pra São Paulo, estabilidade, uma outra perspectiva trabalhando na “Nacional 1”. Então eu tava como editor de cidades lá e acabei vindo pra “Nacional 1”. Dentro da “Nacional 1” eu passei pela edição de texto, passei pela pauta, na coordenação de pauta durante um tempo e voltei pra edição de texto. Aqui em São Paulo, até pouco tempo, a gente não tinha um núcleo de esportes, então eu trabalhava na redação do jornalismo em geral. Sempre que tinha uma pauta ou outra de esportes eu me envolvia, mas eu fazia o geral. Eu trabalhava como editor do repórter Jornal “Tarde 1”. Que é um jornal que a gente tem a uma hora da tarde. Eu era editor desse jornal, mas sempre envolvido com uma coisa ou outra de esportes.

JACIARA: E eu escrevo também para outras revistas que não de esporte. Mas, eu sou praticamente uma repórter esportiva, como falei trabalhei durante 7 anos em redação. Trabalhei no jornal “A”, no jornal “B”, sendo que no “A” como repórter de futebol e no “B” eu trabalhei em outra área. E há 12 anos e meio como freelancer eu faço basicamente esporte, mas não só esporte, faço outras publicações também, mas esporte é o meu grosso mesmo.

O que podemos perceber no conjunto de todas essas falas citadas é que a trajetória de atuação dos jornalistas entrevistados conduziu a maior parte deles a uma permanente transição por diferentes editoriais e pautas jornalísticas. Esta característica nômade indica também a dificuldade de criação e desenvolvimento de uma identidade profissional relacionada ao esporte na cultura jornalística. Apesar de termos um jornalismo esportivo no país, sobretudo relacionado à cobertura do futebol, fortemente entrelaçada ao dia a dia desta modalidade esportiva, quase em uma relação simbiótica de intimidade entre a indústria midiática, os agentes midiáticos (repórteres, narradores, comentaristas) e os agentes esportivos (empresários, gestores e atletas), a fala dos interlocutores do estudo revelam uma identidade fluida com o universo esportivo. Uma relação entre profissional e objeto que se configura de modo passageiro e de modo finalístico, ou seja, que ocorre, de modo geral, por decisão empresarial de distribuição de recursos humanos no interior da redação e que aparenta acontecer unicamente por motivos pragmáticos de noticiar o esporte. Pelo que relataram os entrevistados, eles transitaram por diferentes áreas de atuação no jornalismo até chegarem ao esporte para tratá-lo e noticiá-lo assim como faziam tecnicamente com as outras temáticas, não por terem uma relação afetiva, identitária, preocupada e relacionada ao esporte como fenômeno social.

Esta característica passageira dos jornalistas esportivos que entrevistamos pela editoria de esportes e, em específico, pela pauta do esporte paraolímpico na cobertura dos Jogos, além de implicar em sentimento de insegurança e incerteza profissional com relação ao objeto de trabalho – tema o qual discutiremos no capítulo seguinte sobre as condições e rotinas de produção - pode provocar, também, dificuldades para o desenvolvimento progressivo do reconhecimento social desta manifestação do esporte no âmbito midiático. Sob a perspectiva da teoria do reconhecimento, o primeiro estágio de progressão para a minimização de conflitos sociais – como, no caso, a exclusão ou invisibilização do esporte paraolímpico na cobertura jornalística - seria a criação de uma relação mais próxima intragrupos para o desenvolvimento de uma identidade social, do sentimento de alteridade e de afeto pelo outro (HONNETH, 2003).

Honneth (2003) defende que é a partir da criação da identidade que se alcança um estágio primário de reconhecimento social, de reconhecimento e respeito às diferenças, desenvolvendo, assim, um sentimento de autoconfiança inter e intragrupos

sociais. Ou seja, com jornalistas que permanecessem na convivência e tivessem como pauta regular os atletas e o esporte paraolímpico, teríamos a possibilidade de ao menos estes agentes do campo midiático lutarem pelo reconhecimento social e jornalístico do referido grupo, que é historicamente marginalizado. Assim, somente em uma relação mais permanente entre os jornalistas esportivos e o esporte paraolímpico teríamos a possibilidade de reconhecer social e midiaticamente esta manifestação esportiva.

Para o referido autor, somente depois do desenvolvimento desse processo primário de reconhecimento é possível alçar dimensões mais complexas de participação e visibilidade social, tais como a garantia de direitos e a solidariedade involuntária da sociedade para com os grupos vulneráveis marginalizados (HONNETH, 2003). Portanto, as trajetórias de atuação apresentadas pelos interlocutores do nosso estudo, distanciadas e passageiras pelo jornalismo esportivo, sobretudo com a cobertura jornalística do esporte paraolímpico, pode ser compreendida, então, como uma barreira primária para o processo de reconhecimento social e midiático do esportista com deficiência, no sentido de garantir a essas pessoas, direitos, possibilidades de participação social e também a solidariedade da sociedade com relação a elas.

Ao reconhecermos os limites indicativos dos dados organizados nesta seção do trabalho, que se restringe em um processo descritivo e interpretativo do processo e das trajetórias formativas dos interlocutores do estudo, apresentaremos, no capítulo seguinte, as condições e rotinas de produção de notícias destes jornalistas esportivos na cobertura dos JP 2016. Este presente capítulo, desenvolvido de forma a caracterizar peculiaridades e questões problemáticas da formação e atuação destes profissionais, é entendido como ponto de partida para ingressarmos em especificidades da cultura jornalística relacionada ao esporte paraolímpico, sobretudo no que diz respeito às condições de trabalho, costumes, hábitos, critérios e valores existentes no interior deste universo midiático-esportivo.

2. CAPÍTULO 2 – CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E ROTINAS PRODUTIVAS DA COBERTURA JORNALÍSTICA DOS JOGOS PARALÍMPICOS RIO/2016

2.1. A definição das condições de cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio/2016

A cobertura jornalística dos JP Rio/2016, de acordo com depoimentos dos interlocutores do estudo, se mostrou motivada e influenciada nas diferentes redações de jornal por uma pluralidade de questões e sentidos atribuídos ao que o referido megaevento esportivo pode representar do ponto de vista comunicativo. Identificamos diferentes elementos motivadores da decisão jornalística de cobrir e produzir notícias sobre os Jogos que planam, desde o âmbito subjetivo dos jornalistas, até o âmbito objetivo das instituições midiáticas que eles representam. Nesse sentido, os dados colhidos nas entrevistas e organizados nesta seção do trabalho indicam o caráter polissêmico do interesse jornalístico em realizar o processo de produção de notícias sobre o esporte e os JP.

Sobre o credenciamento e o envio de equipes jornalísticas aos JP, o editor do CPB revela um interesse midiático tardio de uma parte das empresas de mídia do país, inclusive parte relevante da mídia especializada em esporte. O incômodo relatado pelo editor Martins nos permite destacar tanto o improvisado da cobertura jornalística voltada aos JP, como também o fato de estas empresas com interesse tardio terem aguardado o despertar do interesse do público²² em consumir os JP para, somente depois, buscarem o credenciamento para a cobertura.

MARTINS: Ah sim, é, no dia... aconteceu, a gente teve ainda no dia seguinte da abertura o IPC entrou em contato perguntando se era interessante ainda, porque assim, já tinha acabado todos os prazos de credenciamento e como quem fazia credenciamento de TV e rádio

²² O conceito “interesse do público” pode ser definido, em síntese, como o interesse das audiências por determinados produtos midiáticos. Segundo Vidal (2010, p. 4), as informações de interesse do público tocam em assuntos como: “a) histórias de gente como encontrada em situações insólitas, ou histórias de homens públicos surpreendidos na sua vida privada; b) histórias em que se verifica uma inversão de papéis (o homem morde o cão); c) histórias de interesse humano; d) histórias de feitos excepcionais e heróicos”. Este conceito se apresenta em um par dialético com o que se denomina como “interesse público”, que para o autor é “[...] aquela que contribua para o desenvolvimento intelectual, moral e físico do cidadão, com informações que possibilitem ao leitor refletir e tomar decisões em relação ao governo, à saúde, à segurança, à educação, ao trabalho, enfim, exercer a cidadania. Em suma, a notícia de interesse público tem agregado ao seu valor-notícia um valor de cidadania. É o valor que possibilita ao cidadão ter integração e participação na vida em sociedade” (VIDAL, 2010, p. 4).

não-detentores de direitos era o IPC, é... eles ligaram né, como a sede é na Alemanha, eles não conhecem a imprensa do Brasil, então eles perguntaram, Fox Sports, a Bandnews, rádio e a TV, entraram em contato no dia seguinte, no dia 08 de setembro, querendo saber se ainda dava tempo de credenciar, e aí a gente falou que interessa, claro, são emissoras que a gente acha que é importante que eles estejam e ajudem a divulgar aqui. Mas admito cara, que realmente deu vontade de falar não. "Não, pera aí né, não foi nem no sete de setembro, nem no dia da abertura que você descobriu, foi no dia seguinte!?". Quando viu o pessoal postando, quando viu o Sportv transmitindo, quando viu que estava saindo medalha e todo mundo comentando que alguém descobriu que ia ter, e não foi por falta de aviso né? Todo mundo que, principalmente quem trabalha com esporte, acho que sabia depois dos Jogos Olímpicos vem os Jogos Paralímpicos. Mas a gente teve também muita coisa na reta final, muitos pedidos, assim, muito... a gente teve que mudar esse prazo de credenciamento várias vezes e pedir de novo pro Rio/2016 e pro IPC, "olha, pode credenciar mais esse, pode credenciar mais esse", no final assim, foi estressante com isso também porque já não tinha mais como você credenciar uma empresa nova, então você podia até credenciar o jornalista novo desde que fosse por uma outra empresa já credenciada, então a gente meio que tentava... de repente o cara tava usando uma credencial que não era nem do veículo dele assim, mas essa era a única maneira possível para que alguns veículos pudessem estar credenciados lá né!?

A primeira questão citada pelo editor em relação ao interesse tardio e o caráter de improviso de parte da mídia para se credenciar à cobertura dos JP revela a negligência midiática em relação a esta manifestação do esporte. Este dado primário não nos permite evidenciar objetivamente os motivos de tal negligência, mas há hipóteses de que isto se deve, em parte, ao estranhamento estético provocado pelas deficiências ali visíveis (PEREIRA; MONTEIRO; PEREIRA, 2011), afastando, assim, o interesse da mídia em veiculá-las. Outra hipótese comumente levantada é de que isto ocorre devido à baixa cotação publicitária do esporte paraolímpico como fenômeno midiático-esportivo. A lógica comercial das cotações publicitárias é imperativa nos modos de operar e de se organizar da mídia em relação ao âmbito esportivo, conformando o processo de espetacularização e mercadorização do esporte. Um modo operacional que destina mais atenção e visibilidade para aquelas manifestações esportivas com potencial de atrair maiores audiências e, paralelo a isto, também aquelas capazes de captar mais e maiores cotas de publicidade (PIRES, 2002).

O segundo elemento a ser destacado da fala do editor do CPB confirma, em parte, a hipótese da destinação do interesse tardio da mídia esportiva devido ao

despertar do interesse das audiências em consumir os JP. De acordo com o nosso interlocutor, após o crescimento da procura por ingressos dos Jogos e depois da cobrança do público pela cobertura e transmissão da cerimônia de abertura do megaevento paraolímpico²³, a mídia especializada em esporte compreendeu que esta seria uma pauta jornalística de interesse do público e somente a partir disso decidiu se credenciar para a cobertura *in loco*. Assim, este dado confirma como ainda existe um ceticismo comercial em parte da mídia brasileira em relação ao esporte paraolímpico, e também nos permite apontar como são priorizados os interesses comerciais destas empresas em detrimento de considerar a neutralidade econômica e política da dimensão jornalística e informativa no âmbito midiático. Este dado é mais uma evidência de que o processo de midiatização e espetacularização do esporte, neste caso tomando como exemplo o esporte paraolímpico, decorre não só no âmbito do produto final como peça de entretenimento, mas também, e sobretudo, nas decisões *a priori* que são tomadas pelas empresas de mídia de se credenciar ou não para realizar a cobertura jornalística de um megaevento esportivo, como os JP.

O próprio editor do CPB, Martins, tece uma crítica a esta ordem imperativa da lógica midiática em priorizar questões comerciais como forma de justificar a negligência jornalística com relação às manifestações do esporte que são marginalizadas neste âmbito, tais como o esporte paraolímpico. Ao seguir falando sobre o desinteresse e/ou o interesse tardio da mídia, o editor aponta tal situação como falta de visão esportiva e mercadológica dos meios de comunicação de massa, assim como um problema midiático dicotômico a ser resolvido entre as dimensões da publicidade e do jornalismo.

MARTINS: Acho que é uma falta de visão muito grande. Você ser um canal de esporte, um grande veículo e você ignorar um grande evento esportivo que tá acontecendo no seu país, é uma falta de visão. Acho que ainda é, não sei, no caso da Fox, ela faz uma cobertura muito grande de futebol né, mesmo que ela tenha feito a cobertura dos Jogos Olímpicos também, acho que o pessoal... faltou alguém, ou alguma pessoa, não sei dizer assim, ninguém lá dentro sabia. Acho que eles devem ter visto que erraram, perceberam que erraram e que

²³ A cobrança do público pela transmissão e maior visibilidade midiática da cerimônia de abertura dos JP são dados que também se evidenciaram em estudo que estamos desenvolvendo sobre a repercussão da cobertura televisiva dos JP no Twitter como subprojeto do projeto de pesquisa em andamento do Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva (LaboMídia) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que se propõe a investigar diferentes narrativas transmidiáticas acerca dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio/2016, intitulado de “JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS RIO/2016: mídias em convergência (?). Implicações para a cultura esportiva”.

não podiam não estar presente ali, não podiam não estar falando dos Jogos, mas acho que, que foi total falta de visão, ou talvez falta de entendimento do evento como um grande evento esportivo, como um evento de alto rendimento e, de novo, bate naquela questão e acho que o pessoal, espero que tenha aprendido mesmo, tomara [...] Aí acho que é meio o ovo e a galinha também. A gente tem muito patrocinador que procurou a gente na reta final, sabe? [...] Então é... talvez assim, uma empresa não tenha despertado pra isso porque não via na mídia né, então se o cara não vê na mídia, não se interessa. [...] Em parte explica, que se você não vê na mídia, então talvez as empresas não... não vissem potencial, mas também não explica o todo. Tem outras maneiras também de você conseguir.

A situação relatada pela editora Mariana, conforme apresentaremos a seguir, exemplifica, a partir de um caso específico, a dimensão objetiva de uma decisão editorial de cobrir e de ter um jornalista enviado para realizar a cobertura *in loco* dos JP. Uma decisão que se revela pautada, assim como a situação descrita por Martins, pelo critério do interesse do público e não pela questão de se tratar de um fato social e esportivo relevante, de escala global, que se configura como um megaevento esportivo pela sua magnitude. Todavia apesar de ter esta característica e dimensão de megaevento, segundo Borelli e Fausto Neto (2002), a inclusão ou exclusão da pauta jornalística do esporte ocorre, tradicionalmente, a partir do critério do interesse do público, pois:

O esporte tem uma significativa importância para o campo jornalístico, pois a cultura brasileira está permeada por ele. Dessa forma na medida em que a opinião pública começa a se interessar pelo assunto, o esporte passa a ganhar mais espaço e, da mesma maneira, é requisitado aos jornalistas mais especialização para a cobertura (BORELLI; FAUSTO NETO, 2002, p. 66).

No sentido desta perspectiva defendida pelos autores e dos dados apresentados pelo editor Martins, podemos inferir, então, que a realização dos JP/2016 no Brasil pode ter se configurado como o início da inserção do esporte paraolímpico na cultura esportiva brasileira, especialmente em sua dimensão de consumo. Contudo essa composição teórica dos autores com os dados empíricos reforçam mais uma vez como a mídia esportiva tende a se isentar do seu papel de promotora e mediadora cultural das diversas manifestações do esporte até o momento em que elas se apresentem como uma possibilidade rentável de geração de audiências e lucros para a indústria da mídia, assim como foi o caso da decisão editorial e empresarial tomada pela editora Mariana e pelo jornal onde ela trabalha.

Após gerenciar a cobertura dos JO com oito jornalistas enviados ao Rio, a editora relata a sua preocupação ao saber que, por decisão financeira da empresa, não teriam nenhum repórter para produzir notícias diretamente das arenas olímpicas/paraolímpicas durante os JP.

MARIANA: Os Jogos Paralímpicos, a gente tinha o prazo de credenciamento, que era também bem antes tá? E aí a gente decidiu credenciar duas pessoas e a decisão da empresa, como porque aí não entra só uma questão editorial, entra uma questão empresarial, foi esperar até o último momento pra ver se a gente ia ter condições de mandar, depois de todo o gasto da olimpíada, de mandar enviados ou não pro Rio. Daí a gente credenciou duas pessoas e ficou aguardando. Em um determinado momento, mais ou menos acho que uns dois meses antes da Olimpíada, se decidiu que não ia ninguém ser enviado e ok! A gente ficou com... acatou a decisão e tal. Só que o que aconteceu, no dia em que acabou a Olimpíada já começou, a gente já começou a notar um movimento muito grande nas redes sociais, das pessoas nas redes sociais, cobrando já. Já com uma cobrança em relação a imprensa também principalmente. "Ah, agora a gente quer ver como vai ser a cobertura nas Paralimpíadas", porque existe essa crítica constante de que a cobertura é muito menor. Obviamente continua muito menor, até porque o evento é menor do que uma Olimpíada, mas aí começou já a rolar essa crítica antecipada, essa pressão e tal. Nesse mesmo... no mesmo dia, no dia seguinte, terminou num domingo, na segunda-feira eu cheguei aqui e mandei email pra nossa diretora dizendo, "olha, eu acho que a gente tem que reavaliar não mandar ninguém pra paralimpíada porque já existe uma comoção, uma pressão nas redes sociais por isso. Acho que a gente... a gente tem um posicionamento", toda essa questão de... a gente agora tem um posicionamento de estar perto, de estar junto nos assuntos que as pessoas querem acompanhar.

Em primeiro lugar, a declaração da editora revela a atenção antecipada da redação do jornal onde ela trabalha em credenciar jornalistas aos JP, o que indica um mínimo reconhecimento jornalístico da existência do megaevento, condição diferente daquelas mídias mencionadas pelo editor Martins. Porém, ao mesmo tempo, a fala da editora também indica como este megaevento acaba, por vezes, subjugado ao tamanho e ao potencial simbólico dos JO. Neste caso específico, por exemplo, em um momento de contenção de gastos na gestão do referido jornal, podemos identificar como o maior evento esportivo e, provavelmente, o maior evento social para pessoas com deficiência ficou à margem da prioridade midiática e jornalística dedicada ao evento olímpico que o antecede.

O dado que se evidenciou na fala da editora corrobora com o argumento de Howe (2008) e Purdue e Howe (2012) de que a formalização do acordo entre as

instituições olímpicas e paraolímpicas (COI e IPC) para firmar a realização dos JP sempre após os JO e nas mesmas estruturas, apesar de trazer alguns benefícios estruturais e financeiros para a realização dos JP, pode estar impactando negativamente na dimensão e nos interesses educativos do movimento paraolímpico. Com relação ao dado apresentado pela editora, podemos apontar um prejuízo comunicativo que teria sido gerado pela priorização jornalística aos JO, enviando oito jornalistas para cobri-lo *in loco* e, no primeiro momento com relação aos JP, abdicando-se do envio de equipe para o megaevento esportivo paraolímpico, que ocorreria na sequência.

Outras duas questões que a fala da editora Mariana nos possibilita discutir são: o papel de mediação jornalística realizado pelo editor ou editora na relevância a ser atribuída aos JP; e a influência do critério de noticiabilidade na definição sobre as condições de produção da cobertura jornalística dos JP no interior da redação de um jornal. O exemplo da situação enfrentada pela editora evidencia que ambas as questões se apresentam contraditoriamente de maneira dialética para reafirmar o baixo valor midiático e comercial comumente atribuído ao esporte paraolímpico. Dessa forma, por um lado foi preciso a editora indicar ao jornal a relevância dos JP, confrontando a decisão financeira da empresa, fato este que revela a influência subjetiva da jornalista e editora na definição de uma pauta jornalística – subjetividade esta já indicada por Wolf (1987) e Tuchman (1983). Por outro lado, ao tomar a decisão de enviar um jornalista para a cobertura dos JP, pautada pelo critério de noticiabilidade do interesse do público, identificado pela editora nas redes sociais, este dado revela que o esporte paraolímpico pode estar se configurando como um fenômeno esportivo com apelo social de audiências crescentes, o que, automaticamente, vai despertar a atenção midiática devido aos seus interesses comerciais no público consumidor.

O jornalista Francisco, do diário com circulação nacional, afirmou também que o despertar do interesse do público, mesmo que de última hora, foi um facilitador para a sua condição de produção de notícias sobre os JP. Segundo o relato do jornalista, esse interesse gerou uma demanda maior por informação sobre o megaevento, impactando tanto na sua motivação para o desenvolvimento do trabalho, como na liberdade proporcionada pela empresa para que ele produzisse o conteúdo informativo no dia-a-dia dos Jogos.

FRANCISCO: Olha, o elemento que me ajudou muito foi a mobilização que as pessoas tiveram pra contemplar o esporte

paralímpico quando os ingressos começaram a ser vendidos com muita velocidade, quando as arenas começaram a ficar lotadas. O interesse jornalístico aumentou muito. Então isso facilitou demais o meu trabalho. Então assim, se você tivesse um ambiente de que ninguém tem interesse por aquilo e tal, tal, tal, então isso tanto seria um desmotivador pra mim, um desmotivador pro jornal, um desmotivador pro público, então eu teria dificuldade. Mas como houve um interesse de última hora, criou-se um clima de necessidade de cada vez mais informação e isso me ajudou profundamente. Me ajudou profundamente também uma liberdade de produção que o jornal me deu.

Diferentemente da problemática relacionada ao fato de o interesse do público ser o elemento definidor da realização ou não da cobertura jornalística de um megaevento esportivo como os JP, conforme discutido anteriormente, a situação relatada pelo jornalista Francisco exemplifica a relevância que a experiência estética do consumo do esporte por parte do público pode ter para a continuidade e a qualificação do próprio processo de produção de informação sobre o assunto. De acordo com a declaração do jornalista, a cobertura seria realizada por ele, independentemente de o interesse do público ter sido despertado ou não. Então, este elemento surge no exemplo não como critério de noticiabilidade dos JP, ou seja, não como condição para a sua existência midiática e jornalística, mas como aspecto potencializador do processo de produção de notícias sobre o megaevento esportivo.

No caso do jornalista Francisco, este associou a tranquilidade de realizar a cobertura, independentemente do interesse do público – ainda que tomando isto como elemento propulsor - ao fato de ele ter longa experiência no jornal e também por ser colunista do veículo. Dessa forma, a condição de produção da cobertura dos JP em que o jornalista trabalhou não esteve envolta de questionamentos sobre a validade e a pertinência jornalística do esporte paraolímpico como fato a ser noticiado em um periódico com circulação nacional. Todavia, no caso da editora Mariana, ela tratou o fato de ter conseguido a autorização do jornal para enviar um jornalista à cobertura *in loco* dos JP como uma vitória editorial frente aos interesses comerciais e financeiros da empresa. Este dado ajuda a sustentar o indicativo de como o esporte paraolímpico ainda é, do ponto de vista midiático e mercadológico, um fato social e esportivo não muito valorizado no interior da indústria da mídia. Ou seja, o megaevento esportivo paraolímpico, como fato social e esportivo, ainda não é unanimidade como pauta jornalística.

MARIANA: Com certeza, com certeza. Porque assim, é bem o que eu te disse assim, se na segunda-feira a gente não tivesse reavaliado, parado, reavaliado e instigado a empresa a repensar a decisão, a gente não teria ninguém. Então eu acho que foi uma vitória editorial sim, a gente conseguir mandar e garantir uma cobertura um pouco mais... com mais gente, com um enviado pelo menos né?

A vitória editorial conquistada pela editora contraria uma característica tradicional da cultura jornalística apontada por Wolf (1987). Segundo o autor, os interesses organizacionais e institucionais das empresas de mídia normalmente são preponderantes aos interesses e decisões editoriais. No estudo de Travancas (1993), os jornalistas afirmaram que a relação com organizações e instituições midiáticas funciona quase como uma censura interna, para a qual é preciso ter muito jogo de cintura, pois é neste âmbito que muitas vezes eles se sentem esmagados. Na leitura da autora, “para os profissionais [do jornalismo] o equilíbrio está na aceitação do jornal-empresa sem entrega passiva aos valores e filosofias do patrão” (TRAVANCAS, 1993, p. 87). Conforme identificamos no caso da editora Mariana, portanto, a garantia de uma cobertura *in loco* dos JP 2016 pode configurar não só uma vitória editorial e individual da própria editora, mas também uma conquista do esporte paraolímpico no campo de correlação de forças da cultura jornalística, no sentido de se tornar pauta relevante e permanente para o jornalismo, de maneira geral, e para o jornalismo esportivo, em específico.

Junto a estes primeiros elementos que apareceram como motivadores da decisão de cobrir e de realizar a cobertura *in loco* dos JP, a editora Mariana também cita outra característica que a motivou a argumentar com a direção do jornal pela necessidade de enviar um jornalista ao megaevento. Da mesma forma que em sua fala anterior a editora destaca a presença da subjetividade jornalística na decisão tomada, ela também ressalta um dado novo, que é o caráter dessa decisão estar mais voltada à dimensão humana do que à dimensão esportiva dos JP, como forma de promover a necessidade da cobertura jornalística dos Jogos na redação esportiva do respectivo jornal.

MARIANA: [...] e bem ou mal é um assunto super humano, um assunto que as pessoas querem saber, e é aqui no Brasil. Então eu acho que a gente tem que mandar alguém. Aí na segunda-feira a gente já reabriu essa discussão de mandamos ou não mandamos alguém, e uns dois ou três dias depois, ela [a gerente financeira] levou pra direção e tal, aí se bateu o martelo que a gente... então a gente conseguiu reverter e mandar um enviado. Foi aí que a gente conseguiu garantir uma cobertura.

A menção feita pela nossa interlocutora pode, por um lado, indicar o caráter mais humano do esporte paraolímpico no contexto geral do esporte espetáculo. O esporte espetáculo, segundo Bracht (1997) e Betti (1998a, 2001), representa de maneira hegemônica a dimensão do alto rendimento esportivo e, por conta disso, tende a veicular os atletas como máquinas desse rendimento, omitindo, assim, aspectos humanos da experiência atlética de praticar esporte. Baseados neste argumento, podemos inferir que a motivação jornalística de cobrir os JP pela dimensão humana do esporte e dos atletas paraolímpicos é, então, uma perspectiva informativa da mídia, revelada pela editora neste caso, que pode estar preocupada com aquilo denominado por Betti (2001) como um dos aspectos que ajudam a compor a inteireza do esporte: a experiência humana de praticá-lo.

Diante dos limites do presente estudo, considerando que não nos debruçamos sobre o produto jornalístico, mas sim sobre os componentes do processo de produção de notícias relacionado aos JP 2016, o que a fala da editora nos indica é que a cobertura midiática do esporte paraolímpico pode estar ocorrendo por motivação tanto da busca pelas audiências – o que é uma questão pragmática na cultura jornalística - como pela dimensão humana, inerente a esta manifestação esportiva. A justificativa jornalística pela motivação humana pode revelar também a omissão, ou ao menos o caráter subliminar que a dimensão esportiva aparenta ter na influência do interesse jornalístico pelo esporte paraolímpico. O direcionamento do foco à dimensão humana da manifestação esportiva implica, inclusive, em uma distorção parcial do ofício do jornalismo esportivo, que tem como objetivo narrar e relatar fatos cotidianos do esporte. Esta é, inclusive, uma característica da narrativa midiática sobre o esporte paraolímpico, que, segundo Marques R. (2016), tende a secundarizar a dimensão esportiva dos JP, do esporte e dos atletas paraolímpicos.

Questões mais gerais também apareceram como aspectos influenciadores do tamanho e do tipo de cobertura jornalística feita sobre os JP. Uma das questões mencionada pelos interlocutores do estudo foi a crise econômica mundial, que tem afetado as redações de jornal. Conforme citado por editores entrevistados, esta crise impactou na atual organização das redações, levando ao enxugamento da equipe jornalística de muitas delas. Dessa forma, segundo os interlocutores do estudo, também houve impacto no tipo de tratamento que tem sido direcionado à cobertura noticiosa de

fatos sociais de maneira geral, assim como de fatos esportivos, não sendo diferente com o esporte paraolímpico. Segundo afirma o editor Rodrigo, por exemplo, os impactos desta crise são amplos e a cobertura reduzida que os JP tiveram na redação editorada por ele não foi uma particularidade deste megaevento. A fala da jornalista Sara também confirma o impacto da crise na cobertura tanto dos JO, como dos JP.

RODRIGO: Acho que não. A crise econômica, ela não prejudicou a cobertura do ParaJasc. Ela prejudicou a cobertura da Paralimpíada, do ParaJasc, da Olimpíada, do Campeonato Brasileiro, falando de esporte, das eleições, da Copa do Mundo. Ela tem prejudicado o jornalismo brasileiro e mundial. Então a resposta é ampla, não pode se adequar aos Jogos Paralímpicos.

SARA: A gente, por uma questão até de equipe, que a gente tem uma equipe super enxuta, a gente não foi... não foi ninguém, tanto pros Jogos Olímpicos, como pros Paralímpicos também, nenhum jornalista da nossa equipe foi. Todos os anos iam pelo menos um ou dois, mas esse ano ficou tudo com a “Regional 3”. Então a “Regional 3” nos fornecia a grande maioria do material e a gente ficava cuidando da parte... tendo um olhar mais catarinense assim.

Por gestão financeira necessária devido à crise econômica, o jornal onde trabalha a editora Mariana – conforme relato supracitado - enviou somente um jornalista para a cobertura dos JP, enquanto para os JO foram enviados oito jornalistas. Estes dados revelam o valor midiático e jornalístico que o esporte paraolímpico pode estar adquirindo nas redações de jornais, mas ao mesmo tempo reforçam o seu caráter de subserviência ao correlato olímpico. São fatos que indicam, principalmente, a forte influência do potencial publicitário e comercial que o segundo tem em comparação ao primeiro nas decisões jornalísticas sobre a cobertura a ser realizada, por exemplo, se com jornalista *in loco* ou se somente com jornalistas direto da redação²⁴.

O impacto da crise econômica também apareceu como elemento determinante do não envio de jornalistas para a cobertura *in loco* tanto dos JO como dos JP no jornal local onde trabalha o editor Fred. O editor ressalta a diferença da situação atual provocada pela crise, inclusive comparando que durante a Copa do Mundo de 2014 não se mandou jornalistas para cobrir *in loco* também, mas ao menos o jornal tinha dedicado um caderno especial para a realização da cobertura.

²⁴ Uma cobertura jornalística realizada “direto da redação” se configura como uma produção de notícias sobre determinado tema, assunto ou acontecimento que é feita pelos jornalistas no interior da redação do jornal, sem nenhum repórter enviado ao local do fato a ser noticiado.

FRED: Ai é uma questão financeira mesmo, uma questão financeira. Por exemplo, em outros anos, que eu nem fazia parte do esporte, em outros anos acho que, por exemplo, na Copa do Mundo teve um caderno, não foi repórter nenhum pra lá, mas teve um caderno, esse ano nem caderno teve então por uma questão financeira mesmo. A questão da crise que o país passa né. Não só da crise que o país passa, mas também que o setor de jornalismo impresso passa. Acho que é um quadro em todos os locais que você vai visitar é esse, de redução das... mas ai já é uma coisa mais da categoria mesmo, mais de redução mesmo dos quadros de funcionários, redução dos produtos também, entendeu? Unificação de edições de final de semana para ter uma edição a menos, que foi o que aconteceu aqui recentemente. Já aconteceu no Zero Hora, já aconteceu na Gazeta, entendeu? Então a questão é uma questão financeira. Até porque do ponto de vista do jornalista, se falar pro cara que vai ter que ficar 10 dias no Rio cobrindo a Paralimpiada, se tivesse tortura eu ia querer fechar de lá a minha edição. Então, é mais uma opção da empresa mesmo.

Esta declaração do editor é reveladora sobre o comprometimento das condições de produção jornalística causado pela crise política e econômica vivida pelo mundo e, especificamente, pelo Brasil, desde o ano de 2013. Neste caso da cobertura dos JO e JP, o fato de não se produzir o caderno especial para dar destaque aos megaeventos esportivos que aconteciam no país, conforme citado pelo editor, contraria uma prática corriqueira no próprio jornal onde trabalha e também no jornalismo esportivo brasileiro como um todo.

Conforme descrevem Borelli e Fausto Neto (2002), uma das únicas situações em que o campo midiático flexibiliza o seu modo de organização do trabalho em relação ao campo esportivo se dá em ocasiões de realização de megaeventos esportivos. Normalmente, segundo os autores, em períodos de Jogos Olímpicos ou Copas do Mundo de futebol masculino, os jornais impressos alteram suas estruturas editoriais e criam cadernos especiais para fazer a cobertura desses eventos. Além disso, toda a redação do jornal é mobilizada para os fatos em torno dos megaeventos esportivos, pois é o momento de consagrar ídolos, noticiando as suas vidas pessoais, e junto a isso, o esporte tende a ser notícia também nas outras editorias, como cultura, economia, política, internacional e celebridades.

Vista a tendência que caracteriza a cobertura jornalística de megaeventos esportivos no Brasil, a situação apresentada pelo editor Fred ratifica o impacto da crise econômica não só no processo de produção jornalística, mas também no espaço

mediático destinado ao próprio esporte como um todo, não se restringindo ao paraolímpico. Dentro deste universo jornalístico, em que “o espaço dedicado todos os dias ao esporte resulta de negociações, disputas, jogos de interesse travados dentro e fora das mídias” (BORELLI; FAUSTO NETO, 2002, p. 65), o exemplo da situação enfrentada pelo editor Fred nos dá indícios de que nesta negociação da mídia com o esporte, parece que os interesses e prioridades financeiras da indústria midiática prevalecem sobre o valor do esporte como fato social a ser necessariamente noticiado no cotidiano.

Outro elemento a se destacar da fala do editor Fred é sobre a decisão empresarial como fator determinante para a definição da condição de produção de notícias direto da redação. Como afirma o editor: “*se falar pro cara que vai ter que ficar 10 dias no Rio cobrindo a Paralimpíada, se tivesse tortura eu ia querer fechar de lá a minha edição. Então, é mais uma opção da empresa mesmo*”. A fala de Fred demonstra que embora o trabalho de realizar uma cobertura de megaevento esportivo *in loco* seja sofrida, semelhante a uma tortura, ele gostaria de fazê-la ainda assim. Esta fala evidencia também a relevância da relação de co-presença com o objeto de trabalho e com os personagens que compõem a narrativa da notícia produzida pelo jornalista no âmbito esportivo. A partir deste relato, podemos identificar a validade da criação de uma identidade estética de percepção por parte do jornalista para com os atletas paraolímpicos como forma de qualificação da condição de produção das notícias sobre o tema em específico, mas não só sobre ele. É uma exemplificação da eficácia da produção de presença, conforme aponta Gumbrecht (2010), que somente a produção de sentido por si só não conseguiria transmitir. Para o editor, neste caso específico, a presença produzida pela possibilidade da produção jornalística *in loco* se configura como uma preferência jornalística dele, ao invés de se ver limitado a realizar uma cobertura do megaevento estando cercado pelas paredes da redação, atrás das telas dos monitores e restrito aos sentidos produzidos por outros meios de comunicação, que são as vias pelas quais chegam as informações até ele.

Ainda levando em consideração este contexto de crise econômica e de definição das condições de produção jornalística sobre os JP, outro fator influenciador que apareceu na fala do editor Rodrigo, exposta a seguir, foi o modo de organização da mídia através de conglomerados empresariais. Apesar de se tratar da especificidade do caso vivido pelo interlocutor do estudo, o depoimento dele indica que esta conformação

empresarial da mídia foi também aspecto determinante para não enviar jornalistas a fim de realizar a cobertura *in loco* dos JP.

RODRIGO: Bom, assim oh. Primeiro a resposta em relação a não credenciar um jornalista específico... ela possui uma particularidade, uma exceção eu acho que em relação a essa pergunta que você vai fazer pra outras empresas. No caso específico da "Regional 2" foi credenciado sim. Nós tínhamos lá um jornalista, tínhamos fotógrafo, tínhamos gente credenciada pra cobrir pelo Rio Grande do Sul, mas a nossa empresa estava em processo de separação da empresa do Rio Grande do Sul. Então, um credenciamento olímpico, ou paralímpico, ele é feito com até dois anos de antecedência. Aliás, já está sendo feito agora pra Tóquio, então a gente, quando foi feito o credenciamento, tinha uma cobertura em conjunto do grupo e aí houve essa lease, então a gente não tinha como mandar alguém porque não tinha credenciamento. Provavelmente teríamos mandado, assim como mandamos.

O conglomerado midiático que compunha as mídias locais de dois estados, conforme citado pelo editor, comprometeu o possível envio de jornalistas para realizarem a cobertura *in loco* dos JP por parte da mídia na qual ele trabalha. Nesse sentido, portanto, tais dados revelam de que modo a concentração hegemônica de determinadas empresas sobre diferentes mídias locais, tal qual é a situação mencionada, pode atrapalhar a decisão jornalística do editor de enviar um jornalista *in loco* para a realização de uma cobertura mais voltada às dimensões locais. Condição de produção esta que pode prejudicar a possibilidade de mobilização da dialética global-local na cobertura de um megaevento esportivo, como os JP.

Segundo Moraes (1998), os conglomerados midiáticos se formaram principalmente na década de 1990, quando grandes empresas da mídia compraram empresas de comunicação menores, gerando oligopólios e, de tal maneira, mantendo a soberania tecnológica associada ao controle da concorrência e do mercado da informação. Para Pires (2002), tais conglomerados da mídia influenciam diretamente na mediação hegemônica que ela faz da cultura esportiva. A influência ocorre de tal modo que esses oligopólios controlam os símbolos e valores esportivos veiculados nos meios de comunicação de massa. Para o autor, este é um modo de se organizar e de operar do discurso midiático-esportivo que empobrece as possibilidades da experiência formativa do consumo e da prática do esporte, homogeneizando-a. A centralização informativa, por sua vez, gerada pela conformação dos conglomerados, não garante a eficácia do

processo comunicativo, conforme previsto por Wolton (2011). Para o autor, este processo só ocorre quando se é possível produzir e acessar uma pluralidade informacional que garanta e respeite a diversidade cultural dos diferentes pontos de vista existentes na comunidade global.

A situação citada pelo editor Rodrigo, portanto, se dispõe como exemplo do prejuízo comunicativo às condições de produção de notícias sobre os JP/2016, por parte da referida mídia local, devido aos modos de se organizar dos conglomerados midiáticos. Ao se priorizar o envio de jornalistas de somente uma das mídias locais que compunham o conglomerado referente, o editor viu suas possibilidades de produção de notícias limitando-se a uma cobertura jornalística realizada direto da redação, perdendo, inclusive, a oportunidade de estabelecer uma relação de identidade estética presencial (GUMBRECHT, 2007, 2010), conforme citada anteriormente, entre os jornalistas e os atletas no dia a dia da competição.

Um último elemento que pudemos identificar na fala dos interlocutores em relação ao credenciamento e à participação na cobertura jornalística dos JP foi a relevância da união de uma política editorial, voltada à valorização do esporte paraolímpico, com a disposição subjetiva de alguns jornalistas em se dedicar a este processo de produção informativa por interesse profissional próprio. No caso específico dos jornalistas André, Vinicius e do editor Fernando, além do fato de trabalharem para uma mídia nacional detentora dos direitos de transmissão dos JP e, por conta disso, com garantias de benefícios jornalísticos na cobertura do megaevento – discussão que faremos mais adiante no trabalho – a produção de notícias e a visibilidade do esporte paraolímpico aparentam ser uma política editorial já consolidada da referida mídia. Segundo relato do jornalista André, esta decisão editorial de priorizar o esporte paraolímpico e o olímpico frente a conteúdos esportivos hegemônicos, como o futebol, contribuiu para as condições da cobertura no momento de realização dos JP.

ANDRÉ: E a gente... a gente começou a produzir conteúdo em São Paulo e aí quando eles decidiram da cobertura dos Jogos Paralímpicos eu acabei indo pra cobertura dos Jogos, assim como o Vinicius. Vinicius foi como narrador e eu fui como repórter pra cobrir a natação, esse período todo do ao vivo [...] Já tinha feito matérias. Não tinha feito muita coisa, até porque como eu te disse. A maior parte do tempo eu estive no esporte e focado na cobertura do Santos. Então, era o dia a dia, era o trabalho de setorista. Então era mais difícil esse contato. Mas eu já tinha feito trabalhos com atletas com algum tipo de deficiência. Eu já cheguei a fazer matéria de um tipo de deficiência que não se enquadra no paralímpico. Eles têm a sua

própria olimpíada, que é a Surdolimpíada né? Ele era da natação, um atleta aqui da cidade, que eu conheço, inclusive, desde pequeno. Ai, mas eu já conhecia um pouco do segmento, mas foi mais quando eu fui pro núcleo de esporte aqui na “Nacional 1” [...] Ela tem o costume de falar de futebol, fala, mas a gente prefere dar espaço pro esporte que geralmente não costuma ter grande destaque da mídia convencional, que são os esportes olímpicos e, principalmente, paralímpicos.

O viés editorial apontado por André se configura, no entanto, como uma forma política de, ainda no início do processo de produção de notícias, estabelecer um equilíbrio do espaço jornalístico entre o esporte paraolímpico e, conforme aponta Betti (1998a, 2001), a predominante monocultura do futebol na cultura da mídia brasileira. Este dado também se contrapõe à tendência encontrada por Solves, Sánchez e Rius (2016) acerca da cultura jornalística espanhola relacionada aos JP. Naquele contexto, os JP estão posicionados como a pauta “pobre” no jornalismo esportivo em comparação ao futebol, que seria a pauta “rica”, sobretudo pelo fato de o espaço midiático dedicado a este segundo ser, normalmente, muito maior que para o primeiro, mesmo no momento de realização do megaevento esportivo paraolímpico.

Junto a esta política editorial mencionada pelo jornalista André, a fala do jornalista Vinicius revela como esta pré-disposição institucional da empresa onde eles trabalham, associada à possibilidade e ao interesse subjetivo dele em viver a experiência de uma olimpíada, se constituíram como aspectos motivadores que desencadearam na condição de sua participação na cobertura de ambos os megaeventos, tanto dos JO como dos JP.

VINICIUS: Ai o caminho pra chegar até os Jogos Paralímpicos, na verdade a rádio “Nacional 1”, que também é da “Nacional 1”, comprou os direitos dos Jogos Olímpicos e a TV tinha o direito dos Jogos Paralímpicos. Ai há uns dois meses dos Jogos Olímpicos mais ou menos, rolou uma reunião para o pessoal falar de como seria a cobertura dos Jogos Olímpicos. Eu tava com as férias marcadas para os Jogos Olímpicos. Ai o pessoal falou “ah, uma das dificuldades que a gente tem para os Jogos Olímpicos é que a gente tem pouco narrador na rádio”. Imagina, a última vez que eu tinha feito narração na minha vida tinha sido em 2007, no meu tcc, primeira e última. Mas eu me dispus, falei “pow, é a chance de ir para os Jogos Olímpicos” sabia que ia ser tudo offtube, tudo de dentro da emissora, mas me apresentei e me dispus. O pessoal falou, “não, beleza, se quiser vem pro Rio”, a empresa providenciou tudo, diária, passagem. Então fui pro Rio, fiz os Jogos Olímpicos e ai já ficou engatilhado pra fazer a Paralimpíada na tv também. E acabou que eu não fiz só narração dos Jogos Olímpicos, fiz um pouco de narração, um pouco de reportagem,

um pouco de comentários, plantão. E aí, assim, isso me credenciou também para trabalhar nos Jogos Paralímpicos quase que automaticamente já. O chefe, acabando a olimpíada ele já apontou pra eu ir para os Jogos Paralímpicos. Eu acabei voltando para os Jogos Paralímpicos pra fazer a cobertura ai sim como narrador. Uma coisa ou outra de apresentador de cerimônias né? A abertura e o encerramento eu também participei da apresentação, mas essencialmente o trabalho foi como narrador na Paralimpiada.

A fala do jornalista Vinicius revela que o seu interesse subjetivo em participar da cobertura dos JO e, posteriormente, a sua experiência em ter realizado este trabalho, o credenciaram no interior da empresa para fazer também a cobertura dos JP. Como destaca Tuchman (1983), a subjetividade dos jornalistas é um fator inerente e fundamental para a motivação do processo de produção de notícias, especialmente no que se trata de pautas alternativas, as quais contrariam as prioridades comuns da cultura jornalística. Nesse sentido, a disposição apresentada pelo jornalista Vinicius, primeiro em relação à cobertura olímpica e, na sequência, em relação à cobertura paraolímpica, reafirma a relevância da dimensão da subjetividade jornalística nesse processo de criação de condições para a cobertura de um megaevento esportivo negligenciado no âmbito midiático, como os JP.

Além da dimensão subjetiva que identificamos na fala do jornalista Vinicius, ficou evidente também que a sua experiência com a cobertura olímpica o credenciou para a cobertura paraolímpica, que ocorreu na sequência. Esta experiência de Vinicius com a cobertura olímpica, nas palavras de Tuchman (1983) sobre a cultura jornalística, está relacionada à reserva de conhecimento adquirida pelo profissional. Uma reserva que, segundo a autora, garante ao jornalista um melhor controle das condições de produção noticiosa e também uma melhor organização informativa. O exemplo do jornalista Vinicius, portanto, indica a relevância também de se direcionar à cobertura dos JP, jornalistas com experiência profissional de cobertura de JO e/ou outros megaeventos, como forma de organizar qualificadamente a complexidade de informações que compõem o universo do esporte paraolímpico.

Conforme também relatou o editor Fernando, esta subjetividade interessada de alguns profissionais na composição da equipe jornalística que participou do processo de cobertura de um megaevento como os JP foi um elemento facilitador da consolidação e do sucesso deste trabalho.

FERNANDO: Um outro fator foi que a gente apesar de ter muita resistência dentro da emissora, a gente teve muita gente também querendo trabalhar e querendo fazer o negócio virar e acontecer. Então essas pessoas em alguns momentos foram barradas pelos que não queriam, pelos que estavam jogando contra, mas em alguns momentos essas pessoas tiveram atitudes que também fizeram com que o evento saísse, que o evento andasse da forma como deveria.

Na sequência do trabalho, apresentaremos dados que permitem problematizar e apontar os limites e a relevância de uma produção jornalística desenvolvida em equipe para a cobertura dos JP.

2.2. As nuances de uma cobertura jornalística direto da redação e/ou *in loco*

Como pudemos identificar na seção anterior do trabalho, a decisão de credenciar, de enviar jornalistas ou de não os enviar para a cobertura *in loco* dos JP, é uma questão influenciada por um conjunto de variáveis empresariais, econômicas e editoriais dos meios de comunicação de massa. Contudo a partir do que relataram os interlocutores do estudo, tal decisão e o modo como ela venha a se configurar pode ser um fator determinante para as condições e para a rotina de produção de notícias na cobertura jornalística de um megaevento esportivo, como os JP.

A condição de não credenciar e/ou não enviar jornalistas para a cobertura *in loco* dos JP apareceu na fala de alguns interlocutores como um fator limitador da produção jornalística, tanto para editores como para jornalistas que fizeram o trabalho direto da redação. O depoimento do editor Fred, de uma mídia local, indica o comprometimento que o processo de produção de notícias sofre pelo fato de não se ter um repórter cobrindo direto do local da competição.

FRED: Acho que só teria uma informação, por exemplo, se a gente tem um repórter lá, a gente tem uma informação para um jornal estadual, você teria mais informação dos atletas paranaenses, mais um pouco... por exemplo, teve um pessoal na Bocha, dois irmãos que, são de onde mesmo? Toledo/PR? Francisco Beltrão?... Telêmaco Borba, isso, isso mesmo. Saiu de lá. Se tenho um repórter lá, o cara vai atrás desses caras né e vai mandar material desses caras e acabou. A Teka mesmo a gente demorou [...] Então se você tem um repórter lá, ele já entrevistava ela no... ela ganhou no domingo à noite? A gente entrevistava ela no máximo na segunda-feira para soltar alguma coisa. A própria Marcia, a gente ia tá acompanhando mais de perto, mais próximo esses atletas aqui do Paraná. Com certeza seria esse gancho... essa direção que como editor ia acabar dando essa direção.

A fala do editor Fred indica, por exemplo, o comprometimento da possibilidade de realizar entrevistas com atletas, recolhendo informações em tempo real sobre a competição, sobre as provas disputadas, sobre os resultados, em suma, sobre a experiência humana e esportiva de participar de um megaevento esportivo como os JP a partir do ponto de vista atlético. Esta condição de produzir notícias com relatos dos protagonistas do fato esportivo, neste caso do paraolímpico, é um dos principais elementos objetivos que compõem esse processo de produção, não só para o jornalismo esportivo (BORELLI; FAUSTO NETO, 2002), mas para qualquer uma das especialidades da profissão. O uso dos relatos, mesmo que sem revelar a fonte, utilizando as aspas, é uma das principais estratégias jornalísticas para tentar garantir a credibilidade e a factibilidade, transformando, assim, o fato em notícia (TUCHMAN, 1983). Dar voz aos atletas também é considerado por Betti (2001) como uma das únicas formas de informar ao consumidor de esporte sobre a experiência global da prática esportiva no nível de alto rendimento, visto que esta é uma dimensão do fenômeno esportivo restrita e excludente devido à própria natureza competitiva, baseada em índices e recordes.

No caso do esporte paraolímpico, podemos considerar que a relevância social e esportiva dos relatos dos atletas como informação jornalística ganha contornos ainda maiores se considerarmos que a condição corpórea, sensorial e cognitiva destes atletas é diferente daquilo que, segundo Coakley (2009), são os parâmetros de normalidade da sociedade. Portanto, o fato de ter condições de produção jornalística que limitam a realização das entrevistas com os atletas paraolímpicos, ou seja, as fontes primárias dessa experiência esportiva, pode se configurar como um obstáculo ao próprio desdobramento daquele que é um dos principais objetivos da promoção institucional do movimento paraolímpico: inspirar a sociedade de maneira geral, através das histórias e das experiências esportivas dos atletas com deficiência (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2015).

A fala da jornalista Sara, que também participou de uma cobertura jornalística condicionada aos limites da redação, reforça a problemática da dificuldade de entrevistar os atletas no momento imediato da competição, dando voz a eles, e também de como esta condição pode representar o silenciamento dos protagonistas do esporte paraolímpico.

SARA: Diretamente com os atletas eu não participei, quem tentou entrevistar foi a minha colega, mas eu sei que a gente teve muita dificuldade justamente por isso, deles não estarem disponíveis pra dar entrevista pra gente, aí depois acabou passando o tempo e enfim, a gente não... não sei o que ficou acordado assim, se depois a gente ia tentar ou se como passou deixar quieto, enfim.

Além do comprometimento causado para a realização das entrevistas sobre a percepção imediata dos atletas paraolímpicos acerca da experiência esportiva, conforme apontam o editor Fred e a jornalista Sara, a fala do editor Fred também aponta para outros elementos que impactam na condição da cobertura jornalística. Um deles é a restrição da autonomia do jornalista em explorar diferentes pautas sobre o fato esportivo. Conforme apontam Borelli e Fausto Neto (2002), dentro da redação jornalística, a editoria de esportes é a que tem mais autonomia e onde a liberdade de produção é um ideal a ser seguido. Segundo os autores, esta característica mais autônoma e livre do jornalismo esportivo é decorrente do fato de se ter nesta editoria menos entraves analíticos das possíveis repercussões sociais do material produzido, o que, por exemplo, a difere das editorias de política e economia. Diante deste quadro, o incômodo do editor, relacionado à limitação da produção de notícias enfrentada durante a cobertura dos JP, configurou-se como uma barreira para a autonomia e a liberdade jornalísticas no desenvolvimento da cobertura direto da redação em que ele trabalha²⁵.

Os limites de uma produção de notícias realizada direto da redação, sem a possibilidade do contato direto com os atletas, também influencia, segundo o editor Fred, na cobertura daqueles que seriam os interesses locais da região onde circula o jornal e do público que o consome. Este elemento se torna um condicionante para a mobilização da dialética global-local, estratégia jornalística que comumente é o elo conector de públicos regionais ao consumo das manifestações globais do esporte, mediado pelos meios de comunicação de massa. Tal estratégia caracteriza-se por ser a ferramenta utilizada pelas mídias locais para produzir conteúdos relacionados a megaeventos esportivos, ou seja, fenômenos globais, que se vinculem aos interesses locais do público. Isto posto, do ponto de vista informativo e comunicacional, com as condições de produção engessadas no interior das redações, os JP podem se tornar um fenômeno midiático global, porém com limites e dificuldades de penetração na cultura esportiva em ambiências localizadas.

²⁵ Esta situação referendada pelo editor Fred o conduziu a desenvolver o processo de produção de notícias pautado e com o suporte do material das agências. A discussão das agências de notícias como fontes de informação e de produção será realizada em seção posterior do trabalho.

A solução apontada pelo editor e outros jornalistas que também fizeram a cobertura jornalística dos JP direto das redações é a busca por informações das agências de notícias. Contudo o problema dessa condição de produção de notícias realizada de modo distanciado dos acontecimentos também se apresentou como incômodo para outros interlocutores do estudo. O jornalista Luiz, por exemplo, menciona que tal situação implica também em questões de justiça a serem respeitadas na produção jornalística.

LUIZ: Mas a íntegra da matéria, o básico da matéria, a gente não mexe, a informação principal da matéria, a gente não mexe, porque nada mais justo do que quem tá lá né? Quem acompanhou, de ter muito mais informação.

A jornalista Sara também citou a questão de replicar informações e, sobretudo, reproduzir entrevistas de atletas recolhidas em matérias de jornalistas de outras mídias, necessitando, assim, de um cuidado com o que seriam os limites éticos do processo de produção jornalística.

SARA: Eu não colocava, acho que se eu citei foi quando tinha alguma coisa nos sites oficiais, mas eu não colocava, porque eu não conversei com a pessoa, sabe? Não vou pegar tipo a entrevista do Globo esporte, uma menina do Globo esporte... do G1 do Rio, enfim, ela fez matéria com vários assim, e ela citava suas histórias, mas eu não vou pegar essas informações, porque eu não entrevistei, sabe? Eu só colocaria, como foi o caso que eu não entrevistei nenhum, se eu tivesse entrevistado a pessoa. É uma questão mais de, "pô, eu não falei com o cara, vou ficar roubando a informação da menina?". É uma questão de ética, exatamente, esse era o meu critério.

Portanto, estes dados ajudam a dimensionar os limites impostos pela condição de produção de notícias direto da redação sobre um megaevento esportivo como os JP, configurando-se como obstáculo para que as vozes e as experiências dos atletas com deficiência sejam veiculadas e circulem em diferentes âmbitos sociais. Apesar de não desconsiderarmos que esta decisão de realizar a cobertura direto da redação é advinda, muitas vezes, dos limites financeiros e orçamentários das empresas, sobretudo destas mídias locais, uma possível solução para este problema seria as instituições gestoras do esporte, e neste caso do esporte paraolímpico, reduzirem os entraves burocráticos e comerciais causados pelas negociações dos direitos de imagem e transmissão

reservados²⁶ aos conglomerados midiáticos com exclusividade, permitindo, assim, o acesso aos atletas por telefone ou outros meios para estas diferentes mídias locais.

Outro elemento problematizador das condições de produção jornalística sobre os JP que apareceu na fala dos interlocutores do estudo está relacionado aos limites impostos à cobertura a ser realizada por uma equipe de jornalistas reduzida. Por se tratar de um megaevento multimodalidade, com múltiplas competições ocorrendo simultaneamente nas arenas de disputa, o número de jornalistas enviados para a cobertura *in loco* se mostrou determinante para o tipo de abordagem e para a amplitude daquilo que se torna possível cobrir em um contexto esportivo, como o dos JP.

O jornalista Francisco mencionou o fato de terem sido enviados somente ele e um repórter fotográfico ao Rio de Janeiro como um limite para a realização de uma cobertura jornalística que alcançasse a amplitude de fatos e assuntos inerentes aos atletas e ao esporte paraolímpico durante os JP.

FRANCISCO: Mas eu tinha uma rotina de... eu fiz uma programação anterior aos Jogos, mas deixando abertura para os acontecimentos que a gente não conseguia controlar. Então eu sabia que a gente precisava ter uma matéria sobre Daniel... sobre fenômenos, Daniel Dias. Sabia que eu tinha que fazer uma boa matéria sobre Futebol 5. Sabia que tinha que fazer uma boa matéria sobre é... as tecnologias que envolvem os Jogos. Então eu tinha uma pré-programação e eu tinha ali uma relação razoavelmente bem cercada de nomes que iam se destacar nos Jogos, na delegação brasileira. Ai vem algo que talvez seja importante para sua análise. Por questões que não cabem a mim deliberar, eu sou repórter, não sou economista, não sou gestor do Jornal. A equipe foi muito reduzida para a cobertura paraolímpica. Muito reduzida ao ponto de quem é o cara que foi destacado para ir aos Jogos fomos eu e um repórter. Eu e um repórter fotográfico. A equipe aqui do Rio de Janeiro deu um suporte também, mas não necessariamente eles eram destacados para estar na cobertura. Não sei se estou sendo claro.

Os JP/2016 tiveram duração de 11 dias e se organizaram em uma competição com 528 eventos, em 22 modalidades disputadas, contando com mais de 4000 atletas envolvidos, de 176 países participantes. Diante deste quadro, a condição de produção de notícias apresentada pelo jornalista Francisco tende a comprometer a cobertura do megaevento tanto no que diz respeito ao conteúdo jornalístico a ser veiculado, como no que se refere à forma em que este pode ser produzido. Ainda que esta cobertura tenha se concentrado na produção de notícias sobre a delegação paraolímpica brasileira, e

²⁶ A discussão sobre a temática dos direitos de transmissão e de imagem será desenvolvida em seção posterior do trabalho.

especificamente nas medalhas conquistadas, o país esteve representado por 288 atletas com participação em todas as 22 modalidades e ganhou 72 medalhas. Em um contexto como este, o processo de produção de notícias torna-se condicionado às opções jornalísticas do que cobrir e do que não cobrir dos JP, pois as dimensões de espaço e tempo para o deslocamento do jornalista por todas as arenas é limítrofe frente ao tamanho do referido megaevento esportivo.

O depoimento do jornalista Antonio, que também realizou a cobertura *in loco*, sendo o único jornalista enviado pela empresa em que trabalha, ratifica as limitações da cobertura jornalística realizada sobre os JP frente a esta condição de produção de notícias no dia-a-dia do megaevento. De acordo com a fala do jornalista, também neste caso, o retrato jornalístico dos JP ficou à mercê da opção a ser tomada por ele próprio frente às possibilidades logísticas de tempo e espaço para se deslocar sozinho entre os diferentes eventos do dia.

ANTONIO: Assim, eu fui... como eu era o único jornalista... o único então do jornal, eu já fui, falei com meu chefe aqui, pra gente... daí ele falou, "oh, tu tem que apostar em uma história e uma história diferente, uma coisa que não viesse por agência, um viés diferente", porque aqui daí tinha a retaguarda, como tu falou, tinha o Ícaro, tinha mais o editor e o pessoal do site que ia tocar o dia-a-dia, o factual mais hard assim. Ah, medalha, medalha, medalha, porque a gente sabia que o Brasil ia ganhar muita medalha, bronze, prata... que eu já tinha isso desde o início, porque eu ia enlouquecer se ficasse cobrindo isso né. Eu tinha que ir pra uma história, eu apostava em uma história diferente, ou acompanhar algum gaúcho... sempre eu acompanhei os gaúchos ali né, também dando por cima, mas sempre apostando numa história do dia, alguma coisa que eu queria... eu queria focar alguma coisa diferente, alguma coisa que não ia ter, possivelmente, não ia ter numa matéria de agência assim. Daí eu ia focado nesse sentido assim. Na verdade, eu sempre apostei em duas histórias por dia, porque se uma falhasse eu tinha outra né. Então eu sempre fiz duas reportagens por dia, pelo menos duas, e mais coisas de externo, como as notinhas eu também fazia e tal, mas sempre tinha uma história grande por dia, ou uma ou duas pra... que era o meu foco assim.

A situação apresentada pelo jornalista Antonio está relacionada à condição de produção *in loco* conquistada pela editora Mariana frente às decisões empresariais da mídia onde ambos trabalham. Apesar de ter sido considerada uma vitória editorial da editora, conforme mencionado e discutido na seção anterior do trabalho, a condição do jornalista para produzir notícias, estando sozinho no local da competição, ainda se

agrava ao considerarmos que ele não esteve presente no Rio de Janeiro durante os 11 dias de realização dos JP.

ANTONIO: Não, acabei não ficando os 11 dias. O orçamento que foi aprovado aqui pela empresa foi de 8 dias. Fui numa quarta e voltei acho que na quarta também, à noite. Acabou dando 8 dias, 7 noites e 8 dias. Quarta, dia 7, no dia da abertura, fui bem no dia da abertura, e voltei no dia 14, à noite, porque no dia 14 ainda fui lá pro Parque Olímpico e daí voltei num voo a noite.

As falas dos jornalistas Francisco e Antonio reforçam a necessidade da composição de equipes jornalísticas numerosas para que se tenha condições de produzir notícias sobre um megaevento esportivo como os JP. Contudo, sem desconsiderarmos os limites orçamentários das empresas de mídia para o envio dos jornalistas aos locais de competição, o caso do jornalista Antonio é, mais uma vez, representativo do desinteresse midiático que comumente ocorre em relação ao esporte paraolímpico. O jornal para o qual ele trabalha é o mesmo da editora Mariana, que, por sua vez, é o referido diário local que enviou oito jornalistas para a cobertura *in loco* dos JO e, na ocasião dos JP, enviou somente um, que nem mesmo foi destinado ao Rio para acompanhar o megaevento, durante todos os dias de competição.

Sem a pretensão de produzirmos aqui generalizações, estes dados relacionados aos limites de espaço e tempo de deslocamento para os jornalistas enviados à cobertura dos JP permitem relativizar um conjunto de hipóteses que vem sendo levantadas a partir dos resultados de análises de produtos midiáticos, apresentados na literatura da área. O fato de a mídia dedicar mais ou menos espaço jornalístico a determinadas deficiências devido às questões estéticas (PEREIRA; MONTEIRO; PEREIRA, 2011), ou a questão de a mídia privilegiar mais ou menos competições paraolímpicas do sexo masculino em detrimento das disputas do feminino (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010; PAPPOUS et al., 2007; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011a), ou também de noticiar mais sobre determinadas modalidades do que outras²⁷ são todas hipóteses que podem ser

²⁷ A título de exemplo, em estudo desenvolvido por nós, no Laboratório de Estudos e Pesquisas Socioculturais do Esporte Adaptado (LEPSCEA/UFPR), sobre a cobertura jornalística da Folha de São Paulo, durante os períodos de realização dos JP, entre os anos de 1992 e 2016, a partir de dados quantitativos do número de notícias publicadas, identificamos que há um privilégio dedicado às modalidades da natação e do atletismo que pode estar associado ao fato de serem as modalidades paraolímpicas em que a delegação brasileira mais conquistou medalhas durante as edições de Jogos analisadas.

refutadas justamente se consideradas as limitações impostas aos jornalistas no processo solitário de produção de notícias durante a cobertura dos JP, conforme relatado por alguns dos jornalistas interlocutores do estudo.

O quadro descrito acima, portanto, nos revela também que as condições do processo de produção de notícias sobre os JP, possivelmente, não estão sendo definidas por critérios jornalísticos e tampouco por critérios esportivos. Nesse sentido, a partir destes casos restritos podemos identificar indícios de como a mídia, ou ao menos parte dela, pode estar ainda negligenciando o esporte paraolímpico e os JP como fato social e esportivo a ser noticiado integralmente.

Além dos limites das condições de produção de notícias relacionados às restrições de recursos humanos destinados à cobertura dos JP, identificamos, também, na fala de alguns dos jornalistas entrevistados barreiras técnicas e tecnológicas que implicaram neste processo. A fala do editor Fernando indica como a disponibilidade limitada de instrumentos de captação e de geração de imagens impactou na amplitude da transmissão e da cobertura jornalística que foi veiculada na mídia televisiva para a qual ele trabalhou.

FERNANDO: Os equipamentos que a “Nacional 1” tinha não necessariamente nos davam a condição de fazer o que a gente precisava fazer. Então, se eles tivessem antecipado esses problemas todos, a gente teria tempo de correr atrás de parceiros e tentar achar a possibilidade de trabalhar com equipamentos diferentes. Agora, com o evento no ar, não ia dar tempo de viabilizar nada. Então foi uma coisa bem mais complexa.

Segundo o editor, a complexidade e o tamanho de um megaevento como os JP exigem, conseqüentemente, um complexo aparato tecnológico para atender às demandas do volume de conteúdo informativo, que são geradas no interior de uma competição como esta. Dessa maneira, a limitação de equipamentos enfrentada pelo editor mostrou-se também fator comprometedor da possibilidade de se tornar visível na mídia a diversidade de modalidades, de atletas e de corpos, que compõem o contexto esportivo dos JP.

FERNANDO: A gente tinha uma limitação muito grande. O que acontece, a gente tinha acesso a esses 16 sinais lá no “Nacional 1”. Então lá no “Nacional 1” a gente recebia esses 16 sinais, aí nós trabalhamos em parceria com a outra emissora pra gente, pra baratear o custo pra todo mundo. Então em parceria com a outra

emissora a gente tirou esses 16 sinais, que na verdade eram 16 sinais que a gente chama de multilaterais, que são os sinais que são distribuídos para todos as emissoras. A gente tinha, além disso, mais dois sinais que eram exclusivos da “Nacional 1”, que era a zona mista da natação e a zona mista do atletismo [...] a gente tinha três saídas que vinham pra “Nacional 1”, pro switcher. Então eu diminuía de 18 pra três. Então eu tinha... minto, 19 pra 3, porque além dos sinais ao vivo a gente ainda tinha o servidor da OBS²⁸, que é a produtora do Comitê Olímpico [...] Então a gente tinha que ficar manobrando nesses 3 tudo o que eu precisava receber [...] Porque você não teve um material produzido de forma satisfatória. Você tinha equipes de reportagem o dia inteiro dentro da natação e do atletismo. Então assim, dentro da natação e do atletismo a gente ouviu todos os atletas que passaram pelas piscinas e pelas pistas e tudo mais, mas fora dos ambientes de competição o departamento de jornalismo, não só fora da competição, então assim, os únicos atletas que deram entrevista pra “nacional 1” foram os atletas onde a gente tinha essas posições dedicadas. Então, os atletas da bocha, os atletas do basquete, os atletas do vôlei, os atletas do judô, não falaram com a “nacional 1”. Porque? Porque o departamento de jornalismo não mandava equipe pra esses lugares. Entendeu? Eles não se preocuparam em fazer uma cobertura [...] Então assim, faltou muito material. Faltou muita coisa, a gente poderia ter feito uma cobertura jornalística infinitamente melhor do que foi feita.

Conforme podemos identificar, a situação apresentada pelo editor Fernando revela como a associação dos limites de recursos humanos às limitações técnicas e tecnológicas necessárias para abarcar a amplitude de um megaevento como os JP tornam-se condições comprometedoras para o processo de produção de notícias e para uma disseminação ampliada do que envolve e circunda este contexto esportivo. Estes elementos se configuram, portanto, como elementos fundantes do que pode ser o processo de inserção do esporte paraolímpico no âmbito da cultura esportiva mediada pela mídia, tendo ou não informações que contribuam para a conformação de valores e símbolos os quais contextualizem o complexo contexto social, cultural e esportivo da referida manifestação do esporte.

2.3. A preparação editorial e jornalística no período pré-evento

Entre os elementos que apareceram na fala dos interlocutores como característicos das condições de produção que eles tiveram para a realização da cobertura dos JP, identificamos a organização e a preparação destes, pré-evento, compostas por um conjunto de diferentes fatores e aspectos que influenciaram neste

²⁸ Ao mencionar esta sigla, o interlocutor do estudo se referiu à *Olympic Broadcasting Service*.

processo. Alguns relatos dos jornalistas caracterizaram a preparação para a cobertura dos JP como situação equivalente aos demais megaeventos esportivos pelo fato deste se enquadrar no *hall* de outros, tais como os JO e a Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA. Porém outros relatos ressaltaram peculiaridades da preparação para o trabalho com os JP devido, principalmente, ao fato de a temática da deficiência e do esporte paraolímpico não fazer parte do cotidiano jornalístico. Em síntese, uma preparação especial devido a uma estética de percepção diferenciada que o megaevento paraolímpico impõe e requer do jornalista, a qual não é corriqueira a eles no exercício da profissão. Ainda inerente a este contexto de percepção ambígua sobre a preparação necessária para se gerar condições de produção de notícias sobre os JP, identificamos no depoimento dos interlocutores uma variação que esteve entre um suporte editorial mais presente neste processo preparatório e uma preparação realizada intuitivamente pelo próprio jornalista, a partir da sua autonomia e subjetividade profissional.

A fala do editor Fred apresenta elementos de como, em seu caso, a preparação para a cobertura dos JP ocorreu do mesmo modo como ocorre para os demais megaeventos esportivos. Uma preparação pré-evento que aconteceu basicamente através da produção de notícias sobre a temática, levando os jornalistas de maneira indutiva a se aproximarem do objeto e dos personagens com os quais irão trabalhar de modo intenso durante a realização do megaevento. Esta é uma forma de se preparar que, do ponto de vista finalístico do produto veiculado a partir desta organização, caracteriza-se pelo que a literatura tem denominado como agendamento midiático-esportivo através da mobilização da dialética global-local.

FRED: Acho que é muito assim, pelo tempo que a gente tem de trabalho também e pela demanda que a gente tem de trabalho, a gente não consegue ter uma [...] Então, a preparação que tinha assim, por exemplo, principalmente na Olimpíada foi mais... e também na Paralimpíada, quem são os... primeiro, a “Regional 1” é um jornal muito voltado ao povo do Paraná, um jornal estadual, então você tem que pensar primeiro Londrina, depois Paraná. Quem são os atletas aqui da região, então nesses a gente tem que ficar de olho, esses não dá pra deixar passar nada, então são esses atletas. É... tá... agora nacionalmente, quem são os destaques desse ano, quem pode estourar aí, que a gente tem que ficar de olho também. E internacionalmente, quem são os caras que vão entrar pra história aí, entendeu. Então, a preparação para Olimpíada e para Paralimpíada é essa, entendeu?

No caso do relato do editor Fred, o indicativo é de que, para ele, a pauta paraolímpica é mais uma pauta do jornalismo esportivo, assim como os JO. Por conta

disso, a preparação e o condicionamento para a produção de notícias apresentados pelo editor foram os mesmos, tanto para os JO como para os JP. Uma preparação para a cobertura dos JP que aparenta seguir critérios e rotinas pragmáticas do trato jornalístico para com o esporte, sobretudo no que se refere aos megaeventos esportivos.

Consoante aponta o editor, a preparação ocorreu, basicamente, mapeando os atletas locais da região, os atletas nacionais e internacionais que poderiam ser destaque na competição. Este modo de preparação para a cobertura dos JP enquadra-se em características gerais do jornalismo esportivo, entre as quais está o esforço de construção da agenda midiática tanto a partir dos interesses da própria mídia, como também a partir da conjunção das agendas de outros campos sociais, por exemplo, através de símbolos e representações de determinada localidade e cultura (BORELLI; FAUSTO NETO, 2002).

A preparação e a organização do editor Fred para a cobertura dos JP revelam um condicionamento e uma reprodução de determinados padrões jornalísticos que vêm sendo identificados na produção de notícias sobre megaeventos esportivos. A criação de expectativas pela vitória de determinados atletas e, principalmente, a busca pela vinculação com os atletas locais são estratégias comumente mobilizadas pelo jornalismo esportivo nessas ocasiões, mostrando-se semelhante ao caso relatado pelo editor com relação aos JP. Ambas as estratégias foram identificadas tanto na cobertura dos Jogos Pan Americanos de 2007 no Rio (ANTUNES et al., 2009; MEZZARROBA et al., 2009; RIBEIRO et al., 2009), como também na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2012, na mídia impressa sergipana (MEZZARROBA et al., 2015).

Outro modo característico de preparação apresentou-se no relato do jornalista ÍCARO, o qual revela que, internamente na redação do jornal onde trabalha, ocorreu um processo de preparo específico do jornalista que participaria da cobertura dos JP. Uma preparação realizada a partir da produção de grandes matérias no período imediatamente anterior ao megaevento.

ÍCARO: [...] então assim, eu tinha uma preparação maior para a Olimpíada, porque eu fiquei quatro anos tratando de esporte olímpico. Aí por uma questão minha, porque eu me especializei nisso, não tinha uma figura dentro do jornal, especializada em esporte paralímpico. O Antonio passou a ser essa figura a partir de uma grande matéria que ele fez antes da paralimpíada, mas não tem essa figura assim, "ah, não sei quem é especializado em esporte paralímpico". Eu era especializado em esporte olímpico, então todos os atletas lá que medalharam na olimpíada eu conhecia já, conhecia

assim, conhecia a sua trajetória, sabia que quem acompanha os quatro anos de preparação dos esportes olímpicos não se surpreende com medalha nenhuma né. Em algum momento aqueles caras fizeram um resultado assim de uma Copa do Mundo. Numa Copa do Mundo, num circuito internacional. A paralimpíada não tinha ninguém com esse nível de especialização. Talvez a gente conseguisse fazer uma cobertura melhor se a gente tivesse alguém assim, mas é isso, o jornalista vai pra contar histórias, sabe?

O jornalista Ícaro relata ter se preparado por interesse próprio para o trabalho de produção que realizou nos JO, quando foi o jornalista principal da cobertura do jornal onde trabalha. Em contraponto, ele revela que, por não existir o profissional interessado e especializado em esporte paraolímpico no interior da redação, a designação e a preparação do jornalista Antonio, que iria posteriormente aos JP, ocorreram por via da produção de matérias sobre o pré-evento. Este modo de preparação reafirma a característica que mencionamos anteriormente sobre o condicionamento e a reprodução de padrões jornalísticos na produção voltada ao esporte paraolímpico, como o agendamento midiático-esportivo no exemplo deste caso.

A percepção do jornalista Ícaro é de que a especialização em determinadas áreas do esporte qualifica as condições de produção de notícias durante a realização do megaevento, sobretudo quando isto ocorre ao longo de todo o ciclo de competições que culminam nestes momentos de JO e JP. O seu depoimento sugere como necessária uma preparação jornalística, construída durante todo o ciclo de quatro anos entre uma edição e outra destes megaeventos, não se restringindo a um condicionamento no momento imediatamente anterior à realização destes.

A partir do depoimento do jornalista Ícaro, podemos evidenciar, em primeiro lugar, o destaque entre o interesse jornalístico pelo esporte olímpico, que é o caso pessoal dele, e o desinteresse ou a inexistência de jornalistas interessados pelo esporte paraolímpico no interior de uma redação esportiva, como foi o caso. Este dado, associado ao indicativo da importância de um acompanhamento jornalístico em longo prazo durante os ciclos de competições esportivas, conforme apontado pelo jornalista, pode confirmar, por exemplo, a dificuldade enfrentada pelo esporte paraolímpico em se tornar pauta jornalística e ocupar as páginas dos jornais com perenidade. Além disso, esta situação pode justificar, em parte, a própria tendência identificada pela literatura do discurso midiático-esportivo em veicular narrativas estigmatizantes sobre os atletas com deficiência.

Segundo indica Goffman (2012), o estigma, a identidade social virtual e a deterioração da identidade das pessoas estigmatizadas decorrem, na maioria dos casos, por desconhecimento ou por falta de convivência social das pessoas ditas normais em relação àquelas pessoas que sofrem a estigmatização. Logo, o modo de preparação para a cobertura dos JP, mencionado pelo jornalista, baseado em uma aproximação de curto período para a produção de matérias durante o período pré-evento, além de reafirmar a tendência do desinteresse jornalístico pela pauta paraolímpica, indica também que este pode ser o motivo do processo de reforço dos estigmas sociais associados às pessoas com deficiência que, por vezes, aparece na narrativa jornalística sobre o esporte e os atletas paraolímpicos. De tal maneira, frente à eminência da realização dos JP, dificilmente o jornalista conseguirá conhecer com profundidade a realidade enfrentada pelo estigmatizado no período de uma ou duas semanas, neste caso, a realidade dos atletas com deficiência em um ou dois encontros para entrevistas.

Tal preparação jornalística para a cobertura dos JP, que reproduz padrões e modos de se apropriar de manifestações específicas do esporte de maneira pontual, em vésperas de realização de megaeventos esportivos, assim como é comum ocorrer com o esporte olímpico e/ou outras modalidades que ficam à margem da monocultura midiática do futebol, condiciona a possibilidade da produção jornalística incorrer ao erro por falta de informação ou mesmo por desconhecimento²⁹. Neste contexto, considerando o fato de o esporte paraolímpico se configurar como uma manifestação esportiva da contemporaneidade (MARQUES; GUTIERREZ, 2014), ainda em processo de apropriação pela mídia, ao seguir padrões jornalísticos de preparação para produção e cobertura dos JP como qualquer outro megaevento, o esporte paraolímpico corre o risco de se transformar em mais uma manifestação do espetáculo midiático que sofre com a superficialidade informativa do esporte da mídia (BETTI, 2001; PIRES, 2002) e com o improvisado preparatório característico ao jornalista esportivo (MARQUES J., 2013).

As declarações do jornalista Antonio e da editora Mariana revelam uma preocupação editorial e também pessoal dos jornalistas em se prepararem e se qualificarem para ter condições de realizar a cobertura dos JP.

²⁹ Um exemplo desse risco se materializou na cobertura dos JO de Londres 2012, quando o ginasta Arthur Zanetti conquistou medalha de ouro inédita para o Brasil na competição das argolas e os principais telejornais brasileiros se mostraram surpresos, veiculando informações recolhidas de última hora com familiares e com a equipe técnica do atleta sobre a sua trajetória esportiva (SILVEIRA et al., 2015).

ANTONIO: Eu fiz por conta própria. Como eu já tinha feito a matéria dos paralímpicos, eu já tinha um bom conhecimento assim, razoável conhecimento, e daí também fui pautado pra fazer uma matéria de apresentação, uma antes de ir, de apresentação dos Jogos, então mergulhei mais ainda, tive uma noção mais geral. Então já ali já foi uma base, daí antes de ir também vi assim... dediquei umas horas de alguns dias, li bastante matérias e tal, pesquisei um pouco dos esportes, atrações. Foi a preparação que eu tive assim [...] É, essas reportagens anteriores foram facilitadoras assim pra mim já ter um conhecimento... ser jornalista esportivo também né.

MARIANA: Aí antes disso... aí nesse mesmo dia a gente já começou... a gente já tava com alguns materiais em andamento, que tavam sendo feitos. Então o Antonio já tava, mais ou menos, um mês e meio ou dois meses, então desde julho ele já tava produzindo uma matéria especial que seria publicada no início de setembro com os... alguns atletas gaúchos paralímpicos. Ele tava acompanhando eles, contando a história de vida de cada um deles e tal. Então a gente já tinha esse material especial preparado pra entrar assim, mas aí a partir da segunda-feira depois da olimpíada, que a gente teve essa... rediscutiu essa questão do enviado, aí eu comecei a planejar o que mais a gente teria, que não era suficiente só ter um especial, que a gente precisava ter um planejamento um pouquinho maior.

Conforme palavras do jornalista, o mergulho que ele fez no universo paraolímpico, o fez sentir-se conhecedor deste através das matérias produzidas pré-evento e das horas dedicadas ao estudo do tema nos dias que antecederam os JP. Todavia as suas falas e as da editora denunciam mais uma vez o caráter tardio da preparação jornalística para a cobertura de um megaevento esportivo com tantas nuances sociais, humanas e também esportivas.

A condição jornalística relatada tanto pela editora como pelo jornalista remonta uma tradição formativa e preparatória dos cursos de comunicação e, especialmente, da especificidade do jornalismo esportivo. Segundo Marques J. (2013), este é um âmbito profissional que tende a centralizar a preparação e a formação dos jornalistas na dimensão prática da profissão, tanto para a atuação mais geral, como para as diferentes especialidades, tal como o jornalismo esportivo. Neste sentido, uma preparação às vésperas da competição, basicamente constituída pela produção de matérias que agendavam os JP, se aproximando e conhecendo as histórias de atletas locais dias antes do megaevento, dificilmente consegue condicionar o jornalista a se apropriar das 22 modalidades que compõem o programa paraolímpico, das classificações funcionais e médicas dos atletas - estas que são o eixo organizador da competição - entre outros elementos esportivos daquele contexto, componentes do complexo informativo que

viria a fazer parte, posteriormente, da tessitura narrativa das notícias a serem produzidas.

O jornalista Francisco, mesmo tendo participado da cobertura dos Jogos Para Panamericanos de Toronto em 2015 – um ano antes dos JP - demonstra a percepção de que poderia ter realizado uma aproximação em longo prazo com o esporte paraolímpico, produzindo notícias sobre outras competições dentro do ciclo dos JP/2016. Para ele, esta seria uma forma de se preparar, que o proporcionaria mais propriedade para realizar o trabalho jornalístico durante o megaevento no Brasil.

FRANCISCO: A gente fez reportagens preparatórias, reportagens de apresentação, enfim, participei do Para Panamericano que foi dois anos antes. Enfim, então eu consegui ali me ambientar mais com a realidade da delegação brasileira, da América como um todo, mas talvez... talvez não, acho que com certeza poderia ter sido maior, a proximidade poderia ter sido maior. Por exemplo, eu poderia ter ido ao longo desses anos, ou eu ou qualquer outro repórter, poderia ter ido ao longo dos anos em pelo menos um mundial da nataçã, enfim, pra ter mais propriedade ainda pra falar sobre o tema, pra falar esportivamente sobre o esporte paralímpico.

O relato do jornalista Francisco, além de ratificar a percepção sobre os problemas gerados por uma preparação tardia, realizada às vésperas dos JP, como possíveis obstáculos para uma cobertura jornalística qualificada, também associa tal situação à dificuldade de se ter condições de produzir notícias com informações voltadas à esportividade dos atletas e do esporte paraolímpico. A esportividade dos atletas paraolímpicos é um dos principais imbrólios do relacionamento entre a mídia e o esporte paraolímpico, pois, segundo análises críticas sobre o tratamento dado pelos meios de comunicação de massa a estes atletas, o caráter atlético e esportivo destes é negligenciado no discurso midiático-esportivo (MARQUES R., 2016; PAPPOUS et al., 2009).

Segundo Pappous et al. (2009) é recorrente em coberturas midiáticas sobre o esporte adaptado a ausência da esportividade ou também uma esportividade encenada. Isto ocorre quando a mídia veicula narrativas textuais e/ou imagéticas que não tornam visíveis, ou que tornam visíveis parcialmente, as características atléticas dos esportistas paraolímpicos, tais como força, habilidade, técnica, virilidade, concentração, assim como os espaços de disputa, as indumentárias de competição, a postura corporal ativa, entre outras características inerentes ao contexto do esporte.

Para Marques R. (2016), o discurso midiático-esportivo sobre o esporte paraolímpico configura-se como um obstáculo à promoção da inclusão social através dos JP. Nesta perspectiva, as narrativas estigmatizantes veiculadas pela mídia que, por vezes, trivializam os resultados esportivos dos atletas, que os infantilizam, apresentando-os sob a condição de dependentes, que os vitimizam, colocando-os na posição de coitadinhos, ou que, por fim, os alçam ao status de *supercrips* pela superação das deficiências são formatos de narrativas midiáticas que atrapalham o reconhecimento social e esportivo dos atletas paraolímpicos. De tal modo, a mídia secundariza a esportividade desses atletas com deficiência, desprestigiando tanto o protagonismo atlético deles, como o caráter esportivo da referida competição.

Diante deste quadro de subvalorização da esportividade paraolímpica, portanto, o relato do jornalista Francisco sustenta a argumentação sobre os prejuízos que uma preparação tardia ou às vésperas dos JP pode causar à representação midiática e social do megaevento, do esporte e dos atletas paraolímpicos. São prejuízos simbólicos com relação à imagem atlética e esportiva das pessoas com deficiência, que podem se desdobrar em impactos diretos e indiretos no processo de reconhecimento e inclusão destas na sociedade. A fala do editor Rodrigo confirma esta prática de preparação jornalística, baseada em produção de matérias prévias à realização do megaevento.

RODRIGO: Então previamente a gente já tinha feito matéria de quem eram os nossos representantes. Perfil de cada um. Fizemos algumas capas e contracapas do “Regional 2”. Algumas matérias multimídias, depois posso te mandar os links, que foram feitas com os nossos principais atletas e também, não necessariamente com os principais atletas, citando um exemplinho, por exemplo. Nós tínhamos um lutador paralímpico que tinha muitas dificuldades, que não conseguiu ir por tudo que implica a área, então a gente fez muitas matérias prévias, com bastante aceitação [...] Então foi feita essa pré-cobertura que é algo já, um tremendo de um ganho.

Um elemento que apareceu como variável na preparação dos jornalistas para o processo de produção de notícias sobre os JP foi a presença, ou não, do incentivo e do suporte editorial no momento que antecedeu o megaevento. Alguns jornalistas relataram ter recebido um suporte mais técnico das redações e editorias onde trabalham, enquanto outros jornalistas demonstraram ter passado por uma preparação que procurou auxiliá-los tanto com os elementos técnicos e instrumentais da cobertura jornalística de um

megaevento como os JP, como com dimensões e aspectos subjetivos e críticos do processo de produção de notícias que eles viriam a realizar posteriormente.

A fala da jornalista Sara exemplifica uma situação de incentivo e de suporte editorial para o trabalho de produção de notícias sobre os JP. Ela defende a relevância deste auxílio editorial, sobretudo pelo fato de ser uma temática com a qual não se costuma trabalhar no dia-a-dia. Esta falta de costume de trabalho com a temática mais uma vez confirma a negligência midiática relacionada ao esporte paraolímpico que viemos identificando até aqui no trabalho, pois mesmo estando em uma editoria esportiva, ela demonstra que pouco se sabe e pouco se pauta a manifestação esportiva de alto rendimento para pessoas com deficiência.

SARA: A gente buscou uma coisa, mas não assim. Antes a gente teve uma orientação que veio da nossa diretoria, de termos, do que usar, sabe? Pra não... olha, usem cego, não usem deficiente visual, tipo, até de nomenclaturas básicas pra gente não acabar, sei lá, não ofendendo ninguém, porque não é uma coisa que a tá no nosso dia-a-dia. A gente teve essa orientação, que sei lá, tinha umas cinco ou seis páginas, enfim, até de revisores, de como deveria escrever, como a gente deveria usar tal coisa e não usar tal coisa. A nossa preparação em relação aos catarinenses era meio que de um dia pro outro. A gente via quem ia competir, via que tinha chance de medalha, daí sim dava uma pesquisada e tal [...] olha eles mandaram uns resuminhos com a história dos Jogos, os principais destaques de algumas modalidades, dicionário de diferenças, isso veio da direção na verdade, eles repassaram pra todos e eu não sei se posso te passar, mas é basicamente isso. Resuminho dos Jogos, nomenclaturas oficiais, principais atletas e chances de medalha, e dicionário de diferenças.

Podemos identificar no relato da jornalista Sara o suporte editorial da empresa e da redação onde trabalha no sentido de orientar nomenclaturas básicas de como se referir aos atletas com deficiência, formas de escrever e termos a utilizar, além de resumos sobre os Jogos, uma lista com os principais atletas e as suas chances de medalhas. As orientações sobre nomenclaturas, de se denominar os atletas como cegos e não como deficientes visuais³⁰, indicando formas de escrita que seriam mais aceitáveis, estão de acordo com algumas das orientações apontadas pelos guias de mídia sobre como cobrir os JP (BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION, 2012; INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014; PAPPOUS; SOUZA, 2016).

³⁰ Sobre esta variação linguística de denominação dos cegos e dos deficientes visuais é preciso levar em conta que nem todas as pessoas com deficiência visual são cegas, pois este é o termo utilizado para se referir àquelas que não possuem acuidade visual alguma. Pessoas com deficiência visual podem possuir ainda alguma acuidade visual e por conta disso não se recomenda chamá-las de cegas.

Apesar de orientar questões linguísticas relevantes no tocante ao contexto das pessoas e atletas com deficiência, sem demérito à relevância de existir e de se ter tal suporte editorial para a cobertura de uma pauta incomum como os JP, o caso da preparação demonstrada pela jornalista indica uma tendência de orientação restrita às dimensões técnicas e instrumentais da temática e do contexto esportivo sobre o qual seria realizado o trabalho jornalístico. Por exemplo, na fala da jornalista sobre as orientações recebidas não aparecem questões problemáticas que compõem o âmbito socioesportivo do esporte paraolímpico. São negligenciadas questões tais como reflexões e cuidados com os estigmas associados aos atletas com deficiência comumente veiculados pela mídia, ou também informações sobre a polêmica das classificações funcionais dos atletas, que corriqueiramente provoca questionamentos sobre a competitividade do esporte paraolímpico. Neste caso, inclusive, a omissão de suporte editorial na preparação para o trabalho com a multiplicidade de classificações funcionais e médicas dos atletas corresponde ao que, em determinado momento, foi uma solicitação das instituições burocráticas do esporte paraolímpico. Segundo Howe (2008), o IPC e os demais comitês nacionais normalmente solicitavam à mídia que não adentrasse nas questões polêmicas da classificação dos atletas, pois esta poderia ser uma forma de desvalorizar o esporte paraolímpico no mercado publicitário.

Diferentemente do relato da jornalista Sara, o relato do editor Fernando exemplifica um tipo de preparação em que orientações técnicas da realização de uma cobertura jornalística foram associadas às dimensões específicas e críticas do esporte paraolímpico. Neste caso em especial, podemos identificar um processo de preparação da equipe jornalística no qual aparece o compartilhamento das experiências do próprio editor com cobertura de outros megaeventos esportivos, assim como os JO, orientações sobre os modos de tratar e abordar os atletas e também informações sobre a classificação funcional do esporte paraolímpico.

FERNANDO: A gente tinha uma videoconferência toda semana e pelo menos uma vez por mês eu ia pro Rio, pra gente poder discutir todas essas coisas, tanto dos quesitos técnicos, quanto dos quesitos jornalísticos. Uma semana, se não me engano, antes do início da olimpíada, eu fiz uma palestra para os funcionários da “Nacional 1” sobre a cobertura. Um pouco da minha experiência e um pouco do que a gente pretendia fazer, tanto da olimpíada como da parolimpíada. [...] Eu não participei muito disso, não participei muito, mas sim houve uma preocupação da direção da emissora na questão de como tratar. A questão das deficiências, de explicar os códigos, porque tem aquela... ah, é o 100 metros final do S11. O que é

S11? O que é T12? O que é F14? Então sim, existiu uma preocupação muito grande da emissora, e aí é mérito total da emissora em tratar a nomenclatura das deficiências principalmente, de uma forma clara e de uma forma inclusiva, de uma forma que as pessoas que estavam em casa entendessem o que era cada uma daquelas modalidades e porque que tinha cinquenta finais dos 100 metros.

A situação apresentada pelo editor revela a conjunção de um suporte editorial atento às questões técnicas da cobertura e uma preocupação institucional da empresa de mídia com o papel informativo a ser desenvolvido no processo de produção de notícias sobre os JP. Neste mesmo caso também identificamos o trabalho de preparação realizado com antecedência junto à equipe jornalística, promovendo encontros e reuniões para construção e discussão das condições de produção e da rotina produtiva que aconteceria no momento do megaevento esportivo.

O exemplo revelado pelo editor demonstra, assim, uma forma de preparação para a cobertura jornalística dos JP, preocupada com o processo comunicativo sobre o esporte paraolímpico, instrumentalizando e orientando os jornalistas a partir dos múltiplos elementos e fatores que compõem a complexidade da manifestação esportiva em pauta. As características desta preparação coadunam com a ideia de Wolton (2011) de que informar não necessariamente é comunicar. Segundo o autor, para se consolidar o processo comunicativo, o jornalista precisa não só informar sobre o factual, mas necessita, sobretudo, ser capaz de construir a notícia, contextualizando o máximo da diversidade de elementos que compõem o fato em questão. Neste sentido, no caso do esporte paraolímpico, mostra-se necessário o jornalista estar preparado para ter condições de produzir notícias que não só informem sobre os resultados e feitos esportivos alcançados durante os JP, mas que comuniquem ao consumidor, por exemplo, sobre a deficiência dos atletas e a classificação funcional destes, visto que são elementos definidores do contexto existente em torno do megaevento e da manifestação do esporte paraolímpico.

As falas dos jornalistas André e Vinicius ratificam o suporte não só editorial, mas também da empresa de mídia para a qual trabalharam juntos com o editor Fernando, como fator relevante na preparação da equipe para a cobertura dos JP. Ambos reiteram o relato do editor, mas também indicam que muito desse processo de preparação ocorreu a partir da autonomia e da subjetividade do jornalista em perceber as demandas individuais que poderiam aparecer no dia a dia da rotina produtiva da cobertura jornalística de um megaevento esportivo como os JP.

ANDRÉ: A “Nacional 1” como eu te disse, deu força. Ela ajudou na transmissão, nos deram indicações, nos deram orientações. A gente teve a disponibilidade, a gente teve e tem disponibilidade pra conseguir fazer uma pesquisa [...] Tem muito também do próprio repórter, jornalista, aproveitar o momento e querer participar do momento né? Acho que tem muito disso e acho que isso que faz com que o trabalho seja mais proveitoso, mais gostoso de fazer e acho que a qualidade fica melhor. Acho que como a equipe abraçou também muito o evento, acho que a transmissão ficou muito legal.

VINICIUS: O que eu fiz, a parte que eu produzi. Eu peguei o guia que a própria “Nacional 1” fez pro site, sobre as modalidades paraolímpicas, o do site oficial do Rio 2016 e o do ministério do esporte, que explicava a regra das modalidades, como são as classes, curiosidades, quem já ganhou medalha e tal, tal, tal. Juntei tudo isso num caderno. Então esse era o caderno que eu tinha de modalidades.

A autonomia profissional do jornalista aqui se evidencia mais uma vez como elemento inerente à cultura jornalística e que é determinante para o tipo de trabalho a ser desenvolvido no processo de produção de notícias. Conforme podemos identificar no relato dos jornalistas André e Vinicius, mesmo com o suporte da empresa de mídia, ambos demonstraram a necessidade de se utilizarem da própria autonomia e interesse jornalístico no esporte e no esporte paraolímpico no sentido de aprimorarem a preparação para a cobertura dos JP. Segundo Tuchman (1983), a subjetividade dos jornalistas aparece com força na cultura jornalística, pois esta é uma forma de eles tipificarem o processo de produção de notícias de modo a estabelecerem uma identidade própria ao resultado deste trabalho.

A aparentemente necessária subjetividade e autonomia do jornalista na preparação para a cobertura de um megaevento esportivo, como os JP, com características próprias, evidenciou-se também na fala de outros jornalistas. O relato do jornalista Luiz e do editor Fred revelam esta preocupação pessoal do jornalista no momento de preparação para uma cobertura como forma de qualificar as condições da produção de notícias.

FRED: Ah, a própria entrevista que foi publicada aqui na “Regional 1”. Como editor eu falei, oh, quero dar uma olhada para saber exatamente das pessoas que acompanham esse paradesporto no dia a dia, para ter uma ideia melhor, entendeu? Porque a gente sabe que existe algumas... algumas especificidades, e as vezes a gente erra exatamente por não ter essa.

LUIZ: Não, assim, é... assim, acho que daí é uma coisa muito pessoal, nossa mesmo de você procurar informações porque realmente não é

uma coisa do nosso cotidiano né? E justamente sobre essas especificações, porque é uma coisa que realmente é um pouco diferente daquilo que normalmente... então acho que assim, houve uma preocupação nossa mesmo de aprender um pouco mais, saber um pouco mais sobre... sobre essas diferenças dentro da mesma modalidade, justamente para tentar passar a informação mais correta, mas enfim, foi uma preocupação muito mais nossa mesmo.

O caráter da personalidade embutida na preocupação com a preparação, com a qualificação das condições de produção de notícias relacionadas aos JP, evidencia-se nos dois relatos acima como forma de prevenção ao erro. Esta característica associa-se, mais uma vez, à subjetividade que normalmente interfere no processo de produção jornalística ao transformar acontecimentos do cotidiano em notícias (TUCHMAN, 1983). Apesar de aparentar ser uma questão óbvia, a autonomia profissional e a preocupação subjetiva dos jornalistas justificam-se, basicamente, pelo fato de que as notícias normalmente são assinadas por eles próprios. Mesmo tendo em vista que o discurso jornalístico é composto por uma série de procedimentos e fases de produção, análise e edição das notícias, quando toda uma equipe editorial participa desse processo, a identidade que se expõe e que estabelece relação com os personagens das notícias não é só a do veículo midiático, mas também, e principalmente, a dos jornalistas. Neste sentido, por exemplo, em caso de incorrer ao jornalista de produzir a notícia a partir de determinados estigmas associados aos atletas com deficiência, o mal-estar e as críticas podem se voltar diretamente a ele, podendo, inclusive, trazer riscos à manutenção do seu emprego no jornal.

Como forma de aproveitar a presença e a influência desta autonomia profissional dos jornalistas e o caráter da personalidade no desenvolvimento do trabalho de produção de informação e notícias sobre o esporte e os JP, os jornalistas do CPB relataram existir um permanente trabalho da entidade esportiva em conduzir a preparação deles para ter maior autonomia no momento da realização do megaevento esportivo. O jornalista Jorge, que faz parte do quadro permanente da assessoria do CPB, e a jornalista Jaciara, que foi contratada especificamente para a cobertura dos JP, revelam que já vinham construindo uma relação de proximidade com os atletas e com o esporte paraolímpico do Brasil, através do trabalho pela instituição em outras competições deste ciclo de 2012-2016. Para os dois jornalistas, esta é uma forma de condução e preparação induzida pelo CPB que lhes proporcionou experiência pessoal e profissional para ter melhores condições de produzir conteúdo informativo durante os JP.

JORGE: Bom, desde o ano passado eu já vinha acompanhando a equipe de atletismo mais de perto, eu fui pro mundial de Doha do ano passado com o CPB. Este ano o plano era acompanhar a modalidade que eu já vinha acompanhando, então eu já sabia mais ou menos o que eu ia encontrar.

JACIARA: Olha, como te falei, eu já cobri pro próprio CPB os Jogos Parapan Americanos de Guadalajara, então eu já conhecia as subdivisões, conhecia vários atletas presentes, porque muitos dos que estavam lá, estavam aqui agora. Já sabia como lidar com eles desde aquele período. Eu cobri os Jogos Olímpicos de Londres, os Jogos Parapan Americanos de Toronto, os Jogos Mundiais Militares do Rio. Então assim, não teve nenhum tipo de preparação especial porque se pressupôs que se contratou um pessoal que já tinha experiência, tanto no esporte paralímpico, quanto em grandes eventos né? Que no caso eu já tinha, acho que pelo menos isso foi uma preocupação que eles precisavam ter. Na verdade, só duas pessoas eu acho que foram contratadas de fora do Comitê Paralímpico. Eu e a [...], se não me engano. Todo mundo que tava lá, o Comitê Paralímpico já tem uma equipe de comunicação grande, então todo mundo que tava lá já acompanha esses atletas no dia a dia. Então na hora que eles precisaram contratar dois braços é... a mais, porque era um evento maior, eu acho que eles procuraram justamente pessoas que já tinham essa experiência tanto em grandes eventos, quanto com o esporte paralímpico. Talvez não fosse uma experiência do dia a dia, mas havia uma experiência, pra que já se encaixasse facilmente no processo. Então não, não havia necessidade também.

A experiência com grandes eventos e com a cobertura jornalística de competições anteriores relacionadas aos JP, neste caso induzida pela instituição esportiva e transcendendo para a dimensão pessoal dos jornalistas, nos remete à valorização da experiência em Benjamin (1985), conforme discutido no capítulo anterior. Este é um modo de preparação adotado pelo CPB, que explora uma das virtudes da experiência humana conforme caracterizada pelo autor, que é a capacidade subjetiva de compreender as diferentes condições sociais, políticas e econômicas do fenômeno com o qual se lida no presente, a partir das experiências vividas no passado. Como afirma o editor de comunicação do CPB, formar uma equipe com esse tipo de preparação, experiente e acostumada, possibilita ter tranquilidade no desenvolvimento do trabalho informativo e comunicativo durante os JP.

MARTINS: O pessoal daqui já tá mais acostumado né, a equipe já tá bem acostumada, muito mais até do que eu. Mais familiarizada com as expressões, com tudo relacionado ao esporte, conhecem os atletas, então isso aí foi muito tranquilo.

A familiarização com os atletas e o fato de conhecê-los pessoalmente, de acordo com a fala do editor, aparenta ser um dos fatores preponderantes da preparação dos jornalistas. Consoante citado no trabalho, a identificação estética entre os jornalistas e os atletas se configura, então, como relevante elemento que permeia a forte subjetividade, a qual influencia nas condições do desenvolvimento do trabalho de produção de notícias sobre o esporte paraolímpico, mas não só sobre ele, sobre o esporte de maneira geral. No caso do esporte paraolímpico, a identificação estética aparentemente ganha contornos de especialidade devido às condições extraordinárias dos corpos, das habilidades e dos feitos esportivos dos atletas com deficiência. Neste sentido, não só a experiência de trabalho com os atletas, como também a convivência com pessoas com deficiência nas redações dos jornais apareceu como fator relevante e preparatório para o trabalho na cobertura jornalística de um megaevento com as particularidades dos JP. O relato do editor Rodrigo revela indícios da influência desta convivência no processo de construção da identidade estética com pessoas com deficiência e, conseqüentemente, nos modos de compreender e agir durante a produção de notícias sobre o esporte paraolímpico.

RODRIGO: Quanto à preparação. Bom. Especificamente em relação ao “Regional 2”, nós temos muito preparo na cobertura desse tipo de evento. Primeiro porque o “Regional 2” tem nos quadros de esporte... um membro da editoria de esportes do “Regional 2”, ele... ele não tinha o movimento das pernas, dos braços, só escrevia com um dedinho, e inclusive não tinha condições de ir ao banheiro sozinho. A equipe de esportes levava ele, dava comida na boca, mas ele conseguia escrever com o dedinho. Então a gente sabe conviver com as dificuldades, certo?

Podemos considerar o aprendizado através da convivência, citado pelo editor, como um dos elementos centrais que podem ajudar no processo de preparação dos jornalistas para se ter condições qualificadas de produzir notícias sobre os JP. De acordo com Gumbrecht (2010), a relação de co-presença produzida nas relações humanas é capaz de construir identidades que objetos simbólicos com significância e sentidos sociais consolidados não conseguem. Esta ideia, alinhada aos pressupostos de Honneth (2003) de que é através de relações primárias estabelecidas com os outros – ou seja, da convivência - que podemos desenvolver sistemas éticos de relacionamento e de afeto com as diferentes identidades, promovendo, assim, o primeiro estágio do

reconhecimento social, é uma perspectiva teórica que se sustenta a partir dos dados relatados sobre o tipo de preparação pautada nas experiências e na convivência com o esporte e com os atletas paraolímpicos. Tal perspectiva preparatória da cobertura também se apresenta como possibilidade de se romper com os estigmas sociais associados aos atletas com deficiência, pois, como argumenta Goffman (2012), os estigmas são identidades sociais virtuais construídas sobre os outros, advindas, principalmente, da falta de convivência entre os diferentes grupos da sociedade.

As falas dos jornalistas Ícaro e Antonio, que apresentamos a seguir, podem também nos servir como dado de sustentação da relevância que os jornalistas demonstraram dar à convivência e ao fato de se ter relações cotidianas com pessoas com deficiência nas redações de jornal. Nos relatos destes jornalistas, por exemplo, estes elementos apareceram como contributo de preparação para a cobertura jornalística dos JP.

ÍCARO: Eu não tenho contato, por exemplo, próximo... de pessoas próximas da minha família que tenham deficiência, mas eu tive aqui na redação a gente tem um contato... que eu me lembre duas colegas que são deficientes visuais e é normal. É uma coisa que a gente não... não sei, não me parece pelo menos pra mim eu nunca senti a necessidade de orientar, de ser orientado né em como me referir a eles. Pra mim é uma coisa que é igual assim.

ANTONIO: Desde a matéria já tinha mudado um pouco assim né. Eu já pensei, já olho diferente. A questão da rua, um lugar pra acessibilidade ou não, eu já pensei, já comecei a olhar diferente assim e tal. Desde a matéria eu já fiquei mais, assim, atento, mais sensível a causa assim. Depois lá do Rio também, apesar de tu vê... claro, fora o pessoal com paralisia que tem a deficiência mais complicada, que muita superação né, que eles acabam desenvolvendo muitas habilidades. O pessoal que não, o amputado consegue fazer várias coisas, enfim... o deficiente visual e tal, o pessoal cadeirante, tu acaba tendo um olhar mais atento. A gente até tem dois colegas aqui deficientes visual e daí já acaba pensando assim também, quando tu encontra eles, tu já tem esse olhar mais atencioso assim.

O jornalista Ícaro destaca a relação de convivência com as colegas com deficiência visual como forma de perceber que o modo de se referir às pessoas com deficiência deve ocorrer de maneira igual ao que ocorre com as demais pessoas sem deficiência. Isso revela uma percepção de que não há necessidade do caráter de especialidade no tratamento com as pessoas com deficiência e, no caso do esporte, com os atletas com deficiência. Diferentemente, o jornalista Antonio ressalta que esta

convivência com colegas com deficiência no interior da redação do jornal o fez estar mais atento às particularidades e dificuldades enfrentadas por essas pessoas.

A partir dos dados apresentados pelos dois jornalistas, podemos inferir que a relação de co-presença, de convivência em uma relação primária com pessoas com deficiência, seja na vida pessoal, na vida profissional ou até mesmo de maneira induzida pelas experiências de cobertura jornalística em outros eventos esportivos paraolímpicos, se configura como importante meio de preparação dos jornalistas para produzir notícias sobre os JP e sobre o esporte adaptado de modo geral. Tal estratégia se apresenta como possibilidade do desenvolvimento de uma identidade estética dos jornalistas para com os atletas com deficiência, desenvolvendo, assim, um sistema ético entre os dois grupos profissionais ali envolvidos e, provavelmente, ajudando a romper com a reprodução dos estigmas sociais inerentes a este contexto.

Na sequência do trabalho apresentaremos os dados relacionados à relevância do suporte informativo das instituições esportivas relacionadas ao esporte paraolímpico para os jornalistas frente ao baixo volume de informação existente sobre esta manifestação do esporte.

2.4. O trabalho com as fontes institucionais, com as agências de notícias e com os guias de imprensa

Vistas as condições de preparação e de participação dos jornalistas no processo de produção de notícias sobre os JP, conforme apresentamos até aqui no trabalho, identificamos em falas dos nossos interlocutores a relevância do suporte informativo das instituições burocráticas do esporte paraolímpico na rotina produtiva da cobertura jornalística do megaevento. Os dados que apresentamos nesta seção do trabalho revelam o papel informativo exercido pelo IPC, pelo CPB, pela OBS, pelas federações e associações esportivas paraolímpicas na rotina produtiva dos jornalistas diante das condições de produção que eles tinham para a realização do trabalho jornalístico. De acordo com a fala dos interlocutores do estudo, estas entidades esportivas se configuraram não só como suporte informativo técnico sobre a competição e os atletas participantes, mas também como fornecedores de conteúdo noticioso, devido ao baixo volume de informações produzidas e disponíveis sobre o universo do esporte paraolímpico. Além disso, os guias para orientação da mídia produzidos por estas entidades e/ou por parceiros também foram mencionados como suporte de informações

didáticas para eles, sobretudo para lidar com uma temática com a qual não estão habituados.

2.4.1. O suporte informativo das fontes institucionais oficiais do esporte paraolímpico

De acordo com a fala dos jornalistas que realizaram a cobertura dos JP *in loco*, o IPC e a OBS disponibilizaram um portal de informações de acesso restrito aos jornalistas credenciados que se caracterizou como o principal suporte informativo para a produção das notícias no dia-a-dia do megaevento. Segundo os jornalistas, o portal, denominado de *My Info*, fornecia dados sobre todos os atletas em competição, principalmente relacionados ao histórico do desempenho deles, às melhores marcas e à posição conquistada nas demais competições disputadas anteriormente.

ANTONIO: Não, impresso não. Hoje em dia é muito online né, então eu entrava no site e tinha o "my info", que era um site da organização, que tinha bastante informações dos atletas, das competições, ali tinha. Tinha, enfim... como que era a deficiência do atleta, tinha todo um... um site que a gente conseguia acessar.

VINICIUS: No site, que chamava "My Info", que eles disponibilizam pra emissoras credenciadas, eu conseguia pegar as start lists, e ai eu pegava dados sobre os atletas que tavam nas provas também. Então assim, uma prova que ia nadar o Daniel Dias, claro minha intenção era falar do Daniel, mas eu pegava o atleta que tava na raia 5 e na raia 3 ali, que também tinham boas chances de medalha, eu conseguia pegar o histórico desse atleta, se ele já tinha medalha paraolímpica, como que tinha ido no Rio, histórico de mundiais desses caras. Então tinha material de atletas também não brasileiros, no my info, pra eu poder buscar pra complementar. Além de dados históricos também que eles tinham muita coisa.

FRANCISCO: Durante as competições também havia, online, o site com as informações do que acontecia nas diversas arenas, então ali nos ajudava também muito a direcionar. Então, por exemplo, você sabia que bom, o brasileiro ganhou a semifinal então ele vai disputar a final daqui há tantas horas. Então eu conseguia criar a logística ali pra me deslocar e pra tá no lugar, mas isso é praxe, todas as competições têm esses sites, não é nenhuma novidade.

As falas dos jornalistas Antonio, Vinicius e Francisco são convergentes no que se trata do suporte informativo proporcionado pelo sistema do IPC, o *My Info*. Este sistema fornecia informações detalhadas sobre os atletas, a competição e o histórico das competições. Além disso, contribuía como suporte, sobretudo, por permitir acessar

dados de atletas estrangeiros que estavam em disputa com os brasileiros, podendo qualificar assim a informação transmitida nas notícias. O sistema possibilitava aos jornalistas se organizarem no dia-a-dia da competição, coletando ali dados para o trabalho de cobertura jornalística durante as sessões de competição. Como o *My Info* dava acesso a informações em tempo real, os jornalistas conseguiam também planejar a logística de deslocamento entre as arenas para a cobertura de provas e/ou atletas específicos.

O jornalista Francisco, por sua vez, revela que este não é um sistema específico dos JP. Segundo o jornalista, sistemas como este são ferramentas de suporte existentes em outras competições esportivas. Apesar de não ser uma especialidade dos JP, o sistema se configurou como uma ferramenta de suporte relevante para os jornalistas na cobertura das especificidades dos JP. Outro relato do jornalista André exemplifica o tipo de suporte que ele pode fornecer no processo de produção de notícias.

ANDRÉ: E aí você perguntou do My info, o my info ele era um sistema assim, que eu pegava muito o que ia rolar no dia. Então, por exemplo, ia ter a prova do André Brasil. Eu não lembrava do desempenho do André Brasil naquela prova em 2008. Então o My info me permitia ter acesso a como é que ele foi, qual foi o tempo dele. Tinha os números das provas do André Brasil, dos 200 metros, de todas as vezes que ele disputou. Isso me ajudou, me ajudava, porque eu tinha que chegar lá e, por exemplo... Ele não foi tão bem, mas ele melhorou o tempo, vou falar com o atleta ao vivo, as vezes ele tá chateado, porque não conseguiu a classificação, não conseguiu a medalha, ele nem olha muito pra questão do tempo. Que postura na hora de perguntar? Você vai chegar e perguntar, pow cara, o que deu errado hoje? O cara já tá revoltado, já tá chateado, você chega com uma pergunta, sabe... tem gente que faz isso, eu não acho que é legal, sabe? Eu acho até que é uma falta um pouco de respeito com o atleta... E mesmo que você vá fazer uma pergunta pra questionar porque que ele não foi bem, quando você tem dados pra embasar, você pergunta, fulano, você vinha fazendo o seu tempo na casa de 2,05 e dessa vez você fez na casa de 2,07, onde que faltou esses dois segundos? Foi na tua saída, foi na tua chegada, foi na virada? Você tem o que questionar, é diferente de você chegar pro cara, o que é que deu errado? O cara vai falar, tudo! Que nem jogador de futebol!

A declaração do jornalista André reafirma a relevância de uma preparação em longo prazo – conforme discutimos anteriormente - e de um suporte informativo permanente, como o do *My Info*, para lidar com o volume e a diversidade de conteúdo que circunda um megaevento esportivo como os JP, tais como as marcas e recordes dos atletas e modalidades em competição. Além desse fator, o fato de se ter acesso a

informações que contribuem para uma melhor formulação das entrevistas com os atletas no momento pós-prova ratifica mais uma vez o papel comunicativo a ser exercido e mantido com perenidade pelas instituições esportivas, não só do esporte paraolímpico, mas do esporte de maneira geral. Nesta situação, não tomamos como regra a perspectiva e a atitude jornalística relatada pelo jornalista André de como abordar o atleta, pois esta pode ser uma percepção estritamente relacionada à subjetividade e sensibilidade individual deste profissional. No entanto, o que podemos identificar neste caso é como a mediação comunicativa das entidades burocráticas do esporte tanto pode ajudar na relação que se estabelece entre os profissionais do esporte e da mídia (atletas e jornalistas), como também, conseqüentemente, pode contribuir para o modo como o próprio esporte venha a ganhar visibilidade midiática e social.

No sentido da relevância de um suporte informativo como o *My Info*, o jornalista Vinicius o caracteriza como um elemento que compôs o processo de produção das notícias sobre os JP, contribuindo para tornar a cobertura jornalística mais didática.

VINICIUS: Bom, acho que o que facilitou foi esse sistema que a gente tinha, o My Info, ele é atualizado em tempo real assim, então tava rolando uma prova de natação, de 400m, eu tinha na batida dos 50, 100, 150, a posição de todos os atletas, então esse é um sistema fundamental, que ajuda demais a transmissão. Essa pré-produção também ajuda bastante. Ver os detalhes das modalidades, o que são, as especificidades das classes, isso ajudou muito para a transmissão, porque isso aí dá um suporte para tentar manter o tom da transmissão, para que seja uma transmissão que tenha a emoção do esporte e tal, que tenha isso, mas que seja didática também, sem ser aquele didático parecendo que tá dando aula de modalidade, chato e tal. Que ela seja informativa e também de entretenimento. Acho que a transmissão esportiva ela precisava ter isso. Então esse material de suporte ele ajudava muito pra isso, uma coisa que ajudou muito.

O relato do jornalista Vinicius reitera como o suporte informativo fornecido pelas instituições burocráticas do esporte paraolímpico - neste caso colaborando para o entendimento das especificidades das classes dos atletas - em conjunção ao exercício profissional do jornalista, voltado prioritariamente à preocupação informativa de esclarecer o público, nos permite retomar o papel formativo e socializador da mídia para com o esporte paraolímpico no âmbito da cultura esportiva. Ao menos do ponto de vista do discurso do jornalista, a associação do suporte informativo institucional do esporte e do esporte paraolímpico com a visão jornalística de não só entreter, mas sobretudo de informar o público, é um quadro que se apresenta como possibilidade de superação do

processo de semiformação esportiva, causado pela mercadorização e espetacularização do esporte (PIRES, 2002)³¹.

Em primeiro lugar, de acordo com o relato dos jornalistas, o suporte do *My Info* se configurou como uma relevante ferramenta fornecida pelas instituições do esporte paraolímpico – mas não só dele - que instrumentalizou com conteúdo informativo a relação de co-presença – tal como o tipo de relação defendida por Gumbrecht (2010) - que o jornalista estabeleceu com o esporte e com os atletas paraolímpicos. O *My Info* foi uma ferramenta que ajudou, principalmente, no processo de produção de entrevistas e, conseqüentemente, na produção das notícias sobre os JP. Em segundo lugar, o referido sistema de informações se apresentou como contributo para o esclarecimento dos jornalistas sobre as especificidades do esporte paraolímpico, como as classificações dos atletas, por exemplo, permitindo, assim, que eles desenvolvessem o processo de produção de notícias sobre os JP de maneira didática, sem perder também a dimensão emocional do fenômeno.

A perspectiva dos jornalistas André e Vinicius apresenta um caráter crítico da narrativa midiática do esporte, que contraria características corriqueiras do esporte da mídia, no qual se prioriza a emoção do espetáculo esportivo em detrimento dos elementos racionais que o compõem (BETTI, 2001). Esta é uma percepção sobre o modo de narrar o esporte (paraolímpico) que, caso materializada no produto final - na notícia - permite ao consumidor decidir de maneira autônoma a forma de se relacionar com o fenômeno esportivo. Deste modo, o jornalismo esportivo abre a possibilidade de o consumidor se relacionar e se fascinar pelo esporte, conforme aponta Gumbrecht

³¹ Semiformação esportiva é o resultado dos procedimentos midiáticos com relação ao âmbito esportivo que “faz da cultura esportiva conformada pela indústria midiática uma cultura desencarnada, desprovida do potencial crítico-reflexivo que caracteriza a formação cultural autêntica” (PIRES, 2002, p. 102). Em síntese, o autor caracteriza o estágio de midiatização e espetacularização da cultura esportiva como meio de promoção da semiformação cultural do esporte pelo fato deste modelo esportivo massificado pela indústria midiática se configurar por uma representação fragmentária do fenômeno esportivo como um tipo de manifestação social. Tanto nas suas estratégias de veiculação imagética, como na construção das narrativas textuais, a mídia enquadra no discurso midiático e procura valorizar do esporte, por exemplo, as dimensões dos ídolos, das vitórias, das conquistas, do sucesso esportivo e financeiro dos atletas, tudo isso em detrimento de fazer um retrato midiático-esportivo ampliado que enquadre as mazelas e problemas também inerentes a este âmbito esportivo, tais como as desigualdades salariais entre atletas, os casos de corrupção na gestão burocrática do esporte, o tratamento e a situação dos torcedores no acesso aos estádios e arenas de disputa, entre outros tantos elementos sociais e críticos deste contexto. Para o autor, portanto, estas são algumas características que conformam o esporte midiatizado como semicultura esportiva pois: “i) serve aos interesses ideológicos de ocupação e controle do tempo livre dos trabalhadores pela indústria cultural; ii) oblitera o canal crítico de que poderia se revestir o esporte enquanto formação cultural, privilegiando apenas o pólo adaptativo; e iii) reproduzida na educação, pelo seu caráter dogmático de mistificação das massas, a (semi)cultura esportiva hipostasia o potencial emancipatório daquela, como um anti-iluminismo” (PIRES, 2002, p. 107).

(2007), tanto por uma via de atitude analítica deste, como pelo envolvimento emocional provocado por ele, ou até mesmo por meio das duas opções. Segundo o autor, esta é uma forma de lidar com o esporte, que valoriza a experiência estética proporcionada por ele, que não inibe a sua dimensão política e social, e que valoriza, sobretudo, a autonomia subjetiva do modo como o consumidor queira estabelecer a relação social com o fenômeno esportivo.

Podemos considerar, diante do quadro descrito, o suporte informativo do *My Info* como elemento instrumental e crítico - a depender dos usos jornalísticos que se faça - que se evidenciou como aporte das instituições burocráticas do esporte paraolímpico ao processo de produção de notícias sobre os JP. Um suporte informativo, que proporcionou condições qualificadas para a cobertura dos Jogos e influenciou diretamente nas possibilidades dos modos de agir dos jornalistas na rotina produtiva durante o megaevento. Este pode ser um exemplo de como a mediação de instituições que representam o esporte pode interferir positivamente na mediação técnica realizada pela mídia através do jornalismo esportivo. Uma forma de mediação comunicativa, que subverte, em parte, a hegemonia da relação estritamente empresarial estabelecida entre a mídia e o esporte (SANTOS, 2015) e que pode também impactar diretamente no tipo do processo de sociabilização do esporte paraolímpico. Tal modo de agir e de operar das instituições do esporte paraolímpico também se configura, aparentemente, como uma forma de contrapor a tendência à sobreposição dos interesses do campo midiático em relação ao campo esportivo, conforme defende Sanfelice (2010).

O suporte concedido por determinadas entidades esportivas, segundo os jornalistas, configurou-as como suas fontes de informação no processo de produção de notícias sobre os JP. A atualização permanente dos sites e das redes sociais de instituições como o IPC, o CPB, o Comitê Organizador Rio/2016 e as federações e associações esportivas paraolímpicas serviu aos jornalistas como espaço de consultas com confiabilidade, que compôs a rotina produtiva da cobertura noticiosa dos JP.

FRED: [...] do COB, eu usei bastante foto do COB mesmo... do COB não, desculpa, do CPB né. Usei bastante fotos deles porque eles tinham o Flickr lá deles que conseguia atender bastante, entendeu? Antes das Agências disponibilizarem algum tipo de foto, nas fotos eu usei mais a France e o próprio CPB também que tinha essa divulgação deles, fotos boas inclusive, que deu pra utilizar também...

MARIANA: Assim, o melhor... a melhor fonte, tanto em olimpíada quanto em paralimpíada, na minha opinião, foi o site do Rio/2016.

Achei um site supercompleto, eles traziam todos... todas as modalidades né. Tinha explicação... explicava as regras de cada modalidade paralímpica. Curiosidades de cada modalidade, todas as categorias... depois tinha durante a competição, eles tinham aquele tempo real que tu conseguia ver absolutamente tudo que tava acontecendo na hora.

ÍCARO: Em grandes eventos assim, normalmente os sites são bem, bem atualizados assim. O site do Comitê Paralímpico e do Comitê Olímpico são bons assim, são atualizados, e especialmente pra imagens é muito importante pra gente. Eles são muito ágeis e têm uma gama de... disponibilizam uma gama de fotos pra gente muito grande. A gente foi sem fotógrafo para a paraolimpíada, então a gente precisava disso. Também tem uma questão assim, que o Antonio era um só e tinha um monte de competições rolando. Ele não tinha como acompanhar tudo que tava acontecendo e a gente tinha que dar no jornal várias coisas que estava acontecendo e ele não tava acompanhando. E aí a gente acompanha com os sites oficiais, com agências de notícias que a gente contrata aqui, e conta com esse serviço das fotos que são disponibilizadas.

ANTONIO: Eu buscava muito nas fontes oficiais dos organizadores né, Comitê Paralímpico, Rio/2016, pra não ter muito erro né, direto em fontes oficiais assim.

O relato dos jornalistas não só reforça o argumento sobre a relevância da mediação comunicativa realizada pelas entidades esportivas, neste caso as citadas pelos jornalistas são o CPB e o Comitê Organizador Rio/2016, mas também caracteriza a credibilidade e a confiança atribuída pelos jornalistas a elas, ao consultá-las como fontes institucionais de informação para a produção de notícias. O editor Fred menciona o perfil do CPB na rede social *Flickr* como fonte de conteúdo fotográfico. A editora Mariana cita o portal do Rio/2016 como fonte de consulta sobre as regras das modalidades, sobre curiosidades, também sobre as classificações e, além disso, sobre os acontecimentos que ocorriam nos JP em tempo real. O jornalista Ícaro relata a importância do conteúdo informativo destes sites diante das limitações de produção do único jornalista que foi enviado pelo jornal para a cobertura *in loco* dos Jogos, transformando-se, assim, em fontes fotográficas e de informações gerais do dia-a-dia do megaevento. Para o jornalista Antonio, o caráter oficial destas fontes dava a ele segurança para não incorrer ao erro durante a produção das notícias.

A busca dos jornalistas por informações e conteúdo nos sites e páginas oficiais do esporte paraolímpico e dos JP coaduna com uma tendência existente na cultura jornalística, conforme aponta Wolf (1987), de que as fontes institucionais normalmente

são as selecionadas pelos produtores das notícias. Segundo o autor, o principal motivo/interesse para esta preferência e seleção dos jornalistas pelas fontes institucionais/oficiais é a capacidade que elas têm de fornecerem informações confiáveis. Além da autoridade, confiança e credibilidade que estas instituições oficiais transmitem para uma busca por informação, a produtividade de conteúdo é outro elemento fundamental para que elas se tornem fontes regulares dos jornalistas. A perenidade produtiva das fontes institucionais as faz prevalecer junto aos jornalistas, pois quando isto ocorre, elas “fornecem materiais suficientes para confeccionar as notícias, permitindo assim aos aparatos [mídias e jornalistas] não terem que se dirigir a mais fontes para obter os dados ou os elementos necessários” (WOLF, 1987, p. 257).

De acordo com os dados relatados pelos interlocutores do estudo, ao manterem os sites e os perfis em redes sociais atualizados, com informações gerais e específicas sobre o esporte, os atletas e os JP, com conteúdo sendo veiculado em tempo real, as instituições esportivas paraolímpicas garantiram a confiabilidade e a perenidade produtiva para se consolidarem como fontes oficiais de informação jornalística neste contexto. Este é um modo de operar das entidades esportivas paraolímpicas que vai além do papel burocrático comumente exercido pelas instituições esportivas, entre elas Comitês e Confederações. No entanto, ao se posicionarem também como fonte de informações oficiais para os jornalistas na cobertura dos JP, o CPB e o Comitê Rio/2016 não só podem ter garantido um padrão mínimo de qualidade informativa a ser veiculado sobre o esporte e os atletas paraolímpicos, como também podem ter conquistado uma forma de poder entre os diferentes fatores e agentes que, segundo Wolf (1987), compõem a correlação de forças das negociações existentes em todo e qualquer processo de produção de notícias.

Pela ótica do jornalismo investigativo e da importante pluralidade de perspectivas para a garantia da qualidade da informação e da comunicação social na produção jornalística (WOLTON, 2011), a interferência e a produção de conteúdo informativo por parte das instituições esportivas colocam-se como um imbróglio ambíguo a ser discutido. Ao mesmo tempo que a produção das instituições se mostra relevante para os jornalistas no quesito da credibilidade e confiabilidade das informações, restringir-se às fontes oficiais impõe um risco à criticidade e às narrativas alternativas do discurso midiático-esportivo. Isto funciona como um controle editorial do tipo de informação a ser produzida e veiculada sobre o esporte paraolímpico (HOWE, 2008). Assim, pode-se inibir a investigação jornalística de questões polêmicas

deste universo esportivo, tais como o doping e a classificação dos atletas. Neste sentido, ainda que consideremos plausível a produção de conteúdo informativo por parte das instituições esportivas como forma de proteção ao esporte, resta ao jornalismo esportivo exercer o seu papel investigativo e utilizar da liberdade de expressão para produzir notícias que atendam, sobretudo, ao interesse público.

Apesar da predominância de consulta aos sites oficiais das instituições esportivas paraolímpicas, relatos dos jornalistas revelaram algumas ocasiões em que a fonte de conteúdo informativo para a composição das notícias foi a plataforma de busca do *google*. O jornalista Antonio e o jornalista Ícaro, contradizendo os relatos anteriores, mencionaram a realização de buscas na referida plataforma, correndo os devidos riscos de incorrer ao erro informativo frente à diversidade de conteúdos ali existentes e à necessidade de filtragem para a identificação de fontes confiáveis.

ANTONIO: Comitê Paralímpico e no Rio/2016, que é um site que tem, e o Comitê Paralímpico mesmo. Larguei muita coisa em google também, não vou mentir, larga no google, procura algumas coisas, daí entrava matérias de várias fontes, daí tem que selecionar fontes confiáveis assim, pra se inteirar né?

ÍCARO: Assim, tem uma parte de pesquisa... que aí a internet nos ajuda assim né, de pesquisar em veículos de imprensa confiáveis, que muitas vezes são histórias que já tão rolando aí em outros veículos. Sair atrás, ver o que tá se dizendo sobre aquele assunto, enfim, e especialistas né. Ai é que a gente barrava nessa dificuldade. Ouvir pessoas especialistas que pudessem fazer com a gente fosse além. A gente teve essa matéria do patrocínio, por exemplo, a gente conseguiu uma resposta por escrito do COI, sobre a carta olímpica que proíbe patrocínio nas arenas da olimpíada. Ai a partir dessa a gente foi pesquisar... eu pesquisei a carta olímpica e a carta paraolímpica, pra pinçar os trechos que, na carta olímpica, proibiam patrocínio e a carta paralímpica permitiu né. Ai claro, é uma questão, uma apuração que é simplesmente de google. Não é o melhor jeito de se conseguir informações e tal [...] E se tu achou com uma pesquisa de google, qualquer outra pessoa pode achar né.

Em estudo realizado por Bitencourt *et al.* (2008), também foram identificados casos em que os jornalistas esportivos realizaram buscas no *google* para composição e complementação de informações no processo de produção das notícias. Para os autores, isto pode representar a pouca seriedade, a falta de critérios de qualidade e confiabilidade, ou até mesmo o despreparo dos profissionais como características concernentes à cultura do jornalismo esportivo. Ainda que os dois interlocutores do estudo supracitados tenham mencionado o buscador do *google* como fonte, ambos

demonstraram preocupação e cuidado com a confiabilidade das informações procuradas por eles neste universo informativo, não nos permitindo associá-los diretamente às características do jornalismo esportivo apontadas por Bitencourt *et al.* (2008).

Nesse contexto, o dado da situação relatada pelos jornalistas tanto confirma a relevância do posicionamento das instituições esportivas paraolímpicas como fontes de informações oficiais para a cobertura jornalística, mediando o processo comunicativo acerca dos JP, quanto revela também o risco de a midiatização do esporte paraolímpico estar ocorrendo permeada pelas vicissitudes da mídia, que desqualificam e empobrecem a representação social do esporte no âmbito da cultura.

O relato supracitado do jornalista Ícaro, além de mencionar a busca por informações no *google*, também indica a consulta a outras mídias como fontes informativas para o processo de produção de notícias sobre os JP. A fala do jornalista Luiz também apresenta indicativos neste sentido ao relatar um conteúdo produzido pela Folha de São Paulo, que ele teria utilizado como fonte para qualificar o seu conhecimento sobre o esporte paraolímpico.

LUIZ: Acho que o próprio site do Comitê Paralímpico tinha algumas coisas, né? O oficial da competição também. Tinha também. A Folha de São Paulo fez um guia bem legal, com as especificações de cada modalidade, é... de cada categoria, mostrando as diferenças, enfim, explicando porque uma se encaixava em uma categoria. Então assim, esses sites aí deu para a gente procurar assim, deu para ter um conhecimento um pouco melhor.

A característica de jornalistas se pautarem e/ou utilizarem como fontes outros jornalistas ou outros jornais é denominada por Bourdieu (1997) como circularidade circular da informação. O autor afirma que a informação jornalística se configura em um círculo vicioso de difusão no qual os jornalistas e os jornais vão se pautando entre si por dois motivos. O primeiro é pela homogeneização que a falsa concorrência dos jornais promove, pois "ela se exerce entre jornalistas ou jornais que estão sujeitos às mesmas restrições, às mesmas pesquisas de opinião, aos mesmos anunciantes" (BOURDIEU, 1997, p. 31). O segundo é devido:

"[...] ao fato de os jornalistas, que, de resto, têm muitas propriedades comuns, de condição, mas também de origem e de formação, lerem-se uns aos outros, verem-se uns aos outros, encontrarem-se constantemente uns com os outros nos debates em que se reveem sempre os mesmos, tem efeitos de fechamento e, não se deve hesitar em dizê-lo, de censura tão eficazes" (BOURDIEU, 1997, p. 34).

Para o esporte paraolímpico, a recorrência da “circularidade circular da informação”, conforme situação mencionada pelos jornalistas Ícaro e Luiz, pode implicar na reprodução dos estigmas associados aos atletas com deficiência, que comumente são veiculados no discurso midiático-esportivo. Neste sentido, a rotinização produtiva sobre os JP, baseada nessa circularidade, em detrimento da consulta às fontes institucionais oficiais, pode colocar o esporte paraolímpico em um círculo vicioso da narrativa jornalística.

2.4.2. O trabalho com as agências de notícias no contexto dos JP

Em complemento à busca por conteúdo informativo nas diferentes fontes de informação mencionadas pelos jornalistas, também identificamos em seus relatos o papel das agências de notícias como elementos presentes nas condições e nas rotinas de produção durante a cobertura dos JP. As agências apareceram como meio e estratégia para a construção de uma cobertura jornalística sobre os Jogos, principalmente para as equipes de jornalistas que a realizaram direto das redações, sem enviados para fazê-la *in loco*.

Na fala da jornalista Sara, podemos identificar como as agências de notícias, além da página oficial do CPB e de outras mídias, apareceram como fontes de informação para o processo de produção de notícias durante os JP. Em relatos do jornalista Ícaro e da editora Mariana, as agências também são mencionadas como fontes para a cobertura.

SARA: Notícias de agências, do site do Comitê Paralímpico e a gente, por incrível que pareça, achava bastante coisa da história dos atletas em jornais menores, em jornais do interior. Tinha um nadador que era de Joinvile, por exemplo, a gente achou muita coisa no jornal de Joinvile. Uma menina que era de... ah esqueci. A Bruna, acho que era de Rio do Sul, do tênis de mesa, nos jornais locais a gente achou bastante coisa também.

ÍCARO: É uma coisa que tem que ser feita na cozinha, como a gente diz, que é a redação precisa pegar porque quem tá lá não tem condições. É incrível, mas quem tá lá é quem tá menos informado sobre a coisa. Aí a gente segura essa parte factual que é necessária, tem que noticiar as coisas, medalhas, enfim, conquistas do Brasil, e aí segura com agência de notícias que é um jeito rápido de se fazer.

MARIANA: Aí a gente também tinha uma equipe digital focada para publicação de resultados, que daí a gente produzia muito via

agências, que a gente tem contrato com agências de notícias, então esse material chegava. Resultado, medalhas, tudo vinha por agência, então a gente tinha essa publicação e mais um trabalho de redes sociais, de divulgação de medalhas de ouro que o Brasil ganhasse, com cards em redes sociais. Ai a gente estruturou essa... é como se, foi na verdade um modelo parecido, idêntico ao que a gente usou na olimpíada, só que enxuto, né. A lógica da cobertura foi a mesma, assim. Foi ter um enviado, ter um cara aqui como referência para assuntos curiosos, que gerassem interesse, e uma equipe de publicação garantindo o fluxo de resultados.

De acordo com a fala do jornalista Ícaro e da editora Mariana, a cobertura realizada a partir das agências durante os JP se configurou como um método complementar para a produção de notícias sobre o megaevento. Para o jornalista Ícaro, o trabalho com as agências funciona como um suporte ágil da redação para o processo de produção jornalística no contexto de megaeventos esportivos, visto que para os jornalistas que estão realizando a cobertura *in loco* é muito difícil acompanhar a variedade de eventos ocorrendo simultaneamente durante estas competições poliesportivas. Segundo a fala da editora Mariana, este trabalho realizado a partir das agências foi pensado estrategicamente na redação do jornal, tanto para a cobertura dos JO como dos JP. Neste caso em específico, o material advindo das agências servia para manter o fluxo de notícias sobre o factual dos JP, como informações sobre resultados e medalhas. Uma rotina produtiva que era voltada, principalmente, para o conteúdo digital do jornal onde ela trabalhava.

O caso da rotina produtiva apresentada pelo jornalista Ícaro e pela editora Mariana revela um trabalho direto da redação com as agências como complementar ao trabalho desenvolvido pelo jornalista enviado para realizar a cobertura jornalística dos JP *in loco*. Neste sentido, a produção sobre o factual do megaevento, dos resultados e das medalhas, aparentou ser uma extensão informativa do conteúdo de matérias e entrevistas produzidas direto do Rio de Janeiro pelo jornalista enviado. Diferentemente, a situação relatada pelo editor Fred e pelo jornalista Luiz revela uma cobertura jornalística dos Jogos realizada direto da redação, pautada basicamente a partir do material advindo das agências de notícias. Inclusive, segundo o relato do editor, o volume de notícias enviadas pelas agências sobre os JP esteve abaixo do volume relacionado à cobertura dos JO.

FRED: O que teve de diferença maior nesse período acho que foi o volume de informação que chegava pra gente. Com o volume de

informação que eu tinha da Olimpíada eu fechava três páginas só de olimpíada. Com o volume que chegava pra mim das agências sobre Paralimpíada, eu fechava meia página, entende? Que era o espaço que eu ia ter para a Paralimpíada. Até porque eu não podia ficar contando com mais coisa da paralimpíada porque eu sei que no final do dia eu ia ficar apertado tendo que fechar e, como a equipe, ele é o repórter e eu sou o editor, é isso a equipe, não tem como eu ficar produzindo isso, mas o volume de informação que chegava, essa foi a grande diferença que percebi da Olimpíada para a Paralimpíada.

LUIZ: O que a gente faz também, às vezes vem uma notícia de agência, e a gente utiliza... a gente chama no jornalismo de gancho, informação principal para trazer para a nossa realidade. Então às vezes vem uma notícia de agência e a gente faz alguma outra matéria para complementar localmente. Então, enfim, a matéria fala de algum... bom, a gente tem um exemplo daquele local, então normalmente é isso que a gente faz. E claro, a gente tem que usar matéria de agência porque a gente não consegue, enfim, com a equipe que a gente tem, a gente não consegue fazer tudo, e isso em nenhum lugar se consegue fazer tudo né? Então o material da agência é importante, então a gente faz esses ajustes assim né, com o tempo e também pega muita coisa para trazer pro local, porque daí você acaba complementando. Porque ai você tem a notícia de agência que normalmente é uma notícia nacional, ou internacional e ai a gente faz com alguma coisa local, que é equivalente ao mesmo assunto, e tal, e ai a gente faz produção nossa. Foi mais ou menos o que a gente fez com as matérias que vinham de lá e a gente fez as matérias aqui com os atletas locais, enfim, os atletas aqui da cidade, da região, do Paraná, enfim, que participavam lá.

O relato do editor confirma o desdobramento que o baixo volume de informação produzida pelas agências oficiais sobre os JP tem no espaço midiático que o esporte paraolímpico acaba angariando nas páginas e tempos dos jornais. Mesmo as agências sendo importantes fontes provedoras da globalização da informação e da conexão noticiosa do mundo, fomentando a apresentação de contextos distantes e distintos para os diversificados povos do mundo (WOLF, 1987), o dado revelado pelo editor Rafael nos confirma como o esporte e os JP ainda estão distantes dos JO como fenômenos que compõem a agenda global da informação esportiva no mundo. Este dado reforça, uma vez mais, a relevância do papel informativo a ser desenvolvido e mantido pelas instituições burocráticas do esporte paraolímpico no Brasil, e no mundo, como forma não só de qualificar a produção noticiosa sobre ele, mas também como meio de batalhar por mais espaço midiático nas páginas e tempos jornalísticos.

Além da questão relacionada ao volume de notícias, citada pelo editor Fred, a fala do jornalista Luiz revela como a produção advinda das agências pode ajudar a redação de um jornal local, de menor porte, com equipe reduzida, a realizar, ainda

assim, a cobertura jornalística de um megaevento global como os JP. Diferentemente da rotina produtiva citada pela editora Mariana, em que o trabalho com as agências era complementar ao trabalho realizado pelo jornalista enviado, a situação apresentada pelo jornalista Luiz indica que a produção realizada por eles direto da redação era centrada no material advindo das agências e, somente a partir disto, eram produzidos os complementos noticiosos voltados ao interesse local, os quais também advinham do trabalho no interior da redação.

Os ganchos com as informações principais advindas das agências, conforme mencionado pelo jornalista Luiz, configuram a materialização da estratégia jornalística de mobilização da dialética global-local. Para Pires (2009, p. 20) esta estratégia é:

[...] a interpenetração de interesses dos quais se vale a mídia para divulgar o evento global ao seu público local. Sumariamente, podemos caracterizar essa relação como uma estratégia da cobertura jornalística que visa despertar o interesse dos seus leitores pelo evento global a partir da identificação destes leitores com atletas “locais”, que lhes são próximos ou que proporcionem essa sensação de proximidade, pelo fato de competirem por algum clube do estado ou por terem nascido no estado. Por outro lado, reconhecida a importância do evento global por essa estratégia de aproximação, ocorre o inverso, isto é, passa a ser do interesse dos leitores acompanhar a cobertura jornalística para se manter informado sobre a participação dos “locais” na competição global.

No caso mencionado pelo jornalista Luiz, o gancho utilizado, ou a mobilização da dialética global-local, a partir do material advindo das agências para a produção de notícias sobre os JP, revela minimamente o objetivo jornalístico de despertar a vinculação do interesse do público local com o evento global. Ainda que não possamos tecer nenhum tipo de análise sobre o resultado final desta operação produtiva, devido aos limites do estudo, as indicações do jornalista sobre este modo de operação da cobertura dos Jogos direto da redação contrariam, em parte, a ressalva de Wolf (1987) sobre a produção de notícia baseada em agências.

Wolf (1987) chama atenção para o fato de que a produção noticiosa pautada e concentrada nas agências pode se resumir em uma narrativa sobre o factual, sobre os acontecimentos previstos, o que, por sua vez, pode fomentar um trabalho jornalístico acomodado nas redações e que, por conta disso, pouco produz jornalismo investigativo. Para o autor, “tanto as agências de notícias como as de material filmado tendem a apoiar a programação do trabalho (quer dizer, a cobrir acontecimentos já previstos) mais do

que o jornalismo de indagação, de descobrimento dos fatos, de aprofundamento nos acontecimentos e seus contextos” (WOLF, 1987, p. 270). Porém o relato do jornalista Luiz revela uma mobilização própria dele e do editor do jornal em não só reproduzir o conteúdo internacional e nacional sobre os JP advindos das agências de notícias. O jornalista afirma que, a partir daquele material das agências, eles tinham como estratégia estabelecida na rotina produtiva da redação a busca por informações e pela realização de entrevistas sobre os atletas locais da região onde o jornal circula.

O trabalho da cobertura jornalística sobre os JP a partir das agências de notícias se configurou, portanto, como uma possibilidade de espraiamento da circulação das informações sobre o esporte paraolímpico nos diferentes veículos de mídia local e também como meio de complementação da produção noticiosa diante dos limites das condições e da rotina produtiva de equipes reduzidas de jornalistas dedicados à cobertura do megaevento. Isto posto, apesar das limitações relacionadas ao volume de conteúdo informativo e à tipologia dele, advindo das agências, tendencialmente mais voltado ao factual e aos elementos globais do megaevento esportivo, a cobertura jornalística dos JP tendo como base as agências de notícias, associadas ao trabalho jornalístico de vinculação aos interesses locais, apresentou-se também como uma possibilidade de expansão midiática e social do esporte paraolímpico.

2.4.3. Os guias de imprensa e o guia de orientações como suportes instrumentais e críticos da cobertura jornalística dos JP/2016

Os guias apareceram em relatos dos jornalistas como uma das fontes de informações utilizadas para suporte da rotina produtiva de notícias durante os JP. A percepção dos jornalistas sobre a utilidade dos guias e os tipos de usos que eles fizeram destes se configuraram de maneira diversa no relato dos interlocutores do estudo. De maneira geral, podemos caracterizar a presença desse material como um suporte que esteve entre ser um instrumento utilitário de consulta e ser uma ferramenta crítica de mudança de percepção acerca do esporte e dos atletas paraolímpicos.

O guia de imprensa produzido pelo CPB, além de representar mais um elemento da mediação comunicativa, realizada pela instituição esportiva paraolímpica, apresentou-se como um instrumento utilitário de consulta e de fomento de informações sobre as modalidades e os atletas paraolímpicos na rotina produtiva dos jornalistas durante os JP. Os relatos dos jornalistas Francisco, Jorge, Vinicius e André destacam a

contribuição deste guia de imprensa distribuído pelo Comitê para o trabalho de produção jornalística no dia a dia do megaevento.

FRANCISCO: Sobre os guias, é um guia que ajuda absurdamente a gente. Então você tem, por exemplo, as origens de cada um dos atletas. Origem familiar, de treinamento, como eles começaram, o tipo de deficiência que ele tem, a classe que ele defende. Porque, enfim, é impossível você ter o domínio de 250 histórias, então você ainda tem mais a equipe técnica pra saber. Então eles ajudam demais.

JORGE: Esse material que eu digo era mais... a gente tinha um guia de imprensa, posso até te enviar porque talvez seja interessante você ter em mãos, a gente preparou um guia de imprensa com a informação de todos os atletas, então eu dava uma passada nesse guia para reforçar as informações de história desses atletas, porque interessa muito pra imprensa isso. É claro que o resultado interessa muito, no caso, "O Petrúcio é medalha de ouro nos 100m T47", mas é muito importante também contar que o Petrúcio é um menino que perdeu o braço porque o pai moía cana no interior do nordeste e ele colocou um braço um dia na máquina de moer cana e perdeu o braço, isso, por mais que ele seja campeão paralímpico, as pessoas vão se interessar por isso, sabe? As pessoas querem saber a história, então era legal eu ter isso fresco na cabeça, dava uma olhada nesse guia pra municiar a imprensa de informação mesmo.

VINICIUS: Eu tinha um outro, que foi feito pelo CPB, o media guide do CPB era muito importante pra mim. Porque eles deram um media guide que explicava assim. Trazia uma coisinha das modalidades e trazia um perfil dos atletas, então ali eu tinha: idade, local de nascimento, clube que treina, qual a deficiência, se foi adquirida e se foi de nascimento, quando que o atleta começou a treinar, principais conquistas, isso ajudava bastante.

ANDRÉ: A gente teve acesso, o Comitê Paralímpico Brasileiro distribuiu para os jornalistas que iam cobrir o evento um guia de mídia, que tinham dados e informações de todos os atletas, de todas as modalidades. Então tinha lá da Bocha, do Volei, quem eram os atletas, onde nasceu, data de nascimento. Sei lá... histórias de vida, como que ficou deficiente, se é congênito, se não é, se foi acidente, se não foi, títulos que já teve, enfim.

O contributo do guia de imprensa do CPB caracteriza-se, segundo a fala dos jornalistas, por fornecer o perfil com os dados pessoais e esportivos dos atletas da delegação brasileira. Segundo aponta Francisco, diante do número de atletas brasileiros que participaram da edição dos JP/2016 – foram 288 atletas – o guia tornou-se um instrumento de consulta às histórias de cada um deles para o momento de produção das notícias. O jornalista Jorge também ressalta que utilizava o guia para reforçar o relato jornalístico sobre as competições e os resultados com as histórias dos atletas, pois esta é uma informação que, segundo ele, normalmente desperta o interesse do público. O

jornalista Vinicius destaca a ajuda do guia com os detalhes informativos sobre as modalidades e os atletas. Por sua vez, o jornalista André, apesar de replicar as contribuições do guia também mencionadas pelos demais jornalistas citados, faz a ressalva de que o guia não satisfazia totalmente a necessidade de informações sobre as modalidades e os atletas para a composição das notícias, necessitando, inclusive, realizar novas consultas por outras vias de informação.

Os relatos dos jornalistas nos permitem evidenciar o caráter instrumental do guia de imprensa do CPB, composto por dados históricos das modalidades e por dados pessoais e esportivos dos atletas. De tal maneira, o guia representa mais um modo de operar da mediação comunicativa realizada pelas instituições burocráticas do esporte paraolímpico no processo de produção e na rotina produtiva dos jornalistas durante os JP. Todavia, ao se restringir aos usos instrumentais e utilitaristas do jornalismo esportivo, o guia de imprensa deixa em aberto a possibilidade - ou ao menos não promove nenhuma intervenção - para que a cobertura jornalística sobre o esporte paraolímpico seja diferente dos padrões e do pragmatismo recorrente no noticiário do futebol e dos JO. O guia de imprensa aparenta fornecer subsídios para que a narrativa jornalística sobre os JP se concentre em características básicas da falação esportiva, tais como aponta Betti (2001), por exemplo: a explicação e justificativa do binômio vitória-derrota, baseada em dados dos atletas; a contação das histórias de vida deles, dramatizando o conteúdo informativo.

De maneira distinta do guia de imprensa do CPB, o guia de Pappous e Souza (2016) de orientações à mídia sobre como cobrir os JP evidenciou-se no relato dos jornalistas como uma contribuição crítica e reflexiva para a rotina da produção de notícias durante o megaevento esportivo. Alguns jornalistas revelaram terem passado por uma mudança de ótica em relação ao esporte e aos atletas paraolímpicos após o contato com o guia. A fala do jornalista Vinicius exemplifica o tipo de reflexão profissional e comportamental causada pelas orientações do guia de Pappous e Souza (2016).

VINICIUS: A gente teve palestra com o pessoal do CPB, eles estiveram um dia na emissora falando um pouco pra gente. Além do guia do CPB, a gente recebeu um outro material também com orientações assim, sobre como lidar na transmissão com as pessoas com deficiência, como falar das deficiências, alguns termos a serem evitados, ou quais termos deveriam ser usados. Isso a gente recebeu um outro material de apoio também. Eu acho que ajuda. Ajuda muito

porque é um tema que não faz parte do nosso cotidiano com tanta intensidade, e isso que a “Nacional 1” ainda é uma TV que trabalha muito com esses temas. Temas de inclusão e acessibilidade. Mas com o volume da parolimpíada não faz parte da nossa rotina. É um material de apoio sabe!? A gente não pode se amarrar naquilo ali. Ajuda muito a ter cuidados que é preciso ter. Não é uma questão de patrulha, e de politicamente correto não. É uma questão de aprendizado mesmo, porque a gente não tem contato com esse material em outras situações. É um material que as vezes até passa pela gente, mas a gente não dá o devido valor dele né? Então aquilo foi bom porque tava claro e era um aprendizado prático. Era a todo instante a gente usando, a gente sendo testado a colocar aquilo ali em prática, aquilo que tava no guia. E acho que também ajuda porque a gente percebia, pelo menos eu percebi que para as pessoas que a gente tava falando do esporte paralímpico, com os atletas, com as pessoas envolvidas e tal, de comissão, aquilo ali ajudou também a entender o universo delas, a adotar os mesmos termos, a mesma linguagem, isso ajuda.

O relato do jornalista Vinicius apresenta indícios do contributo do guia para o aprendizado do jornalista sobre questões relacionadas ao universo das pessoas com deficiência. Um aprendizado praxiológico para o jornalista, visto que ele menciona ter se sentido testado a colocar as orientações do guia em prática a todo instante durante a cobertura dos JP, ainda que também tenha dito que o guia não servia como patrulha do fazer jornalístico naquela ocasião. O guia provocou o jornalista a tomar cuidados no dia-a-dia da cobertura, também o ajudou a compreender o universo das pessoas com deficiência e a adotar a linguagem utilizada neste contexto. Neste sentido, portanto, podemos identificar, na situação do jornalista Vinicius, o caráter crítico e reflexivo do suporte proporcionado pelo guia de orientações sobre como cobrir os JP. Os relatos do editor Fred e do jornalista Luiz também apresentam indícios do impacto desse guia na rotina produtiva deles durante a cobertura dos JP.

FRED: É isso mesmo, porque pela demanda de trabalho que a gente tem, no dia a dia a gente não consegue parar muito para fazer outras coisas né, equipe reduzida e tudo isso aí é complicado. Mas acho que no começo pra dar um norte, principalmente no meu caso, que era a primeira Parolimpíada que se ia fazer, que ia cobrir assim, cobrir não, mas tá fechando tudo, acho que no começo pra dar esse norte pra você... na questão de fotos, principalmente na questão de textos, principalmente na questão dos ganchos, das palavras que a gente podia tá utilizando, ou não, principalmente nessa questão de paraatleta, eu mesmo nas edições substituía por atleta paralímpico, que achei que era uma, porque o cara é atleta que nem o outro, então tem atleta paralímpico e atleta olímpico, entendeu? Não existe outro tipo diferente de atleta, seria esses dois quando se fala de Olimpíada e Parolimpíada. Então nesse caso, nesse termo especificamente o

Guia me ajudou a tá trocando. Quando eu via paraatleta da Agência, ou que o repórter escreveu, eu ia lá e trocava, entendeu? Ajudou dar um gancho na matéria mais voltado para o atleta mesmo. Também nessa questão das fotos para evitar esse tipo de foto que levassem, ao invés do esporte, que levassem para o outro lado.

LUIZ: Acho que uma coisa que o guia reforçou para a gente é essa questão da vitimização né? Acho que isso foi uma coisa bacana, uma coisa que reforçou realmente uma ideia né, acho que ele deixou muito explícito isso. Acho que isso foi muito bacana, porque realmente fez a gente olhar mais por esse lado, entendeu? Do paraatleta como uma atleta mesmo, como um, né, um atleta de ponta, enfim, e deixar... então acho que isso foi um ponto bem bacana que o guia serviu de apoio realmente pra gente na hora da construção das notícias, dos textos [...] Essa própria questão da foto, falou também no guia né... de usar a foto dos atletas mais em ação e tal, para mostrar mais o lado esportivo. Não lembro, acho que não tem assim, não lembro de ter um ponto assim que talvez tenha. Isso, ajudou. Acho que ajudou bem a compor essa ideia das fotos. Foi um elemento que ajudou bem para ter essa visão. Acho que esses dois pontos foram bem importantes do guia, nos ajudou muito.

As menções e os exemplos apresentados pelos dois interlocutores citados evidenciam o caráter transformador que as orientações do guia provocaram na dimensão apriorística do olhar que ambos os jornalistas destinaram aos atletas paraolímpicos durante o processo de produção de notícias sobre os JP. Podemos identificar a transformação da concepção de esportividade relacionada aos atletas, alçados ao patamar dos demais atletas do esporte convencional, assim como os olímpicos; e também podemos visualizar a ruptura com o tratamento vitimizador comumente associado às pessoas e atletas com deficiência. Portanto, ao menos no discurso proferido pelos jornalistas (pois não analisamos os trabalhos deles), a apropriação do guia ajudou a priorizar a dimensão esportiva do esporte paraolímpico, rompendo com a secundarização desta dimensão, causada pelo tipo de discurso midiático comumente veiculado sobre os JP (MARQUES R., 2016), e também contribuiu para prevenir contra a tendência do discurso midiático-esportivo em, no primeiro momento, vitimizar o atleta com deficiência (HILGEMBERG, 2014b).

De acordo com a fala dos dois interlocutores, as orientações do guia se configuraram como ferramentas críticas e reflexivas, tanto sobre questões textuais da construção das notícias, como sobre as questões fotográficas das imagens a serem selecionadas e publicadas na cobertura dos JP. A mudança da percepção imagética sobre os atletas paraolímpicos por parte dos jornalistas supracitados também esteve relacionada à priorização do enquadramento fotográfico na esportividade destes atletas.

Porém, em contraponto a esta perspectiva, a percepção da editora Mariana mostrou-se diferenciada no que diz respeito às orientações do guia sobre as questões fotográficas da cobertura do esporte paraolímpico.

MARIANA: É bem isso que eu acabei de te falar assim. Que é muito diferente o critério que tu tem não sendo deficiente, e o critério que um deficiente tem. É claro que tem questões jornalísticas que talvez não possam ser ultrapassadas. Por exemplo, essa foto aqui do atleta chorando, eu não acho que eu tô mostrando... não acho que ele tá sendo mostrado como uma vítima, não acho que tira o mérito dele. Ele tá chorando no pódio, muito pelo contrário, é uma foto que a gente também usa com atletas olímpicos né? A emoção num cara, no pódio, é a coisa mais genuína que tem em uma competição, assim. Então tem critérios, algumas coisas jornalísticas, isso que eu falei da foto chorando, ou, por exemplo, "o cara foi... o Daniel Dias era a esperança de medalha de ouro do Brasil" e ele foi pra olimpíada e não ganhou nenhuma medalha, chega no último dia ele sentou e chorou, sabe, e tem uma foto disso. Essa imagem, jornalisticamente, ela precisa ser usada, porque é a tradução da, assim... ele tá triste com o resultado dele, e aquilo ali expressa, traduz o sentimento dele naquele momento. Em relação às expressões assim, eu acho super válido esses... essas observações assim. Porque tem muitas coisas que tu não te dá conta, tem muitas coisas que tu, "ah, é verdade mesmo... é verdade, não tinha me dado conta que podia ser meio agressivo, ou ter essa conotação mais pejorativa ou não", e aí tu repensa, reavalia, aí começa a olhar com mais cuidado, acho que é super válido sim.

O posicionamento da editora Mariana é de que sobre as fotos é preciso relativizar a proposta do guia, pois são questões relacionadas ao retrato factual do cotidiano esportivo e dos atletas que não podem ser negligenciadas pela narrativa jornalística. Um cotidiano permeado por momentos de alegria, de emoção, de tristeza e que, segundo a editora, precisa ter estes elementos retratados, independentemente de ser atleta com deficiência ou não.

Podemos associar a perspectiva apresentada pela editora, com a devida contextualização que ela propõe ao modelo de veiculação fotojornalística sobre o esporte paraolímpico, à concepção da experiência estética do esporte de Gumbrecht (2007). Para o autor, assim como para a jornalista, o sofrimento do extremo esforço físico, a dor pela exaustão dos limites do corpo ultrapassados ou até mesmo a tristeza da derrota são signos inerentes à beleza atlética do esporte e que, entre outros elementos, é um dos provocadores do fascínio social pelo fenômeno esportivo. Neste sentido, a discordância da editora com relação às orientações do guia sobre as formas ideais de

veiculação fotográfica dos atletas paraolímpicos revela, no mínimo, que o suporte informativo deste guia não foi unanimidade entre os jornalistas.

O que o posicionamento contrário da jornalista pode estar nos revelando também é que, ao buscarem uma transformação paradigmática da narrativa jornalística para romper com determinados estigmas sociais associados às pessoas e aos atletas com deficiência, Pappous e Souza (2016) desenvolveram modelos idealistas de produção jornalística que desconsideram elementos factuais do contexto esportivo de modo geral – e não só do esporte paraolímpico. De tal modo, portanto, a ressalva feita pela editora sobre as questões fotográficas, ainda que ela se apresente de acordo com as proposições textuais do guia de Pappous e Souza (2016), estão relacionadas a uma possível eufemização ou suavização da narrativa fotojornalística a partir de uma confusão entre objetividade e precisão desta narrativa (CHAPARRO, 2007)³² sobre o esporte paraolímpico. Ou seja, são proposições e orientações ao discurso midiático sobre o esporte para pessoas com deficiência que, sem abnegar o contributo delas para os cuidados a serem tomados para com o contexto destas pessoas, desconsideraram alguns elementos pragmáticos, tanto do âmbito do jornalismo, como do âmbito esportivo.

Em síntese, o que podemos extrair desta seção do trabalho é que os guias de imprensa e de orientações à mídia configuraram-se como relevante suporte informativo na rotina produtiva dos jornalistas durante a cobertura dos JP. Por um lado, o guia de imprensa, mais voltado ao fornecimento de dados sobre as modalidades e atletas, caracterizou-se por ser utilizado pelos jornalistas em uma dimensão instrumental no processo de construção das notícias. Por outro lado, o guia de orientações à mídia evidenciou-se como uma ferramenta crítica e reflexiva, potencializadora de transformações paradigmáticas do trabalho jornalístico voltado ao esporte paraolímpico. Porém este guia também se mostrou como uma possível tentativa de suavização da narrativa jornalística relacionada ao contexto esportivo paraolímpico, ao menos no que

³² Para o autor, “há quem confunda objetividade com precisão. Pois são coisas diferentes. Objetividade pertence ao universo das atitudes mentais. É um conceito de ‘objeto real’, a ser visto pelo que é, não pelo que significa. Já a precisão é o resultado do uso competente de um conjunto de técnicas (de observação e captação) que servem aos fundamentos da linguagem jornalística, para que nela seja preservada a natureza asseverativa, sua principal característica” (CHAPARRO, 2007, p. 13). O caso citado pela editora com relação às fotografias e à narrativa jornalística sobre um possível retrato da tristeza de um atleta paraolímpico após uma derrota exemplifica esta confusão que pode estar sendo proposta pelo guia de orientações, pois ao se restringir ao fato de que uma fotografia como esta é nada mais do que uma pessoa com deficiência chorando, está se propondo uma compreensão objetiva do fato e retomando ideias estigmatizantes, quando na verdade aquele relato jornalístico captado e enquadrado, para além de uma pessoa com deficiência chorando, significa um atleta com deficiência externalizando a sua tristeza após a derrota no principal evento esportivo que ele participa.

diz respeito à dimensão do fotojornalismo, sobretudo pelo fato de desconsiderar elementos pragmáticos do jornalismo e simbólicos do fenômeno esportivo.

2.5. A estrutura e a logística de uma cobertura paraolímpica nos JP Rio/2016

A estrutura de organização e a logística de deslocamento entre as arenas de competição também foram questões mencionadas pelos jornalistas como aspectos que interferiram, em sua maioria, de maneira problemática nas condições de produção de notícias durante a rotina produtiva da cobertura dos JP. Ainda que jornalistas tenham considerado uma estrutura de mídia grandiosa e uma logística de deslocamento entre as arenas mais simplificadas do que nos JO, ambas as questões se evidenciaram na fala dos jornalistas como elementos que podem ser considerados como barreiras para a produção jornalística no dia-a-dia do megaevento.

O relato do jornalista Antonio destaca o tamanho e a qualidade da estrutura do centro de mídia dos JP no interior do Parque Olímpico/Paralímpico. Além desse centro, o jornalista ressalta que havia uma logística de deslocamento entre as arenas fornecida pela organização, que ajudava o trabalho dos jornalistas, pois, para ele, este serviço prestado pelo Comitê Organizador funcionou positivamente durante os dias do megaevento.

ANTONIO: Ah, eram condições muito boas. O centro de imprensa ali no media center que era o maior e com toda a estrutura, com tomadas para os computadores, com televisões, com café, banheiros, toda uma estrutura. Tinha outros centros nas arenas, quase todas as arenas tinham centro. Nas cabines tinha wi fi, funcionou quase perfeitamente, em quase todos os locais de competição. Tinha transporte interno pra te levar de uma arena a outra. Então funcionou muito bem assim, eu não tenho o que reclamar.

O transporte interno mencionado pelo interlocutor Antonio é um dos serviços mais necessários aos jornalistas frente à multiplicidade de competições distribuídas entre as arenas, que ocorrem simultaneamente no dia-a-dia de um megaevento como os JP. Relacionado a este fator, há de se considerar o número reduzido de jornalistas enviados pelas equipes de jornal para a cobertura dos JP, conforme discutimos em seção anterior do trabalho. Nesse sentido, o relato da jornalista Jaciara compara a logística de deslocamento para os jornalistas durante os JO e os JP, e assim ela ratifica que, pelo fato de o megaevento paraolímpico ter um número menor de modalidades e, por conta

disso, ter uma distribuição mais reduzida entre os espaços de competição espalhados pela cidade, a logística dos JP ainda poderia ser considerada favorável ao trabalho jornalístico.

JACIARA: Olha, nos Paralímpicos, principalmente, a maioria das modalidades ficavam mesmo ali dentro do Parque Olímpico. O olímpico é mais distribuído, no olímpico havia uma distribuição maior pela cidade. No Paralímpico, o que não era ali dentro do Parque Olímpico basicamente, em Deodoro tinha o hipismo e o futebol de 7. O atletismo era no Engenheiro. Ai tinha o remo e a canoagem lá na Lagoa. Ciclismo de estrada lá no Pontal, ali na Barra. Cinco. E a vela que era lá na Glória. Então seis modalidades só que não ficavam no Parque Olímpico. Ah, e tinha as modalidades que eram lá no Rio Centro, que é fora do Parque Olímpico, mas o Rio Centro é fora, mas é a uma estação de BRT do Parque Olímpico, é do lado, dá pra ir a pé pro Rio Centro [...] Então o deslocamento pra você que tava no Parque Olímpico era tranquilo que é ali por dentro. Você sai de uma arena a outra e a arena tá ali do lado, a 10 minutos a pé, no máximo, 5 minutos a pé, então não havia grandes dificuldades não. Acho que nos Jogos Olímpicos a dificuldade era um pouquinho maior, porque tinha mais, tinha mais modalidades, portanto também houve uma necessidade de maior número de modalidades fora do Parque Olímpico e ai ele não conseguia concentrar tanta coisa ali né?

O depoimento da jornalista Jaciara revela a amplitude da operação necessária para a realização de uma cobertura jornalística que englobe a multiplicidade de eventos esportivos simultâneos, ocorrendo dentro de um mesmo megaevento, como são os JP. O dado apresentado pela jornalista não só ressalta que a logística operacional tinha melhores condições de produção de notícias durante os JP do que durante os JO, como também confirma os prejuízos comunicativos e informativos que o envio de equipes reduzidas de jornalistas pode causar à cobertura dos JP. Tais prejuízos também se evidenciaram em relatos dos jornalistas sobre os problemas e dificuldades que enfrentaram para se deslocar no Rio de Janeiro e nas arenas de competição durante os dias do megaevento.

O deslocamento entre os locais de competição apareceu na fala de alguns dos jornalistas que realizaram a cobertura *in loco* como uma das principais barreiras para a produção de notícias. A fala do jornalista André exemplifica a rotina jornalística no dia-a-dia dos Jogos. Uma rotina que esteve entre se deslocar pelas arenas e, em algumas ocasiões, escrever as próprias notícias durante os momentos de espera nos engarrafamentos enfrentados durante os deslocamentos. O relato do jornalista Antonio

corroborar com o do jornalista André, ressaltando que o tempo de deslocamento se configurou mesmo como um obstáculo para se ter melhores condições de produção jornalística durante os JP.

ANDRÉ: [...] A natação ficava no último parque. No primeiro dia a gente não sabia, a gente foi andando o negócio inteiro, andamos uns 15 a 20 minutos correndo assim, porque o negócio era do outro lado e era longe pra caramba [...] Mas esse foi o maior dificultador porque a gente ficava... perdia um tempo significativo travado, mas fora isso. Ai na volta acabava tendo isso, porque demorava também um tempinho pra voltar, mas ai também por conta do trânsito, ai a gente chegava meio já em cima e acabava fazendo meio no celular, pra poder chegar na redação, quando tinha alguma coisa pra fechar, com o texto feito. Às vezes, se fosse um caminho mais rápido, dava pra chegar em tempo menor, você só adiantava alguma coisa, mas você sentava depois com calma. Mas isso faz parte da profissão. Cansei de escrever matéria em celular porque eu tava indo de um lugar pro outro, então... Dificultador acho que foi mais isso, a questão da gente demorar um pouco mais pra chegar, mas fora isso não tivemos grandes dificultadores.

ANTONIO: Ah, o tempo de deslocamento prejudicou um pouco também, porque eu perdia umas três horas por dia de deslocamento. Isso aí estruturalmente é bem ruim, se tivesse uma forma de poder ficar mais próximo, ou de um transporte mais rápido para os jornalistas, não sei. Era... pra ti ir com segurança assim, tinha que sair duas horas antes do hotel, antes do evento... a final do jogo do goalball era as 9 horas, pra mim ter segurança que eu ia tá lá umas 15 para as 9, tinha que sair 7 horas do hotel. Ou seja, acordar 6 horas, 6 e pouco, então é longe, era.

FRANCISCO: Mas então a minha logística acabou sendo um pouco isso. É... as distâncias das arenas ali é muito grande. O mesmo aconteceu nos Jogos Para Pan-americanos de Toronto. Então o repórter que tem a minha condição de cadeirante perde muito tempo com o deslocamento em si, mas isso, enfim, é uma questão de aperfeiçoar a logística ao longo dos anos [...] é preciso fazer um planejamento de pauta muito antecipado pra dar certo.

O relato do jornalista Francisco agrava ainda mais a problemática em torno do tempo de deslocamento entre as arenas de competição. No caso de Francisco, um jornalista com deficiência, perde-se muito tempo nestes deslocamentos. Segundo as palavras do jornalista, entretanto, a multiplicidade de disputas e a dificuldade com a logística de deslocamento não é especificidade dos JP. Aparentemente, esta é uma característica inerente aos megaeventos esportivos ou a eventos poliesportivos menores, pois o próprio jornalista enfrentou dificuldades semelhantes durante a cobertura dos Jogos Para Pan-americanos de Toronto/2015.

Além das questões espaciais e temporais dos jornalistas impactadas pela organização da estrutura e pela logística de transporte fornecidas para a realização da cobertura jornalística dos JP, o jornalista Francisco menciona também como tais dimensões impactam nas definições e no planejamento de pauta. De tal modo, portanto, a estrutura e a logística montadas para os JP apresentam-se como elementos que podem ser interferentes e também limitadores do volume de informações a serem recolhidas e veiculadas no processo de produção de notícias sobre o megaevento. Este dado não corresponde diretamente às barreiras físicas impostas pelas próprias entidades esportivas à cobertura jornalística durante os Jogos de 2004, conforme apresenta Howe (2008), porém, do modo como se caracterizaram nos relatos dos jornalistas, podemos considerá-lo como barreira que impacta não só no tempo de produção, mas também, e sobretudo, na pauta jornalística. Conforme menciona o jornalista Antonio, a definição da pauta da cobertura *in loco* se transformava em verdadeiras apostas do dia, muito devido às dificuldades de deslocamento entre as arenas.

ANTONIO: [...] já chegava no Parque Olímpico sabendo pra onde eu ia, ou se eu não iria pro Parque Olímpico, porque um dia eu fui pro Engenhão, era razoavelmente longe assim, e como eu tava sozinho não valia a pena ficar pingando nos locais, eu ia pra um só. Quase todos os dias eu fui pro Parque Olímpico, só um dia eu fui pro Engenhão, só no dia que eu não fui no Parque, fui pro Engenhão, que foi o dia que eu apostei mais em coisa do atletismo.

A estrutura e a logística fornecidas pela organização dos JP para a realização do trabalho jornalístico também revelaram ter problemas de acessibilidade para os jornalistas com algum tipo de deficiência. Além dos problemas estruturais de falta de tomada e de mesas adaptadas para os jornalistas que tivessem tal condição, o jornalista Francisco menciona também situações em que teve dificuldades em realizar as entrevistas com os atletas nas zonas mistas, muito devido ao fato de ele ser um usuário de cadeira de rodas e não ser criada nenhuma logística para que ele pudesse estar numa posição de reportagem mais confortável.

FRANCISCO: Por exemplo, eu sou um repórter que tenho uma condição diferente, eu sou um repórter que uso uma cadeira de rodas, e você... desculpa assim, é preciso tratar as diferenças com diferenças, respeitando as suas diferenças. Então, muitas vezes, eu notava que os assessores do Comitê não tinham a delicadeza, por exemplo, de aproximar o atleta do meu microfone, porque eu tô mais

baixo que os outros caras. Eu fiz até uma imagem mostrando, cara tinha um monte de braço assim por cima de mim e eu embaixo tentando fazer a entrevista também. Isso é o tipo de delicadeza que é preciso ter sim. A gente tá... esse esporte tem... essa modalidade tem as suas peculiaridades e a gente precisa sim atender as peculiaridades das pessoas. Bom, sobre os acessos. Em muitas arenas eu não tinha a estrutura básica e isso não aconteceu em Londres. O que é estrutura básica? É você chegar numa arena qualquer e ter ali uma mesa com uma tomada pro caboclo trabalhar. Então, todos os repórteres sem deficiência, eles tinham essa possibilidade. O repórter que era cadeirante ele tinha essa possibilidade restrita a algumas arenas. Então, por exemplo, nas arenas do Rio-Centro, nenhuma tinha condições. Depois que eu reclamei muito eles colocaram na arena do vôlei, mas nas outras não havia condição. Então assim, eu acho que é preciso sim você pensar que a mídia com deficiência... parte da mídia que vai vão ser pessoas com deficiência, por uma ligação histórica, por uma ligação de... natural do tema. Então você vai ter repórteres com deficiência cobrindo. E eu achei que isso ficou ali planejado de uma forma mambembe. É o tal do olhar com alguma sensibilidade para as diferenças, isso em diversos momentos faltou. Enfim, mas tinha ali uma estrutura. Os ônibus eram acessíveis, embora seja um capítulo a parte. Por exemplo, os motoristas dos ônibus que circulavam entre as arenas... os ônibus eram novos, eles não sabiam usar os elevadores, então eles chutavam os elevadores, dava dó porque os equipamentos eram muito novos e você já via que os caras tavam ali tratando como se fosse um ferro-velho e tal, mas tinha... tinha estrutura. Novamente acho que é uma questão... eram poucos jornalistas com deficiência, acho que alguém ali tinha que ter sido mais inteligente. Então gente, vamos preparar uma logística aqui que atenda essas pessoas com mais velocidade e com menos... e com mais otimização. Sei lá, se fosse com vans, mas as pessoas demoram um pouco pra pensar nisso.

O que a fala do jornalista Francisco apresenta como indicativo é que o contraditório da acessibilidade e do respeito à diversidade se apresenta como característica inerente à rotina de trabalho nos JP. As situações destacadas pelo jornalista evidenciam o despreparo do próprio megaevento esportivo para pessoas com deficiência para lidar com trabalhadores da mídia que, por um acaso, viessem a necessitar da acessibilidade.

2.6. Os direitos de transmissão: quando a produção jornalística esbarra nas relações comerciais da mídia com o esporte

Entre os elementos que compuseram o contexto das condições de produção e das rotinas produtivas dos jornalistas durante a cobertura dos JP, a detenção ou não dos direitos de transmissão foi um destes elementos que apareceram de maneira recorrente

nas falas dos nossos interlocutores. A exclusividade dos direitos de transmissão pelas diferentes plataformas midiáticas, principalmente televisão e internet, surgiu como objeto central de benefícios ou prejuízos para o que se tornava possível ou não de realizar no dia-a-dia da cobertura jornalística. Identificamos alguns indícios de tensionamentos entre a perspectiva de jornalistas de empresas que detinham os direitos, outros de outras empresas que não detinham e de assessores de comunicação do CPB. Esta tensão se evidenciou, sobretudo, nos modos como se estabeleceram as relações das mídias audiovisuais com o esporte, as quais são distintas de como as outras mídias, principalmente as escritas, se relacionam com este.

As mídias audiovisuais (internet e televisão) e radiofônicas normalmente têm a possibilidade de comprar direitos de imagem e transmissão de competições esportivas, neste caso, dos JP. Diferentemente, as mídias escritas (jornais, revistas e portais) estabelecem sua relação com o esporte através de um credenciamento para a cobertura das competições, sem precisar conformar uma relação contratual e comercial com as instituições esportivas.

O que se evidenciou a partir das falas dos interlocutores do estudo foi que as relações mercadológicas do esporte com a mídia ultrapassam os limites da dimensão do entretenimento e da publicidade, entrecruzando-se e, até certo ponto, impondo determinações estruturais e simbólicas à dimensão jornalística desta relação. Este entrelaçamento e as imposições comerciais que identificamos indicam impactar tanto no que diz respeito ao formato noticioso, como no que se trata do conteúdo informativo que compunham as notícias.

O relacionamento entre a mídia e o esporte, por meio das negociações e contratos dos direitos de transmissão representa, de acordo com Pires (2006), o segundo estágio do processo de espetacularização do fenômeno esportivo. No primeiro estágio, o esporte foi apropriado e utilizado como meio de exposição de produtos e marcas interessadas em ganhar visibilidade com a publicidade no espetáculo midiático-esportivo. No segundo estágio, através da venda e concessão dos direitos de transmissão, o esporte tornou-se “a própria mercadoria a ser negociada” (PIRES, 2006, p. 6). Tal situação implica, segundo o autor, em uma crescente submissão do esporte aos ditames, lógicas, códigos e temporalidades da indústria midiática que entra como sócia do negócio, visando ao lucro.

No primeiro momento, considerava-se que este processo de espetacularização e mercadorização do esporte, mediante a negociação dos direitos de transmissão,

transformava-o somente em mais um objeto de entretenimento midiático, assim como outras manifestações da cultura, tais como a música, a arte, o cinema, entre outros. O esporte, inclusive, seria considerado o produto preferido da indústria midiática, pois entregava o “show já pronto”, com os personagens e o cenário já montado (PIRES, 2002). Ocorria, então, o processo de reificação do esporte como fenômeno da cultura, apropriado pela indústria cultural, homogeneizando-o e empobrecendo, assim, a experiência cultural formativa com relação a ele. Entretanto, este entrelaçamento comercial entre a mídia e o esporte se encaminhou para além das dimensões do entretenimento e da publicidade, permeando também a dimensão jornalística do discurso midiático.

A informação jornalística era considerada, até então, a dimensão do discurso midiático que ainda preservava questões éticas e morais como objetividade, neutralidade política e comercial na sua construção e no resultado final do seu produto, a notícia. Porém, segundo Gomes (2008), esta é uma perspectiva tradicional e saudosista do jornalismo clássico, que dificilmente se aplica ao contexto neoliberal da sociedade contemporânea. A autora argumenta que o entrelaçamento entre a informação jornalística e o entretenimento é um movimento inevitável do contexto comunicacional contemporâneo devido ao processo de formação dos conglomerados midiáticos no fim do século XX e início do XXI. As empresas de comunicação que produzem o entretenimento são agora também as mesmas que produzem e veiculam o conteúdo jornalístico. Este processo tem se desdobrado em um novo produto advindo do jornalismo, denominado de infotenimento.

No âmbito do jornalismo esportivo, Dejavite (2003) defende que o infotenimento é uma demanda e uma prática necessária para que a informação sobre o esporte se torne mais atrativa e, conseqüentemente, mais lida pelo público. A autora argumenta ainda que este movimento de transformação do jornalismo esportivo para o modelo do infotenimento está ocorrendo de maneira restrita ao formato das notícias, não influenciando no conteúdo delas, mantendo-se, assim, a objetividade e a neutralidade jornalística. Por outro lado, Padeiro (2015) apresenta evidências de que o infotenimento tem sim permeado a dimensão do conteúdo informativo, sobretudo quando se trata da cobertura jornalística de megaeventos esportivos. Nesta mesma perspectiva do autor, Santos, Mezzaroba e Souza (2017) afirmam que é recorrente na cobertura jornalística brasileira de megaeventos esportivos não só o entrelaçamento, mas a sobreposição de elementos do entretenimento aos aspectos informativos do esporte. Fato este que ocorre

através de diferentes estratégias jornalísticas, principalmente quando existem os interesses comerciais relacionados aos direitos de transmissão envolvidos.

O modelo comunicativo do infotainment pode ser considerado como um processo de aprofundamento da mercadorização e da espetacularização do esporte. Tal modo de produção de notícias evidencia o imperativo da informação-mercadoria (PATIAS, 2006; SANDANO, 2006), pois este modelo normalmente ocorre agendando e enquadrando interesses comerciais da indústria midiática em relação ao âmbito esportivo. Dessa forma, o exercício da cidadania, relacionada ao fenômeno esportivo por parte dos consumidores se vê ameaçado e/ou restrito à condição de consumo do mercado e do espetáculo esportivo, pois este contexto está cada vez mais destituído de informações que sirvam como instrumento crítico dos interesses públicos dos cidadãos com relação ao esporte.

Para o esporte olímpico, a negociação dos direitos de transmissão com a indústria audiovisual da mídia foi um dos pilares da transformação dele em um fenômeno social e midiático, comercialmente rentável. Os detentores dos direitos passaram a fazer parte do programa TOP (*The Olympic Partners* – Os Parceiros Olímpicos), juntamente às empresas patrocinadoras da marca, e assim puderam explorar midiaticamente todos os símbolos e rituais olímpicos durante os quatro anos de cada ciclo dos Jogos. Esta foi a virada da sobrevalorização da marca olímpica, que tem como marco inicial a edição dos jogos de 1984, em Los Angeles (PAYNE, 2006). O período desta transformação comercial de potencialização dos lucros gerados pela marca e pelos Jogos Olímpicos foi também o momento em que começaram a ocorrer - ou serem descobertos - os inúmeros casos de corrupção envolvendo os mais altos gestores do movimento olímpico, conforme denunciado na obra, “Os senhores dos anéis” (SIMSON; JENNINGS, 1992).

As relações comerciais entre a mídia e o esporte olímpico também se intensificaram no Brasil através dos contratos de direitos de transmissão. Da edição de 2012 para a edição do Rio/2016 os valores de negociação dos direitos tiveram um aumento de mais de quatro vezes, saltando de 60 milhões de reais – pagos pela Rede Record pelos direitos exclusivos - para 250 milhões de reais – pelos direitos repartidos entre a Rede Globo, a Rede Record e a Rede Bandeirantes. Isto, de acordo com Poffo *et al.* (2015), influenciou nos enquadramentos jornalísticos e no agendamento que as três emissoras fizeram dos Jogos do Rio, por exemplo, na cobertura do dia de encerramento dos Jogos de Londres/2012, data que marcava também o início do ciclo de 2016.

Principalmente a Rede Globo e a Rede Record, em seus telejornais, ignoraram o fato de estarem ocorrendo manifestações sociais contrárias à realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos no Rio de Janeiro, as quais denunciavam remoções de famílias para a construção da infraestrutura dos megaeventos. Para os autores, este dado evidencia como o enquadramento jornalístico e o agendamento vinculados aos interesses comerciais entre a mídia e o esporte comprometem a confiabilidade e a credibilidade do jornalismo esportivo, sobretudo quando influenciado pela negociação dos direitos de transmissão.

O esporte paraolímpico no Brasil começou a estabelecer uma relação comercial mais intensa com a indústria de comunicação de massa a partir dos JP de 2012. Até então os direitos de transmissão do megaevento eram comprados pelo próprio CPB e concedidos gratuitamente às emissoras que tivessem interesse e espaço para veicular os JP. Em 2012, pela primeira vez na história, uma empresa da mídia nacional – a Globosat - comprou espontaneamente o direito de transmissão dos jogos. Para os JP de 2016, novamente a Globosat adquiriu os direitos de transmissão da televisão aberta, da fechada e também da internet, mas desta vez negociou um contrato de sublicenciamento com a EBC (Empresa Brasil de Comunicação) no valor de R\$ 495.868,00 (quatrocentos e noventa e cinco mil e oitocentos e sessenta e oito reais), compartilhando os direitos para a TV aberta com a TV Brasil³³. A TV Brasil, por sua vez, após uma série de impasses, liberou o sinal de transmissão dos JP também para a TV Cultura³⁴. Foi dentro desse contexto de compras e concessões dos direitos de transmissão dos JP Rio/2016 entre a Globosat, a TV Brasil e a TV Cultura, que identificamos junto aos interlocutores do estudo os impactos de tais negociações no processo de produção de notícias sobre o esporte e os atletas paraolímpicos.

Um primeiro elemento que podemos destacar do impacto sofrido pelo processo de produção de notícias durante os JP foi a restrição espacial e temporal imposta ao trabalho de parte dos jornalistas que estavam cobrindo o dia-a-dia da competição. De acordo com depoimentos dos jornalistas, havia um claro benefício àqueles profissionais que compunham as equipes das mídias detentoras dos direitos, tanto no que se refere à

³³ O contrato de sublicenciamento está disponível em <http://www.ebc.com.br/institucional/sites/_institucional/files/atoms/files/contrato_1042-2015_-_globosat_programadora_ltda.pdf> Acessado em 31/10/2017.

³⁴ Para entender mais sobre os impasses que existiram para a liberação do sinal à Tv Cultura, ver notícia publicada pela Folha de São Paulo em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1812739-em-greve-tv-cultura-suspende-telejornal-e-ganha-paraolimpiada-da-tv-brasil.shtml>> acessado em 22/11/2017.

posição daqueles nas zonas de entrevistas – chamadas zonas mistas - como também em relação ao tempo que eles tinham para conversar com os atletas.

A fala do jornalista André, que compunha a equipe de uma das emissoras detentoras dos direitos de transmissão no Brasil, em contraponto à fala do jornalista Antonio, que era o único jornalista de uma mídia escrita regional fazendo a cobertura *in loco*, representa a distinção espacial e temporal existente na logística de organização da produção de notícias durante os JP.

ANDRÉ: Tinham duas zonas mistas, era interessante isso. Uma era a zona mista de quem ia entrar ao vivo pós-prova, que era tinha a gente... a gente era a única emissora brasileira lá. Aí tinha a NBC, tinha a Channel 4, que se não me engano é britânico, tinha uma emissora australiana, tinha a NHK do Japão, acho que a RAI da Itália, enfim, tinha as maiores emissoras nacionais com a gente. E tinha a zona mista, zona mista, que aí tinha um monte de emissora espalhada, que não tinham acesso à piscina, onde os atletas passavam, depois que a gente pegava eles.

ANTONIO: Olha, a zona mista eu vou te falar que também tinha um problema e era um problema que agora me lembrei que também atrapalhava um pouco, que era a prioridade para as tevês né. Para as emissoras de TV, Globo, Ebc, enfim, que consumiam muito tempo do atleta lá, ele ficava quarenta minutos as vezes lá na tv até chegar no impresso, nos sites. Às vezes ele chegava ali e já tava cansado de responder as mesmas coisas, ou já tinha que ir pro cerimonial de medalha, daí era muito pouco tempo ali pra gente assim. Às vezes ficava muito tempo ali esperando pra pegar uma frase, duas, que era o recheio da matéria tu falar com o cara, o medalhista, o competidor, e às vezes tu ficava ali muito tempo assim, naquela ansiedade, ou às vezes acontecia isso de ser muito rápido pra imprensa escrita, pros sites, que tinha cerimonial e o cara já tava cansado ali.

A fala do jornalista Antonio expõe o incômodo que existia com o desequilíbrio da distribuição do tempo disponível do atleta para conceder entrevistas aos jornalistas. Entre uma série de questões passíveis de problematização a partir destas falas, a primeira que destacamos é a distinção entre o espaço-tempo destinado às mídias televisivas e o que restava às demais mídias - imprensa e sites. Como dito anteriormente, as primeiras estabelecem contratos comerciais com as instituições representantes do esporte e, neste caso, com as dos JP, ou seja, se tornam sócias do negócio. As demais mídias, mesmo podendo contribuir para a ampliação do alcance social e visibilidade que o megaevento viria a ter através da veiculação de notícias nos

espaços e regiões do país por onde circulam – seja em âmbito nacional ou local – podendo gerar, assim, mais audiência e atrair mais cotas publicitárias, elas se tornam marginais no processo de produção de notícias por não entrarem diretamente com dinheiro no negócio midiático-esportivo.

A priorização jornalística para as televisões no contexto dos JP/2016 reforça o quanto que o telespetáculo esportivo (BETTI, 1998a) continua sendo hegemônico como objeto da simbiose entre mídia e esporte. Mesmo com o advento da internet e das mídias sociais digitais, e mesmo os JP sendo um fenômeno esportivo contemporâneo à cultura de convergência dos meios (JENKINS, 2009), o poder econômico e simbólico da televisão no contexto da cultura esportiva aparenta ter ganhado somente algumas ramificações a mais. O exemplo desta situação ratifica a tese de Duarte (2011), de que a internet nesta versão 2.0 é nada mais do que uma capilarização dos mecanismos tradicionais de dominação da indústria cultural, que tem como uma das principais representantes da sua operação a televisão.

A marginalização espaço-temporal gerada pela priorização comercial que adentrou as fronteiras da produção jornalística sobre os JP, conforme ressaltado pelo interlocutor, implica também no empobrecimento dos relatos e informações esportivas passíveis de serem produzidas e posteriormente veiculadas nas notícias. Situações como esta podem representar a negligência midiática por uma opção de priorização comercial do telejornalismo esportivo que impacta diretamente naquilo que, conforme aponta Betti (2001), seria uma forma de valorização e reconhecimento da experiência global de praticar esporte, abrindo múltiplos canais da mídia para dar voz aos atletas, e não restringindo-os a um ou dois canais.

Além dos fatores midiáticos e jornalísticos impactados pelas determinações comerciais dos direitos de transmissão, o depoimento de Antonio também evidencia como esta relação de propriedade/sociedade da mídia com relação ao esporte provoca exaustão no dia-a-dia do atleta para além dos elementos competitivos, do esforço físico e mental que um megaevento esportivo como os JP exige. A percepção revelada pelo jornalista sobre o tempo dedicado pelo atleta à mídia, principalmente à televisiva, logo após o desgaste intenso da competição, reitera como são reificadas e mercadorizadas as dimensões humanas e esportivas daqueles que são os protagonistas do próprio telespetáculo esportivo. Como afirma Marin (2008, p. 86), “a vitrine televisiva retoma o que existe na atividade humana de vívido e de fluido, embala com estratégias triviais e fascinantes, e oferece como mercadoria”.

As formas como se estabelecem as relações entre a indústria midiática e as instituições esportivas também podem ocorrer de maneira diversa, sem desgastar o relacionamento interpessoal entre os dois profissionais ali envolvidos, o jornalista e o atleta. Uma situação mencionada pelo jornalista André revela uma maior compreensão dele com o estado psicológico e físico do atleta no momento pós-prova. Porém, esta mesma situação também revela como o atleta, ainda que descontente com os resultados da competição, se obriga, ou é obrigado, a conceder entrevistas ao menos à mídia detentora dos direitos de transmissão.

ANDRÉ: Mas assim, em termos de facilidade de trabalho, ali eu posso dizer que a gente teve uma facilidade significativa porque assim a gente tava ali do lado e o pessoal da OBS buscava os atletas. Quando atletas não queriam falar por algum motivo, vou dar um exemplo. Primeira prova do André Brasil ele saiu muito bravo da água, ele ficou em quarto lugar sem medalha e era uma prova que ele era bicampeão, então ele pediu pra não falar, eu entendi, beleza. Aí perguntaram pra mim no ponto, pow e o André? Eu disse, pô, ele pediu pra não falar. Tá bom, segue o jogo. Deu um tempo, ele voltou ali pra falar. Quero dizer, ali o acesso era muito fácil, o cara sabia onde encontrar a gente também.

A situação explanada pelo interlocutor ressalta a atitude de respeito do jornalista em relação ao momento esportivo do atleta. Ainda que no primeiro instante tenha ocorrido uma cobrança dos editores pela entrevista ao vivo com o atleta exatamente no momento pós-prova, aparentemente houve uma compreensão geral da equipe jornalística com o descontentamento do nadador diante do resultado final. No entanto, o retorno do atleta depois de algum tempo, a facilidade do acesso revelada pelo jornalista e o fato do nadador saber exatamente onde encontrá-lo para conceder a entrevista, são indícios de como podem existir obrigações a serem cumpridas pelos atletas para atender às determinações contratuais dos direitos de imagem negociados entre as instituições midiáticas e esportivas. Esta hipótese pode ser confirmada se levarmos em consideração que o depoimento dos atletas pós-provas é um dos fragmentos fundantes da composição da falação esportiva, que é a tessitura narrativa conformadora do telespetáculo esportivo (BETTI, 1998a, 2001).

O interlocutor Antonio supracitado representa uma mídia escrita regional, aspecto que poderia ser utilizado para justificar a pouca valorização ou desrespeito pelo espaço-tempo da produção jornalística dele, sobretudo pelo fato de ser um veículo de mídia com alcance e circulação em menor escala. Todavia, a fala de Francisco,

conforme apresentamos a seguir, também reforça o incômodo com os benefícios e privilégios que são concedidos à mídia televisiva detentora de direitos comerciais com o esporte.

FRANCISCO: É... Para a imprensa... há um claro benefício a imprensa televisionada, sobretudo as grandes emissoras, sobretudo a TV Globo e a Sportv. Não vou aqui... faço essa consideração, enfim, mas entendo que são detentoras de direitos e não sei o que, mas eu imagino e acho que o CPB nesse momento tinha uma falha de... uma falha de entendimento de cobertura jornalística. Acho que por mais que você tenha que atender a TV e tal, tal, tal, eu acho que é um tanto aéreo você dar prioridade o tempo todo para as tevês. Eu não digo... eu nunca fui maltratado, não tenho esse ranço... eu tinha acesso ao que eu pedia e tudo mais, mas em alguns momentos chegava a incomodar isso do acesso para as tevês.

O incômodo demonstrado por Francisco pelo acesso privilegiado às emissoras de televisão aos atletas representa a problemática remontada no âmbito do esporte paraolímpico, não só de como a operação comercial da indústria cultural permeou a dimensão da informação jornalística no seu fim – produzindo o infotainment – mas de como ela está instalada também no início e no meio do processo de produção de notícias. As estratégias da indústria midiático-esportiva, deste modo, demonstram operar já na organização do processo de produção das notícias. Mesmo fazendo parte da equipe jornalística de uma mídia escrita, impressa e online, de alcance nacional, que também constitui um conglomerado midiático no país, a insatisfação apresentada pelo jornalista, como ele mesmo menciona, está relacionada aos limites éticos de equilíbrio de distribuição e organização dos espaços e tempos do processo de produção jornalística no âmbito dos JP.

As falas dos jornalistas Antonio e Francisco apresentam evidências de como as negociações comerciais entre a mídia televisiva e o esporte representam interesses de hegemonia e dominação neste âmbito discursivo. Do ponto de vista teórico, os acordos e contratos de direitos de transmissão seriam estritamente referentes à dimensão da transmissão esportiva como peça de entretenimento midiático. Entretanto o que os dois jornalistas indicaram é que havia uma dominação espacial e temporal das mesmas emissoras detentoras dos direitos para transmitir, também no ambiente do trabalho jornalístico, durante os momentos pós-provas e competições.

O sentimento de incômodo demonstrado pelos jornalistas com as benesses concedidas aos detentores de direitos relaciona-se também a possíveis prejuízos que esta

organização espacial e temporal das zonas de entrevistas causa ao trabalho deles. A dificuldade de acessar e de, por vezes, entrevistar os atletas paraolímpicos na zona mista implica diretamente no desenvolvimento do trabalho que eles realizaram ou que gostariam de realizar na cobertura do megaevento para os seus respectivos jornais. Os atletas são as fontes primárias do jornalista esportivo. Ao terem dificuldade ou serem impedidos, eventualmente, de acessarem os atletas paraolímpicos, o trabalho jornalístico destes profissionais se vê ameaçado. O trabalho jornalístico no esporte, apesar de ter a possibilidade de incorporar fatores específicos do universo esportivo que ajudam a compor as notícias, como a ficha técnica dos jogos e competições, precisa seguir também regras gerais do jornalismo, entre as quais estão as entrevistas com as fontes (BORELLI; FAUSTO NETO, 2002).

O mesmo jornalista Antonio, citado anteriormente, relembra a situação de um momento da cobertura jornalística dos JP em que o trabalho de entrevista com atletas ali no momento pós-prova esteve comprometido. Um fato que ocorreu e apresentamos na sequência a título de exemplo de como o fazer jornalístico em relação ao esporte e ao esporte paraolímpico pode sofrer um empobrecimento informativo devido ao imbróglio causado pela questão da priorização do espaço-tempo jornalístico à indústria midiática que se estabelece como parceira/sócia do esporte através dos direitos de transmissão.

ANTONIO: Teve. Não comigo, mas uns colegas mais exaltados assim tiveram conflitos com o pessoal da organização, justamente por isso, de nós ficarmos muito tempo esperando. Foi na bocha, a primeira final da bocha que eu fiz, daí nós ficamos muito tempo esperando, uns quarenta minutos, e quando eles foram passar a organização vetou deles pararem ali, porque eles se não ia atrasar o cerimonial e nossos colegas ficaram muito exaltados. Daí tiveram que esperar todo o cerimonial pra voltar e conseguir falar com eles, porque ninguém tinha conseguido falar antes né. Então deu um... o pessoal se estressou ali um pouco, porque enfim, ali tinha vários outros jornais, outros veículos, que também eram só uma pessoa cobrindo, então as vezes tinha que fazer uma coisinha pro site, ou tu tinha que optar, ou tu faz pro site e desce, e fala com o cara, daí tu descia lá, ficava esperando, perdia tempo de mandar o material, daí complicava um pouco.

Em síntese, o que se evidencia neste primeiro momento é que o trabalho jornalístico das mídias não detentoras de direitos de transmissão durante o processo de produção de notícias se vê, em parte, comprometido pelas condições espaciais e temporais de realização da cobertura. Tal fato se conforma, sobretudo, no que diz

respeito à possibilidade de múltiplos veículos da mídia registrarem os depoimentos dos atletas nos momentos pós-provas e fazerem circular para os diferentes públicos. Esta característica da organização e logística dos espaços e tempos da produção jornalística para o esporte paraolímpico em específico, pode ser, de tal modo, um fator inibidor e contraditório às próprias pretensões institucionais desta manifestação esportiva, que tem em uma das suas diretrizes estratégicas a intenção de funcionar como meio de inspiração para que as pessoas com deficiência e para que a sociedade em geral mantenham-se motivadas e pratiquem atividade física com frequência (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2015). Diante desse quadro, a questão que se apresenta é: como inspirar tendo limites para recolher relatos e para informar sobre?

O contraditório, neste universo paraolímpico, instaura-se também no processo de ampliação do espetáculo midiático-esportivo ao permear a dimensão discursiva do jornalismo. Aquilo que, até então, era previsto e recorrente somente para a conformação do fenômeno esportivo como peça de entretenimento televisivo, aprofunda-se ao adentrar a dimensão jornalística do esporte – aqui, apesar de tratarmos especificamente do contexto paraolímpico, não desprezamos a extensão desta característica a outras manifestações esportivas. Conforme dito anteriormente, esta característica de extensão do espetáculo midiático-esportivo vem sendo identificada no produto jornalístico de outras manifestações do esporte, tais como o futebol e os JO.

A assessora de comunicação do CPB, Jaciara, que também trabalhou na assessoria do COB para os JO de 2016, afirma que esta é uma questão existente no âmbito de praticamente todos os eventos esportivos.

JACIARA: Aconteceu assim, o que acho que foi o maior problema, não era um problema que era nem nosso, nem dos atletas. Não era um problema, mas era uma situação que aconteceu nos Olímpicos também, aconteceu em Londres, aconteceu em Toronto. Você tem a questão de que tem televisões que são detentoras de direitos de filmagem, os atletas chegam na zona mista e passam primeiro por elas, e muitas vezes essas televisões seguram os atletas muito tempo e aí na hora que eles passam pela imprensa escrita, a imprensa escrita já está com o prazo de fechamento estourando. Ou então ele nem passa pela imprensa escrita porque ele ganhou medalha e quando ele acaba de falar com a televisão, ele já tá na hora do pódio e ele vai pro pódio, aí só vai falar com a imprensa escrita depois do pódio, já tá tarde pra caramba, e isso criava às vezes uma certa, um certo mau humor, uma certa chateação lá com a imprensa escrita. Só que isso na verdade você não tem muito como fazer, não tem muito como intervir né? O assessor de imprensa ele fica na zona mista só na parte

da imprensa escrita, ele não pode chegar lá na parte da televisão e não pode nem intervir nesse sentido, que você pode fazer no máximo é pedir pra que o gerente da zona mista, que é do comitê Rio/2016, não é da gente, pra que puxe o atleta um pouquinho antes e nem sempre ele consegue. Não é nunca uma televisão só esperando, são duas, três, quatro, cinco, seis, e dependendo os caras vão passando, e algumas fazem o ao vivo com os atletas. Isso às vezes gerava um mau humor com alguns repórteres de imprensa escrita por causa do horário de fechamento. Mas assim, isso não foi exclusividade dos Paralímpicos. Aconteceu com os Paralímpicos, aconteceu com os Olímpicos, aconteceu em Londres, aconteceu em Toronto.

Pires (2006, p. 6) argumenta que a espetacularização do esporte como entretenimento “refere-se à indiferenciação proposital de que se revestem as suas diversas manifestações, mediadas pela televisão, e a impossibilidade de subsistirem alternativas que não se submetam a esta uniformização”. O autor ainda complementa que, “não que as diferentes modalidades estejam se tornando assemelhadas, mas sim que o processo de produção, venda e consumo do espetáculo esportivo segue uma lógica análoga, baseando-se em idênticos procedimentos técnicos e iguais interesses comerciais” (PIRES, 2006, p. 6). Ou seja, as operações técnicas e comerciais que até então condiziam estritamente ao esporte como entretenimento, a partir da fala dos interlocutores do nosso estudo podemos visualizar que essas operações se estenderam e passaram também a controlar o funcionamento do trabalho jornalístico no contexto esportivo. Nesse sentido, a contradição institucional do esporte paraolímpico configura-se nas pretensões deste em se tornar um evento premier (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2015) e ao mesmo tempo ser um fenômeno que inspire a sociedade. Isto, ao menos no que se refere ao tipo e ao alcance informativo que o esporte paraolímpico pode vir a ter na sociedade, parece estar se organizando de modo condicionado a olhares e relatos jornalísticos restritos a determinados projetos midiáticos e editoriais dominantes.

O cuidado com a contradição que cerca a dimensão institucional e social do esporte paraolímpico está, aparentemente, em tentar distinguir os limites organizacionais do espetáculo esportivo e da cobertura jornalística a ser produzida sobre ele. Se a opção do IPC é tornar os JP um evento premier, ou como afirma Pires (2006), sobre o espetáculo esportivo, situar-se sob a luz dos refletores para não ocupar os cantos mais obscuros deste palco, parece ser necessário à instituição preservar a democratização e pluralidade dos espaços e tempos jornalísticos para a realização de

uma cobertura noticiosa, ampla e diversificada, por parte dos jornalistas dos diferentes meios de comunicação que se proponham a fazê-la ao se credenciarem para os JP.

A fala do editor Rodrigo, a seguir, exemplifica o cuidado com o contraditório institucional e social do esporte paraolímpico ao qual nos referíamos. O depoimento caracteriza-se como uma sugestão para a gestão burocrática e comercial do esporte paraolímpico para que sejam criados mecanismos de diferenciação entre a negociação dos direitos exclusivos ou não para a transmissão do megaevento e a garantia da democratização dos espaços e tempos a fim de que as diferentes mídias e jornalistas interessados em realizar a cobertura dos JP possam fazê-la, atendendo aos critérios e regras gerais do jornalismo.

RODRIGO: [...] eu acho que deveria, numa cobertura paraolímpica, e aí citando, quem sabe Tóquio, esse cuidado do... do... de quem controla o evento, é de sim, fazer um credenciamento restrito, isso é normal, exige até, mas ao mesmo tempo cuidar pra que essa restrição não vire monopólio, e aí, principalmente na paralimpíada. Nos demais também, mas na paralimpíada principalmente, pra que consiga sair a informação de forma mais democrática pra não prejudicar justamente os paraatletas. Porque a intenção da paralimpíada é ótima né? Ela estimula, ela dá um exemplo, mas a forma mais democrática possível de espalhar esse evento são alguns fatores que a gente comentou aqui, tá bom?

A proposição apresentada pelo editor vai ao encontro das ideias e movimentos políticos que buscam a criação de um marco regulatório para os meios de comunicação de massa no país, os quais são regulados por leis datadas de 1961. É uma legislação que não protege a informação como bem público ao não prevenir os cidadãos da formação e da existência dos conglomerados midiáticos que dominam o mercado da mídia, tanto na publicidade, como no entretenimento e no jornalismo. Neste sentido, o apontamento de Rodrigo é sugestivo de uma forma de resistência aos oligopólios midiático-esportivos do país, visto que a legislação brasileira de comunicação social não regula a produção e a circulação democrática da informação jornalística. Resta, portanto, às instituições esportivas promoverem tal regulação da relação mídia e esporte paraolímpico, de modo a garantir a possibilidade de participação para a diversidade de meios de comunicação que tenham interesse em cobrir e abrir espaço jornalístico a esta manifestação esportiva.

Outra questão que apareceu como problemática no interior da relação jornalística entre mídia e esporte frente aos contratos dos direitos de transmissão foi a restrição da atuação de jornalistas de veículos locais/regionais no acesso à informação

e/ou aos atletas, ao tentarem realizar a cobertura direto da redação. Segundo relato de um editor de mídia que não se credenciou aos JP e que não enviou jornalistas para a cobertura *in loco* devido a restrições orçamentárias da empresa, os direitos de imagem e de transmissão funcionaram como um bloqueio de contato com os atletas durante os dias de competição e, assim, reduziram também o volume de informação que chegava à redação para a produção de notícias.

RODRIGO: Mesmo assim, daqui combatemos esse problema, entrevistando vários catarinenses que foram... tiveram sucesso na parolimpiada, que não foram muitos. Santa Catarina não tem muita tradição, mas os que tiveram sucesso a gente cobriu, certo? Cobriu daqui, entrevistando daqui, inclusive com sérias dificuldades. Na nataçãõ tivemos campeões que você mandava uma mensagem, ou tentava acessar e eles não podiam te responder por ordem do COB³⁵, só quem tivesse cobrindo. Então a gente teve um delay nessa cobertura, só pode entrevistar muito depois, ai já tinha perdido o feat, sabe?

O CPB, seguindo os padrões de proteção à marca, desenvolvidos pelo seu correlato COB no que se trata do esporte e dos JO, e também seguindo orientações advindas da sua instituição superior, o IPC, além de promover restrições à liberdade de expressão aos consumidores³⁶, de acordo com a fala do editor Rodrigo, aparentemente também restringe a liberdade de expressão dos atletas. Desse modo, mais uma vez, a relação comercial estabelecida através dos direitos de imagem e transmissão entre a indústria midiática e o esporte mostra-se autocrática.

Neste caso, inclusive, evidencia-se mais uma vez como os direitos de transmissão atravessaram as condições da produção jornalística sobre o esporte paraolímpico. Novamente, a exclusividade dos direitos para a mídia televisiva impediu, sobretudo, o acesso dos jornalistas às fontes primárias da informação esportiva, além de

³⁵ Quando se refere ao COB, o interlocutor estaria se referindo ao CPB, confundindo as siglas das instituições gestoras do esporte olímpico e paraolímpico.

³⁶ Almeida, Vlastuin e Marchi Júnior (2011) dissertam sobre a proteção à marca normalmente existente no contexto dos megaeventos esportivos como forma de valorização de termos, expressões e símbolos associados a eles, tais como foi com “Rio 2016”, entre outros. Para os autores, isto revela que “o interesse econômico é sobressalente na comercialização dos símbolos e termos relacionados aos megaeventos esportivos. Mais do que símbolos de um fenômeno sociocultural, os Jogos Olímpicos têm dono, o COI, e a Copa do Mundo de Futebol tem a FIFA, que através de suas administrações, zelam pelo seu retorno financeiro atual e potencial” (ALMEIDA; VLASTUIN; JÚNIOR, 2011, p. 15). Neste *hall* podemos então incluir o esporte paraolímpico e o controle das marcas por parte do IPC e do CPB, se configurando, portanto, como um ataque à liberdade de expressão dos consumidores.

inibir também a possibilidade de dar voz aos atletas para contarem um pouco das suas experiências esportivas ao público das suas respectivas localidades. Esta forma de agir e de se organizar da indústria midiático-esportiva representa, de tal modo, uma forma de cercear a liberdade de imprensa – não no sentido de noticiar o esporte - mas de acessá-lo para produzir notícia mais de perto, assim como o acesso ao esporte como direito social, ambos direitos democráticos atingidos e solapados por um discurso que se traveste do liberalismo e da livre concorrência de mercado. Contudo é preciso deixar claro que para uma mídia escrita e regional não há a opção de concorrer e acessar a disputa pelos direitos de imagem e transmissão, visto que eles são negociados em âmbito de nação e, normalmente, são restritos aos veículos audiovisuais, como internet e televisão. Nesse sentido, a única saída para a mídia impressa e online é quando esta é parte direta da composição do conglomerado midiático, que adquire os direitos de transmissão do megaevento.

RODRIGO: [...] complicadores é justamente os direitos de imagem. Você não estando credenciado, você não consegue como diz, o atleta antes de dar uma coletiva ele não pode te responder, certo? O que eu acho antidemocrático, certo? Enfim, mas regras são regras né? Então esse é um limitador, o fato de você não estar fisicamente lá credenciado. No nosso caso, com aquela ressalva que eu te fiz... com aquela ressalva que eu te fiz, mas isso é uma dificuldade. Ou seja, se você não for um órgão credenciado você não vai conseguir, e isso é um limitador para no caso Paralímpico, de divulgação né? Devia ser muito mais livre, certo?

As ressalvas e questionamentos apresentados pelo editor do jornal local também revelam como o modo privilegiado e reservado das condições de produção jornalística diante dos direitos de transmissão pode prejudicar a cobertura dos JP no âmbito das diferentes localidades. Sem desconsiderar o fato de não ter sido enviada uma equipe jornalística pelo referido jornal onde este editor trabalha e de que isto, por si só, é um elemento limitador da cobertura jornalística que eles puderam fazer, a restrição do acesso aos atletas, inclusive por vias telefônicas, apresenta-se como uma determinação não democrática das relações comerciais que circundam o esporte e o esporte paraolímpico, neste caso. Este fato citado pelo editor demonstra, por exemplo, como a possibilidade de mobilização da estratégia da dialética global-local por parte do jornal local fica inibida.

A dialética global-local é uma operação simbólica comumente utilizada pelo jornalismo esportivo para atrair a atenção dos seus consumidores. Especialmente em

coberturas jornalísticas de megaeventos esportivos, os quais possuem dimensões globais e, por conta disso, podem se configurar como fatos distanciados de determinadas localidades, a dialética global-local funciona estrategicamente na aproximação dessas duas dimensões. O discurso midiático-esportivo tende a se constituir através de uma narrativa que une elementos contextuais do fato esportivo global a elementos do contexto sociocultural por onde a mídia circula. Estes elementos de composição da narrativa podem ser verbais ou não verbais, diretos ou indiretos. Normalmente, a dialética global-local é mobilizada no discurso jornalístico através dos atletas que representam a determinada localidade onde o veículo midiático está inserido, trabalhando, assim, com uma cobertura informativa voltada aos ícones esportivos daquele contexto sociocultural específico.

Ao considerarmos as dificuldades de acesso aos atletas, relatadas pelo editor do jornal local, Rodrigo, evidenciamos mais uma vez o caráter contraditório das pretensões institucionais e sociais do esporte paraolímpico com a realização dos JP. Em primeiro lugar, a restrição do acesso aos atletas daquela localidade dificultou o processo de produção de notícias para o referido jornal e, aparentemente, inviabilizou a mobilização da dialética global-local no cerne da cobertura dos Jogos. Isto posto, e inviabilizada a operação da estratégia jornalística, a possibilidade de atrair mais público para o esporte paraolímpico e ampliar as audiências, conseqüentemente, fracassa, limitando, assim, a pretensão institucional dele em se tornar um evento premier. Em segundo lugar, com essa dificuldade de mobilização do movimento dialético entre os elementos globais e locais do esporte paraolímpico, o objetivo de inspirar a sociedade como um todo passa a ter menos chances de conquistar mais adeptos.

Outra versão das influências que os direitos de transmissão exerceram nas condições e rotinas de produção da cobertura jornalística dos JP diz respeito às questões relacionais e estéticas do fenômeno esportivo paraolímpico. Alguns dados colhidos no estudo nos permitem destacar como o dia-a-dia da competição e a presença destacada de alguns dos jornalistas na rotina diária dos atletas promovem a aproximação e a criação de uma identidade midiático-esportiva entre os dois grupos de profissionais ali envolvidos – os jornalistas e os atletas - principalmente aqueles das mídias detentoras de direitos.

Por um lado, os direitos de transmissão reservam espaços e tempos da produção jornalística, inibem o acesso às fontes primárias do contexto esportivo – os atletas - e assim podem ser comprometedores do trabalho jornalístico em uma cobertura

paraolímpica, principalmente no que se refere à mídia escrita (impressa e portais). Por outro lado, interlocutores do estudo que desfrutaram das benesses produzidas pelos direitos de transmissão revelam ter conseguido estabelecer uma relação de identificação com os atletas paraolímpicos, o que contribuiu fortemente para a qualificação da cobertura jornalística realizada por eles. Este dado reforça a relevância de se garantir aos diferentes veículos de mídia e aos seus diferentes jornalistas a possibilidade de se realizar uma cobertura noticiosa mais democrática e acessível a todos os interessados.

O depoimento do jornalista André é um dos exemplos de como os privilégios de posição, de acesso e de proximidade diária com os atletas corroboram para o processo de identificação dos jornalistas com eles - produção de presença, assim como defendido por Gumbrecht (2010). Uma identidade construída, que se torna facilitadora do trabalho jornalístico na cobertura do esporte paraolímpico, normalmente tão pouco conhecido, inclusive no âmbito do jornalismo esportivo.

ANDRÉ: Os próprios atletas já sabiam, na verdade, pra onde ir. Então por exemplo, as inglesas já sabiam ir pra TV inglesa, as americanas pra americana, os brasileiros já vinham pra gente. Então, foi muito interessante, porque isso também começa a criar uma certa... não vou dizer intimidade, mas você começa a falar com o atleta um dia, dois dias, três dias, fica até melhor de abordar o cara né? Você já abordou ontem, você fez... fica um negócio até mais interessante de conversar, isso possibilitava o lugar que a gente tava.

Neste processo de construção de uma identidade profissional relacional entre atletas e jornalistas, por meio da dimensão estética da presença produzida ali, naquele contexto de tempo e espaço da cobertura dos JP, o CPB, através da assessoria de comunicação, exerceu um papel importante de mediação. Diante dos incômodos e tensões entre as diferentes equipes jornalísticas durante a cobertura dos Jogos, assim como pudemos visualizar pelos dados apresentados até este momento, os assessores do Comitê demonstraram exercer, ou ao menos tentar, uma mediação burocrática. que garantisse a mínima equidade de acesso e de contato com os atletas para as diferentes mídias e jornalistas. Nesse sentido, as falas dos assessores revelam o exercício constante feito por eles para mediar a correlação de forças existente naquele contexto, sobretudo devido aos privilégios garantidos aos detentores de direitos.

JORGE: Sim, sim, sim, isso tem, isso tem. Porque assim, a TV... a TV paga pra tá lá, então ela tem prioridade pra falar com os atletas. Muitas vezes, o Sportv era um detentor de direito, então muitas vezes

o Sportv pedia pro atleta segurar cinco minutos, esperar cinco minutos pra falar, porque eles queriam entrar ao vivo com o atleta. Esses cinco minutos eram cinco minutos a menos que eles iam ter pra falar com a imprensa escrita. Isso gerava reclamação, porque muitas vezes o atleta falava com o Sportv, ficava lá 10, 15 minutos e chegava lá na imprensa escrita eu falava, "Oh gente, ele tem mais 5 minutos pra ficar aqui!", ai vinha aquele reboiço de todo mundo falar, "Não, pow, mas ele ficou 15 minutos ali e não sei o que", mas eu dizia, "oh gente, é assim, eu tento controlar o máximo possível, mas algumas coisas fogem do meu controle porque é assim que funciona, a TV paga é a TV com mais direito, infelizmente!", mas na medida do possível isso deve ter ocorrido duas vezes, três vezes lá durante todos os dias da paralimpíada. No geral a gente conseguiu manejar bem o tempo e todo mundo conseguiu saciar o que precisava em termos de informação de entrevista.

MARTINS: [...] Pra facilitar, já tinha sido decidido que as tevês, as rádios, enfim, quem tivesse a credencial de não-detentor poderia entrar no Parque Olímpico. Isso é uma coisa que não tinha acontecido ainda em Jogos Paralímpicos e nem aconteceu nos Jogos Olímpicos. Então, se você tinha a credencial de não-detentor, você pode até entrar, sentar lá. Não entra com teu equipamento, você não pode entrar. Se tiver com equipamento, você tem que deixar do lado de fora. Obviamente ninguém ia fazer isso, então você não entra. Então, o cara que tiver a credencial de não-detentor, digamos da Record, durante os Jogos Paralímpicos ele poderia até entrar na nataçã, sentar na tribuna, mas ele não podia trabalhar de lá. Ele não podia fazer nenhuma matéria de lá, não podia filmar, não podia entrevistar, nada. [...] Ele só entrava na sala de coletiva e saia de lá, então tinha que ficar até um pessoal controlando que eles não podiam ficar filmando a prova e nem outros lugares. Então assim, mas funcionou, a gente recebeu vários elogios, o pessoal falou que facilitou muito a vida deles, porque eles já estavam dentro do parque, não precisavam sair ali do parque pra falar com os atletas.

A partir desta fala, ressaltamos o esforço político e comunicativo despendido pela assessoria de comunicação do CPB em conseguir que mídias e jornalistas não detentores de direitos tivessem acesso aos espaços de competição no parque olímpico/paraolímpico. Como destaca o assessor Martins, esta é uma prática que não existe em JO e que em JP também nunca tinha ocorrido. Nesse sentido, este dado revela o esforço do CPB em tentar democratizar as condições de produção jornalística nos JP 2016 e, assim, ampliar o alcance da cobertura do megaevento. Porém, por outro lado, o depoimento do nosso interlocutor também nos revela o forte controle midiático que existe no interior das relações midiáticas e comerciais ali estabelecidas.

Quando o interlocutor fala que as mídias não detentoras poderiam entrar no parque olímpico/paraolímpico, porém sem o equipamento, sem poder filmar, sem poder

entrevistar, sem produzir matéria de lá de dentro, revela o esforço contra hegemônico despendido pelo CPB para mediar aquela situação. O que poderiam então fazer ali os jornalistas se as ações do seu ofício estavam proibidas e controladas? Mesmo que a possibilidade de estar ali presente e próximo dos atletas colabore para o estabelecimento de uma relação de identidade estética entre os jornalistas e eles, as sanções das ações jornalísticas limitam e comprometem a qualidade da produção de notícias sobre o fato esportivo paraolímpico. Se considerarmos, sobretudo, que a produção de notícias baseadas em registros de depoimentos dos próprios atletas paraolímpicos é uma ferramenta potencial para a aproximação estética do público com eles, tornando-se um meio de rompimento com os estigmas que eles carregam, valorizando as dimensões da beleza atlética e humana desta manifestação esportiva e deste grupo social, a lógica de controle estabelecida pelos negócios dos direitos de transmissão é mais uma ferramenta segregadora do que necessariamente inclusiva do esporte paraolímpico.

O esforço de mediação despendido pelo CPB e seus assessores de comunicação revela a importância da proatividade das instituições burocráticas gestoras do esporte paraolímpico no que diz respeito às relações estabelecidas com a indústria midiática. Há uma tendência de sobreposição dos interesses do campo midiático aos do campo esportivo (SANFELICE, 2010). Nesse sentido, o caráter proativo do CPB no âmbito da comunicação e das condições de produção jornalística é uma forma institucional de resistência ao poder midiático e também uma maneira de tentar garantir, minimamente, que as condições técnicas e as competências comunicativas do jornalismo sejam mobilizadas na cobertura do esporte paraolímpico, de modo a priorizar os interesses desta manifestação esportiva.

Baseado na teoria barberiana das mediações culturais, Santos (2015) disserta que o modelo de estrutura empresarial estabelecido entre as instituições esporte e mídia, através da negociação dos direitos de transmissão, vai conformando e mediando as lógicas de produção em um formato hegemônico e homogêneo do espetáculo esportivo. Um modelo pautado de maneira unívoca nas perspectivas de lucro e concentração de renda, que impacta diretamente nas competências comunicativas e nas mediações técnicas desenvolvidas pela mídia para transformar manifestações da cultura esportiva, tais como o esporte paraolímpico, em produtos formatados industrialmente. Neste universo, portanto, o esforço de mediação institucional do CPB, relatado pelos assessores de comunicação, pode ser reconhecido como uma forma de resistência comunicativa para o esporte paraolímpico brasileiro, mas os controles e as proibições

também citadas retratam como esta parece ser uma batalha midiática já vencida pelos conglomerados midiáticos, que com a ajuda de personagens e instituições burocráticas do esporte (como o COI, a FIFA em âmbito internacional, e o COB e a CBF em âmbito nacional), monopolizam os direitos de organização, promoção, transmissão e também da cobertura jornalística do esporte.

No caso do esporte olímpico, alguns conglomerados midiáticos representam o braço comercial do que se denominou como o Bloco Olímpico, que é a associação entre Estado, Esporte e Mercado para a produção de monopólios e enriquecimento privado na promoção dos megaeventos esportivos da contemporaneidade (MASCARENHAS et al., 2012). A dimensão do Esporte tem como principal interlocutora institucional dos interesses do COI com a mídia, a *Olympic Broadcasting Services* (OBS). A OBS é a empresa responsável pela negociação dos direitos de transmissão com os grupos midiáticos de todo o mundo e é também a empresa geradora das imagens oficiais das transmissões televisivas dos JO e também dos JP.

Os negócios de marketing e dos direitos de transmissão dos JP são gerenciados pela OBS desde o início dos anos 2000, através de contrato firmado entre o IPC e o COI. Esta associação da instituição paraolímpica com os negócios olímpicos garantiu estabilidade financeira ao IPC (HOWE, 2008; PURDUE; HOWE, 2012), pois, com isso, os JP foram incluídos nas obrigações estruturais e logísticas para as cidades postulantes à realização dos JO, e assim também a entidade paraolímpica passou a desfrutar da visibilidade midiática e das cotas publicitárias que a sua correlata olímpica já possuía no mercado. Entretanto tais benefícios não foram conquistados sem que o COI tivesse retornos comerciais e políticos de influência sobre o esporte paraolímpico. O acordo das duas instituições prevê o direito ao COI de uma porcentagem em todo contrato publicitário que o IPC conseguir firmar, assim como também prevê que toda a geração de imagens das transmissões dos JP seja de controle da OBS. Esta relação contratual, por sua vez, segundo Howe (2008) e Purdue e Howe (2012), poderia trazer (e trouxe) implicações para o discurso educativo do movimento paraolímpico, pois toda a sua autonomia midiática de veiculação foi retirada.

Conforme verificamos anteriormente na fala do assessor de comunicação do CPB, existia uma série de restrições ao acesso da mídia não detentora nos espaços dos JP. Mesmo com a resistência e o esforço da entidade brasileira, o controle era rígido e o monitoramento para a garantia dos privilégios dos detentores era permanente. Nesse sentido, as falas dos assessores do CPB apresentadas a seguir demonstram a

subserviência comunicativa da instituição aos ditames e lógicas de produção da OBS e do conglomerado midiático detentor dos direitos de transmissão, prejudicando, como previsto, a expansão cultural e o discurso educativo do movimento paraolímpico.

JORGE: [...] Ai entra também a questão do Sportv, que eles estavam com um estúdio em frente ao Parque Olímpico, então sempre tinha que conversar com eles, porque eles estavam pedindo o atleta medalhista do dia pro Parque Olímpico, então fazer esse meio de campo pra ver que atleta poderia ir e em quanto tempo. Organizar o transporte do atleta, enquanto a sessão rolava também eu controlava o fluxo dos atletas pela zona mista. Então basicamente minha rotina nos Jogos foi essa [...] Dificuldades são inerentes a grandes coberturas, isso é algo que a gente tá acostumado a lidar e que você acostuma a gerenciar no dia a dia, não tem jeito. No Engenhão, por exemplo, tinha alguns locais... os atletas terminavam a prova, eles passavam por uma, por alguns postos de entrevistas, logo no começo da saída da pista que eu não tinha acesso, então muitas vezes, vamos supor, um atleta terminava a prova dele sete horas da noite, ele tinha até sete e quarenta pra sair da zona de entrevistas. Isso eu tô falando algo hipotético. Tinha até sete e quarenta pra sair porque ele teria a premiação ainda, mas quem gerenciava essas entrevistas na beirada da pista era o pessoal da OBS, que é a Olympic Broadcasting Service, que é a empresa responsável por toda a geração de imagens, por toda a cobertura de imprensa no estádio. Eles não controlavam da forma que eu controlava. Eles não tinham a mesma... é lógico, porque o trabalho deles é geral, não é um trabalho voltado só pra equipe do Brasil. Então o atleta brasileiro muitas vezes ficava 15, 20 minutos lá em cima dando entrevista e sobrava 20 minutos pra parte de baixo, que era a parte onde eu tinha acesso, que era a zona mista, onde eles tinham que falar com mais algumas tvs e toda a imprensa escrita. Então isso foi uma barreira que eu acabei encontrando, mas conversando você acaba acertando isso, acaba de alguma maneira conseguindo agilizar esse processo, e aí eu conseguia repartir o tempo em que os atletas ficariam na imprensa televisiva, na zona mista, e depois na imprensa escrita também.

MARTINS: Teve muita crítica das modalidades que não foram transmitidas, mas isso era uma decisão da OBS, da empresa que faz, que gera o sinal para as televisões. Eles se baseiam muito no que... no interesse de quem comprou os direitos, e claro que assim, você vai ter lá o Channel 4, ou a NHK do Japão... a NHK ano passado anunciou que vai transmitir os Jogos de 2020, sabe? Então assim, já é uma coisa muito anterior. Então tem um peso maior pra que determinadas modalidades sejam transmitidas ou não, mas mesmo assim a gente teve muita crítica né!? [...] Então, durante os Jogos, acho que o exemplo mais marcante foi o do vôlei sentado, que começou a ser transmitido a partir da semifinal por uma certa pressão aí das emissoras brasileiras, da Tv Brasil, da Globosat, para que... você tinha o Brasil na semifinal tanto do masculino, como do feminino, então para que isso... para que eles mostrassem. E teve um caso que eu tinha falado com você que era o do tênis de mesa né!? Você tinha a semifinal da Bruna Alexandre, brasileira jogando com a polonesa que

é o principal, senão o maior, um dos maiores nomes do tênis de mesa paralímpico e... elas tavam jogando e o tênis de mesa só tinha o sinal de uma mesa e não tinha jogo na mesa naquela hora. Então assim, ficou muito claro assim, que era um certo descaso... não sei se chegaria a tanto, mas acho que faltou se informar melhor, faltou se aproximar mais dos interesses do país sede.

As falas dos nossos interlocutores revelam os impactos comunicativos gerados ao esporte paraolímpico pela centralização do poder midiático com a OBS e com os modos de negociação de direitos de imagem e transmissão, realizados pela empresa olímpica. Estes dados reforçam, uma vez mais, a necessidade e a validade do esforço e da resistência do CPB no que se trata dos modos de gerenciar e agir no esporte paraolímpico brasileiro em relação à subserviência exigida pelos acordos empresariais e midiáticos, estabelecidos sob os padrões olímpicos de concentração de poder e renda. Uma maneira de trabalhar o processo comunicativo do esporte em todos os seus âmbitos, do entretenimento ao jornalismo, que ao priorizar geração de lucros empobrece a experiência do consumo cultural do esporte paraolímpico via mediação midiática e inviabiliza sua expansão pelas diferentes ambiências e localidades.

Dentro deste gerenciamento feito pela OBS sobre o âmbito midiático do esporte paraolímpico, um dos fatores identificados na fala dos interlocutores do estudo a ser ressaltado são algumas obrigatoriedades jornalísticas de cobertura previstas em contrato para os detentores de direitos de transmissão. De acordo com depoimentos do editor da “Nacional 1” e também de um dos jornalistas que participou da cobertura, havia a exigência, por parte do IPC e da OBS, de se ter a transmissão ao vivo de ao menos uma hora diária de competição e também uma hora por dia, no mínimo, de telejornalismo dedicado aos JP.

FERNANDO: Mas a gente inicialmente existia um compromisso da “Nacional 1”, compromisso contratual, de ter uma hora ao vivo por dia e uma hora de jornalismo por dia, juntando os 11 dias de competição daria 44 horas... não, daria 22 horas de compromisso que a gente tinha que falar de parolimpíada. Nós botamos ao vivo mais de 110 horas. Então, assim, a gente cumpriu e cumpriu bem com o compromisso que tinha que ser cumprido.

VINICIUS: Havia uma obrigação no contrato de se transmitir uma hora por dia ao vivo, e fazer pelo menos uma hora de programação sobre os Jogos Paralímpicos. Houve mais né? Porque houve interesse da empresa em fazer uma cobertura bem mais ampla.

Em primeiro lugar, devemos destacar o interesse da instituição midiática que ambos os jornalistas representam em veicular um volume maior de horas dos JP, levando ao ar cerca de cinco vezes a mais do tempo mínimo previsto em contrato. Todavia aparenta ser, minimamente, uma decisão esportiva institucional arriscada exigir somente uma hora de cobertura jornalística dos detentores de direitos sobre um megaevento que envolve mais de vinte modalidades em disputa, mais de quatro mil atletas competindo, mais de cem nações ali representadas e grande volume de dinheiro público e privado investido. Se considerarmos os onze dias de competição dos JP e as cerca de dezesseis horas de disputas diárias simultâneas nas diferentes modalidades que compõem o programa do megaevento, onze horas de cobertura jornalística correspondem a 6,25% do tempo total da programação esportiva a ser noticiada.

Isto posto, a questão problemática que se evidencia diante deste contexto é, novamente, quais os impactos e possíveis consequências da conformação deste ecossistema comunicativo (MARTÍN-BARBERO, 2004, 2009) no contexto sociocultural do esporte paraolímpico? Ao seguir a tendência hegemônica desta relação entre o esporte e a mídia, que se pauta pela negociação comercial dos direitos de transmissão, as mediações institucionais e técnicas da mídia para com o esporte paraolímpico estão formando um ecossistema comunicativo que o transforma também em mais um produto industrializado da cultura esportiva, empobrecido de informação e com espaço midiático reduzido.

Como visto anteriormente, os tempos e espaços privilegiados aos jornalistas das empresas detentoras geram um mal-estar entre jornalistas das demais mídias credenciadas ao megaevento. Tal situação implica nas possibilidades de se ter, ou não, acesso aos atletas, comprometendo, por vezes, a entrevista com as fontes primárias do fenômeno esportivo e assim também inibindo a oportunidade de abrir mais espaço midiático para dar voz a eles.

As relações contratuais dos direitos de imagem e transmissão também impõem mais uma obrigação de dedicação de tempo aos atletas, gerando mais desgaste para além da exaustão física e mental que as competições em alto rendimento exigem por si só. Por mais que os atletas tenham ciência de que a sua imagem midiática é uma das vias geradoras de recursos financeiros das suas carreiras, a obrigatoriedade das entrevistas pós-provas pode configurar uma relação patrão-empregado desgastante entre os dois profissionais ali envolvidos, o jornalista e o atleta. De tal modo, se por um lado a exclusividade ou prioridade jornalística dada a determinados grupos midiáticos pode

contribuir na construção de uma relação identitária entre os jornalistas beneficiados e os atletas, por outro, este fator pode ser inibidor de que se gere identificação dos protagonistas do esporte com uma maior diversidade de profissionais os quais compõem este contexto jornalístico, sobretudo aqueles que fazem parte das equipes de mídias locais/regionais.

Com relação à cobertura de fatos relacionados aos atletas de diferentes localidades, as restrições impostas às mídias locais podem implicar, por exemplo, na não mobilização da dialética global-local como forma de atrair a atenção do público em diferentes regiões. Esta que seria uma das estratégias midiáticas possíveis para estender o alcance do esporte paraolímpico na sociedade, acaba por ser inibida devido às condições de produção jornalística estabelecidas, priorizando as mídias televisivas nacionais detentoras dos direitos.

A exigência de geração mínima de uma hora de cobertura jornalística com direitos e prioridades de produção reservadas a conglomerados midiáticos específicos garante a existência da informação, mas pode, assim, potencializar e induzir a produção da notícia no modelo do infotimento, tanto em forma como em conteúdo. Conforme argumentamos anteriormente postos nesta seção, ao seguir normativas contratuais de preservação e valorização das marcas/produtos nos quais se transformam o esporte paraolímpico e os JP, ao serem negociados através dos direitos de transmissão, o discurso midiático das sócias destes produtos tende a se constituir basicamente por informações que enquadram e agendam o fenômeno esportivo como peça de entretenimento que elas próprias pagaram para veicular, destituindo-se, assim, de informações críticas e esclarecedoras, que possam “desvalorizar” o produto.

Sob esta lógica do infotimento, a narrativa jornalística sobre o esporte paraolímpico pode se constituir, eminentemente, por “fatos omnibus”, que são, segundo Bourdieu (1997, p. 23), informações que “[...] não devem chocar ninguém, que não envolvem disputa, que não dividem, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo tal que não tocam em nada de importante”. É a tendência comercial da mídia em produzir e veicular informações de interesse do público em detrimento de informações de interesse público como forma de atrair mais audiências e, por consequência, conquistar mais anúncios publicitários, e gerar mais lucros para a indústria midiática (VIDAL, 2010).

Neste contexto dos direitos de transmissão, o sucesso comunicativo do fenômeno esportivo paraolímpico não está garantido, pois, segundo Wolton (2011), um

dos pressupostos necessários para o estabelecimento de um processo comunicativo está na pluralidade informativa inerente a ele. Ou seja, a comunicação social do esporte paraolímpico está de tal modo comprometida diante desta lógica midiático-esportiva, estabelecida pela via da negociação dos direitos de transmissão, que reserva espaços e tempos jornalísticos a conglomerados midiáticos específicos e que, assim, tende a inibir uma produção de informação e notícias mais plural, com uma diversidade de olhares jornalísticos mais ampla.

Podemos considerar, portanto, a partir do que analisamos nesta seção do trabalho, que a relação comercial da mídia com o esporte está gerando uma forma de aprofundamento do processo de semiformação cultural do esporte. Este processo tinha, até então, como principal característica a substituição da experiência formativa da prática do esporte pelo consumo deste, via mediação midiática (PIRES, 2002, 2006). Porém, a partir dos exemplos da cobertura jornalística dos JP do Rio/2016, podemos afirmar que temos agora também um processo de restrição à produção informativa sobre o fenômeno esportivo que conduz, direta ou indiretamente, a transformação da própria informação jornalística em objeto/meio de propaganda midiática do esporte através do infotimento. Estamos visualizando, portanto, a intensificação do processo de mercadorização e espetacularização do esporte e do esporte paraolímpico através do condicionamento da cobertura jornalística sobre o fenômeno esportivo pela via da informação-mercadoria.

Na sequência do trabalho, apresentaremos como as condições de produção e a rotina produtiva da cobertura jornalística dos JP/2016 descritas até aqui ajudaram a conformar os critérios de noticiabilidade e os valores-notícia estabelecidos pelos jornalistas para abordar jornalisticamente a referida manifestação esportiva.

3. CAPÍTULO 3: OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E OS VALORES-NOTÍCIAS RELACIONADOS AOS JP RIO/2016

Neste terceiro capítulo do trabalho, apresentamos dados recolhidos nas entrevistas com os interlocutores do estudo que nos indicam os critérios de noticiabilidade e os valores-notícias utilizados por eles na definição e no processo de construção das notícias sobre os JP. A partir destes dados, pudemos caracterizar tanto critérios estruturais da composição das notícias, que seriam os elementos do formato noticioso, como os critérios informativos, que seriam os aspectos do conteúdo dos fatos que se tornaria notícia sobre o megaevento esportivo.

Sobre a forma da produção noticiosa, identificamos junto aos jornalistas e editores os modos de construção do lide das notícias, os critérios linguísticos utilizados por eles para se referirem ao esporte paraolímpico, e também os critérios imagéticos para a definição das fotografias que vieram a compor a cobertura fotojornalística dos Jogos. Com relação aos critérios do conteúdo que se tornou notícia, conseguimos extrair dos entrevistados a influência daquilo entendido por eles como o interesse do público, visto como um aspecto definidor da abordagem informativa destinada aos JP na cobertura jornalística das respectivas mídias onde os interlocutores do estudo trabalharam. Neste universo da noticiabilidade dos JP, pautada pelo interesse do público, identificamos a predominância da expectativa pelas vitórias, dos resultados vitoriosos e do imperativo das medalhas como principais critérios para a transformação de um fato do megaevento em notícia. Na sequência das prioridades jornalísticas, identificamos também o critério da localidade, o critério das histórias dramáticas e, por último, o critério das curiosidades inerentes ao esporte paraolímpico como elementos fundantes dos fatos noticiáveis dos JP.

No que diz respeito aos valores-notícia mobilizados pelos interlocutores do estudo para a realização da cobertura jornalística dos JP, conseguimos mapear dois valores que se evidenciaram nas falas. O valor-notícia predominante foi o da esportividade paraolímpica, seguido, de maneira quase conectada, pelo ideário da superação.

Ainda que a separação entre critérios de noticiabilidade e valores-notícia se caracterize por ser uma distinção eminentemente teórica (WOLF, 1987), na organização

deste capítulo decidimos por mantê-los separados como estratégia didática para a apresentação dos dados do estudo.

3.1. Dos critérios da estrutura das notícias

3.1.1. A composição do lide e a estruturação das notícias

De maneira geral, segundo os jornalistas entrevistados, as notícias que compuseram a cobertura sobre os JP se estruturaram seguindo padrões da pragmática jornalística, tal como existe e como é utilizado em qualquer outro evento esportivo. Uma composição se caracterizou, em linhas gerais, pela formalidade jornalística de compor o parágrafo inicial das notícias com informações do tipo: quem é o personagem, o que aconteceu, onde ocorreu, quando, como e por que, tal como se estrutura qualquer produção noticiosa.

A formatação do lide das notícias também se mostrou na fala dos jornalistas atenta a uma estruturação que atendessem e atraíssem o que é imaginado por eles como o interesse do público. Identificamos relatos de jornalistas que revelaram abordar a especificidade da temática dos JP, sobretudo em relação à informação sobre as deficiências dos atletas, como uma das estratégias de despertar esse hipotético interesse do público. Todavia algumas falas dos jornalistas revelam que a inclusão das histórias das deficiências no conteúdo noticioso também foi utilizada como uma forma didática de composição do lide da notícia, mantendo, assim, uma fidelidade a uma das características centrais do fenômeno esportivo paraolímpico, a deficiência dos atletas.

A fala da jornalista Sara exemplifica o modo tradicional de composição do lide das notícias, neste caso em específico relacionado ao esporte paraolímpico e aos JP. Podemos identificar no exemplo da jornalista – a seguir - como o processo de construção das notícias sobre a temática pode corresponder à formalidade estrutural dos padrões jornalísticos para a cobertura noticiosa de acontecimentos em diferentes ambiências sociais, seja na economia, na política, na arte ou no esporte. Tal composição mencionada por ela segue o que seria considerado como o roteiro ideal para qualquer produção noticiosa do jornalismo.

SARA: No lide eu sempre costumava colocar quem era o atleta, qual modalidade, da onde que ele era, e quando ele voltaria a competir, ou se ele não tem mais chance de competir, de uma forma mais resumida,

e depois eu tentava explicar um pouco da prova, com quem ele disputou, qual foi o tempo ou a marca, enfim, resultados, depois no fim contar mais um pouquinho, tipo "fulano de tal, nasceu em Brusque, começou a praticar esporte com tal idade, não sei o que, já ganhou tantos e tantos títulos ao longo bla, bla bla...", mais ou menos isso, mas no lide mesmo tentava despejar não tudo, mas quase tudo, porque ainda mais hoje em dia que as pessoas consomem notícia pelo celular, elas leem ali o lide e vai embora né? Nem rolam até o final, triste né (risadas).

O modelo de lide da notícia mencionado pela jornalista, que é o parágrafo inicial o qual introduz o conteúdo da notícia, reproduz a técnica jornalística criada pela imprensa norte-americana. A criação do lide:

[...] teve como objetivo atender ao leitor moderno e apressado que precisa obter o maior número de informações no menor tempo possível. É exigido do jornalista que ele seja capaz de criar e inovar a partir da fórmula do lide, respondendo com eficiência às perguntas fundamentais sobre o fato noticiado (TRAVANCAS, 2010, p. 97).

No exemplo da jornalista Sara podemos identificar o enquadramento da produção jornalística voltada ao esporte paraolímpico e sobre os JP em um modelo tradicional de composição da notícia. Neste caso em específico, observamos o fenômeno esportivo paraolímpico ser tratado de maneira mecânica e equânime aos demais relatos jornalísticos que se transformam em notícias, sendo pautado nos elementos objetivos e factuais dos acontecimentos. Contudo, deste modo, se por um lado previne-se que a cobertura jornalística do esporte paraolímpico não recaia no caráter improvisado e pouco sério do jornalismo esportivo, evitando o desgaste da sua credibilidade informativa (MARQUES J., 2003, 2013; OSELAME; COSTA, 2013), por outro lado, corre-se o risco de haver um déficit informativo sobre questões específicas da referida temática esportiva na construção das notícias, tais como aspectos da identidade corporal dos atletas com deficiência, especificidades da trajetória esportiva desses atletas, condições de preparação e treinamento, entre outros elementos.

A eficiência do lide e do modo de compor a notícia como forma de atender a uma hipotética demanda do público consumidor (TRAVANCAS, 2010) caracteriza-se, portanto, como uma ameaça prejudicial às particularidades do esporte paraolímpico como fenômeno esportivo e social midiaticado. O caso relatado pela jornalista Sara revela-se exemplar de como o processo de produção e de composição das notícias sobre os JP está correspondendo, conforme caracteriza Chaparro (2007), a uma pragmática

jornalística voltada à objetividade dos fatos que, agindo de tal forma, descarta ou omite elementos contextuais fundantes e existenciais da referida manifestação esportiva paraolímpica. Afinal, ao ignorar a deficiência e a história dela na vida do atleta como parte do conteúdo informativo que compõe o eixo básico das notícias sobre o esporte paraolímpico, os jornalistas estariam subsumindo aquilo que, segundo Buysse e Borcharding (2010), conforma parte da identidade corporal, física e esportiva destes atletas.

Por outro lado, colocar as histórias das deficiências no roteiro de construção das notícias e enfocá-las, configura a tendência midiática em se utilizar delas para promover a narrativa sensacionalista do esporte paraolímpico, alçando os atletas à condição de *supercrip*. Neste sentido, acompanhamos o pensamento de Marques R. (2016), de que este tipo de discurso midiático-esportivo é prejudicial ao atleta e ao esporte paraolímpico, visto que secundariza a dimensão da esportividade, a qual é, ou ao menos deveria ser, a pauta central do jornalismo esportivo.

O relato do jornalista Philipe, a seguir, retrata um exemplo de composição do lide e da estrutura da notícia unindo os elementos formais de um determinado acontecimento do esporte adaptado e/ou paraolímpico, conforme previstos pela cultura jornalística, aos elementos contextuais da história e da própria deficiência do atleta. Acompanhando a perspectiva apresentada pela jornalista Sara, Philipe demonstra uma forma de compor com um volume maior de informações sobre o fato e sobre o contexto esportivo paraolímpico que ele procurou narrar na notícia.

PHILIFE: Ah, isso varia muito por causa da construção textual. Cada caso é um caso, né, mas primeiro eu gosto de apresentar o atleta. Por exemplo, pegando como exemplo o surfe adaptado, o Robson, que é o protagonista dessa reportagem. Ele tá pleiteando uma vaga no mundial de surfe adaptado, que vai acontecer em Larroia, agora em novembro mesmo na Califórnia. Então eu apresento ele, quem ele é, o que já conquistou de títulos, o que ele almeja e aí depois eu vou construir a história dele, aí vou contar que ele sofreu um acidente, ele era salva-vidas. No dia que ele sofreu o acidente ele salvou oito pessoas, inclusive uma criança de 5 anos. Aí voltando pra casa, um motorista embriagado bate na moto dele, quase mata ele, então o cara que salva vida de pessoas quase morreu nas mãos de um motorista embriagado né, aí consegui dar a volta por cima, teve um período de depressão, porque ele surfava e era um cara boa pinta, aí agora voltou, ele surfa só com um braço, ele não tem o movimento do outro braço. A partir disso eu volto, depois de construir a história dele eu volto, explico que ele se associou ao AdaptaSurfe, que é uma associação do Rio de Janeiro que trabalha com surfistas adaptados, e a partir dali ele tá tentando essa vaga nos Estados Unidos e fundando

a associação de surfe adaptado aqui em Santa Catarina. É uma maneira de contar né, uma das maneiras.

As características de composição da notícia apresentadas pelo jornalista Philippe demonstram um percurso metodológico de produção jornalística sobre o esporte adaptado e paraolímpico no qual se coloca juntos, tanto a dimensão esportiva do atleta como a história da deficiência. Neste exemplo, portanto, temos o indicativo da apropriação sensacionalista que os jornalistas fazem da vida dos atletas com deficiência, transferindo, inclusive, a responsabilidade deste uso dramatizado ao que se entende ser o interesse do público, ou seja, o tipo de história que os consumidores/receptores do jornalismo esportivo buscam.

A opção de se falar sobre as deficiências dos atletas e sobre as próprias histórias delas apareceu em falas de interlocutores do estudo tanto como forma de atender ao que os jornalistas imaginam ser de interesse do público, quanto como estratégia didática de se narrar e se noticiar sobre o esporte adaptado e paraolímpico. A fala do jornalista Luiz sustenta a ideia de que compor o lide e a estrutura da notícia com a história das deficiências é uma demanda advinda do público consumidor a que o jornalista não pode deixar de atender.

LUIZ: Acho que assim, os elementos básicos né, de qualquer... de qualquer notícia jornalística, e enfim, aquelas situações, quem é, como é, onde é, o que ganhou, o que perdeu, onde vai ser... acho que são aqueles elementos que são os básicos de uma informação... a informação mais bruta né! Então quem é a atleta, da onde veio, o que ganhou ou o que perdeu, onde vai disputar, acho que isso são os básicos, os elementos que permeiam qualquer, enfim, qualquer construção de texto jornalístico aí. Então acho que esses são os básicos. E claro, acho que numa construção de um texto especificamente dessa, de atletas paralímpicos, acho que aí é aquele ponto que toquei. Fala um pouco da história, acho que é importante, porque as pessoas realmente têm essa curiosidade, acho bacana também, acho que de colocar realmente são pessoas que conseguiram se superar, conseguiram passar por um momento de dificuldade né, porque essa construção de repente ou ter uma acidente, enfim, sofrer um problema de saúde e ficar limitado de alguma coisa, até essa pessoa sair desse estado para chegar a prática esportiva, isso normalmente demora né, não é de um dia pro outro, porque, enfim, a pessoa acaba tendo uma transformação na vida.

O jornalista Luiz menciona a questão da superação da deficiência como elemento interessante para fazer parte da composição do lide e da estrutura da notícia –

este é um critério de conteúdo noticioso que discutiremos em seção posterior do trabalho - porém, o que destacamos aqui é que o jornalista compreende tal elemento informativo como estruturante da curiosidade do público consumidor das notícias sobre os JP. Do ponto de vista da composição estrutural da notícia, portanto, o referido jornalista demonstra perceber a deficiência e as histórias das deficiências dos atletas como elementos oportunos para atrair o público ao consumo midiático e informativo dos JP. Esta forma de compor a notícia sobre o esporte, os atletas e os JP, incluindo as deficiências como produto chamariz para o consumo da cobertura jornalística, está de acordo com a compreensão de Vidal (2010) e Dejavitte (2003), de que é necessário, para a sobrevivência financeira do jornalismo contemporâneo, produzir notícias de interesse do público que abordem também, de alguma maneira, informações de interesse público.

Devido aos limites do recorte do estudo, não podemos tecer afirmações ou inferências sobre o tipo de abordagem que o jornalista Luiz efetivamente destinou às histórias das deficiências na composição estrutural das notícias que ele produziu durante os JP, não sendo possível evidenciarmos se de fato foram associadas informações de interesse do público a informações de interesse público na produção jornalística dele. Entretanto, ao mencionar as deficiências dos atletas paraolímpicos como objeto estratégico para o despertar da demanda pelo consumo das notícias sobre os JP por parte do público, o jornalista coloca em evidência uma forma de reificação da condição corporal destes atletas e, conseqüentemente, da transformação da deficiência em embalagem que vai atrair o consumidor para o esporte paraolímpico como produto midiático-esportivo a ser comercializado. Uma lógica de apropriação jornalística e midiática do esporte paraolímpico que estaria operando, mais uma vez, sob as estratégias tradicionais da indústria cultural, conforme descrito por Adorno e Horkheimer (1985). Em suma, o objeto e/ou fenômeno cultural, neste caso o corpo com deficiência do atleta, é incorporado pelos meios de comunicação de massa – principais operadores da indústria cultural – transformado em objeto de venda e passa a ser reproduzido de maneira homogênea aos demais objetos/fenômenos da cultura. Este é o modo como a mídia por vezes trata, por exemplo, o corpo de atletas mulheres, produzindo conteúdo dito jornalístico sobre quem seriam as musas dos JO, veiculando um fotojornalismo com o enquadramento focado em partes sexualizadas, entre outros casos.

Não estamos afirmando com a lógica de homogeneização da indústria cultural que o esporte paraolímpico esteja ficando igual ou semelhante às demais manifestações

do esporte de alto rendimento e às suas diferentes modalidades espetacularizadas. Contudo compreendemos que, de tal modo, o processo de midiática e espetacularização do esporte paraolímpico está passando pelo que Pires (2002, p. 94) afirma: “[...] o processo de produção, venda e consumo do espetáculo esportivo segue uma ordem análoga, isto é, baseia-se em idênticos procedimentos técnicos e iguais interesses comerciais”. Ou seja, o esporte paraolímpico está cada vez mais seguindo a ordem análoga ao espetáculo esportivo.

Sobre a narrativa midiática e jornalística acerca das histórias das deficiências dos atletas paraolímpicos, Gonçalves, Albino e Vaz (2009) destacam ser este um formato informacional que aparenta enriquecer o espetáculo paraolímpico. Para os autores, a inclusão dessas histórias na estrutura do discurso midiático sobre a referida manifestação do esporte de alto de rendimento e do espetáculo esportivo é automaticamente colada à ideia de superação – esta que discutiremos em seção posterior – e assim resulta em um discurso romantizado sobre os atletas. Para além dessa romantização, é “um discurso que tem algo de similar àquele referente aos atletas convencionais – associados correntemente ao universo da pobreza, do preconceito, do ser órfão etc” (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009, p. 164). Assim, a utilização estratégica das deficiências como objeto mobilizador do consumo do esporte paraolímpico, já no processo de produção das notícias, pode se caracterizar como o afirmado por Pires (2002, p. 93), de que as “[...] pequenas diferenças verificadas entre os bens culturais veiculados pela indústria cultural são, na verdade, estratégias para incentivar o seu consumo, na perspectiva de utilizar a aparente novidade como apelo”. Neste caso do esporte paraolímpico, em específico, a deficiência e as histórias relacionadas a elas seriam, portanto, a aparente novidade apelativa do discurso midiático-esportivo.

Em outro sentido, jornalistas relataram compor a estrutura das notícias com as histórias das deficiências como forma de manter o consumidor do esporte paraolímpico mais informado, compreendendo, inclusive, esta estruturação noticiosa como uma maneira didática de cobrir o esporte paraolímpico. As falas dos jornalistas Antonio, Ícaro e Jorge exemplificam este caráter didático de inclusão e de abordagem das deficiências dos atletas como elemento informativo de composição das notícias sobre os JP.

ANTONIO: Acho que, como falei antes ali, pro paraolímpico acho que a questão foi mais didática assim. As minhas matérias eu tentei ser mais didático assim, entendeu? Ter, explicar mais né, pro leitor assim, como funcionava o esporte, como o cara era deficiente visual, mas... como ele joga com outros deficientes visuais, enfim, como as vezes, até como ele ficou deficiente visual... até por curiosidade porque o pessoal as vezes tem essa dúvida, "ah, como aconteceu né? Como que o atleta ficou assim, como ele perdeu a visão?", dentro do possível também tentava colocar tudo como aconteceu.

ÍCARO: Não. Acho que é informação. Acho que, claro, tem que ter respeito. Tem que saber... tem que ser feito de uma forma respeitosa, mas isso é informação dentro dos Jogos Paraolímpicos. As pessoas querem saber qual a deficiência daquela pessoa, por isso... ele tá lá porque ele é competente, ele é competitivo no seu esporte, e porque ele tem uma deficiência. E aí é uma questão básica do jornalismo de informar, né? A pessoa tem que saber qual a deficiência, acho que não tem que ter muito dedos assim, claro tem que ser respeitoso, mas sem muitos dedos.

JORGE: Acho que é algo inerente ao esporte paralímpico. A gente tomou cuidado para não exaltar demais, nem pra esconder isso, acho que é algo inerente ao esporte. Se você tem um atleta paralímpico, obviamente ele passou por alguma coisa ou nasceu com algo que é diferente do convencional. Então a gente, na medida do possível, divulgava claro qual a deficiência do atleta, a gente tinha o guia que explicava todas as classes funcionais, por exemplo, isso era muito importante. O nosso guia de imprensa vem com a explicação do que é o T11 no atletismo, do que é o S8 na natação, isso faz parte, isso é inerente ao esporte paralímpico, não é algo que a gente nem exaltava demais e nem escondia, era algo natural que vem com o esporte.

No relato do jornalista Antonio a estruturação das notícias com a história das deficiências apresentou-se como forma de sanar dúvidas existentes do público consumidor sobre o como e o porquê daquela determinada condição corporal dos atletas. Nesta linha de compreensão das histórias das deficiências como necessários e inevitáveis componentes informativos, o jornalista Ícaro afirma incluir este elemento na narrativa jornalística por ser ele a dimensão material deste contexto, o que justifica a própria existência dos Jogos e a presença dos atletas neste universo esportivo. Do mesmo modo, para Jorge, as deficiências dos atletas e suas histórias são aspectos inerentes ao esporte paraolímpico e, portanto, não se deve escondê-las na composição das notícias, porém ele também compreende que não é necessário exaltá-las.

A compreensão apresentada pelos referidos jornalistas sobre a composição do lide das notícias na cobertura jornalística dos JP nos permite retomar o caráter educativo de mediador cultural que o jornalismo (esportivo) tem para o âmbito do esporte. Ao buscar a naturalização da deficiência no contexto esportivo através da inclusão da

história sobre elas na narrativa jornalística, os jornalistas podem estar mobilizando aquilo que é denominado por Gumbrecht (2010) como os efeitos de presença. Isto quer dizer que este modo dos referidos jornalistas comporem as notícias produzidas sobre os JP, de acordo com os preceitos do autor supracitado, ao tornarem presentes as deficiências e as histórias dos atletas, eles estão operando um modelo informativo que ajuda a desconstruir efeitos de sentido historicamente construídos sobre as pessoas com deficiência. Ou seja, a presença das histórias das deficiências nas notícias é um modelo informativo, que ressignifica conceitos e estigmas relacionados ao universo dessas pessoas, ou até mesmo, em síntese, desfaz modelos autorreferenciais (GUMBRECHT, 2010) já existentes de se compreender as deficiências como algo trágico, sofrível, grotesco ou até mesmo digno de pena.

A ideia de presentificação (GUMBRECHT, 2010) das deficiências no relato jornalístico sobre o esporte paraolímpico alinha-se à concepção de Goffman (2012) sobre uma das possibilidades de superação de estigmas. Para o autor, somente tornando conhecida e informando os “normais” sobre as características e histórias da identidade social estigmatizada dos “anormais”, é que esta identidade poderá transitar de uma compreensão virtual, para uma compreensão real sobre ela na sociedade. Portanto, ao falar sobre as deficiências e ao narrar as histórias delas no início das notícias acerca do esporte e dos atletas paraolímpicos, os jornalistas contribuem para o processo de desestigmatização das pessoas com deficiência.

O relato da editora Mariana – a seguir - sobre o modo de compor o lide da notícia na cobertura do esporte paraolímpico também se alinha à perspectiva de tornar presente as histórias das deficiências dos atletas. Todavia ela vai além da pura concepção de presentificação das deficiências no relato jornalístico como solução para o compromisso comunicativo da produção de notícias. A editora indica que tal estratégia só adquire sentido no jornalismo esportivo se posicionada como referência para a complementação informativa sobre a trajetória esportiva destes atletas.

MARIANA: [...] o que eu sinto falta, tá? Eu acho que é... é uma informação importante dizer qual a deficiência do cara, tá? O que eu sinto falta é tu complementar essa informação com como o cara entrou no esporte paralímpico, entende? Então, por exemplo, no caso do Jovane. Ele teve lesão medular por causa de disparo de arma de fogo em assalto. Isso é o quando e a partir daí começou a praticar esgrima e não sei o que, sabe? Tu... tu trazer... porque bem ou mal, assim, é a história do cara né? A deficiência faz parte da história do cara, mas talvez de que forma essa deficiência fez o cara entrar no

esporte, que é meio o que interessa aqui. Aqui tu tá dizendo a trajetória do cara no esporte, então... "ah, se tornou cadeirante por causa de uma doença degenerativa muscular, aos tantos anos, e começou a praticar bocha em sei lá eu quanto", sabe? Talvez contextualizar um pouco de que forma, não só jogar a deficiência do cara assim, mas contextualizar a deficiência com a forma que isso fez ele entrar no esporte, assim. Talvez é o que poderia ser aprimorado.

A percepção da editora sobre a necessária associação entre as histórias das deficiências com o percurso de inserção do atleta no universo esportivo configura-se, sobretudo, como uma perspectiva crítica de produção jornalística sobre esporte. Este referido modo de composição das notícias esportivas paraolímpicas por parte da jornalista revela-se preocupado com a ampliação do espectro informativo que compõe e que faz a mediação da cultura esportiva. Dessa forma, visualizamos um olhar para a estruturação informativa da cobertura jornalística dos JP que não se mostrou preocupado com a idolatria do atleta paraolímpico e tampouco concentrado na dramatização da história da deficiência. A fala da jornalista indica uma atenção jornalística que visa a traçar um direcionamento comunicativo para a socialização da experiência do percurso formativo do atleta com deficiência e para o esclarecimento dos obstáculos que ele enfrentou para alcançar o nível do alto rendimento. Em síntese, parafraseando Betti (2001), uma forma de narrar jornalisticamente o esporte paraolímpico em sua inteireza na mídia, valorizando a experiência global do atleta e da prática do esporte em alto rendimento.

Por fim, o que identificamos nesta seção do trabalho foi que, para os interlocutores do estudo, a composição do lide e da estrutura da notícia na cobertura dos JP de 2016 seguiu, em alguns casos, os pré-requisitos básicos e formais da tradição jornalística, padronizando, assim, a produção noticiosa sobre o esporte paraolímpico tal como é feito com as demais manifestações sociais do esporte. Com relação a composição das notícias com a especificidade das deficiências dos atletas, o que pudemos notar neste quesito foi que, por um lado, tal estratégia estruturante pode se configurar como mais uma operação da indústria cultural para apropriação midiática do esporte paraolímpico, como novo segmento de seus respectivos interesses comerciais, utilizando a deficiência dos atletas como embalagem deste “novo” produto midiático-esportivo. Por outro lado, os usos jornalísticos que alguns dos jornalistas relataram fazer da história das deficiências se configuraram como uma estratégia informativa a qual materializa a presença das pessoas com deficiência no cotidiano do consumidor/receptor

de esporte e, como desdobramento disso, contribui fortemente para o processo de desestigmatização deste grupo social.

Portanto, mencionar as deficiências dos atletas não representa o mesmo ato jornalístico de pautar as histórias das deficiências, adjetivando-as e colocando-as em evidência. Ao colocá-las como pauta, este tipo de abordagem do jornalismo esportivo foge do seu escopo voltado ao esporte e configura um modo de agir jornalístico que se assemelha ao trabalho das editorias responsáveis pelas fofocas das celebridades do mundo do entretenimento.

3.1.2. Critérios e usos linguísticos de estruturação das notícias sobre os JP

Outros elementos estruturantes da construção das notícias que pudemos caracterizar a partir da fala dos interlocutores do estudo foram os critérios e usos linguísticos estabelecidos por eles para se referir aos JP e abordá-los na cobertura jornalística. Identificamos características desses critérios e usos que planaram entre uma normalidade linguística, a qual, mais uma vez, equiparou o trato destinado ao esporte paraolímpico ao trato do esporte convencional e olímpico; verificamos, também, uma discussão e preocupação linguística que se restringiu à polêmica dos termos “paralímpico” e “paraolímpico”; mapeamos relatos de cuidados com a estruturação linguística relacionada às especificidades concernentes ao esporte paraolímpico; e, por fim, mas não com menor evidência, identificamos a caracterização dos critérios e usos linguísticos dos jornalistas com relação aos JP justificados pela direta correlação entre texto e contexto inerente à narrativa jornalística sobre o factual.

No que se refere à normalização linguística para a construção das notícias tanto sobre o esporte paraolímpico, como para o esporte convencional/olímpico, o relato do editor Fred – a seguir - exemplifica como os critérios do processo de estruturação da cobertura jornalística sobre os JP esteve, até certo ponto, equiparado às demais manifestações do esporte. Conforme podemos visualizar, o editor Fred menciona o exemplo do uso linguístico do “apesar de” como forma de ressaltar a dimensão de superação dos atletas que, de maneira pragmática, é tratada pelo contexto midiático-esportivo como algo inerente não só ao esporte paraolímpico, mas a todas as manifestações do esporte de alto rendimento.

FRED: Acho que independente dos casos dos paraolímpicos, acho que o "apesar de" ressalta mais essa questão da superação, entendeu? Existe em todos os esportes, existe na olimpíada essa questão de superação porque os caras comem e dormem, treinam e fica, treina tipo 12 ou 14 horas por dia, entendeu? Então tem essa questão da superação toda, e isso faz com que o fato da superação pelo atleta paralímpico ser ainda maior né? Até pelas limitações que eles já têm naturalmente ou por conta de algum acidente. Então não vejo tanto problema com esse tipo de expressão também. Eu sei que de uma maneira geral ainda, é... acontece muito do enfoque das matérias serem muito mais voltados para o outro lado, foi o que a gente tentou dar uma mudada e isso claramente pela olimpíada ser aqui no Brasil.

Ressaltamos que faremos a análise e discussão sobre os critérios de noticiabilidade relacionados ao conteúdo voltado às histórias de superação em seção posterior do trabalho. Porém o exemplo relatado pelo editor nos revela como um hábito da cultura dos jornalistas esportivos, comumente utilizado para narrar as histórias de atletas convencionais, aparenta estar em reprodução na narrativa jornalística sobre os atletas com deficiência. A mediação técnica da narrativa jornalística sobre o esporte, através da falação esportiva que, por vezes, dramatiza o fato esportivo e a vida dos atletas (BETTI, 2001), evidencia-se neste caso do editor, demonstrando uma tendência à reprodução do modelo para a cobertura dos JP, sobretudo no que se refere aos usos linguísticos. O caso da expressão “apesar de”, conforme mencionado, representa aqui o posicionamento do esporte paraolímpico como fenômeno compensador, que se opõe a um possível peso que a deficiência aparenta significar, não necessariamente para o atleta, mas, por vezes, para o próprio jornalista ao construir a narrativa de tal maneira. Este é um modelo que reproduz um repertório de critérios e usos linguísticos que, assim como referido anteriormente no trabalho, aplica-se do mesmo modo às histórias dos meninos pobres, marginalizados, negros, ou até mesmo às mulheres, que venham a alcançar status de sucesso esportivo no futebol e/ou em outras modalidades olímpicas (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009).

O sofrimento dos atletas, seja dentro das disputas esportivas ou mesmo nas suas histórias de vida fora delas, é considerado teoricamente por Gumbrecht (2007) como um dos elementos estéticos que podem justificar e caracterizar o fascínio do público pelo esporte. Neste sentido, ainda que o editor não tenha mencionado equiparar os usos linguísticos para estruturar a narrativa do esporte paraolímpico e olímpico somente como estratégia de ressaltar a dimensão dramática e sofrível dos atletas, atraindo, assim,

o fascínio do público, o exemplo de utilização da expressão “apesar de” remonta a equalização e a homogeneização pela qual o esporte paraolímpico pode estar passando no processo de apropriação midiática desta manifestação esportiva contemporânea. De tal modo, o relato do editor apresenta-se como indício de uma possível padronização da abordagem jornalística sobre o esporte paraolímpico e, como consequência disso, também indica que ele pode estar sendo reproduzido como fato noticioso a partir de vicissitudes linguísticas do jornalismo esportivo.

A fala do jornalista Jorge, a qual apresentamos a seguir, reforça a tendência característica de que não há alterações na estruturação linguística das notícias produzidas sobre o esporte paraolímpico. O interlocutor do estudo ressalta que, apesar das mudanças de linguagem, provocadas pelas dinâmicas das novas plataformas digitais de comunicação, assim como as redes sociais, exigindo, por vezes, usos linguísticos mais informais, não muda em nada a abordagem que se faz do esporte paraolímpico com relação a outras manifestações do esporte.

JORGE: Na linguagem utilizada eu acho que não. Acho que se você comparar a mudança nas plataformas, a rede social é um pouco mais informal por natureza, mas acho que a função da assessoria de imprensa é a mesma. Ela segue sendo de você divulgar e de você exaltá-los, então acho que muito pouco nesse sentido, muito pouca mudança, talvez a rede social mesmo seja um pouco mais informal, mas como linguagem mesmo de como tratá-lo, acho que não teve muita mudança não.

O que podemos extrair como indicativo deste relato do jornalista, não sendo diferente também para o relato do editor Fred, supracitado, é que aparenta haver uma adequação linguística da cultura jornalística para com as demandas midiáticas exigidas pela convergência dos meios nas plataformas digitais de comunicação. Um paradigma de comunicação contemporâneo que tem como alvo uma maior aproximação e identificação das instituições historicamente hegemônicas produtoras do discurso midiático com o público, que agora, além de consumidor, pode ser também produtor de conteúdo através da cultura participativa possibilitada, sobretudo, pelas redes sociais (JENKINS, 2009).

Contudo, a mesma adequação linguística da cultura jornalística às demandas do paradigma comunicacional contemporâneo aparenta não ocorrer em relação ao âmbito esportivo. De acordo com a fala dos jornalistas, a estrutura linguística da narrativa

relacionada ao esporte paraolímpico, ao menos nestes casos citados, segue correspondendo às características do esporte na modernidade, ainda como descrita no século XX, de adequação do fenômeno esportivo aos códigos, linguagens e temporalidades da mídia (BETTI, 1998a, 1998b, 2001, PIRES, 1998, 2002; SANFELICE, 2010). Desta forma, não é possível identificar uma atualização e adaptação jornalística ao que alguns autores afirmam ser o caráter heterogêneo, plural e controverso do esporte e dos seus modos de manifestação no século XXI (MARQUES R., 2015; MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007; MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

O relato da editora Mariana, apresentado na sequência do texto, nos permite sustentar a argumentação da homogeneização que a pragmática jornalística parece promover com relação à cobertura noticiosa do esporte paraolímpico ao não realizar adequações na estruturação linguística da abordagem midiática voltada à referida manifestação esportiva. A editora declara ter seguido um padrão da própria empresa em que trabalha na abordagem do esporte como um todo e cita ter se diferenciado somente o uso linguístico da expressão para se referir ao megaevento, retomando a polêmica existente em torno das expressões “paralímpico” e “paraolímpico”.

MARIANA: Em termos de linguagem não teve nenhuma diferença assim primordial. A gente tem os padrões... tem os padrões da “Regional 3”. Até um padrão relacionado à paraolimpíada, que a gente não usa “paralimpíada” né, a gente usa “paraolimpíada” e até isso a gente inclusive teve que fazer uma matéria durante a paralimpíada explicando porque a “Regional 3” usa “paraolimpíada” e não “paralimpíada” assim. Mas de diferença de linguagem em relação a Olimpíada e na produção dos textos, de coisa não.

O indicativo apresentado pela editora não só ratifica a ideia de reprodução jornalística de práticas e vicissitudes da cobertura esportiva para com a estruturação linguística da produção de notícias sobre o esporte paraolímpico, mas também retrata como a preocupação com as especificidades desta referida manifestação esportiva no trabalho jornalístico aparenta se configurar de maneira reducionista. Ao demonstrar que o cuidado linguístico no processo de produção de notícias sobre os JP esteve voltado somente à definição do uso da denominação “paralimpíada” ou “paraolimpíada”, a editora reduz um complexo universo de questões linguísticas, que envolvem o contexto das pessoas com deficiência, do esporte e dos atletas paraolímpicos, a uma polêmica

que transita entre questões gramaticais da língua portuguesa e interesses comerciais das instituições burocráticas gestoras do esporte paraolímpico no mundo.

Em 2011, o CPB, seguindo orientações do IPC, alterou a utilização do termo “paraolímpico” pelo termo “paralímpico”, adotando o formato para a denominação dos demais substantivos relacionados à manifestação esportiva no Brasil, assim como os Jogos, os atletas, o esporte e o próprio nome da entidade. Dessa forma, todos passaram a ser adjetivados como “paralímpicos”. Entretanto, em 2012, a presidente em exercício eleita democraticamente, Dilma Roussef, publicou um decreto através da Secretaria de Comunicação da Presidência da República, informando que continuaria utilizando o termo “paraolímpico” nos documentos oficiais do governo, pois esta era a denominação correta, conforme as regras gramaticais da língua portuguesa. A gramática não prevê a possibilidade de exclusão da primeira letra do sufixo na junção de duas palavras, sendo possível somente a exclusão da última letra do prefixo. Neste contexto, evidenciou-se uma tentativa institucional do IPC em unificar as marcas relacionadas ao esporte paraolímpico a partir do padrão dos países de língua inglesa, onde o fenômeno já era denominado como “*paralympic*”. Isto se caracterizou como uma estratégia de proteção e globalização da marca por interesses comerciais do IPC, que foi considerada como um desrespeito às particularidades culturais e características específicas da língua portuguesa³⁷.

Ainda que a editora Mariana tenha relatado fazer a opção pelo uso do termo “paraolímpico” como forma de respeitar a língua portuguesa, em detrimento de seguir determinações e interesses comerciais das entidades esportivas, restringir a adequação linguística do processo de produção de notícias a esta questão revela, neste caso, por exemplo, que a cobertura jornalística pode não dar conta da série de particularidades linguísticas existentes neste contexto, assim como apontam os guias de orientações à mídia sobre boas práticas para se cobrir o esporte para pessoas com deficiência (BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION, 2012; INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014; PAPPOUS; SOUZA, 2016).

Falas de outros jornalistas e editores interlocutores do estudo também apresentaram indícios de alguns deles se deterem à polêmica dos termos “paraolímpico” e “paralímpico” nas adequações linguísticas para a cobertura dos JP. Já o jornalista

³⁷ Podemos visualizar uma descrição da polêmica em torno do uso do termo “paraolímpico” em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/64838-paralimpico-haja-bobagem-e-submissao.shtml> acessado em 14/11/2017.

Ícaro e o editor Rodrigo, apresentados na sequência, revelam indicativos de que os critérios e usos linguísticos para a estruturação das notícias para eles também estiveram voltados a outros elementos do contexto esportivo paraolímpico.

ÍCARO: A gente teve a discussão aqui sobre usar “paralimpíada” ou “paraolimpíada”, e aí foi uma discussão gramatical assim. Os revisores do jornal, que são os que têm mais conhecimento de língua portuguesa, depois de um debate e tal... isso faz tempo já que foi feito esse debate. Faz tempo já, não foi antes da paraolimpíada. Decidiram que o jornal não ia trocar o nome como o Comitê Paralímpico trocou, então a gente se referiu como Paraolimpíada. Assim como a Folha, assim como o Estadão, assim como vários grandes jornais, por uma questão gramatical assim. De resto não teve muita... muito problema assim. Eu lembro que as primeiras matérias que eu fiz sobre esporte paraolímpico me orientaram que tinha que... que não se fala deficientes físicos, que se fala pessoas com deficiência, né? São certos padrões, assim, que são adotados e tal. Acho que não. Não tem muita diferença assim na forma de se tratar... é que os atletas e as modalidades em si já têm os nomes sabe, não tem muito... As modalidades têm os nomes, não tem muito o que inventar.

RODRIGO: Bom, a gente teve um cuidado com as matérias, obviamente. Também é normal pra qualquer área. Se for tratar da área jurídica eu vou ter que ter um cuidado. Se eu for tratar da área econômica, eu vou ter que ter o cuidado. Se for tratar de futebol é uma coisa, de surfe é outra. E paralímpico é a mesma coisa. Então esse cuidado ele é instintivo até. Ele não precisa necessariamente ser específico pra aquela área, ele é instintivo do jornalista. Como a gente tá aqui na chamada cozinha, a gente já recebia o material... todos os jornalistas que estavam lá, são geralmente jornalistas setoristas, que a gente chama, treinados pra aquilo, então a gente já recebia o material... eu não me lembro, no processo editorial, da gente ter... a não ser a questão do paralímpico e paraolímpico, que a gente acabou mantendo no off "paralímpico", porque mudar de sopoetão no offline ele causa mais impacto.

Na fala do jornalista Ícaro aparece um exemplo da adequação linguística com relação à denominação “pessoas com deficiência”, que veio para substituir a menção “deficientes”. A declaração do editor Rodrigo, por sua vez, revela um cuidado com a produção de matérias respeitando a especificidade da linguagem de cada área temática, tal como a jurídica, a econômica e, no caso do esporte, as diferenças relacionadas a cada modalidade, como o futebol, o surfe e, incluído nisto, o esporte paraolímpico. O editor Rodrigo, inclusive, relata que este cuidado com as especificidades é praticamente um ato “instintivo” do jornalista que, somente pelo fato de ser setorista da área, estaria preparado e treinado para aquilo.

O que podemos identificar nas duas falas supracitadas é que o reconhecimento e o cuidado com as especificidades linguísticas sobre os modos de se referir e de abordar o esporte paraolímpico e as próprias pessoas com deficiência no processo de construção das notícias ocorreu, basicamente, através dos primeiros contatos com o contexto do fenômeno e da convivência com os elementos que compõem tal universo. A questão que se coloca em destaque nestes casos é o caráter instintivo da compreensão e da adaptação jornalística ao referido fenômeno em pauta. Depender do instinto dos profissionais para exercer uma atuação jornalística fidedigna e preocupada com as nuances do esporte paraolímpico, reforça, no mínimo, os problemas formativos do campo do jornalismo e em específico do esportivo, bem como destaca a característica de improvisado que permeia este âmbito de atuação jornalística (MARQUES J., 2013).

Ainda com relação à fala do jornalista Ícaro, a percepção dele sobre a alteração do modo de denominação das pessoas com deficiência mostrou-se de acordo com as indicações recentes dos guias de orientação à mídia sobre boas práticas de estruturação linguística para se referir a estas pessoas. Segundo apontam os guias, não é indicado que se utilize o termo “deficiente” ou a própria denominação da deficiência, tais como “cego”, “paraplégico” ou “aleijado” para se referir à pessoa ou ao atleta, pois isto acaba por personificar o indivíduo a partir da sua condição corporal (BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION, 2012; INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014; PAPPOUS; SOUZA, 2016). As falas da editora Mariana e da jornalista Jaciara – a seguir - também demonstraram utilizar critérios para a estruturação linguística das notícias que se associavam e seguiam a lógica de denominação apresentada nos guias.

MARIANA: Claro, a gente chamava pelo nome das modalidades de acordo com o Comitê Rio/2016, né, então ah, sei lá eu, basquete era basquete de cadeira de rodas, não era só basquete, seguia o padrão do comitê assim. Mas pra se referir aos atletas não, era o nadador, o esgrimista, a gente usava que eu me lembre não teve nenhuma diferenciação em termos de texto, de produção de texto.

JACIARA: Não. Não porque a ideia é assim, óbvio que eu tinha que colocar a classificação. Eu não explicava, mas assim, "Daniel Dias foi campeão nos 100m livre, classe S5", a única diferença é meio que colocar uma classe ali. Agora, fora isso, o que você pressupõe, tanto no Olímpico como no Paralímpico, você tá lidando com atleta de alto rendimento, tá entendendo? Então com atleta de alto rendimento a linguagem é muito semelhante, com esses pequenos detalhes de incluir classificação de um ou de classificação de outro ali.

O modo de se referir às modalidades a partir das denominações oficiais e específicas do esporte paraolímpico e aos atletas a partir das especificidades esportivas deles, conforme mencionado pela editora Mariana, revela um cuidado dos usos linguísticos que também estão alinhados às proposições dos guias. Esta perspectiva, como também apontado pela jornalista Jaciara, refere-se ao entendimento de que os atletas paraolímpicos devem ser assim denominados por se tratarem de atletas de alto rendimento, tais como os olímpicos. Estes referidos modelos de estruturação e usos da linguagem pelos jornalistas para construir as notícias sobre os JP configuram-se como uma forma de valorizar a esportividade do atleta com deficiência.

Além deste fator da esportividade, a inclusão dos detalhes informativos sobre as classificações dos atletas e das modalidades em disputa, conforme mencionado pela jornalista Jaciara, acaba por se configurar também como uma forma de valorização das particularidades paraolímpicas por parte da prática jornalística de construção das notícias. Ao agir de tal maneira, portanto, podemos considerar que o jornalismo esportivo estaria garantindo, em parte, o esclarecimento social sobre o esporte paraolímpico. Para Borelli e Fausto Neto (2002, p. 63):

Sem o empreendimento da linguagem sobre o esporte, ele passa a ser apenas uma atividade regrada, praticada pelos seus atores, ficando limitada à experiência daqueles que o vivenciam. Dessa maneira, o jornalismo esportivo contribui para um melhor entendimento dos movimentos humanos e, em especial, do esporte (BORELLI; FAUSTO NETO, 2002, p. 63).

A estruturação das notícias com elementos linguísticos específicos do esporte paraolímpico, corroborando com o entendimento dos autores supracitados, pode, então, ser considerada como uma operação material do jornalismo esportivo, que garante, ao menos, o início do entendimento social de símbolos que caracterizam esta manifestação esportiva. Alinhados a esta perspectiva informativa de estruturar as notícias de modo que possibilite a qualificação da compreensão sobre as particularidades do esporte paraolímpico, o editor Fernando e o jornalista Luiz, citados na sequência, também mencionaram uma preocupação com o uso, por exemplo, dos símbolos que representam as classificações dos atletas dentro das modalidades paraolímpicas.

FERNANDO: Tem sim. Eu não participei muito disso, não participei muito, mas sim houve uma preocupação da direção da emissora na questão de como tratar. A questão das deficiências, de explicar os códigos, porque tem aquela... ah, é o 100 metros final do S11. O que é S11? O que é T12? O que é F14? Então sim, existiu uma preocupação muito grande da emissora, e aí é mérito total da emissora em tratar a nomenclatura das deficiências principalmente, de uma forma clara e de uma forma inclusiva, de uma forma que as pessoas que tavam em casa entendessem o que era cada uma daquelas modalidades e porque que tinha cinquenta finais dos 100 metros. Então, sim, existiu por parte deles uma preocupação grande com essa questão sim.

LUIZ: Aí a gente né, fazia essa adaptação dentro da norma que a gente seguia, que é a norma que a maioria dos veículos utiliza, enfim, a informação... a escrita internacional. Assim, no mais é acho que é como é paralímpico o mais importante é ficar atento ali nas... porque assim, as modalidade tem os graus né, então é ficar por dentro daquilo ali, T1, T2, e tal né. Acho que vale... muitas vezes... Porque, até assim, as vezes colocar assim: "Ah, atletismo T2", daqui a pouco colocar entre aspas ali, "para atletas amputados de membros superiores", enfim, uma coisa para pessoas leigas ter mais uma... se sintonizar mais ou menos, então acho que basicamente é mais ou menos por aí, mas sempre vinha quase que sempre completo das agências.

Ambos os interlocutores do estudo ressaltam a necessidade de utilização dos elementos específicos do esporte paraolímpico, tais como os símbolos da classificação dos atletas, como forma de garantir uma cobertura jornalística inclusiva e que sintoniza o público consumidor com a temática. Esta é uma perspectiva midiática e jornalística que contraria, até certo ponto, a hipótese de Howe (2008) e de Marques e Gutierrez (2014) de que as classificações funcionais seriam um problema para os jornalistas e para a indústria midiática por serem consideradas complexas a ponto de se tornarem um elemento complicador do processo de produção das notícias sobre o esporte paraolímpico.

Segundo Marques e Gutierrez (2014), existe uma discussão no IPC de que a redução do número de classes funcionais dos atletas seria uma forma de tornar o esporte paraolímpico mais fácil de ser compreendido e assim despertar maior interesse midiático por ele. Os autores consideram ser este um possível elemento que provoca o desinteresse midiático em negociar e comprar os direitos de transmissão das competições paraolímpicas também pelo fato de o número de classes tornar o principal capital simbólico do campo esportivo, o mérito da medalha e o ineditismo da vitória, em algo atingível para um maior número de atletas. Por exemplo, no atletismo paraolímpico não existe somente um vencedor masculino e uma vencedora feminina que podem ser

considerados/as como o/a corredor/a com deficiência mais rápido/a do mundo. Devido ao número de classes referentes aos tipos e níveis de deficiência, podem existir cinco ou mais velocistas a serem alçados à posição de pessoa com deficiência mais rápida do mundo, o que, de certa forma, nesta ótica meritocrática, retira o ineditismo do feito destes atletas, gerando, assim, dificuldades para o desenvolvimento das estratégias midiáticas de criação de heróis esportivos.

Diante de um contexto de possível negação midiática e jornalística às classificações dos atletas como elemento esportivo a compor a produção informativa sobre os JP, as falas do editor Fernando e do jornalista Luiz demonstram a possibilidade de existir uma contra tendência a esta perspectiva dominante que, inclusive, as entidades paraolímpicas aparentam fazer concessões. Ao invés de se render aos ditames e interesses comerciais da mídia, as instituições burocráticas do esporte paraolímpico poderiam explorar, assim como demonstrado por estes interlocutores do estudo, o espaço jornalístico dos meios de comunicação que se interessam pelo fenômeno para promover a existência social e a formação cultural do público com relação a esta manifestação do esporte, utilizando e tornando corriqueira no âmbito esportivo a linguagem e os signos das classificações dos atletas com deficiência.

Um outro elemento que buscamos identificar junto aos interlocutores do estudo acerca dos critérios e usos linguísticos na construção das notícias sobre o esporte e os atletas paraolímpicos foi com relação às expressões que podem promover a estigmatização deste grupo social. Quando questionados sobre a utilização de termos como “vítima de”, “sofre de” ou outros exemplos correlatos, parte dos jornalistas demonstrou compreender tais expressões como passíveis de serem aplicadas e como não problemáticas caso sejam utilizadas para noticiar um contexto em que os atletas efetivamente tenham passado por um acontecimento que os posicionem como tal. O relato da editora Mariana – a seguir - exemplifica como o uso destas expressões pode ser um aspecto indiferente ao jornalista em relação ao âmbito do esporte e dos atletas paraolímpicos.

MARIANA: Ah, é que eles são vítimas de acidentes de... (silêncio)... é, eu não vejo problema nesse caso assim. Porque tu tá dizendo que eles são vítimas de acidentes, e isso eles são mesmo né. A partir do momento que tu sofre um acidente, tu é vítima de um acidente né, mas talvez "35% dos atletas da parolimpíada... sofreram acidentes de trânsito"? Mas é que daí o sofreram o acidente de trânsito não deixa claro que a deficiência deles é causada pelo acidente de trânsito né?

Então se tu diz, "35% dos atletas da parolimpiada sofreram acidente de trânsito", talvez eles tenham sofrido, mas não tenha nada a ver com a deficiência deles. A partir do momento que tu diz que são vítimas de acidentes, fica explícito que a deficiência deles é culpa dos acidentes de trânsito assim. Do ponto de vista jornalístico. Ah, assim, o ideal é... como que vou dizer... a gente sempre tenta usar, ou deveria usar a expressão mais formal, vamos dizer assim. "Ele teve uma perna amputada por conta de um acidente de trânsito", ao invés de "perdeu uma perna". Mas em termos de informação é a mesma informação que tu passa né? As vezes a gente... as vezes, inclusive, a gente tenta... muitas vezes assim quando tu ver um cara dizendo, sei lá eu, porque as vezes tu acaba tendo que traduzir alguma expressão. "Perdeu a visão após acidente com arma de fogo", poderia ser "ficou cego após acidente com arma de fogo", acho que a informação que passa é a mesma assim. Que ficou cego após acidente com arma de fogo, acho que tem alguns...

A indiferença apresentada pela editora Mariana em relação ao uso da expressão “vítima de” evidencia mais uma vez – assim como discutido em seção anterior do trabalho – a tendência inerente à cultura jornalística de basear a construção das notícias em uma pragmática que transita entre a objetividade dos fatos e a precisão dos relatos sobre o contexto que se está noticiando (CHAPARRO, 2007). A editora se contradiz ao ressaltar que a construção das notícias deveria seguir uma formalidade linguística para narrar os fatos, mas que, no fim, independente dos critérios e dos usos linguísticos que se faça, a informação passada é a mesma. Este dado revela que a narrativa jornalística, por vezes, recai na informalidade da linguagem coloquial para buscar uma hipotética objetividade e precisão da cobertura noticiosa factual, que dificilmente vai existir.

Algumas perspectivas consideram que a utilização de expressões como “vítima de” ou “sofre de” associadas a pessoas e/ou atletas com deficiência são formas de vitimizá-los (HILGEMBERG, 2014b; INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014; PAPPOUS; SOUZA, 2016). Parte-se do pressuposto de que estas expressões carregam consigo o estigma reproduzido socialmente de compreender as pessoas com deficiências como coitadas e/ou sofredoras unicamente pelo fato de viverem com uma deficiência. Por conta disso, sugere-se que a mídia não reproduza os referidos termos na narrativa jornalística sobre o esporte e os atletas paraolímpicos como forma de evitar que tal modo de compreensão seja possivelmente mobilizado nos olhares e interpretações do público consumidor.

A fala da editora Mariana, supracitada, contrapõe-se a esta perspectiva do estigma e compreende que há uma pragmática jornalística a ser respeitada na construção

das notícias sobre o factual relacionado ao contexto do esporte e dos atletas paraolímpicos. As falas do jornalista Luiz e do editor Fred, que apresentaremos a seguir, também demonstram uma compreensão sobre os usos linguísticos destes termos como algo inerente à cultura jornalística de buscar construir as notícias de maneira fidedigna aos elementos de composição dos acontecimentos, independentemente se os termos venham a sugerir uma estigmatização ou não dos personagens envolvidos na narrativa.

FRED: [...] mas acho que nessa questão também, dependendo de uma maneira geral dessa questão linguística dentro do jornalismo, isso é meio que, vamos dizer assim, meio que padrão, e também acho que não tem relação com o fato dela ser atleta paralímpica, porque quando acontece um acidente esse tipo de expressão é utilizada, acidente de trânsito. Quando, que nem teve aqui em Londrina um caso grande de exploração sexual, as adolescentes são vítimas, e são mesmo vítimas desse esquema né. Então isso independe da editoria, na minha opinião, independe da editoria, independe do fato dela ser paraatleta, atleta paralímpica, ou atleta olímpica, entende? Que nem, por exemplo, se pegar o caso da Joana Maranhão, que revelou que foi vítima de estupro, a gente teria usado essa expressão e feito uma matéria com ela da mesma maneira.

LUIZ: Então, porque assim. Entendi, colocar para o lado da vitimização ou não né? Assim, é meio complicado porque assim, é algo que o problema dela é uma coisa que... que fugiu do alcance dela, porque enfim, foi um erro médico, então quer dizer, uma coisa que a pessoa, ela não... diferente por exemplo, às vezes um acidente a pessoa pode tentar evitar. Por exemplo, "ah, o cara encheu a cara, saiu de moto, bateu a moto e ficou paraplégico", beleza, se ele não tivesse bebido talvez o acidente não teria acontecido, então o cara foi vítima dele mesmo, não sei. Aqui no caso é uma situação que ela não tinha controle, então talvez por isso eu tenha utilizado "vítima" né?

O que os exemplos apresentados pelo editor Fred e o jornalista Luiz nos permitem evidenciar é que aparenta existir uma preocupação jornalística voltada, eminentemente, às suas práticas e fazeres profissionais, mais uma vez sobrevalorizando uma objetividade e precisão da pragmática jornalística, em detrimento de se tomar cuidados com critérios e usos linguísticos que, por vezes, venham a colaborar para o processo de estigmatização ou desestigmatização dos atletas e pessoas com deficiência. Como afirma Tuchman (1983, p. 169), “[...] la práctica informativa es una ideología en acción”. Neste sentido, os relatos dos jornalistas revelam exemplos de como a cultura jornalística, ao seguir uma lógica ideal de narrar o factual, pode estar ignorando elementos problemáticos do contexto das pessoas com deficiência e dos atletas

paraolímpicos que, se reproduzidos em larga escala, podem reforçar estigmas historicamente associados a este grupo social.

Se por um lado a utilização da pragmática jornalística para narrar os acontecimentos relacionados aos atletas paraolímpicos pode ser um meio de reprodução dos estigmas sociais associados às pessoas com deficiência, por outro lado, a busca por termos e expressões que sejam sinônimos dos fatos ocorridos para produzir notícias sobre estas pessoas pode representar uma eufemização do trabalho jornalístico. Neste sentido, corroborando com a afirmação de Tuchman (1983, p. 232) de que “contando relatos de la vida social, la noticia es un recurso social. Fuente de conocimiento, fuente de poder, la noticia es una ventana al mundo”. Podemos considerar a produção noticiosa dos jornalistas, a qual procura contextualizar os fatos sobre os atletas paraolímpicos, em que eles foram vítimas ou que sofreram algo, como forma de abrir a janela para o mundo sobre os problemas e questões sociais envoltas neste contexto das pessoas com deficiência e que pouco se sabe na sociedade, inclusive evitando a reprodução de determinados estigmas que, por vezes, existem por falta de informação e conhecimento sobre as deficiências.

3.1.3. Os critérios imagéticos

O terceiro elemento que buscamos identificar junto aos jornalistas com relação à forma de estruturação das notícias produzidas sobre os JP, foram os critérios imagéticos utilizados por eles para escolher as fotografias que fariam a composição da cobertura jornalística. Neste aspecto, identificamos nos relatos dos interlocutores do estudo mais uma vez a presença da subjetividade dos jornalistas e dos editores na decisão da imagem que comporia as notícias, porém isto se evidenciou sem desconsiderar a política editorial da empresa de mídia para a qual trabalharam. A dimensão subjetiva tornou-se evidente também na percepção dos jornalistas ao mencionarem que o critério imagético esteve relacionado ao que eles próprios entendiam por bonito, por feio, por chocante ou pelo que seria apelativo ou não apelativo junto ao público consumidor.

Junto a esta tendência de interferência da subjetividade estética dos próprios jornalistas e editores, os dados também nos permitiram identificar que não há, por exemplo, uma definição de critério sobre mostrar ou não a deficiência dos atletas, muito por conta também do caráter pessoal deste critério imagético. Além disso, ainda que parte dos jornalistas tenha demonstrado uma preocupação de que os enquadramentos

fotográficos apresentassem elementos da esportividade e da dimensão atlética do esporte e dos atletas paraolímpicos, alguns dos entrevistados não demonstraram existir qualquer atenção ou cuidado com possíveis estigmatizações que as imagens escolhidas para compor as notícias pudessem promover.

O relato da jornalista Sara – a seguir - apresenta o indicativo da subjetividade pessoal e jornalística que aparenta interferir diretamente no critério imagético de seleção e inclusão de determinadas fotografias que vieram a compor a estrutura das notícias produzidas sobre os JP. A fala da jornalista exemplifica a autonomia que estes profissionais podem ter neste processo da definição imagética daquilo que vai retratar de maneira não verbal o conteúdo noticioso.

SARA: [...] Ah, eu gosto de foto... é bem pessoal, porque a gente tem muita autonomia, sabe, mas eu gosto de fotos de ação, por exemplo, não gosto muito de foto posada. A foto que tá lá embaixo se não me engano é uma foto posada. É uma foto posada. Mas eu gosto de fotos de ação, e não gosto muito também quando é, por exemplo, "time tal perde", aí colocar uma foto triste, pô não precisa, sabe? Então eu acho mais legal pôr as fotos de ação, que tenha sempre uma ação esportiva.

A dimensão da subjetividade que permeia o fazer jornalístico, já referenciada em estudos de *newsmaking* (TRAVANCAS, 1993; TUCHMAN, 1983; WOLF, 1987), de acordo com a fala da jornalista Sara, pode fazer com que o enquadramento fotográfico do esporte e do esporte paraolímpico esteja à mercê de perspectivas particulares, tanto do jornalista, como do editor e da própria política editorial das empresas. Tal característica de indefinição de critérios objetivos para a cobertura jornalística sobre o esporte como um todo, incluindo neste universo o esporte paraolímpico, reforça o argumento de Betti (1998a) sobre o caráter polissêmico do fenômeno esportivo. Ao seguir esta perspectiva, a diversidade de sentidos que podem ser atribuídos ao esporte (paraolímpico), ainda na definição dos critérios que norteiam o processo de produção dos relatos jornalísticos, abrem a possibilidade para termos notícias em formatos que enquadrem o fenômeno através da facticidade esportiva – assim como mencionado pela jornalista - mas também através de relatos e imagens sensacionalistas, estigmatizantes, entre outras formas, pois de tal modo a narrativa midiático-esportiva configura-se como um universo em aberto, sem roteiro, sem critério.

A perspectiva de critério imagético apresentada pela jornalista Sara é correspondente aos critérios e sugestões de veiculação fotográfica apresentadas pelo guia de orientações à mídia como as formas indicadas para se retratar o esporte e o atleta paraolímpico, valorizando a imagem esportiva e atlética deles (PAPPOUS; SOUZA, 2016). Entretanto vale ressaltar que o relato da jornalista evidencia que a definição do critério esportivo para escolha das imagens, neste caso, foi basicamente pessoal e subjetiva. Neste sentido, evidenciamos o papel exercido por guias de orientações, tais como os que foram desenvolvidos pela BPA (2012), pelo IPC (2014) e por Pappous e Souza (2016), como estratégia metodológica de estabelecer parâmetros e critérios objetivos para a produção jornalística a ser realizada sobre o esporte paraolímpico.

Os indícios do papel que a subjetividade do jornalista pode exercer na definição do critério imagético de veiculação do esporte e do atleta paraolímpico apareceram também na fala do jornalista Philippe – a seguir. Neste caso, em específico, podemos identificar como a representação fotográfica do fenômeno esportivo paraolímpico fica à deriva de uma percepção individual do profissional da mídia.

PHILIPPE: Com certeza. O do Rugby, eu não sei se tu selecionou o do Rugby em cadeira de rodas, aquele tem um apelo visual bem maior, porque daí é o cara jogando naquela cadeira de rodas totalmente diferente, aquela cadeira de metal... Oh, essa foto ai tem um baita de um apelo, essa cadeira parece cadeira de guerra com esses metais assim, a roda de metal, o cara tatuado. Tem um grande apelo. Oh, se tu for ver, pode subir um pouquinho ali de novo, essa foto não é nossa, oh. Ela é do Comitê Paralímpico Brasileiro, entendeu? É uma foto que nos enviaram... Esse é o José Raul. Oh, essa é arquivo pessoal. Ficou boa essa foto. São só essas duas né?

A declaração do jornalista Philippe, além de reforçar a presença da subjetividade do profissional na seleção da fotografia, revela, mais uma vez, neste caso com relação às imagens, que a percepção do profissional sobre a definição do critério tem mais vínculo com aquilo que se entende como os meios de despertar o interesse do público do que, necessariamente, por se configurar como uma busca por realizar um fotojornalismo informativo para o público consumidor. No caso relatado pelo jornalista, temos a evidência de que o foco na seleção da foto que comporia a notícia esteve mais voltado ao impacto dela junto aos receptores do que a uma preocupação com o detalhe informativo que a imagem poderia proporcionar a eles, selecionando, por exemplo, uma

fotografia que revelasse a qualidade e a força do metal que constitui as cadeiras de rodas dos jogadores de rúgbi dos JP.

A busca por atender e despertar o imaginário e hipotético interesse do público que permeia o fazer jornalístico, conforme identificamos nas declarações dos interlocutores do estudo até aqui, nos indica a imprevisibilidade que o critério de estruturação das notícias sobre o esporte (paraolímpico) tem. O caráter imprevisível e variável do critério imagético, que é a especificidade discutida neste caso, é o indicativo que confirma o deslizamento semiótico o qual a mídia tende a fazer por entre os elementos componentes do contexto não só esportivo, mas também sociocultural do esporte paraolímpico. Historicamente, durante o processo de midiaticização do esporte paraolímpico, identificou-se que havia uma tendência em se veicular imagens de atletas com deficiências menos aparentes ou esteticamente tidas como menos chocantes (PEREIRA; MONTEIRO; PEREIRA, 2011). Entretanto o indício da permanente busca dos jornalistas pelo despertar do interesse do público indica que não só os elementos esportivos estão sendo mobilizados e explorados imageticamente no processo de midiaticização e mercadorização do esporte paraolímpico, mas também os elementos socioculturais dele, por exemplo, o exótico e o grotesco das deficiências, o fascínio tecnológico das próteses e cadeiras³⁸, assim como a corriqueira narrativa nacionalista em torno de atletas, que no caso dos paraolímpicos, conforme identificado por Bruce (2014), podem se configurar como novos heróis esportivos de representação das nações.

Em outras declarações dos jornalistas Philipe e Sara, que apresentaremos a seguir, podemos exemplificar como o fato de não haver critérios objetivos sobre a seleção de imagens pode deixar o processo de produção de notícias sobre os JP transitar entre as dimensões subjetivas daquilo que venha a ser belo ou feio para os próprios jornalistas. Dessa forma, podemos ressaltar o quão e de que maneiras a narrativa jornalística sobre o esporte se configura como uma mediação técnica de fenômenos culturais que, por vezes, produz e/ou reproduz sociabilidades pautadas não só em padrões de rendimento atlético, que teoricamente seria a especificidade do contexto

³⁸ Em estudo que realizamos sobre a cobertura fotográfica dos JP feita pela Folha de São Paulo no período de 1992 a 2016, identificamos um deslizamento semiótico de signos que foram mobilizados pelo referido jornal e que transitaram entre a esportividade dos atletas e do esporte paraolímpico, o sentimento de melancolia normalmente vinculado às pessoas com deficiência, o nacionalismo associado a este universo esportivo, além de também apresentar imagens focadas nas deficiências dos atletas, nas próteses e nas cadeiras utilizadas por eles. O estudo intitulado, “ESPORTIVIDADE, MELANCOLIA, NACIONALISMO E DEFICIÊNCIA: a cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos pelas lentes da Folha de São Paulo (1992 – 2016)”, foi submetido a avaliação em periódico da área e até esta data (20/12/2017) não obtivemos retorno.

esportivo, mas que também o faz com relação a padrões estéticos de corpo, de força, de eficiência e de capacidades.

PHILIPPE: [...] Ela não tem o apelo visual de um portador de deficiência, ela não tem mobilidade na perna esquerda e ela anda com uma bengala, mas ela não é amputada, nem nada, não usa órtese, nem prótese, então basicamente as fotos não levam pra esse lado, o que leva mais, que tem um apelo visual maior é essa aqui, oh. Essa aqui dentro do centro de treinamento que tem a cadeira de rodas ali, que não é dela, é do colega dela. O colega dela sim, teve paralisia infantil, então ele tem uma perna bem menor que a outra, bem fininha sabe, e aí ele anda na cadeira de rodas. Como a matéria era com ela, né, a gente acabou não botando ele.

SARA: Ai foto a gente costuma discutir com... o próprio fotógrafo na hora que ele vai colocar as fotos no sistema ele já meio que identifica as fotos que ficaram melhores. Pro site é mais o nosso olhar e a gente acaba conversando com o editor de fotografia pra saber... essa matéria, se não me engano, saiu na contra capa do jornal, então procurar pegar uma foto diferente, até porque no site as vezes sai antes, esse dia não, acho que botou no mesmo dia. Daí eu costumo colocar uma fotinha no meio da matéria que eu acho bonitinha pra dar uma quebrada no texto, mas essa aqui foi... acho que foi sugestão do próprio fotógrafo [...] Sim. Acho que tinha um cuidado porque tem algumas lesões que são mais agressivas assim, acho que não é o caso dele, mas as vezes as pessoas têm uma certa aflição de ver um cego que tem um olho vazado, ou com alguma coisa assim, então só cuidar um pouco com isso, porque tem gente que fica "ai, que nojo", então as pessoas ficam meio chocadas.

O apelo visual das deficiências, mencionado pelo jornalista Philippe, nos apresenta novamente a tendência da possibilidade dos usos e estruturas jornalísticas das notícias de modo a reificar a condição e a característica corporal dos atletas com deficiência, transformando-a em embalagem comercial para a venda do produto de entretenimento midiático, neste caso o esporte paraolímpico. A entretenimização da informação (PATIAS, 2006) no jornalismo esportivo, conforme discutido em seção anterior do trabalho, pode ser o reflexo desta condição apresentada pelo referido jornalista. Este dado pode ser referenciado também como exemplo do que vem se considerando como característica permanente do jornalismo esportivo brasileiro na contemporaneidade que, segundo Gurgel (2009), tem se configurado não mais como jornalismo, mas como mais uma peça ou a própria continuação do entretenimento midiático-esportivo. Tal mediação técnica do jornalismo, que objetifica a deficiência dos atletas, explora o estigma de anormalidade que comumente é destinado às pessoas com deficiência e, assim, por um lado pode servir como elemento de apelo da atenção

do público, mas por outro lado pode reforçar as identidades virtual e deteriorada que se têm das deficiências, conforme aponta Goffman (2012). Nesta última possibilidade, a narrativa provoca e reforça a rejeição que o público, por vezes, possui em relação às deficiências, tal como fora mencionado pela jornalista Sara, mas isto por desconhecimento ou por falta de convivência com identidades corporais daqueles tipos.

Segundo Goffman (2012), o estigma existe basicamente pela falta de conhecimento e de convivência dos “normais” com a identidade real da pessoa estigmatizada. Assim, consideramos a veiculação fotojornalística das deficiências como uma forma de mediar tal relacionamento e aproximação entre os grupos sociais. Já a utilização da condição corporal do atleta como critério imagético de apelo para a venda e consumo da informação sobre o esporte paraolímpico, sobretudo se recortada do contexto global do corpo do atleta e da prática esportiva que ele exerce, aparentemente só faz reforçar o caráter de excepcionalidade e de estranheza que as deficiências possuem do ponto de vista estético da sociedade. Nesse sentido, o critério imagético de seleção e a veiculação das fotografias na cobertura dos JP, ao transitar entre as dimensões do que é belo e do que é feio na sociedade, mais correspondem a um modo de reprodução informativa, do que a um modo de produção de notícias, que busca informar e elucidar questões sobre as diferentes deficiências para o público.

Um modelo ou critério jornalístico que promova reprodução informativa, neste caso a reprodução imagética de padrões corporais estéticos do belo e do feio, dificilmente irá destinar espaço e visibilidade midiática à diversidade de corpos existentes no âmbito das pessoas e atletas com deficiência. Neste caso, portanto, seguindo a tese de Wolton (2011) de que informar só significa comunicar quando a informação acolhe e se estrutura a partir da máxima diversidade de aspectos e de pontos de vista que compõem o contexto sobre o qual se está informando, podemos considerar que a produção de notícias sobre o esporte paraolímpico pode estar sofrendo prejuízos comunicativos devido às interferências dos padrões estéticos de beleza corporal, que têm permeado as veiculações fotográficas sobre ele. Para o autor, a eficácia comunicativa pode ser o meio qualificador da convivência social. Destarte, ao tornar a veiculação imagética do esporte paraolímpico dependente de compreensões particulares do que venha a ser belo ou apelativo para o público consumidor, o jornalismo esportivo pode prejudicar a eficácia comunicativa sobre a referida manifestação esportiva e, assim, no mínimo, não contribuirá para a qualificação da convivência social entre os consumidores e os atletas/pessoas com deficiência, ou ao menos parte destas que não

possuem condições corporais esteticamente aceitas pelo critério social e jornalístico, ou seja, aquelas que são percebidas como feias.

A falta de critério imagético ou mesmo a existência do critério estético relacionado às deficiências, serve para nos indicar também que não há um pré-requisito definido sobre a necessidade ou intenção jornalística de mostrá-las ou não nas fotos que compõem a produção das notícias. O relato da editora Mariana, que apresentaremos a seguir, reitera a indefinição sobre este critério imagético relacionado à inclusão ou não das deficiências no enquadramento fotográfico das notícias.

MARIANA: Não, assim, nas nossas fotos... a foto, normalmente é assim, a gente pega as fotos que são... foto é muito estética né, tu pega a foto esteticamente mais bonita, independente da deficiência dele ou não assim. Tipo a questão da luz da foto, do ângulo da foto. Se tu quer uma foto... no digital a gente não tem tanto esse problema, mas no papel quando tu vai diagramar uma página, "ah, preciso de uma foto horizontal, ou vertical", no digital a gente sempre usa horizontal, então tem algumas fotos que não dão no corte horizontal, mas em relação a deficiência não... assim de tu escolher uma foto pra ou esconder ou mostrar mais uma deficiência, isso não.

A declaração da editora nos revela, neste caso, a utilização de um critério imagético sem preocupações com a estética da deficiência. O critério estabelecido por ela se configura a partir de uma definição do quadrante espacial da mídia em que a foto viria a ser publicada e, também pela beleza da foto, eleita subjetivamente pela própria editora. Assim, o exemplo relatado vai de encontro aos critérios e sugestões indicados pelo guia de orientações à mídia, no qual compreende-se de maneira objetiva que se deve evitar o corte da deficiência dos atletas no enquadramento imagético, e também que não se deve colocá-la em primeiro plano, como foco da composição fotográfica (PAPPOUS; SOUZA, 2016). Neste sentido, torna-se relevante garantir a presença das deficiências no enquadramento fotográfico como critério imagético de estruturação da cobertura do esporte paraolímpico, pois, em acordo com as ideias do guia, e conforme argumentam Buysse e Borcharding (2010), as deficiências se configuram como parte fundamental da identidade corporal dos atletas que compõem este universo esportivo. Portanto, não estando na foto, ou invisibilizando a deficiência do atleta na composição imagética dela, o jornalismo esportivo pode estar descaracterizando a própria identidade daqueles que são os protagonistas do fenômeno paraolímpico.

Ao considerarmos que o jornalismo esportivo é um meio hegemônico de representação do esporte na sociedade em que vivemos, tal qual descrita por Debord

(1997) como sociedade do espetáculo, na qual as relações sociais são mediadas por imagens, se não há uma garantia da presença das deficiências nas imagens de uma das principais manifestações sociais para pessoas com deficiência em escala global, podemos estar perpetuando as dificuldades de relacionamento e os preconceitos existentes contra estas pessoas na sociedade. Além do mais, como afirma o autor, nesta sociedade, “o que aparece é bom, e o que é bom aparece” (DEBORD, 1997, p. 16–17)³⁹. Assim, ao excluir-se a deficiência – parte delas e/ou diferentes tipos delas - do critério imagético para veiculação do esporte paraolímpico, o jornalismo esportivo está automaticamente decretando-as como algo ruim, que precisa ser escondido, e que, justamente por este motivo, não compõem a veiculação fotojornalística desta manifestação esportiva.

Ao mesmo tempo que tivemos relatos de jornalistas que não apresentaram critérios imagéticos definidos sobre as escolhas e usos fotográficos deles para a composição das notícias sobre os JP, identificamos também exemplos de jornalistas os quais demonstraram ter preocupação com o que os enquadramentos podiam sugerir para o entendimento do consumidor acerca do esporte e dos atletas paraolímpicos. Pudemos identificar tanto jornalistas preocupados com uma representação imagética da esportividade deste contexto esportivo, como também recolhemos dados de jornalistas que não demonstraram ter nenhum cuidado com possíveis estigmatizações ou reprodução de estigmas que determinadas imagens podem promover sobre os atletas e pessoas com deficiência.

As falas dos interlocutores do estudo, Antonio e Jaciara, que apresentaremos a seguir, evidenciam-se como exemplos de jornalistas que tinham como critério imagético de produção das notícias sobre os JP o enquadramento fotográfico dos elementos caracterizadores da esportividade dos atletas paraolímpicos. No caso do jornalista Antonio, podemos observar como o estabelecimento do critério aparenta ter ocorrido em uma negociação entre o próprio jornalista e o fotógrafo que produziu as fotos. Ou seja, ainda que tenha sido definido um critério por valorizar a esportividade do atleta e não esconder a deficiência dele, temos mais uma vez neste caso uma decisão subjetiva tomada entre os dois profissionais do jornalismo ali envolvidos. Diferentemente, no

³⁹ O autor, ao tecer aforismos descritivos sobre a lógica social do capitalismo como uma sociedade do espetáculo em que as relações são pautadas pelas representações e imagens que construímos sobre os outros e sobre nós mesmos, afirmando que “o que aparece é bom, e o que é bom aparece”, reforça a ideia da sociedade das aparências, na qual aqueles que não estiverem aparentes podem ser considerados ruins e/ou excluídos da esfera social.

caso da jornalista Jaciara, podemos perceber a existência de uma decisão editorial pelo tipo de critério e enquadramento imagético que seriam utilizados para a produção das fotos e para a seleção das que seriam publicadas nas notícias produzidas.

ANTONIO: E que nós tínhamos o objetivo de mostrar... não ser apelativo né, mostrar eles como atletas, e dentro, claro, dentro do possível, se tivesse que mostrar a deficiência também não ia ter problema, ou tentar juntar as duas coisas, mas o principal era mostrar que eles são atletas. O cara do futebol, ela também de leve aparecendo a cadeira de rodas, eles aqui que é anão com a precisão do tiro. A gente ia tentar... as histórias deles, em geral, já são a maioria tristes, enfim, não ser apelativo né. Esse que era o grande... na matéria eu tentei contar a vida deles sem ser apelativo, contar a trajetória deles como atletas assim. Claro que eu precisava contar eles como atletas e como eles viraram atletas né. Tive que contar todo esse contexto pra mostrar a vida deles, mas o objetivo era principalmente a preparação deles como atletas.

JACIARA: É... sobre as fotos, acho que assim, as fotos que... se você for olhar as fotos produzidas pela MBIX que trabalha com o CPB, em momento nenhum escondem a deficiência do atleta, muito pelo contrário, a deficiência do atleta tá ali presente o tempo todo, mas ela não é uma... a deficiência dele, ela não define o atleta. Acho que nem como, nem na vida e nem na foto. Ela faz parte dele e com a qual ele convive, acho que isso tá bem claro nas fotos. Tem uma foto linda que o Márcio Rodrigues fez. O Márcio Rodrigues é da MBIX. Ele fez uma foto linda do Petrúcio no Cristo, você viu essa foto? Então, eu quero dizer assim, o Petrúcio está de braços abertos sobre a Guanabara com o Cristo. Quer dizer, os dois estão de braços abertos pra Guanabara, apesar dele não ter um dos braços. Então assim, não tá sendo escondido, mas também não está sendo colocado como o coitado que ele não tem o braço. Não, aquele cara é um campeão, tem recorde mundial, medalhista de ouro, de prata, enfim, saiu dali com três medalhas, e ele tomou conta do Rio, tá de braços abertos sobre a Guanabara mesmo ele não tendo um dos braços, ele tá de braços abertos.

Os relatos dos jornalistas Antonio e Jaciara nos apresentam o indicativo de como a composição imagética das notícias sobre o esporte paraolímpico pode ser estruturada de modo a incluir no mesmo enquadramento fotográfico elementos esportivos dos atletas e as deficiências como elementos de contexto, que configuram a identidade corporal deles. O que os dois exemplos também apontam é que tal definição de critério imagético ocorreu já nos objetivos jornalísticos traçados por eles antes mesmo do início do trabalho com os atletas e da produção das matérias. Assim, foi uma decisão tomada na concepção do roteiro de produção sobre a forma e o conteúdo que fariam a composição das notícias. No caso do jornalista Antonio, inclusive, ele declara que

embora as histórias das deficiências dos atletas precisassem ser contadas, o critério de escolha das fotos era de não apelar para a dimensão triste dessas trajetórias humanas e esportivas.

O que podemos notar também a partir dos relatos dos jornalistas é como o critério imagético da definição das fotos que vão para as notícias muitas vezes está de acordo com o contexto da narrativa que as compõem. Aqui, mais uma vez, agora com relação à associação entre a narrativa não verbal e a narrativa verbal sobre o esporte paraolímpico, podemos visualizar os jornalistas se resguardando na pragmática do jornalismo. Uma pragmática jornalística que, ao transitar entre a busca por uma relativa objetividade e por vezes alcançar a precisão contextual de um relato noticioso (CHAPARRO, 2007), pode estar resumindo a produção de notícias sobre o esporte paraolímpico à facticidade do fenômeno, ou até mesmo ignorando e reproduzindo os estigmas que comumente são veiculados pela mídia na cobertura de competições para atletas com deficiência.

A fala do jornalista Jorge que apresentamos na sequência do texto exemplifica o indício de como a pragmática jornalística, ao servir de proteção para a liberdade de expressão dos jornalistas, pode ser utilizada também como critério imagético para justificar os usos e produções fotojornalísticas que eles venham a fazer sobre o esporte paraolímpico. Como podemos ver no relato do jornalista, a utilização de fotos que apresentem os atletas com deficiência com expressão de dor ou sofrimento não precisam ser evitadas, diferentemente do que indica o guia (PAPPOUS; SOUZA, 2016) por exemplo, pois para ele estes tipos de imagens são inerentes ao universo esportivo e podem ser contextualizadoras para o público, inclusive, ilustrando o fato esportivo a ser relatado na notícia.

JORGE: Da fotografia eu acho que foto é algo que... a cara de sofrimento, por exemplo, pode ter no esporte, é normal. Um atleta que está exausto depois de uma prova, lógico que um paralisado cerebral vai demonstrar uma imagem dele cansado após a prova é mais chocante do que a imagem de um atleta convencional, porque aí ele mostra... no caso, por exemplo, da Verônica Hipólito, não sei se você conhece ela. Ela é velocista dos 100, 200 e quando ela corre os 400 a deficiência dela fica muito mais evidente porque ela tá cansada, ela descoordena. O lado do corpo dela que é paralisado ele fica mais claramente paralisado, mas isso é inerente ao esporte. Se um atleta tem uma tendência, não sei, a ter câimbra na perna direita quando ele corre 400 metros, depois que ele correr os 400 metros a imagem que você vai ter é dele tendo câimbra na perna direita porque ele foi ao limite dele. Mesma coisa é tanto a deficiência, quanto o atleta, nisso a

gente não tinha nenhuma recomendação ou nenhuma restrição porque é do próprio esporte mesmo que mostra fragilidades, superações do atleta independente dele ter ou não uma deficiência.

No relato do jornalista Jorge, ao mesmo tempo em que ele procura argumentar em favor da utilização do critério jornalístico da facticidade também para a definição dos critérios imagéticos de como se retratar o esporte paraolímpico nas notícias, o próprio relato serve como exemplo da necessidade que se tem de associar os elementos verbais e não verbais na composição informativa das notícias de modo a não descontextualizar o enquadramento fotográfico escolhido pelo jornalista, evitando, assim, possíveis estigmatizações ou reprodução de estigmas. Caso não obtivéssemos o relato do jornalista sobre a condição física da atleta Verônica Hipolito após a corrida dos 400 metros rasos no atletismo paraolímpico, ao visualizar uma foto dela isoladamente na cobertura jornalística, mostrando-a descoordenada ao final da competição, a depender do repertório cultural do receptor em questão, poderia se associar os estigmas da vitimização e/ou do *supercrip* a ela. Ou seja, somente a partir do detalhe informativo textual, em conjunção com a composição fotográfica, é que pudemos entender com evidências o contexto esportivo e a dimensão da deficiência da atleta sem vitimizá-la ou superestimar o seu feito. Sem esta dimensão, o relato jornalístico ficaria à mercê da ambiguidade ou da polissemia que uma imagem isolada e descontextualizada possui, assim como o é no universo da arte.

Isto posto, a definição do critério imagético para a produção de notícias sobre os JP 2016 mostrou-se uma variável fortemente dependente da subjetividade dos jornalistas que estejam a frente do processo produtivo. Nos casos em que se apresentaram indícios dessa dimensão subjetiva interferente e definidora do critério imagético, identificamos que, apesar de podermos ter uma veiculação fotojornalística que valorize a esportividade dos atletas e que também respeite a identidade corporal deles, a informação não verbal sobre o esporte paraolímpico pode sofrer implicações comunicativas que, por sua vez, não contribuem e podem, inclusive, atrapalhar a convivência social entre as pessoas com deficiência e a própria sociedade. Por outro lado, também obtivemos exemplos de que o critério imagético se torna mais objetivo quando definido *a priori* no roteiro de produção jornalística. Desse modo, compreendemos que, embora esta seja uma forma de garantir a composição imagética da esportividade paraolímpica e da identidade corporal dos atletas, a suposta

objetividade da pragmática do jornalismo pode servir como proteção da liberdade de expressão dos jornalistas caso venham a veicular, por exemplo, imagens estigmatizantes dos atletas com deficiência.

3.2. Dos critérios de noticiabilidade à predominância do interesse do público

Após caracterizarmos os condicionantes da produção de notícias, a rotina produtiva dos jornalistas e também os critérios de estruturação da cobertura jornalística sobre os JP/2016, nesta seção do trabalho apresentamos o que veio a ser definido pelos interlocutores do estudo como elementos substanciais para a transformação de um fato em notícia neste contexto esportivo. Mantivemos para este tópico a mesma forma de organização e de abordagem metodológico-analítica pela qual foram apresentadas as demais seções do texto até aqui. Seguimos tratando os dados em uma abordagem estritamente qualitativa e, sem a pretensão de quantificá-los, procuramos destacar os elementos que foram relatados pelos interlocutores do estudo como constituintes dos critérios de noticiabilidade mobilizados por eles para definir quais conteúdos e fatos fariam parte da pauta da cobertura jornalística sobre o esporte e os atletas paraolímpicos no contexto do referido megaevento esportivo.

Ressaltamos que a ordem de apresentação dos critérios de noticiabilidade não representa uma quantificação sistemática daquele que teve maior ou menor incidência nos relatos dos jornalistas. Procuramos organizá-los, de modo geral, em uma sequência do que foi apontado por eles como prioridades dos critérios estabelecidos para a realização da cobertura dos Jogos. Nesse sentido, identificamos como critérios de conteúdo jornalístico a ser produzido e veiculado sobre os JP os seguintes temas: 1) a expectativa pelas vitórias, os resultados esportivos e o imperativo das medalhas; 2) a dialética global-local; 3) a ideia do drama já pronto; e 4) curiosidades do esporte paraolímpico.

A definição dos critérios de noticiabilidade apareceram nas falas dos jornalistas como uma busca permanente do cotidiano jornalístico por informações e fatos que sejam, ou ao menos que despertem, o interesse do público. Segundo seus relatos, esta é uma característica que se aplica não só ao processo de produção de notícias relacionado ao esporte, aos atletas paraolímpicos e aos JP, mas que ocorre também, do mesmo modo, em outras manifestações esportivas. No caso paraolímpico, os jornalistas demonstraram existir algumas questões específicas sobre o fato de, comumente, não se

ter interesse do público por esta pauta esportiva. Muito por conta disso, como veremos na sequência do texto, a definição dos critérios de noticiabilidade - antes de adentrarmos em pontos específicos - apresentou-se como em um tensionamento permanente do fazer jornalístico que ocorre entre: priorizar a produção de notícias que sejam ou despertem o interesse do público; associar esse hipotético interesse do público a informações que sejam de interesse público; ou manter e realizar a cobertura jornalística da temática, mesmo sem o interesse do público, isto por considerar a pauta paraolímpica como um assunto de interesse público, ou seja, importante para o exercício da cidadania.

Uma fala do editor Fred – a seguir - apresenta características de como a definição do critério de noticiabilidade de uma produção noticiosa ocorre hoje. A possibilidade de aferição estatística, com dados exatos do volume de consumo das notícias por parte do público, mostra-se, de acordo com a declaração do editor, como fator determinante para o que vai e o que não vai compor uma determinada cobertura jornalística.

FRED: Acho que essa questão mesmo... o que determina essa questão de cobertura e espaço muitas vezes é a questão do interesse mesmo. Do interesse... por exemplo, uma TV vai medir isso pela questão do... da audiência. A audiência que vai medir isso aí. A TV tem como medir isso, os portais hoje em dia têm como medir isso, entendeu? Então um dos pontos é esse. Para o jornal impresso é um pouco mais difícil de medir isso, porque o produto chega na casa do cara fechado, então o que ele vai pegar pra ler é um pouco mais complicado da gente... da gente... tem pesquisas tudo, mas é um pouco mais complicado da gente ter isso aí. Mas no caso de site, que eu já trabalhei em site, e audiência de TV acho que é bem mais fácil deles terem essa percepção do que chama mais o público e o que não chama mais, então a questão do interesse. Então acho que, por exemplo, nessa escala que eu citei, acho que Copa do Mundo tem um interesse maior, Olimpíada depois e Paralimpíada depois, em questão de interesse.

O primeiro ponto que se evidencia e que se destaca a partir deste relato é que, na compreensão do editor, por exemplo, os JP são um megaevento e uma pauta esportiva para o jornalismo o qual, em uma escala decrescente do interesse do público, estaria em terceiro lugar, vindo depois da Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA e dos JO. Ao destacar este dado talvez estejamos evidenciando uma obviedade do contexto esportivo contemporâneo, sobretudo se considerarmos a tradição construída já há um longo tempo pelo megaevento futebolístico e também pelo olímpico, assim como outros eventos esportivos, tais como a Fórmula 1 e o SuperBowl da Liga Norte-americana de

Futebol Americano. O primeiro tem sua edição de inauguração datada de 1930 e o segundo, na sua versão moderna, tem a primeira edição datada de 1896. Já no caso do megaevento paraolímpico, o registro da sua primeira edição oficial data de 1960, dos JP de Roma, na Itália (MELLO; WINCKLER, 2012).

Sem adentrar na ampla e complexa discussão acerca do interesse global e nacional pelo futebol e pelas Copas do Mundo – pois não é o foco deste trabalho e é objeto de longo e interminável debate da sociologia do futebol - a diferença de interesse do público e a consequente subvalorização midiática do esporte paraolímpico em comparação ao olímpico pode ocorrer, de acordo com Marques R. et al. (2009), devido ao fato de o primeiro ainda possuir barreiras que impedem a exploração comercial massiva pela qual o segundo já passa desde a segunda metade do século XX, quando aquele só estava em processo de criação e estruturação. Para os autores, além das questões econômicas, tais como a dificuldade de profissionalização dos atletas e a baixa exploração comercial da marca paraolímpica, “a falta de conhecimento e a crença de que pessoas com deficiência estão fadadas à inatividade física podem ser fatores que atrapalhem o desenvolvimento econômico do esporte paraolímpico” (MARQUES R. et al., 2009, p. 375).

Além dos fatores temporais e comerciais que se mostram como potentes influenciadores do interesse (ou não) do público e da mídia pelas diferentes manifestações do esporte, as crenças e valores historicamente associados a elas também são considerados como fundamentais para compreender tal distinção. Pires (1998) exemplifica o uso ideológico dos JO e da Copa do Mundo como forma de inculcar valores e crenças em determinados momentos históricos da sociedade. O autor utiliza como exemplo os JO de 1936, em Berlim, Alemanha, que se configurou em um cenário de propaganda política do nazismo como meio de provar o ideal de supremacia da raça ariana. Já no caso das Copas de futebol, como argumenta o autor, o tri-campeonato mundial da seleção brasileira na edição de 1970, ocorrida no México, foi fortemente utilizado em âmbito nacional para desviar a atenção da população dos ataques da ditadura militar instaurada no país, tentando criar, inclusive, um sentimento de pertencimento, de unidade e de progresso da nação.

Também no caso dos JO, Lima, Martins e Capraro (2009) argumentam que esta versão moderna do evento esportivo nada mais é do que uma tradição inventada socialmente pelo seu criador, Barão Pierre de Coubertin, e sustentada pelo COI como instituição burocrática que gere o esporte olímpico. Para os autores, símbolos, crenças e

valores, tais como os anéis, a bandeira, o lema, a chama e o hino olímpico, além também dos ideais de encorajamento dos atletas, “*Citius, Altius, Fortius*” (mais rápido, mais alto, mais forte), e o ideal de que o importante não é vencer, mas sim competir, são exemplos de elementos que compõem a importância social e moderna dos JO nos séculos XX e XXI. Porém, na verdade, estes ideais não condizem exatamente com as tradições dos Jogos Olímpicos da Antiguidade - estes cuja versão moderna dos Jogos afirma dar continuidade. Como argumentam os autores:

Nesse sentido, essa ascensão retrata uma proposital exaltação da antiguidade numa alusão de continuidade acerca dos antigos jogos. Por outro lado, o seu declínio favoreceu o esquecimento dos rituais sagrados, substituídos por rituais pomposos e espetacularizados, como os observados nas Olimpíadas Modernas (LIMA; MARTINS; CAPRARO, 2009, p. 8).

Como podemos visualizar, a distinção entre o interesse do público e midiático pelas diferentes manifestações globais do esporte pode se justificar por influência de diferentes fatores histórico-culturais. Os JP, o esporte e os atletas paraolímpicos até então não fizeram parte de nuances políticas, econômicas e sociais da história global da humanidade, assim como notamos com relação ao futebol e ao esporte olímpico. Muito por conta disso, o esporte paraolímpico é uma manifestação esportiva que possui dificuldade em se consolidar no processo de midiaticização e, conseqüentemente, em se tornar uma pauta jornalística permanente. Além do mais, ainda que tenha se configurado como um movimento esportivo e social precursor da reabilitação e da inclusão das pessoas com deficiência na sociedade, o fenômeno esportivo paraolímpico não se consolidou na produção jornalística sobre esporte, nem mesmo por ser considerado um relevante fato social e tampouco por ser tratado como informação de interesse público/cidadão.

O relato da jornalista Jaciara, o qual apresentamos na sequência, segue a mesma linha da declaração do editor Fred supracitado. Ela posiciona os JP como um megaevento esportivo que está em terceiro lugar na atenção do público, mas ressalta que a realização desta edição de 2016 no Brasil mobilizou o público quando as competições começaram a acontecer e, assim, conseqüentemente, a mídia passou a se interessar pelos Jogos como fato esportivo a ser coberto e noticiado.

JACIARA: Acho que os Paralímpicos estão hoje em dia com muito mais interesse do público, com muito mais carinho, muito mais busca de informações do público, mas os dois eventos esportivos mundiais que atraem absolutamente todos os olhares são os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo. Acho que a gente também não deve esconder isso né? Então assim, se você tem um interesse maior do público, você tem uma quantidade maior de jornalistas inscritos, por que o jornal vai atender esse interesse pra vender né? Agora, eu acho que os jornalistas brasileiros... os jornalistas não, os jornais talvez tenham subestimado um pouco inicialmente o interesse do público brasileiro nesse caso que estava acontecendo no país, pro carioca principalmente, porque é... porque de repente você via que as coisas, a quantidade de matérias e de informações deu uma crescida depois de uns três, quatro dias aqui, porque você vê de repente que os estádios tavam lotados, as arenas tavam lotadas, as pessoas tavam gritando o nome dos atletas, as pessoas conheciam muitos daqueles atletas, então eles buscavam aquelas informações, muito mais do que talvez tenha se esperado inicialmente. Até porque, sei lá, dez dias antes dos Jogos Paralímpicos tinham não sei quantos milhões de ingressos que não tinham sido vendidos, de repente vendeu tudo, então foi assim aquela coisa, "caramba, mas vai todo mundo, é isso mesmo?" (risadas).

A situação apresentada pela jornalista revela uma percepção dela sobre o crescimento do interesse do público pelo megaevento, tendo como consequência o interesse midiático tardio sobre os JP. Como afirma Jaciara, ela percebeu que a mídia, de maneira geral, subestimou os JP como megaevento esportivo a ser realizado no Brasil e na cidade do Rio de Janeiro. O que este quadro nos reforça, mais uma vez, é que o jornalismo esportivo, mais do que preocupado com o seu papel social de produzir informação em formato de notícias, está concentrado na possibilidade de vender o maior volume de produtos noticiosos possível no dia-a-dia do seu trabalho. Neste caso dos JP, podemos considerar que o jornalismo abriu mão, ao menos no início do megaevento, de exercer o ofício de informar e comunicar sobre um fato social de proporções globais, para exercer o papel de comerciante de notícias de interesse do público.

O jornalista Luiz – a seguir - apresenta perspectiva semelhante ao ressaltar que a mídia não dava espaço e não tinha os JP como fato que atendia ao critério de noticiabilidade jornalística muito pelo fato de o público brasileiro, até então, também não ter dado tanta atenção ao megaevento paraolímpico. Segundo percepção do jornalista, neste ano de 2016, os JP foram incluídos como fato a ser noticiado pela mídia, ganhando mais espaço na cobertura jornalística e tendo maior interesse do público, muito pela motivação de terem ocorrido no país, na cidade do Rio de Janeiro.

LUIZ: [...] talvez o país nunca deu muita atenção e conseqüentemente a mídia também né, enfim a cobertura era muito menor né, se você pegar a três, quatro edições anteriores, a cobertura era muito menor né? Talvez uma coisa que surgiu aí mais, talvez a partir de 2008 né, acho que já houve uma cobertura maior e tal, e claro, esse ano por ser no Brasil e tal. Acho que uma coisa que chama muita atenção é que as pessoas de uma forma geral, as pessoas que acompanham, torcedor, enfim, de uma forma geral, eu acho que o interesse aumentou muito, e as pessoas... muitas... acho que acompanhavam os eventos, as competições, por curiosidade muitas vezes, mas também por reconhecer que aquelas pessoas estão de uma forma de outra, estavam representando o país ou, enfim, ou representando a modalidade.

Existe uma tendência de a mídia destinar maior espaço jornalístico aos JP – mas não só a este megaevento, pois ocorre da mesma forma com os outros – na edição que antecede e na própria edição de realização dos Jogos no respectivo país-sede. Pappous, Marcellini e De Léséleuc (2011b) identificaram que nos jornais gregos e britânicos houve um crescimento exponencial da cobertura midiática dos JP nas edições que antecederam e na própria edição de realização dos Jogos em cada um dos países, no caso da Grécia 2000-2004 e do Reino Unido, 2008-2012. No caso brasileiro, também foi identificado que na Folha de São Paulo, principal jornal impresso do país, o número total de notícias sobre os JP mais do que duplicou da cobertura de 2012 para a de 2016, a média de notícias por dia triplicou de volume e a área total do jornal dedicada ao megaevento paraolímpico quadruplicou durante a edição brasileira⁴⁰. Nesse sentido, como afirmam os referidos autores:

O acolhimento dos Jogos paraolímpicos tem um efeito grande e imediato na esfera pública e da mídia do país que hospeda os Jogos. Jogos paraolímpicos oferecem às pessoas com deficiência uma excelente oportunidade para atrair a atenção da mídia e para serem retratadas em projetos de capacitação que destacam seu desempenho (PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011b, p. 348) [tradução nossa]⁴¹.

O problema que se apresenta diante do efeito imediato provocado pela realização dos JP no espaço midiático, é que já na edição seguinte à realização do megaevento no

⁴⁰ Estes dados foram catalogados e analisados em estudo desenvolvido pelo LEPSCEA/UFPR e o artigo está em processo de avaliação por pares em periódico nacional da Educação Física.

⁴¹ Versão original em inglês: *Hosting the Paralympic Games has a large and immediate effect on the public and media sphere of the country hosting the Games. Paralympic Games offer to people with disabilities an excellent opportunity to attract media attention and the occasion to be portrayed in empowering schemes highlighting their performance.*

país-sede há uma tendência em novamente reduzir esse espaço nas páginas e tempos dos jornais. Na Grécia, o volume de notícias sobre os JP na edição de Pequim/2008 voltou à mesma quantidade do que existia quando da realização dos Jogos de Sydney/2000 (PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011b). Isto pode ser associado ao fato de esse interesse midiático ser pautado quase exclusivamente pela concentração nas questões comerciais que envolve a busca incessante pelo interesse do público, ou seja, pela fidelização das audiências e consequente ampliação das cotas publicitárias. Dessa forma, podemos inferir que enquanto o jornalismo esportivo continuar definindo o critério de noticiabilidade dos JP pela dimensão do interesse do público, conforme nos relataram os jornalistas, a visibilidade midiática do esporte e dos atletas paraolímpicos estará refém da efemeridade da cultura jornalística contemporânea, que se pauta eminentemente pela perspectiva do infotimento (GOMES, 2008) e da informação-mercadoria (SANDANO, 2006).

Neste contexto de centralização do critério de noticiabilidade jornalística na dimensão do interesse do público, a fala do jornalista Vinicius – a seguir - indica a possibilidade de que esta perspectiva se caracterize não só por ser um imperativo da indústria midiática no século XXI que, conforme aponta Gomes (2008), uniu as empresas de jornalismo à indústria do entretenimento. De acordo com o relato do interlocutor do estudo, a decisão jornalística pessoal e subjetiva dele sobre o que pretendia transmitir e relatar na cobertura dos JP, partia também de uma ideia do que ele achava que o espectador gostaria de saber e consumir na mídia sobre o megaevento.

VINICIUS: Então assim, o meu interesse pessoal na coisa vem mesmo pelo interesse de espectador. Acima de... assim, eu faço a transmissão, isso dentro do jornalismo, pensando como espectador. O que eu queria ver, o que eu não queria perder. Então assim, se eu tenho uma final de 100m, eu quero ver, no atletismo. Sabe? Então eu sei que naquele horário eu vou tá ligado, eu vou tá preocupado. Então assim, mesmo aquilo que eu não ia transmitir dos Jogos Paralímpicos eu tava no interesse de espectador, de abrir a internet, no hotel, na hora que eu já tava em descanso e via: “o que tem de medalha amanhã?”, “o que tem que vai ser bacana de assistir e tal?”. Então vem daí. É essa seleção, a gente tinha um... tinha nosso gerente que acompanha também, mas quem montava a grade mesmo era o produtor. O produtor montava a grade um dia antes.

Novamente no relato deste interlocutor identificamos a influência da subjetividade do jornalista no processo de produção de notícias sobre o esporte (paraolímpico), tal como descrito por Tuchman (1983) e Wolf (1987) como

característica eminente da cultura jornalística. Contudo a presença da subjetividade no processo de produção, especificamente neste caso, também evidencia a fragilidade que ela tem no ambiente produtivo do jornalismo, no interior de uma empresa de mídia em que as negociações e decisões sobre critérios de noticiabilidade tendem a corresponder aos interesses comerciais da indústria midiática (WOLF, 1987). A fala do jornalista é reveladora neste sentido, pois na ocasião dos JP a grade de programação da cobertura jornalística era, no fim, definida pelo produtor do jornal. Assim, a situação apresentada por Vinicius nos revela também como a possibilidade de subjetivação da cobertura jornalística, que poderia ser uma alternativa de direcionamento da produção de notícias sobre os JP para a dimensão do interesse público, pode incorporar e ser incorporada pela lógica comercial de produzir conteúdo informativo que atenda a um hipotético interesse do público.

Relatos dos jornalistas revelam outra perspectiva para a definição da noticiabilidade do esporte paraolímpico no processo de produção de notícias em que existe um dilema entre eles que transita, por um lado, pelo fato dos JP não serem considerados uma informação de interesse do público e, por outro lado, por considerarem esta manifestação do esporte como uma informação de interesse público necessária, que deve estar presente na cobertura do jornalismo esportivo. O caso do editor Rodrigo, conforme apresentamos a seguir, indica a tendência do jornalismo esportivo em perceber o esporte paraolímpico como conteúdo informativo de interesse público e que, mesmo sem grande apelo entre as audiências, entra, ou ao menos deveria entrar, nos critérios de noticiabilidade jornalística, fazendo parte, assim, da cultura jornalística voltada ao esporte.

RODRIGO: Se aquilo não tem uma... um apelo da sociedade, tem duas formas de entrar no jornal. Uma delas com o apelo da sociedade, a sociedade quer ler aquilo e te cobra. Você, mesmo que não queira, e não é o caso dos Paralímpicos, você se obriga a botar né? [...] Outra forma de colocar é a consciência social do publicador de que mesmo que aquilo não tenha um apelo, ele é importante pra criar uma consciência. Também é papel do jornalista fomentar, no caso dos paraatletas, a inclusão, de fomentar a justiça social em outros casos, né? Então isso aí as vezes... se a empresa é uma empresa consciente, tem outro olhar, ela às vezes... vamos dizer assim, usando um termo bem chulo e popular, é enfiar goela abaixo um assunto.

Devido aos limites metodológicos deste trabalho, não temos como evidenciar com dados até onde este relato do editor se materializou no produto final da cobertura jornalística dos JP, realizada pelo jornal em que ele trabalhou, ou se este é só um discurso polido e induzido pela presença do pesquisador no momento da entrevista. Entretanto esta perspectiva apresentada pelo editor coaduna com o que Vidal (2010) argumenta ser necessário ao jornalismo contemporâneo, que é a capacidade de se fazer uma cobertura jornalística sobre os fatos sociais que equilibre elementos de interesse do público, com pautas que também forneçam conteúdo informativo de interesse público. Neste caso relatado por Rodrigo, os JP são compreendidos como esta pauta a qual, mesmo sem ser de interesse do público, é incluída no processo de produção de notícias por se inserir no critério de noticiabilidade referente ao interesse público.

É importante ressaltar que a inclusão dos JP, do esporte e do atleta paraolímpico na pauta jornalística pelo critério de noticiabilidade do interesse público não necessariamente garante que todo e qualquer conteúdo informativo produzido e veiculado sobre o assunto atenda às perspectivas de servir, assim como descreve Vidal (2010), ao exercício da cidadania, à integração e à participação social daqueles que venham a consumir essas notícias. Essa possibilidade de ser uma cobertura jornalística sobre os JP que contribua para a vida intelectual, moral e física dos cidadãos vai depender do conteúdo que ali seja incluído e também do tipo de abordagem que seja destinado ao tema, pois compreendê-lo como pauta de inclusão e justiça social, mas operá-lo como pauta do espetáculo esportivo e do espetáculo das deficiências, continuará atendendo exclusivamente aos interesses comerciais da mídia em busca do maior volume de audiências.

Gurgel (2009, p. 206) ressalta que o principal desafio para o jornalismo em tempos de megaeventos esportivos hoje é “[...] entender os aspectos sociais, políticos e fundamentalmente econômicos envolvidos no contexto da prática esportiva em observação jornalística”. Neste sentido, para o jornalismo esportivo, tornar os JP como parte da pauta jornalística pelo critério do interesse público, ou como nas palavras do editor Rodrigo, pelo fato de se tratar de um assunto de inclusão social, por si só não garante que os desafios jornalísticos para com o referido megaevento ou temática sejam superados. Como afirma o autor, é necessário ao jornalismo esportivo estar atento ao “entendimento de novos conceitos como economia e legado do esporte” (GURGEL, 2009, p. 207). No caso dos JP, estes elementos ganham contornos ainda específicos, por exemplo, por ser um assunto que tem relação com o alto custo da medicina assistiva que

produz as próteses e as cadeiras de rodas utilizadas pelos atletas, com as questões de acessibilidade que cercam este contexto, com a polêmica da classificação funcional dos atletas que permeia as competições paraolímpicas, assim como com a problemática que envolve os diferentes entendimentos do processo de inclusão social das pessoas com deficiência.

O relato da editora Mariana que apresentamos a seguir aponta para uma perspectiva de entendimento dos JP como fenômeno que se insere no critério de noticiabilidade jornalística pela via do interesse público. Ela demonstra indícios de compreender que o jornalismo esportivo, neste caso, para além de reproduzir conteúdo informativo a ser vendido e consumido, precisa estar atento às dinâmicas e transformações sociais que insurgem, por exemplo, no universo das questões de gênero, no feminismo e, não sendo diferente, no contexto das pessoas com deficiência.

MARIANA: Acho que, primeiro voltando, acho que a gente tem um momento muito forte, que até isso foi um dos argumentos que eu usei pra gente tentar reverter e mandar um enviado. Acho que a gente tá num momento da sociedade brasileira, assim como um todo, em que tu tem uma visão mais humana das coisas, sabe? Então tu tem... como vou dizer assim... há quinze anos atrás talvez não pegasse tão mal tu não mandar ninguém para uma parolimpíada, as pessoas não tinham tanta consciência, vamos dizer assim, sabe? Tanta, sabe? Hoje não, isso pega muito forte, as pessoas estão com uma consciência maior, uma... esse lado humano, essa questão do preconceito, sabe? Isso, eu acho que a sociedade tá evoluindo em relação a isso e jornalismo e todas as empresas precisam acompanhar essa evolução, tanto em relação... mesma discussão em relação a feminismo. A mulher, tu tem uma série de conteúdos que tu produzia vinte anos atrás que não fazem mais sentido hoje, sabe? Não faz mais sentido tu ter uma galeria de musas da olimpíada, aqui a gente não fez, sabe? Porque... e surgiu a ideia e eu defendi de que não, não faz sentido ter uma galeria de musas da olimpíada, as mulheres não estão lá pra ser musas, elas estão lá pra competir. Então acho que é toda essa transformação da sociedade, do... do pensamento coletivo que também impacta nessa questão humana da parolimpíada assim.

A fala da editora exemplifica um modo de compreender o critério de produção de notícias sobre os JP, que apresenta como necessário ao jornalismo (esportivo) contemporâneo superar a reprodução social de determinados dogmas os quais historicamente perpassaram o contexto macrossocial e, de modo não diferente, adentraram o discurso midiático-esportivo. Mariana cita o exemplo das questões de gênero relacionadas à diferença de práticas jornalísticas que ainda podemos visualizar

na cobertura das competições disputadas por mulheres em comparação à cobertura das mesmas modalidades quando disputadas por homens, como o caso de se produzir álbuns fotojornalísticos de musas dos JO, conforme mencionado pela própria editora. Para a editora, é responsabilidade do jornalista e do jornalismo acompanhar as mudanças de paradigmas que ocorrem na sociedade, tal como a necessidade de se evitar coberturas esportivas que reifiquem o corpo feminino, e da mesma forma realizar um processo de produção de notícias sobre esporte que destine espaço midiático às pessoas e atletas com deficiência, tanto pelo caráter humano desta pauta, como pela dimensão esportiva dela.

Nesta perspectiva da editora, em que os JP figuram como fenômeno presente nos critérios de noticiabilidade jornalística de interesse público, podemos perceber um modo de compreender criticamente o trabalho do jornalista como mediador técnico da cultura, neste caso em específico da cultura esportiva, que se mostra consciente também de como essas operações técnicas do trabalho jornalístico interferem e fazem parte dos modos se estabelecem as sociabilidades em torno do esporte e, neste exemplo, em torno das pessoas com deficiência. Não tão diferente deste modo de compreender, mas apresentando uma perspectiva que procura isentar o trabalho jornalístico da responsabilidade social de produzir conteúdo informativo que contribua para o interesse público, a fala do editor Rodrigo, que apresentaremos a seguir, aponta a culpa do desinteresse do público e também da mídia pelo esporte paraolímpico, para dimensões e instituições sociais que, do ponto de vista dele, estariam no raio de ação e de capacidade de transformação anteriores aos meios de comunicação de massa.

RODRIGO: Não adianta, a gente pode fazer a parte da conscientização, mas enquanto governos não tiverem políticas realmente que despertem a sociedade e que a sociedade demande isso, não adianta eu fazer uma matéria pra no online ser lida por "x". Ai você bota, "o Neymar comprou uma ferrari", e ai tem um milhão de "x", vezes aquela matéria que você botou. Então assim, a gente não publica algo só pela audiência. É regra na empresa que não se levasse isso... isso é parcela de uma série de outros fatores avaliados para a publicação ou não de uma... até porque se você só levar isso em consideração, você não consegue fidelidade do leitor, respeito e credibilidade. Então, longe disso, mas também se você ocupa um espaço, uma energia e uma equipe pra algo que a sociedade, por algum motivo, não me cabe analisar, não quer consumir, você tem que dimensionar isso, porque a gente é parte nesse processo pra ajudar, mas a gente não é o principal desse processo pra ajudar [...] Então você tem todo um enredo que permite aquilo funcionar. Paralímpiadas é a mesma coisa. Se não tiver toda um enredo de

política pública, não vai ser a imprensa que vai salvar a situação, certo? E aí não tem demanda, não tem audiência, as pessoas não estão preparadas pra aquilo e não consomem.

O relato do editor Rodrigo, ainda que não retire totalmente a responsabilidade dos meios de comunicação de massa em incluir e dar espaço midiático ao tema do esporte para pessoas com deficiência, tal como os JP, de certa forma terceiriza a culpa pelos problemas de incentivo e desenvolvimento dessa manifestação esportiva às dimensões governamentais e políticas. Sem desconsiderar a efetiva responsabilidade desses setores sociopolíticos para com o esporte paraolímpico, a perspectiva apresentada pelo editor descredencia o poder midiático como quarto poder de composição dos regimes democráticos. Além disso, o próprio Rodrigo retira a credibilidade do papel social do jornalismo como ferramenta de crítica e de produção de evidências materiais que sirvam como instrumento de luta pela justiça social e pela cidadania. Não obstante, essa terceirização da responsabilidade social do jornalismo esportivo para com o esporte paraolímpico, explanada pelo editor, é um indicativo da dificuldade do reconhecimento social das pessoas com deficiência, da falta de garantias de direitos para elas e de desenvolvimento da solidariedade da sociedade para com este grupo social, pois diferentes grupos sociais se isentam da responsabilidade que se pode ter para com outros grupos menos favorecidos (HONNETH, 2003).

A terceirização de culpa promovida pelo editor Rodrigo pode ser contrariada, no caso do esporte paraolímpico, se considerarmos que das políticas esportivas do país para a dimensão do alto rendimento, as que têm os melhores resultados em conquista de medalhas são as do esporte paraolímpico. Nesse sentido, considerando que o mérito esportivo é o principal capital simbólico valorizado pela mídia na relação com o campo esportivo (SANFELICE, 2010), a não definição dos JP como fenômeno que se insere nos critérios de noticiabilidade jornalística, seja pelo interesse do público, ou mesmo pelo interesse público, configura-se como mais uma característica da relativa objetividade e neutralidade social que tradicionalmente se reproduz na cultura jornalística.

3.2.1. A expectativa pela vitória, os resultados esportivos e o imperativo das medalhas

Entre os conteúdos informativos que compuseram os critérios de noticiabilidade dos JP, conforme apontaram os interlocutores do estudo, os que se evidenciaram como prioritários foram os elementos relacionados às dimensões objetivas da competição paraolímpica. Segundo os jornalistas, o processo de produção de notícias sobre o megaevento paraolímpico ocorria, prioritariamente, baseado nos seguintes elementos: informações relacionadas aos atletas e/ou equipes que tinham expectativa por vitórias; os resultados esportivos das sessões de competições diárias; e a busca imperativa pela informação e repercussão das medalhas conquistadas.

No que se refere ao critério de noticiabilidade voltado à produção de conteúdo noticioso sobre a expectativa pelas vitórias, o relato da editora Mariana, que apresentaremos a seguir, indica a priorização dada a este tipo de informação na cobertura jornalística que ela e a sua equipe de jornalistas procuraram realizar sobre os JP. Como é possível observar na declaração da editora, esta é uma prática e um critério jornalístico que não difere dos modos de agir dos jornalistas com relação a outros eventos esportivos, como por exemplo os JO.

MARIANA: Ah, que nem eu te falei, o Antonio a gente definia sempre... que foi exatamente o mesmo processo com os enviados da Olimpíadas. Geralmente um dia antes, no fim do dia anterior, a gente definiu o que ia ser o assunto dele do dia seguinte. Então, por exemplo, "oh, o Daniel Dias está indo disputar a sua quinta medalha de ouro, então tu vai lá, tu acompanha ele", ou então, "ah, amanhã tem o esgrimista gaúcho, o Jovane, que foi medalha de ouro na edição passada, então amanhã o teu assunto é ele, tu fica ai, tu acompanha ele e tal", daí o Antonio produzia uma matéria consolidada sobre isso que saia tanto no impresso quanto no digital. Isso, basicamente isso sim. Em termos gerais era isso, que é mais ou menos também a mesma lógica que... mais ou menos não, a mesma lógica que a gente usou para a Olimpíada também, é o personagem ou o grande acontecimento do dia e aqui na redação a gente produzia as demandas dos assuntos que tavam gerando interesses, principalmente em redes sociais e coisas assim.

A fala da editora Mariana configura-se como um dado que exemplifica e reafirma o indicativo de que os critérios jornalísticos para a definição do conteúdo da cobertura dos JP são os mesmos utilizados pelos jornalistas e pelas mídias para as demais coberturas esportivas. A expectativa pela vitória é uma característica que foi identificada, por exemplo, na narrativa jornalística que compôs a cobertura midiática de diferentes jornais impressos do país na ocasião dos Jogos Pan-Americanos de 2007, que

ocorreram no Rio de Janeiro (MEZZARROBA et al., 2009), assim como apareceu também na narrativa das notícias produzidas por jornais catarinenses sobre atletas locais que participaram dos JO de Atenas/2004 (PIRES et al., 2008). A narrativa jornalística que busca informações sobre, e que ao mesmo tempo cria a expectativa pela vitória dos atletas, normalmente com veiculação nacional e/ou local, a depender do alcance de circulação que o veículo midiático tenha, é um dos elementos característicos que compõe a estratégia do agendamento midiático-esportivo⁴².

Conforme o exemplo do relato da editora Mariana, portanto, a expectativa pela vitória dos atletas paraolímpicos como critério de noticiabilidade, neste caso, diferentemente de funcionar como uma estratégia de agendamento, norteou a definição da pauta jornalística sobre o que cobrir dos JP. Assim, mostrando-se coerente com a tendência de veicular informações que sejam ou despertem o interesse do público – tal como discutimos na seção anterior do trabalho - a produção jornalística, neste caso, demonstrou se organizar a partir deste critério no dia-a-dia da cobertura.

A expectativa pelas vitórias também se evidenciou na fala de outros jornalistas como critério definidor do conteúdo, dos fatos e personagens que se tornariam notícia na cobertura jornalística dos JP 2016. Os relatos dos jornalistas André e Francisco, apresentados na sequência, destacam que a definição da pauta e da própria logística de deslocamento e de posicionamento deles no dia-a-dia de trabalho dentro do parque olímpico/paraolímpico, organizava-se de acordo com aquelas modalidades e atletas que poderiam fornecer mais vitórias e medalhas para a delegação brasileira.

ANDRÉ: Atletismo e natação, eu não ouvi isso de ninguém, eu tô fazendo uma interpretação, são as duas modalidades que mais distribuem medalhas. Você tinha medalha na natação e no atletismo todo dia. Você tinha ouro no atletismo todo dia. Na natação você tinha os ouros do Daniel Dias, mas você tinha medalha todo dia. Então a demanda assim, eram as modalidades que mais poderiam trazer pódio, então as modalidades que mais tinham interesse. Eram as modalidades que era mais importante você ter alguém ali pra registrar ao vivo o que estava acontecendo. E outras modalidades que a gente tinha acesso de imagens, como futebol de 5, algumas modalidades a gente transmitiu ao vivo também, mas sem repórter, mas a gente fazia a transmissão ao vivo. Vôlei sentado, basquete de

⁴² O agendamento midiático-esportivo, conceito derivado da teoria do *agenda-setting*, para Mezzaroba e Pires (2011, p. 339) se configura como “[...] um processo relacional entre a agenda jornalística (midiática) e a agenda pública (social), em que há uma tentativa de alguns grupos (financeiros, políticos e midiáticos) em pautar temas e assuntos de seu interesse na esfera social e colocar, desta maneira, sua(s) opinião(ões) com o objetivo de torná-la(s) hegemônica(s)”.

cadeira de rodas, a gente chegou... a gente tinha a imagem que vinha direto da OBS. Então era o basquete de cadeira de rodas, vôlei sentado, futebol de 5, futebol de 7 e acho que a gente conseguiu tênis de mesa. Eu não lembro se tinha outro. Acho que foram modalidades que se você for analisar eram modalidades que o Brasil tinha um potencial significativo de medalha.

FRANCISCO: [...] E durante o dia eu ia para as competições quentes. Então, por exemplo, pra natação, pro atletismo, e ficava ali com uma estrutura de laptop, transmissores e tal, pra poder eventualmente mandar uma notícia quente pro site. Então, sei lá, uma medalha de ouro inédita, um fato aconteceu não sei onde.

O que podemos identificar na fala de ambos os jornalistas é que a cobertura dos JP, assim como afirmou a editora Mariana supracitada, não difere da lógica produtiva do jornalismo esportivo que se aplica a outros eventos esportivos semelhantes, como os Jogos Pan-americanos e os JO. A questão que se impõe sobre esse critério jornalístico ao se destinar o espaço e tempo das notícias sobre os JP, prioritariamente, ao que pode render medalhas à delegação nacional, é que ao mesmo tempo em que esta estratégia coloca em destaque determinadas modalidades e atletas vitoriosos, ela tende a ocultar outras modalidades e atletas de menor destaque e/ou de menor tradição na cultura esportiva paraolímpica do país. Apesar disso, neste contexto, não estamos desconsiderando o fato de que a escolha jornalística, conforme relatado pelos jornalistas, de se posicionar para a produção de notícias sobre uma ou outra modalidade esportiva específica, abdicando de outras, é um problema que se evidencia também devido ao limite de profissionais destinados à cobertura dos JP pela mídia de modo geral (assim como já problematizamos tal questão em seção anterior do trabalho).

O critério de noticiabilidade pautado pela expectativa das vitórias pode se configurar como uma restrição à própria mediação informativa e cultural que o jornalismo esportivo pode fazer sobre o esporte paraolímpico e o esporte de maneira geral. Ao nortear o processo de produção de notícias sobre os JP a partir das possibilidades de medalhas e da criação da expectativa por elas, o jornalismo esportivo perde a oportunidade de produzir conteúdo informativo sobre atletas e modalidades por vezes desconhecidos do próprio público e, assim, deixa de ampliar o espectro cultural desses consumidores sobre o esporte paraolímpico.

Como continuidade dos elementos prioritários que compuseram o critério de noticiabilidade jornalística do esporte paraolímpico, jornalistas relataram que, em conjunto com a expectativa pelas vitórias, a cobertura foi realizada também a partir dos

resultados esportivos positivos e das medalhas conquistadas pelos atletas nacionais e/ou locais. De acordo com relatos que recolhemos, estes são os elementos objetivos dos JP que, prioritariamente, foram elencados como notícias a serem produzidas e veiculadas. A fala dos interlocutores Fred e Ícaro – a seguir - são representativas desse foco jornalístico nas medalhas conquistadas como critério condicionante dos fatos que ocorriam no cotidiano dos JP e que acabavam por se transformar em notícia produzida pelos jornalistas.

FRED: Aí depende muito, porque por exemplo, quando você tem um caso como do Daniel Dias de novo, ele... ele tinha essa expectativa de conquistar mais de 20 medalhas aí. O cara conquistando bronze, prata, bronze, prata, mas passando de 20 medalhas, ele conquistou ouro também, tudo, mas o cara passando de 20 medalhas o cara é notícia independente disso. O... por exemplo, é, no caso da Teka Santos também, ela foi bronze, então independe disso, entendeu? Mas querendo ou não o pódio e a medalha dá um destaque muito maior quando se trata de Olimpíada.

ÍCARO: A gente tinha uma equipe dentro da redação que ficava... que é a equipe de esportes... do esporte online do jornal, que ficava atenta ao factual. Então a gente deixou assim... bom, toda medalha do Brasil a gente vai registrar. Aí a gente dava o registro das medalhas e aí essa equipe que tava... no fim das contas a gente publicava um monte de matéria de paraolimpíada por dia.

Os relatos de ambos os interlocutores exemplificam o indicativo de como a produção de notícias sobre os JP aparenta ter se organizado a partir do imperativo das medalhas conquistadas por atletas nacionais ou locais. Ainda que a dimensão da dialética global-local se apresente como um critério de noticiabilidade - o qual discutiremos na próxima seção do trabalho - o elemento prioritário que aparece como definidor da construção das notícias é mesmo a busca incessante pelos resultados esportivos premiados. Nesse contexto, tal característica da cobertura dos JP apresentada pelos jornalistas reafirma, mais uma vez, a tese bourdieusiana de que o capital simbólico predominante na correlação entre os campos esportivo e midiático é o mérito esportivo representado nas medalhas (BOURDIEU, 1997; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012; SANFELICE, 2010). Dessa forma, portanto, podemos considerar que o esporte paraolímpico aparenta seguir os mesmos passos do seu correlato olímpico no tipo de critérios jornalísticos estabelecidos pelos profissionais da mídia para transformar ou não o fato esportivo em notícia.

A fala do jornalista André, apresentada a seguir, é um exemplo da prioridade que as medalhas conquistadas tiveram no processo de produção e veiculação das notícias sobre os JP. No caso mostrado pelo jornalista, identificamos como os critérios e decisões jornalísticas neste processo de produção da cobertura, ao se concentrarem nos resultados com medalhas, promovem uma nova exclusão social dos atletas com deficiência que não correspondam a este imperativo vitorioso.

ANDRÉ: Vou dar um exemplo de quando me chamavam para os links. Geralmente eles me chamavam para os links, e a mesma coisa acontecia no atletismo. Quando um atleta conquistava, quando chegavam na final, mas quando conquistavam uma posição significativa, um pódio, ou um quarto lugar. Não é pra menosprezar os outros, era simplesmente porque, você tá com uma programação em andamento, uma transmissão de um jogo, era questão do cara ficou em oitavo, o cara não fez uma boa prova, então assim, vamo gravar, a gente usa em outro momento essa prova dele, ou a gente usa no boletim, e não entra no ao vivo agora, mas faz com o cara. Agora, nesse sentido a orientação do vivo era mais assim, puts, o cara ganhou medalha, dá o toque, se a gente tiver demorando pra chamar, liga pra redação, dá um jeito, chama a gente, pelo amor de Deus. A gente tinha o contato por ponto, que era aquele pelo microfone, então a gente tinha que tomar um certo cuidado, mas as vezes eles não... estavam acompanhando também na câmera, mas a gente pedia pra eles ficarem ligados. As vezes o cara ficou em quarto ou quinto lugar, também. A partir dali, dependia muito da prova, mas eles geralmente davam um toque, oh André, não vamos usar essa entrevista agora, pode gravar, aí a gente fazia. Isso, mas isso vinha de cima, a questão de entrar ao vivo ou não vinha de cima, do editor que decidia.

A questão que se apresenta no relato do jornalista André refere-se ao paradoxo entre o discurso de inclusão social, promovido pelo movimento paraolímpico, e os critérios de noticiabilidade da cobertura jornalística feita dos JP. Ao priorizar a cobertura dos atletas e equipes vitoriosas que geram medalhas e, por vezes, excluir atletas com resultados esportivos tidos como insatisfatórios da narrativa midiática sobre o fenômeno, a cobertura jornalística do esporte paraolímpico pode contribuir para uma nova exclusão social destes atletas/pessoas com deficiência. É importante lembrar que esta perspectiva jornalística se aplica do mesmo modo ao contexto do esporte convencional/olímpico.

Novamente compreendendo que a sociedade do espetáculo em que vivemos é mediada pelas imagens produzidas sobre nós mesmos e que só é considerado bom aquilo que aparece nos holofotes deste espetáculo (DEBORD, 1997), podemos considerar, assim, que os atletas não vitoriosos, que ficam fora do enquadramento e do

critério midiático de noticiabilidade, estão passando por uma nova exclusão social em suas vidas. Uma segunda exclusão, pois estes atletas, antes de mais nada, são pessoas com deficiência que sofrem cotidianamente com os problemas de acessibilidade, de preconceito, de estigmatização e, conseqüentemente, são muitas vezes excluídos da participação na sociedade. Assim, se a sociedade do espetáculo é uma segunda realidade, representada principalmente pela narrativa midiática, como nos termos de Debord (1997), neste fragmento paraolímpico do espetáculo esportivo, logo, parte dos atletas com deficiência também são excluídos uma segunda vez, ou em outros termos, invisibilizados social e midiaticamente.

O paradoxo antitético do modo de organização do esporte paraolímpico se evidencia em um dos objetivos do próprio IPC, que tem como meta promover o empoderamento das pessoas com deficiência através do movimento paraolímpico. Conforme apontam Purdue e Howe (2012), este discurso de empoderamento não necessariamente se aplica e se materializa, por exemplo, no caso de atletas que saem derrotados dos JP. De acordo com os dados apresentados pelos autores, um atleta multimedalhista dos Jogos tende a se sentir uma pessoa empoderada após a sua participação no megaevento, porém, o mesmo não ocorreu, por exemplo, com uma atleta que não conquistou medalha após participar de mais de uma edição da competição (o mesmo acontece no esporte convencional). A partir desta dualidade de sentimentos, os autores ressaltam que o esporte paraolímpico tem se configurado como qualquer outro esporte de alto rendimento, reproduzindo o modelo social meritocrático vigente e, dessa forma, o movimento paraolímpico está por se configurar como um espaço social fechado, onde somente os atletas vitoriosos são empoderados e reconhecidos (PURDUE; HOWE, 2012).

Relatos dos jornalistas do CPB, Jaciara e Jorge – a seguir - revelam o esforço da entidade em produzir conteúdo informativo sobre os JP, que municiasse a mídia esportiva com um material jornalístico sobre o máximo dos resultados esportivos dos atletas e equipes nas diferentes modalidades que compõem o programa paraolímpico. Apesar de ambas as declarações dos jornalistas apresentarem indícios da priorização jornalística que a instituição esportiva também fazia para com os atletas e modalidades que ganhavam o maior número de medalhas, as suas falas revelam um esforço comunicativo da entidade em gerar um conteúdo que abrangesse a pluralidade de modalidades e atletas brasileiros que estavam na competição.

JACIARA: Nesse texto, a gente não tava ali pra fazer matérias inovadoras sobre o atleta, ou sobre o esporte, a gente tava ali pra ser realmente informativo, é "Hoje, na natação, o Daniel Dias ganhou sua 23ª medalha", sei lá qual número, "12 de ouro e empatou com não sei quem", porque depois ele passou, "além dele, a Joaquinha foi bronze, não sei quem não sei o que". Então, não é assim, não é tão telegráfico, mas assim é informação pra quê... porque esse release é justamente pra imprensa que não tá lá no dia a dia, mas que percebeu que tem que correr atrás de informar os seus leitores. Então, o que a gente dá é informação, a matéria falando mais da parte mais humana e tal, isso daí é a imprensa de fora que tem que fazer. Então é informativo, é o dia, o que aconteceu, qual que foi o jogo de basquete, o que significa com esse resultado, tá classificado pras quartas de finais, não tá. Tá classificado e é a primeira vez que tá classificado pras quartas de finais, já é o melhor resultado do basquete brasileiro, porque o anterior melhor tinha sido tal, e com esse número de medalhas o Brasil já passa... entendeu?

JORGE: Sim, sim, sim, a gente tinha alguns critérios. Por exemplo, atletismo e natação são duas modalidades que a gente estava todos os dias, a gente não podia perder nenhum dia porque são os dois carros-chefes da delegação e então você tem que tá, tem que tá lá. E normalmente a gente estaria em dois assessores. Eu tive o auxílio de mais um assessor comigo alguns dias, assim como o Cleiton que é o outro assessor do CPB que tava fixo na natação também em alguns dias teve o auxílio de algum outro da nossa equipe, algum outro assessor da nossa equipe.

Mais uma vez a mediação institucional do CPB mostrou-se necessária e relevante para a garantia de uma mínima qualidade do processo comunicativo de produção de notícias durante os JP. Neste caso dos critérios de noticiabilidade e do foco jornalístico no imperativo das medalhas conquistadas, caso a entidade esportiva paraolímpica brasileira não queira cometer os mesmos equívocos e paradoxos discursivos do seu correlato olímpico no estabelecimento das relações com os meios de comunicação de massa, torna-se evidente a necessidade do acompanhamento comunicacional permanente que a instituição precisa fazer da cobertura jornalística. Nesse sentido, não só a mediação e o suporte institucional mostram-se necessários, mas também a manutenção da autonomia comunicativa da entidade, continuando com a política de produzir o seu próprio material informativo sobre os eventos e competições paraolímpicas e também procurando abarcar todo o complexo de modalidades e a diversidade de atletas que participam deste contexto esportivo como forma de garantir, minimamente, visibilidade midiática a eles.

3.2.2. A dialética global-local

Junto às dimensões objetivas da competição esportiva que apareceram como componentes do critério de noticiabilidade prioritário na cobertura jornalística dos JP, se evidenciou também nos relatos dos interlocutores do estudo a dimensão da localidade dos atletas paraolímpicos como aspecto definidor dos fatos que viriam a se tornar notícia do megaevento esportivo. Conforme identificamos nos dados colhidos com os jornalistas, a ideia de se ter os atletas como meio de representação nacional, regional ou local seria um critério secundário, estabelecido juntamente aos resultados, vitórias e medalhas conquistadas, para que um fato esportivo paraolímpico viesse a fazer parte da cobertura jornalística dos Jogos.

Tanto em relatos de jornalistas que trabalharam para uma mídia de circulação nacional, como também daqueles que produziram notícias para mídias regionais/locais, a vinculação dos elementos globais dos JP aos aspectos nacionais/locais do cotidiano da competição apresentou-se como um critério jornalístico permanentemente presente na cobertura jornalística do megaevento paraolímpico. Este critério utilizado para os JP, que pode ser denominado como dialética global-local, também não difere do trato jornalístico destinado a outros megaeventos esportivos, assim como já identificado em coberturas, por exemplo, de Jogos Pan-americanos (ANTUNES et al., 2009; MEZZARROBA et al., 2009; RIBEIRO et al., 2009), e de JO (MEZZARROBA et al., 2015; PIRES et al., 2008).

A fala do jornalista Antonio – a seguir – exemplifica a prioridade que as dimensões locais tinham no critério de noticiabilidade da cobertura jornalística realizada por eles sobre os JP. Neste relato, evidencia-se como a vinculação dos atletas paraolímpicos à referida localidade de circulação do respectivo jornal para o qual ele trabalhava era um critério, assim como os resultados e conquistas esportivas, para que algum fato dos Jogos fosse produzido como notícia.

ANTONIO: Tinha um gaúcho, que era candidato, tinha sido medalha de ouro na outra paralimpíada, o Jovane, também acompanhei um dia todo dele, o dia que ele competiu, que tinha chance, daí foi mais um critério local.

A busca dos jornalistas pela vinculação dos fatos a serem noticiados com elementos referentes à dimensão local do jornal é uma estratégia jornalística

denominada como mobilização da dialética global-local. Em estudo realizado sobre a cobertura midiática dos JO de Atenas/2004, Bitencourt *et al.* (2005) identificaram a utilização da referida estratégia e concluíram que:

A Mídia, então, parece operar a relação local-universal agenciando discursos diversos, entre eles o esportivo, para tal efeito. Recorrendo ao sentimento de pertença ligado a um atleta local – preferencialmente se este é também um ídolo transnacional – provoca a identificação do local com o universal e a incorporação, em nosso caso pelo local, do discurso ideológico universalizante constituído pelo esporte olímpicamente ritualizado (BITENCOURT *et al.*, 2005, p. 30).

O que podemos identificar e inferir a partir dos dados recolhidos nos relatos dos interlocutores do estudo é que essa busca pelo sentimento de pertença ligado aos atletas locais e a tentativa de provocar a identificação do público local com a dimensão global do megaevento esportivo, conforme citado pelos autores, também apareceu na cobertura jornalística dos JP. Nos casos apresentados pelos jornalistas supracitados, visualizamos que um dos critérios prioritários para a construção das notícias sobre a manifestação esportiva paraolímpica transnacional foi um enquadramento jornalístico que selecionou, especificamente, os atletas locais para transformar o fato esportivo em notícia.

Característica semelhante apresentou-se como evidência de critério de noticiabilidade no caso de uma mídia com circulação nacional. Conforme podemos notar no relato do editor Fernando – a seguir – a mobilização da dialética global-local também se aplicou ao caso da produção jornalística que esteve voltada aos atletas nacionais. Neste caso, inclusive, evidenciamos como este tipo de critério tende a promover uma cobertura nacionalista do megaevento esportivo, aqui referente aos JP.

FERNANDO: Era o critério de prioridade pros eventos que a gente tava transmitindo na íntegra e flashes com atletas brasileiros. Então, vamo lá, vamo supor que eu tivesse com basquete de cadeira de rodas no ar, então eu deixava o basquete de cadeira de rodas na via 1 e a via 2 e 3 eu ia pulando pra tudo quanto era evento. Ah, agora tem brasileiro na piscina, agora tem brasileiro na pista, ah o brasileiro da pista agora vai pra entrevista, então tira a pista e põe a entrevista [...] Então a gente tinha que ficar fazendo essas manobras de acordo com a presença dos brasileiros.

Como podemos identificar no relato do editor, havia uma busca incessante pela veiculação jornalística dos atletas brasileiros no transcorrer dos JP. Este é um tipo de

abordagem midiática de megaeventos poliesportivos, tais como os JO, Jogos Pan-americanos e, não diferente, os JP, que corriqueiramente pode ser identificada nestas coberturas esportivas. Tal abordagem aparenta ocorrer não por um acaso e não também pela paixão da mídia esportiva nacional pelo esporte brasileiro. Podemos considerar que esta estratégia de tentar vincular o público nacional às manifestações poliesportivas ocorre, sobretudo, por dois fatores: 1) pelo fato de estas manifestações esportivas não fazerem parte dos ritos e da cultura esportiva da nação, diferente do que são para nós as Copas do Mundo de futebol masculino da FIFA (BITENCOURT, 2009); e, como consequência do primeiro, 2) pelo fato desta vinculação nacionalista/localista com os esportes olímpicos, e agora paraolímpicos, serem uma forma de a mídia tentar despertar o interesse do público pelo consumo destas manifestações esportivas pouco comuns ao cotidiano do povo brasileiro.

A mobilização da dialética global-local na cobertura jornalística de megaeventos esportivos é, como afirma Pires (2009, p. 20):

[...] a interpenetração de interesses dos quais se vale a mídia para divulgar o evento global ao seu público local. Sumariamente, podemos caracterizar essa relação como uma estratégia da cobertura jornalística que visa despertar o interesse dos seus leitores pelo evento global a partir da identificação destes leitores com atletas “locais”, que lhes são próximos ou que proporcionem essa sensação de proximidade, pelo fato de competirem por algum clube do estado ou por terem nascido no estado. Por outro lado, reconhecida a importância do evento global por essa estratégia de aproximação, ocorre o inverso, isto é, passa a ser do interesse dos leitores acompanhar a cobertura jornalística para se manter informado sobre a participação dos “locais” na competição global.

A perspectiva apresentada pelo editor Fernando supracitado, portanto, se configura como um critério jornalístico de cobertura dos JP, que se baseia na mobilização dessa dialética global-local em dimensões nacionais. Esta seria uma forma de interpenetrar os interesses da população do país com os da referida mídia, divulgando o megaevento paraolímpico global ao público local. Os recortes e enquadramentos jornalísticos realizados para promover essa oferta e demanda informativa acerca dos atletas paraolímpicos brasileiros também se caracterizam por serem uma forma que a mídia utiliza para sustentar os interesses comerciais das emissoras detentoras de direitos de transmissão dos eventos esportivos. Ainda que no caso do presente estudo não possamos tecer assertivas sobre o tipo de abordagem midiática que se fez dos JP no

produto noticioso veiculado, quando há a influência dos interesses comerciais na transmissão esportiva, o enquadramento jornalístico da dimensão nacionalista destes megaeventos tende a transcender para um discurso ufanista, como de torcida jornalística pelo esporte brasileiro (MEZZARROBA et al., 2014). Por vezes, também, a influência comercial pode fazer com que a mídia exclua do critério de noticiabilidade do fato esportivo questões políticas, econômicas e sociais que possam, de alguma maneira, desvalorizar o produto midiático-esportivo que está em veiculação (POFFO et al., 2015).

Por fim, identificamos junto a interlocutores do estudo que, apesar da localidade ter sido um critério jornalístico priorizado na cobertura dos JP, os resultados esportivos e a conquista de medalhas continuam a ser imperativos na definição da noticiabilidade do fato esportivo. Como podemos depreender dos relatos do editor Fred e do jornalista Luiz – a seguir – ainda que um atleta local ou nacional tenha participado de maneira competitiva de alguma modalidade esportiva durante as sessões de disputas diárias, assim como ocorrem em um megaevento do porte dos JP, caso o resultado não seja satisfatório, ou melhor, caso não tenha garantido a conquista de uma medalha, o espaço midiático destinado àquele determinado atleta local/nacional pode ser reduzido ou até mesmo ele pode ser excluído da cobertura jornalística a ser veiculada.

FRED: O... a questão local primeiro, e depois a questão mais ou menos daquele mapa que a gente tinha no começo né. Por exemplo, eu sei que o Daniel Dias vai bater... vai passar de 20 medalhas, o cara vai conquistar mais de 20 medalhas na história da Paralimpíada, então você tem que, obviamente, acompanhar esse cara, entendeu? É mais essa questão da performance mesmo... Local, principalmente, se é daqui ou não, e a performance mesmo né? Entendeu? Seria mais isso mesmo!

LUIZ: Isso, foi o Fred que escolheu a foto, mostrando a cara de decepção e tal. O texto é aquilo que falei, questão de prioridade. Se ela tivesse sido medalhista, o texto seria um "abre" de página né. Seria maior. Aqui tem 600 toques, a gente faria matéria de 2500 ou 3000 toques. Como ela não ganhou matéria, e nesse dia a gente tinha outras matérias importantes também, com medalhistas e tal, com outros brasileiros, então é... certamente, se ela não fosse londrinense nós não daríamos nada, não teria nada. Como ela é londrinense, pô, vamos dar alguma coisa. Então vamos dar uma coisa pequena, né, vamos dar uma foto dela porque é bacana, é de Londrina, aquela coisa toda, mas vamos fazer um texto curto porque ela não ganhou nada, né. Então assim, você não deixa passar, mas também não dá o destaque porque tinham outras matérias mais interessantes nesse dia. [...] Então é... e aí, por exemplo, a gente teve lá uma outra atleta de Londrina que colocou o braço em pé no levantamento de peso e não

ganhou medalha, a gente divulgou, mas enfim, a matéria dela saiu menor porque, enfim, disputou o papel mas não ganhou medalha, então é questão de prioridade mesmo por importância.

Conforme podemos identificar na fala dos interlocutores do estudo, a mobilização da dialética global-local na cobertura jornalística dos JP, assim como ocorre na narrativa midiática dos demais megaeventos esportivos, se apresenta também a partir do filtro apriorístico do imperativo das vitórias e da conquista de medalhas. Este é um modo de agir inerente ao relacionamento da cultura jornalística com as manifestações esportivas de alto rendimento, espetacularizadas. A situação demonstra o tipo de abordagem que o jornalismo esportivo promove na aproximação com o esporte paraolímpico, absorvendo os códigos modernos do esporte - racionalização do desempenho e busca pelo recorde - reproduzindo a tendência do foco no binômio vitória-derrota comum ao telespetáculo esportivo (BETTI, 1998a, 2001) e abdicando, assim, da oportunidade de promover uma cobertura jornalística que abra mais espaço e que inclua os atletas paraolímpicos, independente dos seus resultados, no espectro midiático e social da cultura esportiva, tanto em âmbito nacional, como nas diferentes localidades.

Bruce (2014) identificou na cobertura jornalística realizada pela mídia neozelandesa dos JP de Pequim/2008 e de Londres/2012 a tendência de se mostrar os atletas nacionais/locais a partir do espectro da vitória, em contraponto a uma veiculação dos atletas adversários de outros países por via de um foco nas suas derrotas e nas deficiências deles. Para a autora, ao se tentar promover o sentimento nacionalista vitorioso a partir do universo dos atletas paraolímpicos, por vezes omitindo ou estereotipando os atletas não vitoriosos na cobertura midiática, não se contribui com a redução da exotização das diferentes deficiências e, mais uma vez, se está forjando o discurso de inclusão social através da representação paraolímpica do esporte.

Portanto, a partir do que identificamos na utilização do critério de noticiabilidade relacionado à localidade/nacionalidade do atleta para a organização da cobertura jornalística dos JP, ao mesmo tempo que esta é uma estratégia de mobilização do interesse da população do país ou das diferentes regiões e locais para com o esporte paraolímpico, o estabelecimento de tal critério também se mostra impeditivo para a produção de conteúdo informativo sobre questões globais que são inerentes à manifestação paraolímpica do fenômeno esportivo. Um exemplo disso pode ser a

restrição do espaço midiático à diversidade das deficiências existentes no âmbito dos mais de 4000 atletas participantes dos JP, assim como também pode ocorrer de se ocultar da produção jornalística o conjunto de curiosidades e de fatores socioeconômicos e políticos que normalmente compõem, por exemplo, não só a trajetória esportiva de atletas com deficiência, vitoriosos do megaevento, mas sobretudo também daqueles que não cheguem a conquistar medalhas no decorrer da competição.

Abrir espaço midiático também para os não vitoriosos seria uma forma de garantir que o público nacional e local também reconhecesse a história destes atletas e, assim, talvez fosse uma forma de possibilitar que eles se sentissem pessoas com deficiência empoderadas, tal como se dizem sentir os atletas multimedalhistas paraolímpicos entrevistados por Purdue e Howe (2012). Noticiar a trajetória esportiva de atletas que não saem vitoriosos das competições esportivas (não só paraolímpicas) pode ser uma forma de reconhecer e valorizar o esforço esportivo desses atletas que competem em alto rendimento e se esforçam tanto quanto os vencedores. Além disso, informar o consumidor de esporte sobre trajetórias esportivas que acabam derrotadas também é uma forma de esclarecer ao público que o cenário esportivo não é feito somente de glórias.

3.2.3. Entre informar através das histórias das deficiências e aproveitar o drama já pronto

Um terceiro critério de noticiabilidade que se evidenciou em depoimentos dos interlocutores do estudo foi a dimensão do drama existente nas histórias de vida dos atletas com deficiência. Pudemos identificar que os jornalistas, mesmo se mostrando preocupados em priorizar as dimensões objetivas do esporte paraolímpico como prática esportiva de alto rendimento, têm a percepção de que as deficiências dos atletas e as respectivas histórias são partes inerentes e inevitáveis desta manifestação esportiva, o que faz com que se tornem elementos indispensáveis da cobertura jornalística sobre a temática.

Uma fala do jornalista Philippe – a seguir - exemplifica como os jornalistas compreendem as histórias das deficiências dos atletas como critério jornalístico de noticiabilidade do esporte paraolímpico e dos JP. Para o jornalista, a dimensão atlética e esportiva é prioritária na composição do conteúdo informativo, porém, para ele, a

história das deficiências destes atletas também precisa compor a notícia, porque elas possuem um “apelo mais dramático”.

PHILIPPE: Então... Fazer matérias de Paralimpíada são duas histórias, né. Primeiro a história do atleta, do esporte e depois a história de superação dele. Sempre tem uma parte... um apelo mais dramático quando tu fala de atletas paralímpicos. Muitos nasceram com alguma deficiência, outros adquiriram em um acidente, né. Tem um caso, por exemplo, da Josiane Lima, que ela é paraatleta do remo adaptado, daqui, manezinha da ilha. Ela sofreu um acidente de carro, ela nunca foi atleta de ponta, ela sofreu um acidente de carro, se não me engano foi em 2008, isso tem na reportagem lá. Ai desde então ela começou a se dedicar ao esporte como uma forma de reabilitação. Essa moça ela viajou o mundo inteiro já. Foi medalha de bronze em Pequim, e tem várias medalhas aí por quatro continentes. Tem na Europa, Austrália, Estados Unidos e América do Sul. É uma grande história né? Ela foge um pouco da alçada só de uma cobertura esportiva, de uma matéria de esporte, ela é uma história de vida, né?

As histórias de vida dos atletas com deficiência que se configuram como histórias de superação e que, por conta disso, servem como valor-notícia da cobertura paraolímpica, compõem uma discussão que faremos em seção posterior do trabalho. Todavia a utilização destas histórias como conteúdo noticiável do esporte paraolímpico, devido ao seu apelo dramático pode ser mais um indicativo de que, neste contexto, a prática jornalística está reproduzindo características e vicissitudes do telespetáculo futebolístico e olímpico. Tal como descrito por Betti (2001), a falação esportiva tem, entre outras, a característica de dramatizar o esporte em sua versão midiática, quer seja contando a história do menino brasileiro, negro, advindo de família pobre, nascido e crescido nos rincões das mazelas sociais do país, que venceu esse drama e tornou-se jogador de futebol de sucesso, quer seja reconstruindo a trajetória de vida sofrida de jovens brasileiros que praticam modalidades olímpicas e que, apesar dos obstáculos sociais, estruturais e financeiros, superaram as barreiras, tornando-se atletas do mais alto nível esportivo. Nesse sentido, o indicativo apresentado pelo jornalista Philippe com relação à noticiabilidade do esporte paraolímpico é somente uma repaginação do mesmo conteúdo esportivo de outrora. Inferimos, assim, que, parafraseando Adorno e Horkheimer (1985) sobre a lógica da produção industrial de bens culturais, a dramatização do esporte paraolímpico na narrativa jornalística não é nada mais do que “mais do mesmo” daquilo que já vem sendo produzido pelo discurso midiático-esportivo.

A lógica industrial do trato da mídia com o esporte paraolímpico, homogeneizando-o, também foi identificada em declaração da editora Mariana – a seguir. Neste caso da editora, a sua fala revela, mais uma vez, o cuidado que se procura ter com a abordagem que se faz dessas histórias, contudo, ao mesmo tempo, indica também que o jornalismo esportivo, por vezes, visualiza nelas a oportunidade de construir uma narrativa esportiva a partir do que a editora chama de “matéria mais humana”, quando, na verdade, podemos considerar que se está falando do drama humano de se nascer ou de se adquirir uma deficiência na sociedade contemporânea. Como relata a própria editora, estas histórias são “um prato muito mais cheio” para o jornalismo esportivo dramatizar a narrativa sobre o esporte.

MARIANA: É, acho que com certeza nos paralímpicos tem mais né, tu tem mais material, vamos dizer, pra contar histórias de superação, histórias muito fortes assim. Esse ano, claro, na olimpíada tu teve essa questão dos refugiados que foi inédita, foi a primeira olimpíada que teve um time de refugiados que chamou muita atenção justamente por isso, por ter uma história humana incrível. Então assim, cada um deles tinha uma história mais incrível, mais de superação, e triste, do que a outra assim, mas com certeza a paralímpada é um cenário muito mais rico pra esse tipo de história do que uma olimpíada. Não tem nem como tu comparar a história de vida de um atleta paralímpico de um atleta... claro, cada um tem suas dificuldades assim, mas ver a galera... é aquela coisa que as pessoas dizem assim, "ah, tu reclama dos teus problemas, então lê isso aqui e aí tu vai ver o que é... vai parar de reclamar dos teus problemas". Então, o prato é muito mais cheio, vamos dizer assim, de histórias humanas e de superação, com certeza.

A definição das histórias das deficiências como conteúdo a ser produzido como notícia na cobertura dos JP, do esporte e dos atletas paraolímpicos mostra-se como possibilidade fascinante e incrível para o fazer jornalístico da editora. O fascínio por estas histórias - muitas vezes de dor e sofrimento, mas que não necessariamente o são - que a editora denominou como histórias humanas, podem ser interpretadas e justificadas através do que Gumbrecht (2007) caracterizou como uma das formas de encantamento provocado pela beleza estética do esporte. Entretanto este caso dos atletas paraolímpicos difere-se das hipóteses descritas pelo autor, pois para ele o fascínio pelo sofrimento ou pelas dores do esporte normalmente surgem por conta de situações difíceis enfrentadas na própria performance de uma prática esportiva em alto rendimento, como o caso de um boxeador que sai derrotado do ringe, machucado fisicamente, mas ainda assim é

aplaudido pelo público espectador (GUMBRECHT, 2007). Logo, o drama e o sofrimento humano relacionados às deficiências dos atletas paraolímpicos aparecem como elementos dos critérios de noticiabilidade paraolímpica que são fascinantes para a editora citada - e muitas vezes para o jornalismo esportivo e para o público - porém não estão ali como fascínios atléticos do esporte paraolímpico, mas sim como fascínios pela tragédia humana e/ou social, que transcendem e invadem as dimensões do esporte através da narrativa jornalística que se produz.

A justificativa de humanização da narrativa jornalística do esporte (paraolímpico), como afirmou a editora supracitada, através da utilização de histórias tristes da condição humana e/ou social dos atletas, é uma característica contemporânea do jornalismo esportivo. Contudo, como afirma Carvalho (2005), tal caráter humanizador da narrativa jornalística sobre o esporte tem passado por uma mecanização que automatiza a busca dos jornalistas por este tipo de história no esporte e, assim, podemos considerar que o jornalismo esportivo está corroborando com o próprio processo de reificação da condição humana dos atletas, sejam eles com ou sem deficiência.

Um exemplo da tendência à mecanização do discurso jornalístico humanizador do esporte evidenciou-se em relato da jornalista Jaciara – a seguir. Para esta jornalista, como dito anteriormente, este é um mecanismo de busca que os produtores das notícias sobre esporte procuram no cotidiano do fazer jornalístico, sobretudo em casos de megaeventos esportivos como os JO e JP.

JACIARA: Acho que teve um foco muito grande em matérias humanas, vamos dizer assim. De contar a história daqueles atletas, que todos esses atletas têm alguma deficiência porque eles têm alguma história que levou a essas deficiências, seja congênita, seja acidente e tal. Uma preocupação maior de contar essa história, mas assim, isso acontecia no olímpico também, não nesse sentido, porque o cara não tinha uma deficiência, mas se soubesse que o cara tinha uma história, sei lá, o cara era de um país e foi fugido lá pro grupo dos exilados. Sei lá, ou se um cara era de um país africano que só tem ele de representante, ou se o cara... sabe? Isso também se procurava. A busca pela história humana e tal, por trás, isso acontece em qualquer um dos dois. Só acho que a diferença é que no paralímpico muitas vezes é focado na deficiência porque é a deficiência, mas no olímpico você foca em outras situações, mas que também a busca é a mesma. Talvez as histórias sejam diferentes porque são situações e pessoas diferentes, mas eu não vi tanta mudança não, sabe? Eu acho que teve, acho que as pessoas acordaram pra que há interesse sim no esporte paralímpico né?

Aqui, a partir deste relato da jornalista, compreendemos tal prática jornalística de busca por histórias que estes profissionais denominam como humanas, como característica que tenta ser naturalizada pelo jornalismo esportivo e que, comumente, é justificada por eles a partir do que Chaparro (2007) – conforme já o referenciamos em seção anterior - caracteriza como a pragmática do jornalismo. Ou seja, os jornalistas esportivos se sustentam na hipotética objetividade do fazer jornalístico, utilizando de um argumento humanizador da prática esportiva – e aqui não pretendemos negar que ele exista - para reafirmar a validade de se produzir notícias esportivas com o apelo aos dramas da vida humana.

A perspectiva da hipotética objetividade jornalística, perpassada pela busca por uma relativa precisão dos relatos noticiosos (CHAPARRO, 2007), evidencia-se na fala do jornalista Luiz – a seguir – quando ele também reforça a ideia de explorar as histórias das deficiências como conteúdo que transforma o fato e/ou o personagem em objeto noticiável do contexto do esporte paraolímpico e dos JP. Conforme podemos observar no relato, em uma tentativa de contextualizar questões específicas e peculiares ao fenômeno esportivo paraolímpico, ele justifica a utilização das histórias das deficiências como critério de noticiabilidade, porém faz questão de reafirmar os cuidados a serem tomados para não vitimizar os atletas paraolímpicos na composição do conteúdo jornalístico. O relato do jornalista André – também apresentado a seguir – demonstra uma situação da cobertura dos JP 2016 para exemplificar e justificar o porquê e quando ele optou por utilizar esse critério de noticiabilidade das histórias e dos dramas das deficiências.

LUIZ: Uma coisa que é muito específica, mesmo a gente tentando não transformar esses atletas em vítimas, mas há uma curiosidade, muito, das pessoas saberem o que aconteceu com esse atleta, né? Então assim, a gente procurou... assim, destacar muito mais o lado atlético dele, mas sem deixar de em algum momento contar a história dessa pessoa, porque há uma curiosidade né? "Ah, mas enfim, foi um problema que surgiu, foi um acidente, ou foi um problema de nascimento, e tal, o que levou essa pessoa a... enfim, a esse estado?". Então acho que a questão de você... é um ponto muito... uma linha muito tênue, de você ao mesmo tempo exaltar que aquele atleta é de alta performance, é um atleta de ponta, mas acho que as pessoas querem saber também o que levou né? Então acho que assim é uma linha de você não vitimizar o atleta, não tratá-lo como coitadinho, mas acho que é bacana contar a história

ANDRÉ: Eu vou dar um exemplo, e esse foi um dos únicos casos em que eu abordei questões da deficiência. Ela era uma atleta da natação, que ela era campeã... já disputou Ironman, era campeã brasileira de triathlon, enfim, de diversos esportes, enfim. Depois da terceira filha ela sofreu um problema que levou à deficiência dela, e é uma doença que é degenerativa. Então a cada ano ela vai perdendo um pouco mais a capacidade de locomoção dela. É uma doença forte. Você imagina pra uma pessoa que disputou Ironman durante tantos anos no dia seguinte acordar e não conseguir segurar uma escova de dente. Esse foi o único caso que eu pedi pra ela explicar o que ela tinha. Porque eu achava... o caso dela, você via ela no pódio com uma medalha de prata, você via o Clodoaldo, o Daniel e a Joana felizes, ela tava emocionada, ela tava assim... com uma sensação de emoção que era a maior que eu tinha visto em todos os Jogos até aquele momento [...] Então foi a única vez que eu entendi que a abordagem de você falar da deficiência da atleta era relevante. Porque era relevante? Porque pra você entender a emoção da atleta, e pra você por um outro lado entender que ela quase não disputou essa parolimpíada por causa dessa doença, e por outro lado pra entender porque ela teve que fazer a reclassificação. Mas de uma forma geral, abordar desempenho e tentar ser o mais didático possível, até porque eu não sou nenhum especialista em natação, se eu não fosse didático eu ia eu mesmo me enrolar.

O relato do jornalista André menciona a necessidade de, por vezes, incluir as histórias da deficiência no relato jornalístico, pois do ponto de vista do conteúdo elas podem ser fatos do contexto esportivo que ajudam a revelar a emoção do atleta e, como no caso do exemplo citado por ele, a explicar uma questão esportiva importante para determinadas situações. Portanto, por um lado, o caso apresentado pelo jornalista demonstra uma justificativa à utilização do drama da deficiência como forma de dar precisão ao conteúdo informativo sobre o esporte e o atleta paraolímpico, inclusive buscando uma possível fidedignidade aos fatos através do que Borelli e Fausto Neto (2002) colocam como um dos critérios básicos do jornalismo (esportivo), a entrevista com a fonte primária, que, no caso do esporte, são os atletas.

Por outro lado, o exemplo apontado por André pode ser um indicativo de como esta pragmática do jornalismo esportivo em buscar as histórias de vida dramáticas dos atletas revela-se como um meio de homogeneização midiática do esporte, em que vemos predominar e imperar na narrativa jornalística o permanente reforço às histórias esportivas com drama, com emoção e, sempre que possível, com os finais felizes. Desse modo, contudo, o jornalismo esportivo e, neste caso, o conteúdo noticioso sobre o esporte paraolímpico, se configura tal qual as narrativas cinematográficas hollywoodianas que, quase como norma, dramatizam o enredo dos filmes para que,

como regra, a trama ficcional chegue ao final feliz. Importante ressaltar que no caso da atleta mencionada pelo jornalista o foco dele não esteve voltado ao final feliz da medalha, mas sim à emoção da história dramática dela que, inclusive apesar do final esportivo feliz com a medalha, faz o prelúdio de uma situação que culminará na morte.

Pires (2002) caracteriza de que modo aparenta configurar-se a verossimilhança e as diferenças entre o discurso midiático-esportivo e outros eventos culturais, como o cinema:

Atualmente, o esporte parece ser o parceiro preferencial da espetacularização na mídia televisiva porque oferece, em contrapartida, o show já pronto. O cenário, o roteiro, os atores, os espectadores e até os (tele) consumidores estão antecipadamente garantidos, o que facilita a sua transformação em produto facilmente comercializado/consumido em escala global. O espetáculo esportivo, em comparação com outros eventos culturais como o cinema e o teatro, certamente apresenta algumas características diferenciadoras, mas é interessante observar como boa parte dessas diferenças agem a seu favor, isto é, contribuem para a sua aceitação e absorção mundializada (PIRES, 2002, p. 90).

Consideramos, a partir desta perspectiva do autor, como o esporte paraolímpico está se configurando como o mais novo parceiro preferencial do espetáculo midiático. Se o esporte, de maneira geral, oferece à mídia “o show já pronto”, o esporte paraolímpico, como visto em relatos de jornalistas e editores supracitados, aparenta entregar ao discurso midiático e jornalístico, além do show, por vezes também o drama já pronto. Além do cenário e dos atores, a manifestação paraolímpica do esporte apresenta aos produtores do espetáculo midiático-esportivo histórias de vidas humanas que, muito mais do que pela condição corporal dos atletas, mas pelas formas como nascem e/ou adquirem as deficiências, ou pelas condições sociais de falta de acessibilidade, de exclusão e de estigmatização em que vivem, são os roteiros ideais e sonhados por qualquer produtor teatral, cinematográfico ou esportivo, como neste caso, para a produção de um espetáculo no gênero do drama.

O relato da jornalista Jaciara – a seguir - reforça o caráter da narrativa sobre as histórias das deficiências como um critério jornalístico de noticiabilidade pautado no apelo que o drama, inerente a muitas delas, tende a promover junto ao público. Ao se pautar por tal critério, assim como também apontado por Pires (2002), o discurso midiático-esportivo sobre o esporte paraolímpico tende a garantir também os seus

espectadores/consumidores, facilitando, assim, a sua expansão como produto a ser comercializado e consumido em escalas cada vez maiores.

JACIARA: [...] assim como no esporte olímpico, você quando cobre uns Jogos Olímpicos ou Paralímpicos você faz... você tem que fazer duas coisas numa matéria. Você tem que contar, tem que mostrar o esporte de alto rendimento, contar as conquistas, mas você tem que contar também as histórias de vida, as histórias humanas dos atletas, sejam eles olímpicos ou paralímpicos. No caso dos Paralímpicos isso inclui contar, explicar a deficiência, contar o porquê, nasceu, foi um acidente, é congênito, é uma doença degenerativa, inclui esse lado é... um pouco mais dramático, vamos dizer assim, pro público que tá do lado de fora, porque pra eles é o dia a dia deles. Isso não é nenhum drama, faz parte da vida deles, mas pro público de fora isso é... ele busca um pouquinho do drama pessoal daquelas pessoas.

Em síntese, evidenciamos este critério de noticiabilidade de produção de notícias sobre os JP, o esporte e os atletas paraolímpicos, pautado eminentemente no drama das histórias de vida dos atletas com deficiência, como elemento característico da cobertura jornalística dessa manifestação esportiva. A utilização de tal critério, entretanto, é uma opção editorial e jornalística que tenta se justificar, primeiro, através do pragmatismo e hipotética objetividade do trabalho de construção de notícias e, segundo, através do fascínio estético que o drama e o sofrimento no contexto esportivo tendem a promover junto ao público consumidor. Todavia este tratamento midiático destinado aos atletas paraolímpicos, que coloca o foco no esporte, mas também no drama das histórias das suas deficiências, revelou-se na fala dos jornalistas como uma forma oportuna da mídia espetacularizar mais uma manifestação do fenômeno esportivo, explorando-a como um novo nicho do mercado midiático-esportivo, dando nova roupagem/embalagem para o mesmo produto a ser entregue ao público. Em suma, o esporte paraolímpico está por tornar-se produto noticioso de dramas da vida humana os quais, sempre que possível, terminam com o final feliz.

3.2.4. Curiosidades do esporte paraolímpico

Um último critério de noticiabilidade sobre os JP que identificamos nos dados recolhidos foi referente ao que os interlocutores do estudo mencionaram, de maneira geral, como curiosidades do esporte e dos atletas paraolímpicos – ressaltando mais uma vez que esta organização não representa necessariamente uma ordem de aferição

quantitativa da utilização destes critérios pelos jornalistas do estudo. Os relatos que registramos nesta seção do estudo caracterizam que, além de se pautar pelos critérios apresentados e discutidos anteriormente, a cobertura jornalística realizada pelos interlocutores do estudo também configurou-se pela construção de uma pauta de notícias que produzisse conteúdo informativo sobre questões como: a história das modalidades e do próprio esporte paraolímpico; a classificação médica e funcional dos atletas; as regras e lógicas de disputa das diferentes modalidades; assim como, mais uma vez, as comparações e diferenciações existentes entre o esporte e modalidades paraolímpicas e olímpicas.

A fala do editor Fred – a seguir – é representativa de como a questão das curiosidades sobre a história do esporte paraolímpico, tal como das modalidades do programa dos JP, tornaram-se um elemento informativo que compunha, entre outros, os critérios de noticiabilidade da cobertura jornalística do megaevento. Como menciona o editor, partindo-se do pressuposto de que o esporte e as modalidades paraolímpicas são desconhecidos do público, a informação histórica sobre a gênese desta manifestação esportiva tornou-se também um conteúdo noticioso que, hipoteticamente, despertaria o interesse do público.

FRED: [...] é legal a gente continuar, até por causa das histórias, e esse é um esporte legal também [o goalball], porque não é um esporte adaptado, é um esporte que foi criado mesmo para os atletas com a deficiência visual, então tudo isso acho que vale tá sendo contado né [...] Por conta disso que eu falei, vamos lá contar as histórias porque além do esporte tem histórias legais. Nesse tipo de pauta você tem histórias legais né [...] como não é um esporte que é tão conhecido né, então pelo menos você explica como que funciona o esporte, principalmente a história dele que é legal, esse fato de ter sido criado depois da segunda guerra mundial, para esses veteranos de guerra mesmo, pessoas que perderam a visão durante a guerra estarem praticando algum esporte.

Neste caso apresentado por Fred, notamos uma configuração diferenciada do critério de produção das notícias sobre o esporte paraolímpico daquela que outrora demonstramos estar concentrada em dimensões objetivas do fenômeno esportivo, ou mesmo nos dramas humanos relacionados às deficiências. Conteúdos históricos do fenômeno esportivo contribuem para constituir o que seria a forma de veicular o esporte em sua inteireza na mídia (BETTI, 2001). Logo, consideramos que a diferença deste para os critérios de noticiabilidade apresentados anteriormente, é que no referido caso se

estaria compondo as notícias com o que seria denominado como informação de interesse público, ou seja, informações que podem esclarecer os consumidores e que podem lhes servir para o exercício da cidadania (VIDAL, 2010) com relação ao âmbito do esporte adaptado e paraolímpico. A título de exemplo para este caso, consideramos que informar e permitir que o público tome conhecimento da história e das nuances do Goalball como modalidade esportiva, criada especificamente para pessoas com deficiência visual, apresenta-se como possibilidade para que outras pessoas com este tipo de deficiência procurem formas de praticá-la na sua cidade, no seu bairro, na sua comunidade, exercendo, assim, o direito social ao esporte, conforme previsto na Constituição Federal de 1988.

Um relato do jornalista Antonio – a seguir - também se apresentou como exemplo da possibilidade de se fazer uma abordagem noticiosa dos JP e do esporte paraolímpico a partir de um critério de noticiabilidade, que procurou unir elementos os quais seriam de interesse do público, com elementos que serviriam ao interesse público. A percepção e a perspectiva apresentadas pelo jornalista reforçam o caráter de novidade que o esporte paraolímpico ainda tem no âmbito da cultura esportiva massiva, mas ao mesmo tempo caracteriza o papel de mediador cultural, que é exercido pela mídia na dimensão da socialização do fenômeno. A mediação cultural da “socialidade”, tal qual aponta Martín-Barbero (2009), é aquela que conecta elementos das matrizes culturais às competências de recepção (consumo). Neste caso, portanto, o jornalismo esportivo estaria se apresentando como um meio de estabelecer e de desenvolver, para os consumidores, novos vínculos culturais e qualificadas possibilidades de consumo em relação ao esporte paraolímpico.

ANTONIO: O critério foi, eu que defini o critério assim. Eu ficava pensando em coisas que eu achava que seriam interessantes. Uma mistura, por exemplo. O primeiro dia eu apostei em explicar como que era o basquete de cadeira de rodas, tinha Brasil e Estados Unidos, eu pensei, "ow, Estados Unidos, no basquete e tal, Estados Unidos", eu pensei em linkar alguns atrativos, juntei o Brasil e Estados Unidos e tentei explicar como era o esporte. Nessa de tentar explicar como era o esporte, também fiz uma matéria assim do Goalball, fiz uma matéria assim do Rugby em cadeira de rodas, que eram esportes pouco usuais, principalmente o Goalball, pra tentar explicar pro leitor assim. Olhando e vendo a experiência mesmo na quadra e contar como era [...] Além da decisão de ouro também, era uma... uma Bocha diferente assim, que também aproveitei pra contar a história de como que era, que era o pessoal com paralisia cerebral, que daí bota na canaleta lá com a vareta, então tinha toda uma peculiaridade. Fui tentando pegar elementos diferentes.

Outro elemento que se evidencia neste relato do jornalista Antonio é a intencionalidade jornalística que ele apresenta ao definir como critério de noticiabilidade a possibilidade de imputar na produção das notícias sobre os JP a experiência de ter acompanhado *in loco* a prática de diferentes modalidades pouco usuais no cotidiano esportivo do país. Este exemplo explicita – como dito em seção anterior do trabalho - a relevância da dimensão da presença (GUMBRECHT, 2010) dos jornalistas na relação com um fenômeno social com o qual a sociedade brasileira pouco convive, inclusive os próprios jornalistas esportivos, conforme identificamos em relatos citados anteriormente.

Para Gumbrecht (2010), existem limites no que as interpretações e os sentidos produzidos por outrem podem contribuir para a compreensão dos diferentes fenômenos e experiências sociais. Segundo o autor, os efeitos de presença, diferentes dos efeitos de sentido, permitem estabelecer uma relação sinestésica e fidedigna com os fenômenos que se pode ver, conviver e até mesmo tocar em uma experiência estética. Dessa forma, é possível se estabelecer e se desenvolver uma descrição e compreensão destes fenômenos que os respeita, inclusive, em dimensões éticas dos fatos ocorrentes.

Destarte, podemos identificar da situação apresentada pelo interlocutor do estudo, os efeitos que a presença do jornalista *in loco* provocou no que foi um modo de qualificação da produção jornalística sobre o esporte paraolímpico. Como apontou Antonio, a cada nova modalidade que ele acompanhava durante a cobertura do megaevento, surgia o interesse e a percepção do quão importante e curioso seria produzir conteúdo noticioso, que colaborasse com informações e especificidades de cada uma daquelas práticas esportivas, sobretudo para a experiência de consumo dos espectadores que não puderam estar presentes na competição.

Assim como Gumbrecht (2010), não estamos negando a relevância dos efeitos de sentido que a dimensão interpretativa dos jornalistas pode ter na abordagem jornalística do esporte paraolímpico, inclusive por ser este também um aspecto definidor do tipo de cobertura noticiosa que eles realizam sobre o fenômeno, por exemplo, se estereotipando-o ou se valorizando sua esportividade e competitividade. Entretanto, neste caso, a curiosidade despertada pela presença do jornalista no dia-a-dia do megaevento foi o elemento propulsor para o estabelecimento do critério de noticiabilidade que se pautou, basicamente, em produzir conteúdo informativo sobre as modalidades, no sentido de que o consumo dos JP se tornasse esclarecedor ao público.

As curiosidades e especificidades do esporte paraolímpico também apareceram como critério de noticiabilidade dos JP em fala do jornalista Ícaro – a seguir. Por exemplo, o jornalista mencionou as peculiaridades das classificações médicas e funcionais do esporte paraolímpico como aspectos necessários para a possibilidade de compreensão dos consumidores sobre a lógica de estruturação e de funcionamento da referida manifestação esportiva. Ressaltamos, ao menos neste caso, como um elemento estruturante do esporte paraolímpico e das competições relacionadas a esta manifestação esportiva – as classificações dos atletas – apresentou-se no critério de noticiabilidade dos JP como aspecto informativo de caráter curioso e complementar para a cobertura jornalística.

ÍCARO: Acho que nessas matérias especificamente, nenhum. Porque elas eram realmente matérias de curiosidade. Assim, explicar a paraolimpíada, explicar coisas diferentes da paraolimpíada. A gente... as minhas matérias eram muito assim de, por exemplo, “ah, vamos explicar as classes... as classes... a classificação dos atletas”. E aí tu vai explicar a classificação dos atletas, não é o tipo de matéria que tu vai inculir nenhum valor, tu não coloca... ela é uma matéria um pouco mais seca assim. Bom, a classificação é feita assim, assim e o processo de classificação é assim. Do número tal ao número tal significa tal deficiência e deu, sabe? Não tem... é uma explicação mesmo. É uma coisa... é uma matéria que poderia até e a gente não fez nenhuma delas, mas é uma matéria que poderia ser feita no formato de perguntas e respostas, por exemplo. “Tudo o que você precisa saber sobre a classificação paraolímpica!”, sabe? Coisas desse tipo. Talvez as matérias que tenham se aprofundado mais tenham sido as do Antonio, que é o principal de uma cobertura, as minhas eram realmente muito mais de curiosidades assim. Eram matérias complementares da cobertura.

A classificação funcional dos atletas paraolímpicos tem se configurado – conforme já mencionado anteriormente – como um imbróglio político, econômico e também esportivo desta manifestação do esporte. Howe (2008) constatou a existência de uma polêmica em torno desta questão das classificações já nos JP de 2004, em Atenas, quando ele identificou que havia um pedido das entidades gestoras e organizadoras dos JP para a mídia evitar adentrar ou pautar notícias sobre o tema durante a cobertura do megaevento. Junto a isso, Marques e Gutierrez (2014) ressaltam que há um movimento de grupos internos das entidades internacionais gestoras do esporte paraolímpico para tentar reduzir o número de classes como forma de tornar, teoricamente, esta manifestação esportiva em um produto do espetáculo esportivo simples de ser

compreendido e, assim, atrativo comercialmente para a mídia, para o público e para as empresas de publicidade. Há também neste contexto um déficit de classificadores capacitados, a partir dos padrões internacionais, para que as classificações funcionais dos atletas garantam o princípio da isonomia durante as disputas e competições mundiais, assim como nos JP (MARQUES; GUTIERREZ, 2014)⁴³. Além disso, atletas relatam que o modelo de classificação funcional possui muitas falhas metodológicas e, por isso, pode ser facilmente burlado, podendo implicar, sobretudo, no resultado final da distribuição dos atletas para as competições (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2012).

Diante do conjunto de polêmicas e imbróglis existentes, como pudemos perceber no relato do jornalista Ícaro, colocar o tema da classificação funcional dos atletas na posição de um critério de noticiabilidade sobre curiosidades complementares à cobertura jornalística do esporte paraolímpico se configura como mais uma evidência de que a mídia está tratando esta manifestação esportiva, assim como faz com todas as outras. Este dado reforça, mais uma vez, que a relação do jornalismo esportivo com o esporte paraolímpico está em correspondência tanto com a tendência à entretenimentização da informação esportiva (PATIAS, 2006), como com o caráter pouco sério do trabalho jornalístico sobre esporte (MARQUES J., 2003; TUCHMAN, 1983) e também com a superficialidade informativa do esporte da mídia (BETTI, 2001). Portanto, consideramos que, no caso do jornalista Ícaro, ao posicionar o conteúdo informativo sobre as classificações funcionais dos atletas paraolímpicos como aspecto curioso da cobertura dos JP, estaria, desta forma, subvalorizando uma dimensão estruturante e explicativa da forma de organização do esporte paraolímpico, tudo isto devido, em grande parte, a uma priorização jornalística das dimensões objetivas do esporte, como resultados e medalhas, e também a uma prioridade dada ao apelo emocional dos dramas das deficiências.

Em outra fala – a seguir - o mesmo jornalista Ícaro também menciona a comparação com o esporte olímpico como uma forma de noticiar as curiosidades do esporte paraolímpico, estabelecendo, inclusive, estes parâmetros comparativos como

⁴³ Durante os JP de 2016 no Rio surgiu uma polêmica sobre a classificação funcional de nadadores ucranianos e chineses que os atletas brasileiros diziam não conhecer de competições anteriores e por isso estavam colocando em dúvida a confiabilidade das classificações daqueles atletas, visto que os resultados e tempos deles estavam se mostrando muito abaixo dos demais durante as finais da competição, garantindo um grande número de medalhas para as duas delegações. Para ver um exemplo da polêmica: <<https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/09/13/ucrania-e-china-estao-jogando-limpo-na-natacao-entende-a-polemica.htm>> Acessado em 04/12/2017.

critérios de noticiabilidade. O relato do jornalista revela, por um lado, que esta é uma estratégia jornalística de tentar utilizar a referência sociocultural que se tem das olimpíadas para explicar nuances da paraolimpíada. Porém, por outro lado, este dado também é sustentador do argumento de Gonçalves, Albino e Vaz (2009), de que o esporte paraolímpico parece precisar permanentemente do seu correlato olímpico para existir na sociedade e na mídia.

ÍCARO: Eu apostava em coisas, em temas que normalmente eram curiosidades, coisas que as pessoas não têm familiaridade com a paralimpíada. Então assim, porque... curiosidades das mais variadas. "Porque que na olimpíada não pode patrocínio e na paralimpíada pode patrocínio?" [...] eu tinha, eu sabia já antes da paraolimpíada, do Marcos Renh, que me chamou atenção que a marca dele era melhor do que o medalhista de ouro olímpico e eu pensei, "ah, vamos fazer uma matéria sobre atletas que... atletas paraolímpicos que competem na olimpíada, ou que assim, tem marcas melhores do que atletas olímpicos, enfim". Então a ideia era achar esses exemplos, é evidente que não têm muitos e tal, mas a ideia era mostrar a título de curiosidade mesmo assim. Essa mesatenista aqui que disputou acho que foi a segunda olimpíada dela e acho que a quarta paraolimpíada.

A utilização da correlação ou comparação do esporte paraolímpico ao olímpico como estratégia de composição do conteúdo jornalístico na cobertura dos JP, assim como fora citado pelo jornalista Ícaro, é um formato que o discurso midiático-esportivo comumente mobiliza para tratar desta manifestação esportiva (FIGUEIREDO; GUERRA, 2004). Sob o ponto de vista da mediação cultural do esporte paraolímpico, realizada pelo jornalismo esportivo neste caso, esta correlação do olímpico com o paraolímpico pode ser compreendida, com base em Martín-Barbero (2004, 2009), como uma mediação técnica operada pela mídia que, de maneira diacrônica, utiliza-se, ou ao menos tenta utilizar-se, de ritualidades e do repertório cultural já existentes nas competências de recepção do público consumidor para encaminhá-los ao produto final em formato industrial que está em pauta, neste caso, o esporte paraolímpico.

Ainda com base na perspectiva das mediações comunicativas da cultura de Martín-Barbero (2004, 2009), inferimos que a mediação técnica operada pelo jornalismo esportivo ao correlacionar o olímpico com o paraolímpico estaria se baseando no que o autor denominou como “gramáticas generativas da tecnicidade”. Segundo o autor, estas gramáticas são uma topografia de discursos movediços que, além de serem advindas das mudanças e atualizações nas lógicas do capitalismo, sobretudo

devido às transformações e ao fetichismo tecnológico insurgentes no século XXI, as referidas gramáticas também provêm “do movimento permanente das intertextualidades e intermedialidades que alimentam os diferentes gêneros e as diferentes mídias, e que são hoje lugares de complexas tramas de resíduos e inovações, de anacronias e modernidades, de assimetrias comunicativas” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 236). Ou seja, a correlação dos olímpicos com os paraolímpicos como critério de noticiabilidade do segundo seria um exemplo de intertextualidade, mobilizada pelo jornalismo esportivo que, não de maneira diferente, é geradora ou potencializadora de assimetrias comunicativas entre as duas manifestações do fenômeno esportivo. Um exemplo disto está no que afirmam Purdue e Howe (2012), de que o esporte paraolímpico, ao se correlacionar com o olímpico, passou a reproduzir valores sociais e esportivos deste, tais como a perspectiva meritocrática dos resultados, a extrema racionalização do desempenho e a excessiva busca pelos records, gerando, assim, prejuízos comunicativos aos seus princípios educativos, tais como as ideias de inclusão, empoderamento e reconhecimento social para as pessoas com deficiência.

Portanto, do fim ao cabo, ainda que relatos dos jornalistas evidenciem haver uma preocupação jornalística com diferentes aspectos e dimensões do esporte paraolímpico que se caracterizem como informação de interesse público, estabelecendo-os como critério de noticiabilidade da cobertura dos JP, esta é uma definição que se mostrou não ser prioritária na perspectiva dos interlocutores do estudo. Além disso, tais informações que serviriam ao esclarecimento do público e, conseqüentemente, servi-lo ao exercício da cidadania em relação ao esporte adaptado e paraolímpico, apareceram como elementos informativos de curiosidades para fazerem a composição complementar da cobertura jornalística dos JP. Assim, conteúdos informativos que se referem a pautas estruturantes da construção histórica e do modo de organização do esporte paraolímpico aparentam ficar à margem daqueles que são os elementos centrais da cobertura do megaevento esportivo, as dimensões objetivas dos resultados e medalhas, e o apelo emocional das histórias dramáticas das deficiências dos atletas. Os dados identificados nesta seção do trabalho são confirmadores, mais uma vez, da ideia de que o jornalismo se configura mais como uma engrenagem do entretenimento midiático-esportivo do que como narrativa informativa e como possibilidade de produção social crítica do esporte, de maneira geral, e do esporte paraolímpico, em específico.

3.3. Os valores-notícia

O processo de produção de notícias, para além das questões estruturais e substanciais que compõem este fazer jornalístico, assim como a definição do lide e dos critérios de noticiabilidade conforme visualizamos até aqui, também é composto por valores que são imputados e veiculados no produto noticioso resultante deste processo. Tais valores, que no âmbito jornalístico são denominados por valores-notícia, podem ser distinguidos dos critérios de noticiabilidade somente do ponto de vista teórico, pois do ponto de vista prático eles estão entrelaçados. Contudo, como mencionado anteriormente, neste trabalho optamos por manter a distinção teórica existente sobre estas duas dimensões do processo de produção das notícias como forma de sermos didáticos na apresentação e discussão dos dados encontrados na pesquisa.

Os valores-notícia podem ser definidos como o elemento jornalístico que caracteriza, de certo modo, o objetivo informativo que os jornalistas, editores e empresas de mídia possuem ao produzir e veicular determinadas notícias sobre determinados assuntos. Em outras palavras, “os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos, relevantes para serem transformados em notícia” (WOLF, 1987, p. 222). No caso desta pesquisa, identificamos junto aos interlocutores do estudo um conjunto de valores-notícia que fundamentaram, de maneira geral, a cobertura jornalística deles sobre os JP. Em uma ordem de priorização demonstrada pelos relatos dos jornalistas, no primeiro lugar identificamos um permanente reforço à perspectiva de se produzir notícias sobre o esporte paraolímpico de modo a explicitar e valorizar a esportividade dos atletas com deficiência; depois, pudemos notar evidências sobre as ideias de superação como valor a ser veiculado na cobertura dos JP.

3.3.1. A esportividade paraolímpica

Em correspondência ao que identificamos e apresentamos como o principal critério de noticiabilidade (resultados e medalhas) mencionado pelos jornalistas para a realização da cobertura jornalística dos JP 2016, o valor-notícia que identificamos como prioritário em falas dos interlocutores do estudo foi o da esportividade paraolímpica. De maneira geral, os dados que explicitamos nesta seção do trabalho revelam que os jornalistas entrevistados procuraram produzir notícias que veiculassem e circulassem a

perspectiva de se perceber e de se olhar os atletas paraolímpicos como atletas de alto rendimento. Além disso, evidenciou-se também que este valor-notícia se configura como uma forma de negação à vitimização e ao “coitadismo” que, conforme aponta Hilgemberg (2014b), a mídia corriqueiramente veicula sobre os atletas com deficiência.

Identificamos a noticiabilidade dos resultados e medalhas como forma de corresponder ao valor-notícia da esportividade paraolímpica em falas dos jornalistas que revelaram ser este o objetivo central da produção jornalística voltada a esta manifestação do esporte. Conforme apontam editores e jornalistas, a cobertura esportiva dos JP precisa/deve ser pensada e produzida assim como qualquer outra competição de esporte de alto rendimento, na qual, normalmente, os personagens ali envolvidos buscam a excelência e, para isso, desenvolvem uma longa trajetória de treinos e dedicação. Uma fala do jornalista Luiz – a seguir - explicita o enfoque jornalístico destinado à dimensão da esportividade paraolímpica.

*LUIZ: Acho que o mais importante do atleta paralímpico é mostrar que ele é atleta e não que ele é deficiente né? Acho que o mais importante é isso, que **apesar da deficiência ele é um atleta de alto nível**, um atleta de ponta, acho que a gente tentou passar essa imagem aí. Acho que é justamente isso. Porque normalmente no texto, o mais importante vem primeiro. Então é meio que... essa é uma coisa escolhida mesmo né. Se eu coloquei a questão do erro médico e do problema da deficiência dela lá embaixo, é porque eu to querendo destacar outras coisas mesmo né. Então, se você pega no texto, o que tá no começo é o seguinte, a performance dela. Então que ela cravou o melhor tempo, ficou com a medalha de bronze, então o mais importante da matéria tá ali, o que é, exatamente aquilo, para destacar o lado desportista dela, o desempenho dela.*

O relato do jornalista Luiz é revelador de como os elementos discutidos anteriormente no trabalho – a estrutura das notícias e os critérios de noticiabilidade – são, em síntese, uma forma de materializar aquilo que se pretendia apresentar sobre o esporte e os atletas paraolímpicos para o consumidor. A perspectiva apresentada pelo jornalista coaduna com o que se sugere nos guias de orientações à mídia, de que o indicado para a cobertura jornalística seria focar nas dimensões e elementos esportivos das modalidades e atletas, tocando somente quando necessário nas denominações e assuntos relacionados às deficiências. De acordo com os guias, abordar o esporte e os atletas paraolímpicos a partir desta perspectiva, configura-se como uma forma de valorizar as suas capacidades e habilidades, em detrimento de focar o relato

jornalístico nas deficiências e limitações deles (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014; PAPPOUS; SOUZA, 2016).

É relevante notar na declaração do jornalista que embora se apresente uma perspectiva voltada à esportividade do esporte e dos atletas paraolímpicos, ele menciona uma expressão comumente utilizada para se referir às capacidades esportivas destes atletas. Ao declarar que “apesar da deficiência, ele é um atleta de alto nível”, o jornalista utiliza um advérbio indicativo da oposição entre as ideias construídas socialmente da pessoa com deficiência, ou seja, uma pessoa ineficiente ou incapaz para as demandas sociais que, ao ser tratada como atleta, automaticamente é associada aos ideais da eficiência corporal e da excelência atlética nos movimentos físicos-cognitivos. Este é um paradoxo que não podemos considerar como exclusivo ou criado pelo interlocutor do estudo, mas não se pode deixar de destacar que, como visto, ele o reproduz.

O primeiro trecho da expressão, o “apesar da deficiência”, introduz o paradoxo entre as perspectivas de deficiência e esporte ao associarmos tal assertiva às ideias de Goffman (2012), de que o estigma de ineficiência e de grotesco, normalmente vinculados às pessoas com deficiências, formam a composição de uma identidade social virtual construída pelos ditos “normais” da sociedade. Isto revela uma construção social que deteriora a identidade destas pessoas. Por outro lado, ao continuar a expressão com: “[...] ele é atleta de alto nível”, o jornalista reforça o estigma da deficiência, colocando-o sob um novo paradigma estereotípico, o *ableism*. Wolbring (2008, p. 253) explica tal conceito de estereótipo relacionado às pessoas com deficiência como:

O *ableism* contra as pessoas com deficiência reflete a preferência pelas habilidades normativas típicas das espécies, levando à discriminação contra elas como "menos capazes" e / ou como pessoas com deficiência. Este tipo de capacidade é suportado pela categorização médica de deficiência e de desvalorização de pessoas com deficiência (modelo médico). Rejeita a "variação do ser", a noção de biodiversidade e a categorização das pessoas com deficiência (modelo social). Isso leva ao foco em "consertar" a pessoa ou impedir que mais pessoas nasçam e ignora a aceitação e a acomodação dessas pessoas em sua variação de ser. O *ableism* também tem sido usado há muito tempo para justificar hierarquias de direitos e discriminação entre outros grupos sociais e excluir pessoas não classificadas como "pessoas com deficiência" [tradução nossa].

Para o autor, a lógica do *ableism* é o reflexo da perspectiva de determinadas estruturas e grupos sociais que correspondem ao determinismo meritocrático do modelo econômico vigente, no qual tende a se valorizar e promover certas capacidades, tais

como: “produtividade e competitividade, em detrimento de outras, como empatia, compaixão e bondade” (WOLBRING, 2008, p. 253). Portanto, a perspectiva de esportividade paraolímpica apresentada pelo jornalista supracitado é um valor-notícia que reforça estigmas relacionados às pessoas com deficiência ao mesmo tempo que posiciona os atletas sob um paradigma de padrões de capacidades e habilidades socioesportivas.

A ideia de uma esportividade paraolímpica voltada aos valores de capacidade e de habilidades socioesportivas dos atletas com deficiência também apareceu em uma declaração do jornalista Vinicius – a seguir. Neste relato, identificamos como o valor-notícia a ser imputado na cobertura jornalística dos JP esteve voltado aos ideais de excelência das pessoas com deficiência.

VINICIUS: Acho que dentro dessa questão dos valores, uma interpretação que tô fazendo agora, não é uma coisa que foi passada pra gente, mas eu vendo agora e pensando na nossa cobertura, acho que um dos principais valores que fica ai é o da excelência. Que às vezes é muito discutida, mas a gente tava mostrando ali que há excelência, que eles são capazes de produzir coisas excelentes. Eles são capazes de fazer algo como pessoas que não têm deficiência também. Isso era muito claro. Que eu mostrasse o trabalho deles, que eu mostrasse o atleta. Então essa era nossa principal preocupação.

Ao mesmo tempo que os ideais de excelência esportiva se configuram, conforme dito anteriormente, como uma forma de valorização das capacidades e habilidades dos atletas e pessoas com deficiência, este valor-notícia associado ao esporte paraolímpico cria novos parâmetros do que é ser capaz para estas pessoas. Ou seja, ao utilizar tais parâmetros como valores-notícia do esporte paraolímpico, o jornalismo esportivo gera uma nova versão do que Coakley (2009) denominou como o império da normalidade. Um império que nada mais é do que o modo de organização da sociedade a partir de determinadas padronizações do que são corpos tidos como normais, aqueles que correspondem a uma modelo anatômico e antropométrico ideal e também a um padrão mínimo de eficiência cognitiva e fisiológica.

No caso do esporte paraolímpico e desta valorização da esportividade, o que se quer dizer é que ao repetir de maneira permanente a perspectiva da excelência esportiva e do alto rendimento relacionados às pessoas com deficiência, pode se elevar as expectativas que a sociedade venha a ter para com elas nas diversas instâncias sociais. O reforço repetitivo deste valor da esportividade pode posicionar as pessoas com

deficiência como se fossem todas iguais e tivessem as mesmas oportunidades/possibilidades que aqueles atletas de desempenhar alguma prática corporal em tão alto rendimento. Nesse sentido, entendemos que ao imputar valores de excelência atlética na construção midiática e social da narrativa sobre o esporte paraolímpico, o jornalismo esportivo retroalimenta a criação de um novo império do que seria ou do que deve ser normal para as pessoas com deficiência.

A estruturação das notícias e o conteúdo que as compõe apareceram em falas dos jornalistas como estratégias determinantes para a veiculação da esportividade paraolímpica como valor-notícia da cobertura dos Jogos. Assim como mencionado pelo jornalista Luiz supracitado, para quem a composição da notícia deve conter primeiro o esporte, depois a deficiência, o relato da jornalista Jaciara – a seguir – explicita como a composição das notícias torna-se fundamental para a veiculação da esportividade como valor-notícia da cobertura do esporte paraolímpico.

LUIZ: Então a escolha é essa mesmo, colocar as informações mais importantes, ou aquelas que você quer destacar, que você entende que são mais importantes no começo, e pro fim, no fim você coloca outras informações que complementam né. Então é uma coisa, isso mesmo, pensada. Para destacar o lado esportista dela, e o lado, a deficiência dela aquilo que falei, bacana a gente citar porque as pessoas têm curiosidade, mas aí vai pro meio do texto, vai pro fim do texto, justamente isso para deixar aquela questão de vitimização em segundo plano realmente. Então é pensado nisso mesmo.

JACIARA: [...] eu acho que tava meio claro que o que a gente queria ali era mostrar o esporte paralímpico, isso que falei antes, que o esporte paralímpico é esporte de alto rendimento, que o esporte paralímpico atrai o interesse do público, que o esporte paralímpico enche estádio, e que o esporte paralímpico é legal [...] É você... embora não esconder as deficiências, não ficar também... isso não foi dito porque ninguém lá, eu que compreendi dessa forma. A deficiência tem que tá ali, ela não tem que ser escondida, mas ela não é o mais importante, o mais importante é que aquele atleta consegue aquele resultado e aquele resultado é impressionante.

O exemplo da fala da jornalista Jaciara é indicativo de que está ocorrendo uma mudança de perspectiva na lógica de veiculação midiática do esporte paraolímpico no Brasil. Ao menos no caso da mídia nacional, até então, os dados do discurso midiático-esportivo acerca dos JP revelam que comumente as notícias, em primeiro lugar, abordavam as deficiências dos atletas, apresentando-os em uma condição de coitadinhos, para somente depois ressaltar as habilidades esportivas deles e, em alguns

casos, alçá-los à condição de heróis (HILGEMBERG, 2014a, 2014b). Nesse sentido, o relato da jornalista Jaciara e dos demais interlocutores apresentados até aqui nesta seção, ao ressaltarem o enfoque primário das notícias nas dimensões esportivas dos atletas, para somente em um segundo momento abordar as suas deficiências, demonstra que, ao menos nestes casos, está em decorrência uma transformação da lógica informativa e da construção social do esporte e dos atletas paraolímpicos, através do conteúdo jornalístico.

O valor-notícia da esportividade também apareceu em relatos dos jornalistas como tentativa de fugir do enfoque nas deficiências e da narrativa da superação na produção das notícias sobre os JP. Nesse sentido, ficou aparente que a ideia de esportividade paraolímpica como valor-notícia pode funcionar como uma antítese das ideias de superação e de vitimização das pessoas e atletas com deficiência, as quais, comumente, são veiculadas e reproduzidas pela mídia. Como observaremos nos relatos dos interlocutores do estudo a seguir, a mobilização do que se entende por esportividade paraolímpica como valor a ser veiculado, baseia-se, estritamente, em uma concepção de que os JP precisam ser noticiados pelo fato esportivo que representam, ou seja, pelos resultados, pelos feitos atléticos, pelas trajetórias de dedicação e treinamento dos atletas, mais do que pelo que estes personagens tenham vivido ou enfrentado em outros momentos das suas vidas. A fala do jornalista Antonio – a seguir – exemplifica tal modo de compreender a esportividade paraolímpica como valor-notícia de antítese aos ideais de superação.

ANTONIO: Eu não usei muito não, eu não fui muito assim nessa questão, porque... essa questão da superação fica muito batido, talvez até clichê de todo atleta paraolímpico, assim como o olímpico já é uma superação né, já é uma superação. Entã, eu não batia muito nessa tecla não, expliquei mais como era mesmo, se o cara tinha ganhado, tipo o Tenório, foi o quinto pódio seguido, mas mais pela questão de ter 40 anos, como seria um atleta olímpico com 40 anos e tá lá no quinto pódio seguido é um feito. Claro, que por ele ser deficiente visual talvez teve muito mais dificuldade, mas eu não entrei muito nessa questão. Até porque aquele mundo paraolímpico e ele tava competindo com todos, todos eram dessa mesma situação. Tentei olhar mesmo pro esporte assim, não fui, mas claro, as histórias... tinham muitas histórias, principalmente quando eles começam... de superação, de dificuldade pra treinar, claro, é outra realidade.

Para o jornalista, ao focar nos feitos esportivos do atleta e não adentrar nas particularidades e dificuldades enfrentadas por ele devido à deficiência, ele estaria

preservando uma forma de equiparação de condição entre os competidores ali presentes no contexto do fato esportivo. Esta forma de construir a notícia sobre os JP, por exemplo, poderia ser um modo de solução - ou de amenização - dos problemas relacionados às diferenças de sentimento de empoderamento entre os atletas com deficiência participantes deste megaevento esportivo, conforme aponta o estudo Purdue e Howe (2012). A narrativa jornalística, ao particularizar as histórias dos atletas vitoriosos, alçando-os, muitas vezes, à condição de super-heróis, posiciona os demais, derrotados, na condição de vilões. Desse modo, a mídia ratifica o desempoderamento que, de acordo com um dos entrevistados de Purdue e Howe (2012), um atleta paraolímpico que não conquista medalhas sente ao término das suas participações nas competições.

A tentativa de equalização da condição dos atletas paraolímpicos através do enfoque na dimensão esportiva por parte do jornalismo se configura, assim como ocorre no esporte olímpico, como mais uma forma de veiculação do discurso que reproduz o mito do esporte na modernidade relacionado à igualdade de chances entre os atletas e equipes. Sob esta ótica, ao revelar uma busca permanente e centrada na esportividade paraolímpica como valor-notícia a ser veiculado na cobertura dos JP, o jornalismo esportivo desconsidera ou omite determinantes e condicionantes sociais, políticos e econômicos que influenciam diretamente na conformação cultural que o esporte, neste caso o paraolímpico, venha a ter na sociedade e nas chances de disputa e vitória que os diferentes atletas e equipes podem alcançar. Assim, pode-se estar desconsiderando que nascer e crescer com uma deficiência ou adquiri-la no Brasil, na América Latina e na África, é diferente de passar pelas mesmas situações em países ou regiões desenvolvidas, como América do Norte e Europa.

A ideia de compreensão da esportividade paraolímpica como antítese das ideias de superação também apareceu em falas do editor Fernando e do jornalista Jorge. Como podemos visualizar a seguir, o editor demonstra que houve uma mediação do CPB neste sentido, como forma de se evitar o discurso da superação e também demonstra ter uma percepção de que nem mesmo os atletas gostam da narrativa pautada no valor da superação. O jornalista Jorge, por sua vez, reforça a percepção de que o foco jornalístico destinado ao valor da esportividade paraolímpica configura-se como uma estratégia de antagonizar o paradigma do coitadinho em relação aos atletas com deficiência.

FERNANDO: É, eu acho que foi uma transmissão esportiva como qualquer outra, até porque a gente teve algumas reuniões com o Comitê Paralímpico e essa história de superação, de super atletas, já não é um negócio que cola, que nem os próprios atletas se sentem como, ah, coitado, eu tenho uma deficiência, ah eu tenho problema, não, eu sou atleta, eu sou atleta paralímpico, mas eu sou atleta. Então a gente não deu muita ênfase a isso não. Não. É claro, em alguns momentos a emoção falava mais forte e saía alguma coisa, mas eu não acho que teve uma preocupação de criar esses valores e evidenciar determinados valores.

JORGE: Assim, são dois pontos básicos nesse sentido. A gente pretendia que o público entendesse que o esporte paralímpico, volto a bater nessa tecla, a gente pretendia que o público terminasse a parolimpiada e o público tivesse a consciência de que são atletas de alto rendimento, de que não são coitadinhos que estão ali, que o Petrucio Ferreira corre 10 e 53 e que não é qualquer espectador de arquibancada que vai correr 10 e 53, que ele treinou 3, 4 anos durante esse ciclo muito, muito, como qualquer atleta olímpico. Então a gente gostaria e a gente atingiu o ponto de que as pessoas entendem hoje melhor de que se tratam de atletas que se dedicam, que são... que são acima da média naquilo que fazem, que são de altíssimo rendimento. Esse é o número um.

Os relatos de ambos os interlocutores do estudo acerca de suas experiências pessoais são diferentes da tendência que existe, de acordo com Marques R. (2016), de a mídia secundarizar a dimensão esportiva dos JP, do esporte e dos atletas paraolímpicos em prol de focalizar o discurso midiático nas narrativas de superação das deficiências. Nesse sentido, como o produto jornalístico não fez parte do recorte deste estudo, não temos evidências nem de que se tenha mesmo priorizado a esportividade paraolímpica nas notícias produzidas, nem também de que modo isto ocorreu. Porém a declaração do editor e do jornalista apresentam um entendimento sobre o processo de produção de notícias acerca do fenômeno paraolímpico, que supera o modelo de narrativas sensacionalistas voltadas às deficiências. Segundo Marques R. (2016), o enfoque nas deficiências funciona como um obstáculo imposto pela mídia para a promoção do discurso de inclusão social das pessoas com deficiência através do, e no, esporte, pois subvaloriza as capacidades e habilidades atléticas destas pessoas. No caso apresentado pelos interlocutores do estudo, a perspectiva é exatamente contrária. Eles ressaltam a necessidade de valorizar e reforçar a concepção de que os atletas presentes naquele contexto do esporte paraolímpico são pessoas com deficiência capazes de agir e de desempenhar práticas corporais nos mais altos níveis de rendimento do corpo humano.

A fala do editor Fernando que reforça o enfoque jornalístico específico no valor-notícia da esportividade paraolímpica com a justificativa de que os atletas, de maneira generalista, não gostam do tratamento midiático a partir das histórias de superação, simplifica uma falta de consenso que existe entre atletas com deficiência. De acordo com Marques R. et al. (2014, 2015), há uma parte de atletas que acham interessante a abordagem midiática das histórias de superação, pois compreendem que esta pode ser uma forma de eles inspirarem outras pessoas com deficiência a buscarem a prática esportiva. Todavia também existem atletas que preferem ser veiculados a partir dos seus feitos esportivos, sendo tratados como atletas e não como pessoas com algum tipo de deficiência. Nesse sentido, o enfoque hegemônico na esportividade paraolímpica pode se configurar como um elemento gerador de desconforto na relação que venha a se estabelecer entre jornalistas e atletas para a produção do discurso jornalístico, visto que, a depender da ocasião, o atleta pode sentir-se incomodado com o ocultamento ou mesmo esquecimento da história sobre a sua deficiência que, conforme apontam Buysse e Borcharding (2010), também é parte importante da identidade corporal destes atletas.

Por fim, um dado que identificamos em relatos dos jornalistas é, mais uma vez, que a decisão do enfoque no valor-notícia da esportividade paraolímpica pode, por vezes, ter surgido a partir da subjetividade de cada um dos jornalistas nas percepções da convivência e das experiências vividas com pessoas com deficiência. Além disso, também pudemos identificar a influência e a mediação do CPB no processo de orientação editorial para o desenvolvimento da cobertura jornalística dos JP com este viés esportivizado. A fala da jornalista Sara – a seguir – ressalta a percepção dela própria e a decisão jornalística que ela tomou, negociada com o editor responsável, de não reproduzir o discurso do coitadismo e focar na dimensão esportiva do fenômeno. Diferentemente, o relato do jornalista Vinicius – a seguir – revela a intervenção do CPB no interior da redação do jornal, de modo a ser adotado como perspectiva editorial o valor-notícia da esportividade em detrimento do discurso da superação. A fala do editor Martins – também a seguir – reforça a preocupação e a tentativa de mediação que o CPB procurou realizar durante o dia-a-dia da cobertura dos Jogos.

SARA: Não, não recebemos nenhuma orientação assim, o que a gente faz aqui no esporte é meio que já discutir antes. Por exemplo, é que daí acho que é muito o lado do repórter mesmo. Eu não gosto de fazer a pessoa de "ah, coitada, é deficiente", não, eu nunca quis escrever dessa forma [...] Uma coisa que eu nunca quis passar e uma coisa que eu discuti, falei pros meus editores, não vou falar muito disso porque

eu acho que é coitadismo, acho que tem que valorizar as conquistas, uma coisa meio discutida antes da pauta.

VINICIUS: Olha, foi orientação da empresa. Orientação nossa desde quando a gente começou a fazer esporte paralímpico. Veio dos chefes e era uma ordem mesmo. Não sei o quanto é da empresa ou dos chefes, mas veio assim, “olha, vai ter puxão de orelha se cair nesse discurso e tal, o que a gente tá fazendo é alto rendimento, é pra tratar os caras como atletas de alto rendimento, que é o que eles são!”. Assim, o pessoal do CPB reforçou isso no dia que eles tiveram lá pra dar a palestra e dar a orientação. Então veio orientação da chefia bem clara quanto a isso.

MARTINS: É, tem dois lados do que a gente aqui sempre tem uma preocupação de valorizar o alto rendimento. Da gente derrubar aquela ideia de um certo preconceito de que é... não é esporte de alto rendimento só porque é praticado por pessoas com deficiência. Então, sempre foi a preocupação nossa de tentar evitar aquele coitadismo né, uma... que as pessoas tentassem explorar mais o lado de, “ah, olha só que...” da superação, da vítima... claro que a gente via isso acontecer em alguns programas de TV e nem sempre consegue evitar.

O que extraímos como indicativo desta seção do trabalho é que, a partir dos dados recolhidos e discutidos aqui, há um esforço jornalístico - ao menos dos meios de comunicação que os nossos entrevistados estavam envolvidos - em voltar o enfoque da cobertura do esporte paraolímpico às suas dimensões e valores esportivos. Nesse sentido, identificamos que os jornalistas esportivos compreendem que a esportividade paraolímpica funciona como uma narrativa antítese da ótica tradicionalmente veiculada sobre as histórias de superação e de vitimização dos atletas com deficiência. Por conta disso, quase como uma estratégia jornalística de negação ao que estava posto, ao que se fazia e ao que se reproduzia sobre o esporte paraolímpico na mídia, até então, os jornalistas esportivos parecem estar enfocando e enquadrando cada vez mais de maneira específica a produção de notícias no valor da esportividade paraolímpica, omitindo e, por vezes, atravessando percalços e dissensos não resolvidos entre os próprios atletas que são os personagens protagonistas deste contexto. De tal modo, podemos considerar que, com uma forte presença e interferência do CPB, o esporte paraolímpico no Brasil aparenta passar por um processo de midiaticização que, concomitantemente, procura reforçar uma ideia de esportivização dele no contexto do espetáculo esportivo nacional.

3.3.2. A superação da deficiência como meio de inspiração e de exemplo a ser seguido

Outro valor-notícia relacionado à cobertura jornalística dos JP que registramos em falas dos interlocutores do estudo foi a narrativa de superação em torno das histórias de vida dos atletas com deficiência. Contraditoriamente ao que identificamos e apontamos na seção anterior do trabalho, em que os jornalistas demonstraram ter o valor da esportividade paraolímpica como forma de negação e de antagonismo ao discurso da superação, do coitadismo e da vitimização, em diversos momentos também obtivemos indicativos de que esta mesma narrativa da superação é mobilizada por jornalistas na produção das notícias como meio de inspiração e de exemplo a ser seguido pelo público consumidor do esporte paraolímpico. Este valor-notícia mostrou-se em correlação direta com o critério de noticiabilidade do drama já pronto que apresentamos em seção anterior do trabalho, no qual os jornalistas demonstraram ter, nas histórias trágicas e dramáticas das deficiências, um conteúdo definidor da transformação ou não do fato esportivo paraolímpico em notícia.

Uma das características da utilização da narrativa de superação como valor-notícia da cobertura dos JP foi que interlocutores do estudo justificaram esta abordagem como uma oportunidade jornalística de se contar histórias de vida impensáveis, inusitadas, configurando-se, assim, como um insumo interessante, ou seja, que pode despertar o interesse do público para o jornalismo esportivo paraolímpico. Como podemos perceber na fala do editor Fred – a seguir – a mobilização da narrativa de superação como valor-notícia obedece a mesma lógica que se aplica às demais manifestações do esporte, tais como o futebol e o esporte olímpico.

FRED: É legal o caso da Rafaela Silva porque a gente pode até fazer um paralelo com a questão da Paralimpíada. Porque às vezes fala assim, "ah, quando é atleta paralímpico se dá muito mais ênfase na vida pessoal, trajetória da pessoa". Mas, por exemplo, isso depende muito da oportunidade de história que você dá para o jornalista contar essa história. Porque a Rafaela Silva é um prato cheio para a gente contar a história dela também. Tanto que eu lembro que fechei, não lembro, acho que fechei quase uma página só da Rafaela Silva. É fechei uma página da Rafaela Silva sim. Assim, tinha matéria principal que era da conquista dela, mas aí tinha dois boxes que era só sobre a vida dela, como era a vida dela, superação da questão do racismo, que ela teve na internet. A questão de onde ela saiu também, ela é uma menina que saiu da favela, entendeu? Isso pode aparecer assim, "ah tá, apoio ao próprio preconceito", mas não sei, é contando a trajetória da pessoa que, obviamente, teve que superar muito mais coisa para chegar a ser medalhista de ouro [...] Então você ver, querendo ou não, quando você tem uma história que nem a da Rafaela Silva, nesse caso, sendo paraatleta ou sendo atleta obviamente isso vai ser contado, aí a imprensa vai explorar isso bem,

até porque é natural, faz parte do trabalho contar essa história e quando a história merece é contada [...] outra história dessa Paralimpíada que é impossível você não contar é tipo, por exemplo, do Alex Zanardi né. O cara era piloto da Indy, foi num acidente dentro da categoria dele, perdeu as duas pernas e ai... e ai é meio complicado, porque por exemplo, é... é muito repetitivo esse negócio de superação, virou um clichê dentro principalmente da Paralimpíada. Virou um clichê. Mas no caso do Alex Zanardi, o que você vai usar para contar a história dele se não for superação. O cara é um baita piloto, vencedor, campeão, tudo, passa tudo que passou, aí o cara volta agora na Paralimpíada e ganha duas ou três medalhas de ouro. Então, é um exemplo também para todo mundo.

O relato do editor evidencia como as histórias de superação de obstáculos nas vidas pessoais de atletas configuram-se como um elemento oportuno para a transformação dos fatos esportivos em notícia a ser produzida, veiculada e vendida. O exemplo citado pelo interlocutor do estudo sobre a atleta olímpica do judô brasileiro, Rafaela Silva, caracterizado como caso semelhante ao exemplo da história do atleta paraolímpico de paraciclismo italiano, Alex Zanardi, reafirmam que a abordagem midiática do esporte paraolímpico está mesmo seguindo padrões jornalísticos aplicados a outras manifestações esportivas, assim como apontam Gonçalves, Albino e Vaz (2009). No relato, o editor justifica tal abordagem da superação como obrigatoriedade e parte inerente ao fazer jornalístico contar estas histórias. Dessa maneira, mais uma vez, o editor sustenta-se na pragmática do jornalismo (CHAPARRO, 2007) para validar a veiculação da narrativa de superação como valor-notícia do esporte, de maneira geral, e do esporte paraolímpico, como se este elemento fosse um aspecto e uma perspectiva inevitável do processo de produção de notícias sobre o fenômeno esportivo.

O próprio editor reconhece que a narrativa da superação associada ao esporte paraolímpico transformou-se em um clichê, mas ressalta o caráter inevitável de receberem tal abordagem que determinadas histórias de superação na vida e no esporte possuem. Esta característica, no caso do esporte paraolímpico, talvez se configure como um valor-notícia, que faça despertar maior interesse midiático ao longo dos anos, pois para além de corresponder à pragmática do jornalismo esportivo, como também podemos visualizar em fala do editor Rodrigo – a seguir - as histórias de superação configuram-se como um insumo ideal para a mídia esportiva colocar em prática modos tradicionais de agir com relação ao fenômeno esportivo, tais como operar com a falação esportiva, elegendando ídolos, dramatizando e construindo heróis (BETTI, 2001).

RODRIGO: A gente... a gente, daqui, valores jornalísticos e, no caso específico dessa cobertura, os valores humanos e de superação, e de falta de apoio, enfim, todas essas coisas vinham à tona ao você cobrir esse tipo de evento [...] Interessantes também. E a emoção também né, porque é uma cobertura recheada de emoção. Ela é uma cobertura que toca, então é muito fácil de fazer o jornalismo paralímpico né? Entre aspas. Muito fácil, do ponto de vista que se você não for um bom jornalista nada é fácil. Qualquer cobertura fica difícil. Se você é um bom jornalista, quer melhor insumo do que esse pra você trabalhar. O que é o principal que eu julgo no jornalismo e, principalmente, no jornalismo esportivo, contar boas histórias. Contar as histórias de forma interessante, e os insumos disponíveis junto ao paraatleta, eles são... criam até uma dificuldade de você selecionar o que é interessante, fazer a curadoria do que é mais interessante.

A questão que se apresenta a partir da declaração do editor é a retomada do que seria, em síntese, a função do jornalismo (esportivo): contar boas histórias ou produzir conteúdo informativo para o seu consumidor, leitor, telespectador, cidadão? Sem a pretensão de pré-definir respostas para tal questão, que pode se considerar simplista, tal tendência a se concentrar na contação de histórias individuais de superação do jornalismo esportivo configura como mais uma das estratégias jornalísticas relacionadas ao esporte de sobreposição das dimensões do entretenimento à informação esportiva. É um modo de operar que se desdobra no que vem se caracterizando como uma narrativa jornalística do esporte que transforma ídolos esportivos em heróis (SANTOS; MEZZARROBA; SOUZA, 2017).

Pires (2002) disserta que a característica da mídia esportiva brasileira em concentrar suas atenções, muitas vezes, na história de um único personagem dos fatos esportivos pode estar relacionada ao fato de que, olhado sob um enfoque histórico-cultural, o discurso midiático-esportivo:

[...] se insere no próprio processo civilizatório latino-americano, de origem ibérica, pautado pela personificação dos fatos históricos, o que faz com que sejamos um continente de muitos heróis, cultuados como ‘conquistadores’, ‘libertadores’ etc., e um número infinitamente maior de coadjuvantes solenemente ignorados (PIRES, 2002, p. 98)!

A partir desta perspectiva, podemos considerar que a utilização das histórias de superação individuais dos atletas paraolímpicos, tal como dos olímpicos ou futebolistas, como valor-notícia ou nas palavras do editor supracitado, como insumo jornalístico para a cobertura dos JP, nada mais é do que a reprodução de uma narrativa de tendência

histórico-cultural do país pela construção e culto a heróis. Aquilo que é caracterizado pelo próprio editor como uma abordagem de valores humanos de superação inerentes ao contexto socioesportivo de atletas paraolímpicos, reitera a tendência do enquadramento midiático-esportivo em personificar a sua produção jornalística. Esta é uma característica que foi identificada também na cobertura telejornalística dos Jogos Olímpicos de Londres/2012, tanto nas notícias veiculadas sobre a seleção brasileira de futebol, em que se identificou o foco predominante nas figuras de Neymar Junior e Alexandre Pato (FERMINO et al., 2015), como também nas notícias sobre o encerramento dos Jogos de Londres, em que o foco esteve em atletas medalhistas da delegação brasileira, tais como Robert Scheidt e os irmãos Falcão do boxe (POFFO et al., 2015).

Não obstante, Marchi Júnior (2001) também descreve a recorrente utilização dos personagens na narrativa midiática sobre o esporte, esta que tem no enfoque do ídolo esportivo uma forma de tentar desenvolver uma identificação dos consumidores com a referida manifestação esportiva. Segundo o autor:

Comumente, à mídia é atribuída a função de aproximar os leitores e telespectadores dos eventos esportivos aos principais personagens que compõem o espetáculo esportivo, ou seja, os atletas. Esses, por sua vez, transformam-se rapidamente em ídolos e transmissores de mensagens e estereótipos, dotados de um potencial de consumo enraizado na cultura esportiva de massas (MARCHI JÚNIOR, 2001, p. 139).

Ao mobilizar as histórias de superação de obstáculos na vida dos atletas com deficiência como valor-notícia da cobertura jornalística dos JP, o jornalismo esportivo está, portanto, não só transformando estes personagens em ídolos/heróis, mas também em transmissores de mensagens e/ou meios de inspiração para os consumidores. A inspiração surge também como um desdobramento desse valor-notícia paraolímpico, baseado nas histórias de superação, pois busca se legitimar a partir do próprio discurso do IPC, como entidade gestora internacional dessa manifestação esportiva, que tem entre suas diretrizes e objetivos principais a pretensão de inspirar a sociedade e as pessoas com deficiência a praticarem esportes a partir do exemplo dos atletas paraolímpicos (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2015).

A possibilidade de inspirar o público com a produção de notícias sobre os JP voltada para as histórias de superação evidenciou-se, fortemente, em relatos dos

interlocutores do estudo. As falas dos jornalistas Luiz e Philippe – a seguir – exemplificam esta concepção de que a mobilização do valor-notícia da superação é um potente meio de inspiração para a sociedade e para as pessoas com deficiência.

LUIZ: [...] Então acho que isso é bacana, porque acho que isso é um processo de superação que a pessoa teve né, para sair ali de um lugar comum e ai ir para a prática esportiva e chegar ao alto rendimento, alto nível, então acho que esse poder de superação, isso é bacana ter no texto, porque serve justamente para aquela coisa de inspirar outras pessoas e para mostrar que é possível né? Normalmente o esporte de uma forma geral tem essas histórias de superação, até no esporte olímpico normalmente a vida do atleta normalmente é muito mais difícil do que as pessoas de fora pensam né? Para chegar lá em cima teve que... e acho que o Paralímpico a superação é ainda maior. Então acho que esse é um ponto que a gente as vezes procura porque acho que vale a pena ressaltar isso.

PHILIPPE: Pra mim o grande valor é a superação. A superação do atleta e ele servir como uma referência pra outros, outras pessoas com deficiência. Isso pra mim é o grande valor dessas histórias.

Tomar o espetáculo esportivo como fonte de inspiração para a transformação de questões gerais da sociedade, ou mesmo para o incentivo à prática esportiva, assim como indicam os jornalistas em seus relatos, ainda hoje é uma perspectiva inconclusa nas análises sobre a questão. No contexto da edição dos Jogos de Londres/2012, que tinha como lema central, “*Inspire a generation*”, ou em tradução livre, “Inspirar uma geração”, Pappous e Hayday (2015) identificaram que houve um aumento geral na taxa de adesão entre os anos de 2007 e 2013 dos interessados em praticar duas modalidades esportivas não tradicionais na Grã-Bretanha – Judô e Esgrima. Porém os autores apontam que existe um conjunto de ações e dinâmicas organizacionais, para além da visibilidade midiática, que são variáveis determinantes para se alcançar tal feito de inspiração a partir da promoção de megaeventos esportivos, como os JO e JP. Nesse sentido, consideramos o caso apresentado pelos jornalistas supracitados em relação ao uso das histórias de superação como valor-notícia com o objetivo de inspirar outras pessoas, no mínimo, como uma forma de dramatizar (BETTI, 2001) e entreter e informar o conteúdo informativo (PATIAS, 2006) do esporte (paraolímpico), tomando como base uma justificativa especulativa e incerta de inspiração do público consumidor.

A perspectiva apresentada pelos jornalistas Luiz e Philippe reitera a ideia de que a narrativa da superação como valor-notícia, para além de inspirar, também pode servir como exemplo a ser seguido pela sociedade. Entretanto, como afirmam Gonçalves,

Albino e Vaz (2009), ao reproduzir esta concepção de narrativa heroica de superação dos obstáculos da vida e das deficiências no contexto do esporte paraolímpico, tomando-os como exemplos de comportamento, a mídia esportiva parece ignorar o fato de que muitos dos atletas ali presentes podem ter adquirido a deficiência e alcançado o alto patamar esportivo paraolímpico devido a um ato ilícito, como um acidente de trânsito, causado por ingestão de bebida alcoólica ou pela fuga e troca de tiros com a polícia após cometer algum tipo de crime. Nestes casos, por exemplo, no mínimo é um equívoco a utilização do valor-notícia das histórias de superação das deficiências como fonte de inspiração e exemplo a ser seguido socialmente.

Tal narrativa jornalística, que tem como valor-notícia a superação, a inspiração e o exemplo a ser seguido através das histórias de vida dos atletas com deficiência, tende a conduzi-los de uma condição de coitadinhos e vítimas das suas deficiências a uma condição de super-heróis (HILGEMBERG, 2014b). No contexto do esporte paraolímpico, a narrativa do atleta com deficiência, construído como super-herói é denominada de *supercrip*. O *supercrip*, ou em tradução livre, o superaleijado, seria um modelo narrativo que a mídia comumente veicula sobre o esporte paraolímpico que, de maneira sensacionalista, tende a contar a trajetória esportiva dos atletas com deficiência a partir das dificuldades e limitações encontradas por eles, devido às suas condições físicas, sensoriais e/ou cognitivas (HARDIN; HARDIN, 2004; SILVA; HOWE, 2012).

Além de não existir um consenso entre os próprios atletas acerca da abordagem do *supercrip* que a mídia faz deles mesmos, pois alguns a acham positiva e outros acham-na negativa (HARDIN; HARDIN, 2004; MARQUES R. et al., 2014, 2015), Silva e Howe (2012) ressaltam que há uma ambiguidade inerente a este modelo narrativo que o torna problemático. Segundo os autores, a narrativa do *supercrip*, ao mesmo tempo que pode se configurar como uma abordagem midiática que gera reconhecimento social para as pessoas com deficiência, tornando visível a possibilidade de estas pessoas lograrem êxito na vida e no esporte, também pode revelar a baixa expectativa que se tem para com a participação e contribuição social destas pessoas, funcionando como a criação de um modelo de comportamento e de realização social para as pessoas com deficiência. Isto, de acordo com os autores, pode ser problemático, pois tal modelo pode se tornar um meio de pressão social para aquelas pessoas com deficiência que, por diferentes motivos e condicionantes sociais, não possam tentar o sucesso esportivo ou mesmo que não consigam tamanho êxito.

Como contraponto a esta perspectiva dos jornalistas de mobilização das histórias de superação como valor-notícia na cobertura jornalística dos JP e do esporte paraolímpico, o jornalista Jorge, do CPB, demonstrou uma preocupação e cuidado institucional da entidade em tentar evitar a narrativa da superação. Conforme podemos observar em seu relato a seguir, a instituição procurou realizar um trabalho de mediação comunicativa junto aos jornalistas e mídias que participaram da cobertura dos JP, de modo a desmitificar a narrativa da superação em torno dos atletas e do esporte paraolímpico, tentando direcionar o enfoque midiático, mais uma vez, aos aspectos esportivos do fenômeno.

JORGE: Acho que são coisas distintas. A abordagem da superação é algo que a gente combate. A gente quer mostrar que se superar eu também me supero no dia a dia. Não é porque eu sou deficiente que eu estou me superando, eu me supero também. A questão dos super humanos que o Channel 4 quis passar, na minha opinião, é algo diferente, que é algo ali de que são pessoas capazes de feitos extraordinários. São pessoas capazes de feitos que nós, humanos normais não somos capazes, entendeu? É diferente de você dizer que ele está se superando simplesmente porque ele está competindo com uma deficiência. Então, mas a questão da superação é algo, sem dúvida, que a gente combate né? Eles não tão lá se superando só por estarem competindo. Eles estão se superando como qualquer um de nós se supera no dia a dia. Não é porque eles são deficientes e praticam esporte que eles estão se superando.

Ainda que a fala de Jorge revele que o jornalista do CPB também compreende os feitos esportivos dos atletas paraolímpicos como feitos extraordinários, concordando com a representação destes atletas como super-humanos ou *supercrrips*, a posição apresentada por ele quanto à utilização da superação como valor-notícia da cobertura dos JP é de contra tendência ao que pudemos visualizar na perspectiva dos demais jornalistas até aqui. Este dado reforça o papel de mediação comunicativa institucional que o CPB e os seus profissionais de comunicação dizem ter realizado durante a cobertura jornalística do megaevento paraolímpico. Uma mediação institucional da entidade que não procurou cercear a liberdade de expressão do jornalismo esportivo – como normalmente é julgada qualquer tipo de intervenção ou orientação que se procure fazer no trabalho jornalístico - mas sim uma mediação que se mostrou somente preocupada e atenta às demandas esportivas paraolímpicas na aproximação e na relação que se estabeleceu com a mídia durante a competição.

Destarte, os achados da pesquisa, apresentados e discutidos nesta seção do trabalho, nos permitem sintetizar que a cobertura jornalística dos JP e do esporte paraolímpico, ainda que tenha se mostrado preocupada em veicular o valor-notícia da esportividade paraolímpica – conforme visto na seção anterior - também se utiliza da narrativa da superação como valor-notícia para incutir sentimentos de inspiração e parâmetros de exemplos a serem seguidos pelo público em relação aos atletas com deficiência. Além disso, destacamos, mais uma vez, a proatividade do CPB e dos seus profissionais de comunicação em manter o movimento de mediação comunicativa do esporte paraolímpico junto aos jornalistas esportivos como forma de preservar os valores esportivos da referida manifestação esportiva.

APONTAMENTOS FINAIS

Não diferente da diversidade de espaços e tempos pelos quais passou esta tese ao longo dos quatro anos em que ela foi formulada, mais do que uma leitura conclusiva sobre o tema e o objeto de estudo a que nos propomos investigar, ela nos permite apresentar diferentes pontos de vista que encerram este processo de doutoramento, mas que não nos permitem fechá-la como um livro que acaba. Pelo contrário, estes pontos de vista que apresentamos aqui abrem novos horizontes para pesquisas futuras.

A tese começou em Curitiba (Paraná), com inúmeras idas e vindas a Aracaju (Sergipe) e a Florianópolis (Santa Catarina). Ela passou por um estágio de quatro meses em Valência (Espanha) e, enfim, vem ao mundo na Praia do Campeche, em Florianópolis. Assim, no momento que seria de apresentar sínteses conclusivas e/ou considerações finais da tese, nos propomos a tecer comentários e indicar caminhos os quais, mais do que serem tomados como a verdade absoluta acerca do universo estudado, pode e devem ser vistos como inquietações, questionamentos e problematizações que ainda continuam a nos perseguir – autor e leitor – ao fim deste processo.

Os Jogos Paralímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, contexto de realização desta investigação, tiveram sua cerimônia de abertura como palco de uma das primeiras aparições públicas do então representante da República, Michel Temer. O presidente do país, naquele momento diplomático-esportivo internacional, foi vaiado pelo público presente no estádio do Maracanã incontáveis vezes⁴⁴. Em paralelo, houve uma série de manobras midiáticas e cerimoniais para evitar ao máximo a exposição e a veiculação da imagem dele no telão do estádio. Não obstante, ainda que a transmissão oficial tenha mantido as suas aparições nas imagens que chegaram aos televisores de todo o mundo, esta situação demonstra não só a impopularidade do presidente. As manobras midiáticas e políticas também evidenciam como o esporte paraolímpico adentrou de vez o *hall* das manifestações esportivas midiáticas e espetacularizadas, operando sob as lógicas de edição e construção de uma realidade relativamente autônoma, tal como do telespetáculo esportivo. Isto por si só ratifica a pertinência do desenvolvimento de

⁴⁴ Ver informações sobre as situações de vaia sofridas pelo presidente golpista, Michel Temer, em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/09/1811196-organizacao-tenta-poupar-temer-mas-presidente-e-vaiado-de-novo-no-maracana.shtml>. Acessado em 22/12/2017.

estudos como o que nos propusemos a realizar nesta tese e a necessária continuidade deles.

Em um contexto de investigação em que há um lastro de pesquisas e de conhecimento sendo produzido sobre **o que** a mídia e os seus produtores/comunicadores sociais/jornalistas/trabalhadores veiculam acerca do esporte e dos atletas paraolímpicos, este trabalho foi desenvolvido como forma de se debruçar no processo de **como** os referidos profissionais da mídia trabalham na produção de conteúdo sobre esta manifestação social do esporte para pessoas com deficiência. Neste sentido, rememoramos que o objetivo geral do estudo foi compreender o processo de produção de notícias sobre o esporte e os atletas paraolímpicos, realizado por jornalistas esportivos na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio/2016. Em específico, buscamos: 1) caracterizar as condições de produção e a rotina produtiva de notícias sobre o esporte e atletas paraolímpicos por jornalistas esportivos durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio/2016; 2) identificar critérios de noticiabilidade definidos por jornalistas esportivos na cobertura jornalística do esporte e dos atletas paraolímpicos, durante os Jogos Paralímpicos Rio/2016; 3) identificar valores-notícia mobilizados por jornalistas esportivos na abordagem do esporte e dos atletas paralímpicos durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio/2016.

Os primeiros indicativos despontados do trabalho investigativo foram referentes ao processo formativo, às experiências e à atuação profissional dos jornalistas esportivos. Identificamos que estes são elementos a serem permanentemente considerados para a compreensão dos modos de agir, produzir e reproduzir destes trabalhadores no ofício do fazer jornalístico. Tal indicativo se evidenciou no decorrer do estudo principalmente pelo fato de os jornalistas demonstrarem viver, na maior parte do tempo de trabalho, entre atenderem a demandas subjetivas próprias, advindas de referências culturais formativas, e obedecerem às influências e às determinações dos interesses comerciais e ideológicos inerentes à indústria midiática, esta que hoje é a principal veiculadora da produção jornalística.

Neste quesito da trajetória de vida e profissional dos jornalistas, percebemos a forte influência familiar no delineamento dos gostos e práticas jornalísticas dos interlocutores do estudo. Pudemos apontar também o sentido que a formação acadêmica atribuiu aos modos de agir profissionalmente deles, tendo destaque, sobretudo, o caráter empirista que este campo acadêmico demonstrou possuir no processo formativo. Além do mais, ressaltamos a relevante mediação que o saber das experiências de vida – em ser

uma pessoa com deficiência – e/ou o saber das experiências esportivas – em ser um atleta semiprofissional – podem proporcionar na qualificação do fazer jornalístico, em especial o voltado a uma especificidade do campo, como o jornalismo esportivo (paraolímpico). Junto a isso, identificamos o caráter multimídia e multissetorial que a atuação profissional contemporânea dos jornalistas lhes proporciona, revelando uma cultura jornalística ampla e diversa, ao mesmo tempo que se apresenta podendo homogeneizar a sua prática de produzir notícia sobre os diferentes âmbitos e fatos sociais com os quais se relaciona.

Os achados de pesquisa apresentados nesta seção do trabalho sobre a formação, as experiências e atuações profissionais dos jornalistas interlocutores do estudo não são evidentes e muito menos conclusivos no que se refere a possíveis influências que a trajetória de vida deles tenha no processo de produção de notícias sobre o esporte paraolímpico. Estes achados são muito mais elementos contextualizadores dos interlocutores do estudo do que indicativos de qualquer interpretação sobre a produção jornalística acerca do esporte paraolímpico. Todavia eles se revelam exemplares da forte dimensão subjetiva que existe no processo de produção de notícias e, muito por conta disso, destacam-se como relevantes elementos a serem considerados para entender o que e como são noticiados fenômenos sociais e esportivos tais como os Jogos Paralímpicos.

O esporte paraolímpico configura-se como um fenômeno que possui nuances e particularidades de um grupo historicamente marginalizado na sociedade e, assim, exige uma maior atenção e maior repertório cultural para a abordagem jornalística que venha a se realizar sobre ele. Neste sentido, apontamos a necessidade de mais estudos que busquem contextualizar e compreender a trajetória pessoal e profissional dos jornalistas esportivos como forma de desenvolver reflexões e análises críticas sobre o discurso midiático e jornalístico, voltado às diversas manifestações do esporte. Em outras palavras, indicamos que sejam desenvolvidos estudos que tomem como base outros critérios subjetivos os quais possam ser interferentes no processo de produção das notícias, tais como o gênero dos jornalistas, a raça, a etnia, as histórias de vida e as suas experiências esportivas. Desta forma, acreditamos ser possível encontrarmos indicativos que justifiquem e expliquem a diversidade de abordagens jornalísticas destinadas aos diferentes fenômenos sociais e, neste caso em específico, ao esporte paraolímpico.

Com relação às condições de produção e à rotina produtiva dos jornalistas durante a cobertura dos JP de 2016, identificamos um conjunto de elementos que se mostraram interferentes, direta e indiretamente, no fazer jornalístico voltado tanto ao

esporte, de maneira geral, como ao esporte paraolímpico, em específico. De modo geral, a principal evidência que se apresentou como condicionante do tipo de trabalho jornalístico e informativo a ser desenvolvido sobre essa manifestação do esporte foram as determinações do valor simbólico e econômico que ela não possui na sociedade e no universo esportivo contemporâneo. Desde a definição sobre a dedicação ou não do espaço jornalístico ao megaevento esportivo, e do envio ou não de jornalistas para a cobertura *in loco*, até os modos de se preparar para tal trabalho, tanto jornalistas como editores demonstraram enfrentar alguns obstáculos para a realização de uma mínima cobertura sobre o fato social e esportivo global, mesmo ocorrendo em território nacional. Um exemplo disso foi a dificuldade de se dedicar um jornalista e um espaço no jornal especificamente para o esporte paraolímpico no período pré, durante e pós megaevento, diante da permanente demanda e quase obrigatoriedade jornalística em pautar diariamente a monocultura do futebol.

Outro elemento que se revelou pertinente destacar foi sobre a organização e logística estrutural existentes nos JP para que os jornalistas pudessem realizar a cobertura *in loco* do megaevento esportivo, ao menos nesta edição de 2016. Em se tratando de uma das principais, senão a principal, manifestação social da contemporaneidade relacionada às pessoas com deficiência, identificamos junto aos jornalistas dificuldades e limitações de deslocamento entre as arenas esportivas, assim como problemas de acessibilidade para aqueles profissionais que tivessem algum tipo de comprometimento motor e estivessem ali para produzir notícias. A dificuldade de acessibilidade no âmbito de um megaevento pensado especificamente para pessoas com deficiência é um paradoxo que se apresentou no contexto da presente pesquisa e que não deve ser generalizado. Porém isto se evidenciou de modo relevante para aquilo que os jornalistas presentes lá, convivendo com o esporte e os atletas, poderiam e conseguiriam produzir de informação sobre o dia-a-dia dos JP, sobre a diversidade e sobre a complexidade de elementos, modalidades, corpos, capacidades e potencialidades humanas, que um contexto esportivo como este pode desvelar⁴⁵.

O volume de informação que circula nos bastidores da produção de notícias sobre os JP para os jornalistas que estiveram *in loco* demonstrou ter um permanente

⁴⁵ Em artigo produzido como texto suporte do Relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano no Brasil em 2017 – disponível em movimentoevidas.org.br, Greguol (2017) ratifica que um dos principais obstáculos para a promoção e desenvolvimento de atividades físicas e esportivas para pessoas com deficiência é também o déficit de informação que se tem e que circula sobre as particularidades deste contexto.

suporte de fornecimento de conteúdos por parte das instituições burocráticas que gerenciam o fenômeno, tais como o IPC e o CPB. Todavia, sobretudo para os jornalistas que se propuseram a realizar a cobertura dos Jogos direto da redação, a quantidade de conteúdo produzido e difundido pelas agências de notícias que chegavam às redações dos jornais mostrou-se limitada, assim como também se evidenciou dificultado o acesso destes jornalistas ao contato com os atletas através de telefone e internet.

Identificamos e ressaltamos a pertinência das entidades responsáveis pela gestão do esporte paraolímpico continuarem como produtoras de conteúdo informativo, divulgando a manifestação esportiva e servindo de suporte à mídia que opera na massificação e popularização do fenômeno. Esta mediação comunicativa das instituições esportivas mostrou-se como uma possibilidade de qualificação da produção jornalística. Resta saber, no entanto, quais as potencialidades e limitações desta proatividade institucional no contexto paraolímpico, sobretudo no que se refere ao respeito à liberdade de expressão dos jornalistas, às possibilidades de existir uma produção de notícias que aborde elementos críticos e problemáticos desse universo esportivo, ou, por outro lado, em relação à capacidade e ao poder que estas instituições terão para funcionarem como reguladoras da mídia esportiva.

Os guias de orientação para a mídia de como cobrir o esporte paraolímpico apareceram, por exemplo, como meios relevantes das instituições responsáveis pela referida manifestação esportiva mediar, de maneira instrumental e crítica, a cobertura jornalística do megaevento. Ainda que tenham se revelado como contributos pontuais, os quais dificilmente intervêm de maneira perene no dia-a-dia dos jornalistas e na corrida contra a hora do fechamento, os guias revelaram-se importantes instrumentos de complementação informativa para a composição das notícias diante da velocidade dos fatos e da diversidade de personagens, que ocorrem e existem naquele contexto. Eles também demonstraram influenciar, até certo ponto, de maneira crítica na linguagem e na abordagem que venham a ser destinadas ao esporte paraolímpico durante a cobertura de um evento como este. Um megaevento esportivo, permeado por particularidades com as quais, inclusive, pouco se convive na sociedade e, não diferente, no âmbito jornalístico e esportivo.

Por outro lado, as relações estabelecidas entre a mídia e o esporte através da negociação dos direitos de transmissão, neste caso em específico do paraolímpico, apresentaram-se também como um fator fortemente interveniente das condições de trabalho e da rotina produtiva da cobertura jornalística sobre o esporte paraolímpico no

contexto dos Jogos de 2016. A exclusividade e a prioridade do espaço-tempo jornalístico para com as empresas detentoras dos direitos de imagem e transmissão do megaevento mostraram-se como uma potente determinação comercial já mesmo nas possibilidades de produção de informação que se veicula sobre a referida manifestação esportiva. Por exemplo, o acesso dos jornalistas de empresas não detentoras aos atletas, protagonistas do fenômeno esportivo e principal fontes da informação esportiva, tinham tempos e espaços limitados frente à prioridade que é destinada aos detentores de direitos comerciais.

Importa notar, portanto, o comprometimento comunicativo que estas relações comerciais influenciadoras do trabalho jornalístico podem provocar ao jornalismo esportivo regional que busque veicular informações sobre o fenômeno paraolímpico global nas suas respectivas localidades. Esta lógica de relacionamento entre a mídia e o esporte, que se revelou adentrar com força o universo paraolímpico, aparece como reforço de mais um tentáculo da formação histórica dos oligopólios midiáticos do país⁴⁶, sobretudo no contexto esportivo, assim como pode ser também sustentador dos desertos de informação⁴⁷ local existentes em diferentes regiões do território nacional.

As influências comerciais aparentes nas possibilidades e nos modos de produzir notícia sobre o esporte paraolímpico que identificamos no trabalho também se apresentaram como interferentes nos critérios utilizados pelos jornalistas para cobrir os JP. Em uma lógica de produção que demonstrou se pautar, eminentemente, mas não de maneira exclusiva, pelo que seriam os interesses do público, os jornalistas, em muitos momentos, aparentaram estar mais preocupados em atrair consumidores/audiência para as notícias, do que em informar e comunicar o esporte paraolímpico para servir ao interesse público.

⁴⁶ A Organização não governamental, “Repórteres sem fronteiras”, publicou em 2017 um relatório que mapeou e revelou a concentração dos meios de comunicação e das audiências no Brasil. Conforme revelam os dados, há um alerta vermelho referente ao risco alto para a democracia e para a comunicação no país, pois, entre outros fatores, temos uma alta concentração de propriedade cruzada entre as empresas de mídia e concessionárias, assim como temos um forte controle político sobre os veículos e redes de distribuição, sobre o financiamento da mídia e também sobre as agências de notícias. Ver relatório e dados em: <http://brazil.mom-rsf.org/br/>. Acessado em 22/12/2017.

⁴⁷ Um projeto do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo e do Observatório da Imprensa, em parceria com a Volt, denominado de “Atlas da Notícia”, mapeou jornais impressos e portais de notícias locais no país. Foram identificados 5.354 veículos em 1.125 cidades de 27 unidades federativas, o que corresponde a 65% da população nacional. Diante deste quadro, identificou-se o que se chamou de “desertos da notícia” no país, que são cerca de 4.500 municípios do país, referentes a 70 milhões de habitantes (35% da população), que não possuem nenhum veículo no segmento escrito ou digital voltados à cobertura jornalística local nas suas cidades. Ver relatório e dados em: https://www.atlas_jor.br/index.html. Acessado em 22/12/2017.

A prioridade jornalística do que viraria notícia sobre o esporte paraolímpico apresentou-se concentrada, prioritariamente, em elementos objetivos do que compõe uma competição esportiva do porte dos JP, por exemplo: a expectativa pelas vitórias, os resultados esportivos e, principalmente, as medalhas conquistadas pelos atletas. Além disso, a cobertura noticiosa promovida pelos jornalistas também demonstrou se pautar pela busca permanente em vincular interesses locais ao fenômeno esportivo global. Estes são critérios jornalísticos que basicamente reproduzem um modo pragmático de agir do jornalismo esportivo para com outras manifestações do esporte, tal como as Copas do Mundo e os JO.

O caráter peculiar que identificamos nos critérios de noticiabilidade utilizados pelos jornalistas para cobrir os JP foi a utilização das histórias das deficiências como forma e conteúdo jornalístico, que corresponde de maneira ideal à intenção de despertar o interesse do público para o esporte paraolímpico. Ao justificar a utilização destas histórias como insumo interessante para a composição do relato noticioso sobre esta manifestação esportiva, os jornalistas revelaram enxergar nelas o elemento informativo perfeito para tornar o esporte paraolímpico um produto midiático vendável. Esta é uma perspectiva a qual nos permite levantar como hipótese que um dos principais critérios jornalísticos, senão o principal, para que o esporte paraolímpico seja produzido como notícia é que ele já fornece à mídia e aos jornalistas o drama garantido, com o enredo trágico e espetacular das deficiências pronto. Ou seja, apresentamos dados que permitem problematizar os passos dados pelo esporte paraolímpico no caminho da midiáticação, da espetacularização e da sua transformação em mais um e no mais novo produto do mercado midiático-esportivo.

O rumo do processo de apropriação midiática e conseqüente mercadorização do esporte paraolímpico, ambas operações que o reificam e que podem estar por empobrecê-lo como fenômeno social e cultural, se confirmam também ao considerarmos que elementos informativos fundantes e que caracterizam o modo de organização das competições e da manifestação esportiva foram tratados como critérios de curiosidade na noticiabilidade dos JP. Por exemplo, a classificação funcional dos atletas e as próteses e cadeiras de rodas que eles utilizam foram posicionadas como temáticas que compõem o contexto curioso do fenômeno paraolímpico. Estes, entretanto, seriam elementos explicativos e esclarecedores sobre os modos de ser e existir do esporte paraolímpico. Todavia os identificamos no estudo como aspectos

informativos, por vezes negligenciados ou mesmo marginais, nos critérios da produção noticiosa revelada pelos jornalistas interlocutores do estudo.

Os valores-notícia mobilizados pelos jornalistas na cobertura jornalística do esporte paraolímpico durante os JP mostraram-se divididos entre a valorização da esportividade dos atletas com deficiência e a superação das deficiências como fonte de inspiração e de exemplo a ser seguido. Neste quesito, no entanto, identificamos que ao buscar o reconhecimento das capacidades e habilidades dos atletas paraolímpicos, ou mesmo de incentivar o público com e sem deficiência, consumidor do esporte paraolímpico a praticar atividades físicas e esportivas, os jornalistas esportivos omitiram ou ignoraram a possibilidade de associar a manifestação paraolímpica do esporte aos valores de inclusão social e acessibilidade, por exemplo. Durante as entrevistas, os jornalistas interlocutores do estudo praticamente não mencionaram tais valores como elementos norteadores ou fundantes da cobertura jornalística a ser realizada sobre o esporte paraolímpico. Assim, estes dados referentes aos valores-notícia da cobertura paraolímpica são evidências que nos permitem confirmar a ideia de que a manifestação paraolímpica do esporte para pessoas com deficiência está longe de ser um fenômeno esportivo que represente a inclusão social, a luta por reconhecimento, por direitos sociais e pela acessibilidade para este grupo na composição da sociedade.

Ao fim e ao cabo, diante da delimitação teórica e metodológica do presente estudo, um conjunto de questões problemáticas inerentes à cultura jornalística e ao relacionamento do jornalismo esportivo com o esporte paraolímpico não foram alcançadas por nosso trabalho. Questões tais como o dia-a-dia da cobertura jornalística *in loco* de um megaevento esportivo como os JP; as intervenções e negociações cotidianas existentes no interior de uma de redação de jornal e da editoria de esportes para definir o que se transforma e o que não se transforma em notícia; a logística de trabalho jornalístico no atual contexto da cultura de convergência em que os jornalistas produzem notícia para diferentes veículos quase instantaneamente. Estes são alguns exemplos de fatores e aspectos que insurgem como possíveis recortes do campo de investigação aqui estudado e que não puderam ser caracterizados para este trabalho.

Para além das questões jornalísticas e informativas que cercam o fenômeno esportivo paraolímpico apresentadas aqui, mostra-se necessário considerar toda a extensão do processo comunicativo dessa manifestação do esporte contemporâneo. Os produtores e a produção de notícias sobre o esporte paraolímpico são somente um dos polos dessa esfera comunicacional, que tem em sua completude diferentes elementos da

cultura midiática e esportiva, interferentes nos modos como ele se manifesta e é compreendido na e pela sociedade. Nesse sentido, ressaltamos como relevante não só estudos que aprofundem a investigação sobre a dimensão produtiva dos meios de comunicação de massa, mas destacamos também a necessidade de estudos que busquem compreender a percepção e a recepção dos consumidores sobre o discurso midiático-esportivo paraolímpico.

Finalmente, apontamos como principal indicativo desta tese o fato de que o esporte paraolímpico está se inserindo na cultura esportiva através de uma mediação jornalística e midiática que tem reproduzido práticas tradicionalmente exercidas com as demais manifestações do esporte midiáticas e espetacularizadas até então. Como forma de atender aos interesses comerciais da indústria midiática, apesar de os jornalistas esportivos demonstrarem reconhecer a relevância social e esportiva do esporte paraolímpico como prática corporal inclusiva para pessoas com deficiência, eles tendem a continuar enfocando a produção noticiosa nas dimensões objetivas da competição esportiva - como a sobrevalorização das vitórias e das medalhas - e nas dimensões subjetivas, que podem operar como elo identificador da venda do produto midiático-esportivo ao público consumidor – tais como a dialética global-local e a dramatização da cobertura jornalística do esporte paraolímpico.

O jornalismo esportivo voltado ao esporte paraolímpico, se realizado de maneira comprometida com a veiculação de informação que comunique à sociedade sobre o referido fenômeno, pode ser um potente meio de promoção da existência social dos atletas e pessoas com deficiência e da convivência da sociedade com este grupo de pessoas. Caso preservem o processo de produção de notícias dos fortes interesses e interferências comerciais que sofre na relação com o esporte, o jornalismo e os jornalistas esportivos podem informar sobre a realidade deste grupo social e servir, assim, como uma plataforma interessante para a promoção da conscientização do público sobre a realidade destas pessoas, sobre as dificuldades que enfrentam em seu cotidiano, as necessidades de acessibilidade e o reconhecimento social. Enfim, o jornalismo esportivo paraolímpico poderia exercer, para além do seu papel informativo, um serviço de promoção de inclusão social para pessoas com deficiência. Não obstante de tal modo este mesmo fazer jornalístico estaria inserindo o esporte paraolímpico na cultura esportiva nacional de maneira crítica e reflexiva, valorizando a experiência global da prática esportiva em alto rendimento, realizada por pessoas com algum tipo e/ou grau de deficiência.

Para além dos apontamentos finais vinculados aos dados e análises do estudo, conhecer e compreender o processo de produção de notícias sobre o esporte e, especificamente, sobre o esporte paraolímpico nos permite tecer reflexões referentes aos três campos sociais e acadêmicos envolvidos nesta investigação, o Jornalismo, a Educação Física e as Ciências do Esporte. Para o jornalismo e especificamente para o jornalismo esportivo, entendemos que os achados da pesquisa apontam para a necessidade de a formação profissional voltada à esta área de intervenção buscar um espaço consolidado nos currículos dos cursos universitários, visto que o esporte tem ganhado repercussão social em níveis midiáticos equiparados às áreas como economia e política.

Neste movimento de formalização de disciplinas e de espaços de formação acadêmica para o jornalismo esportivo é preciso não só garantir um foco especializado à temática, mas também projetar um processo que proporcione ampliação do repertório cultural esportivo dos jornalistas. Em síntese, uma trajetória formativa que forneça contato/conhecimento com a literatura crítica da área e que estabeleça critérios mínimos de um fazer jornalístico com princípios tradicionais preservados (como o trabalho investigativo) e com atenção especial às demandas sociais e políticas contemporâneas que não deixam de permear o fenômeno esportivo (como as questões de gênero, as questões étnico-raciais e as questões de inclusão social).

Por sua vez, o modo de produção de notícias dos JP de 2016 permite entender que para nós da Educação Física resta-nos seguir explorando a mídia-educação (física) como possibilidade e estratégia didático-pedagógica de subversão ao poder hegemônico do discurso midiático-esportivo. Ou seja, visto que o jornalismo esportivo tende a conduzir a sua produção pautada em curiosidades, trivialidades e/ou sensacionalismos do esporte (paraolímpico), buscando atender e alcançar os seus interesses comerciais e os hipotéticos interesses do público, à Educação Física fica a responsabilidade de colocar em pauta o outro par dialético desta relação mídia e esporte, os interesses públicos.

Como área de intervenção social atuante em espaços formais e não formais de educação, a Educação Física pode apostar no trabalho com, sobre e através das mídias como meio de formação de sujeitos críticos para o exercício da cidadania com relação ao âmbito esportivo, proporcionando a experiência, para todos, de um ser esportivo politizado, que conhece, pratica e se apropria do esporte. Um ser que, neste contexto do esporte, enfoca nas capacidades e habilidades das pessoas com deficiência que também

o praticam, reconhecendo que muitas das limitações e comprometimentos destas pessoas estão na dimensão ecológica das suas existências, portanto, em questões de falta de acessibilidade e de preconceitos ainda existentes. Dessa forma, reconhecemos a necessidade de a Educação Física formar profissionais que compreendam criticamente os modos de agir da mídia com relação ao esporte e à outras manifestações das práticas corporais. Profissionais/professores que na atuação e intervenção educativa forme/constitua cidadãos dispostos a cobrarem dos meios de comunicação de massa outro tratamento sobre os fenômenos da cultura corporal de movimento, assim como o esporte adaptado e paraolímpico, promovendo também um movimento social em prol da inclusão e da superação da distinção de classes e da discriminação que as pessoas com deficiência ainda sofrem na sociedade contemporânea.

No caso das Ciências do Esporte, por fim, compreender o processo de produção de notícias do esporte paraolímpico revela a necessidade deste campo científico finalmente acompanhar a mudança de paradigma proposta por ativistas da área e alterar o olhar desviado para as pessoas com deficiência do modelo biomédico tradicional para o modelo social. Entendemos ser candente a necessidade de as múltiplas áreas que compõem este campo científico se voltarem a esta perspectiva contemporânea, cujo pressuposto principal é de que as deficiências não podem ser só personificadas ou individualizadas, sendo tratadas como patologias, mas sim que as limitações e comprometimentos vinculados a elas são advindos, principalmente, do modo de organização e de pensamento predominantes na sociedade.

Portanto, para as áreas da medicina, da psicologia, da fisiologia, do treinamento esportivo e também da pedagogia do esporte, é necessário compreender que as questões biodinâmicas e psicofísicas da prática esportiva por parte das pessoas com deficiência estão imbricadas e diretamente condicionadas por questões socioculturais, políticas e econômicas das estruturas e comunidades onde vivemos. Neste sentido, para as Ciências do Esporte, antes mesmo de destinar o enfoque ao estudo de especificidades e de fragmentos da prática do esporte por pessoas com deficiência, é importante levar em consideração questões mais gerais e a complexidade deste universo social.

Mostra-se prioritário produzir dados sobre as questões urbanas de acessibilidade nas cidades, de modo a torná-las acessíveis para todos os cidadãos com qualquer tipo de deficiência, e também produzir conhecimentos que promovam mudanças paradigmáticas no modo das pessoas compreenderem e aceitarem este grupo nos círculos sociais. Desta forma, enfim, acreditamos ser possível alcançarmos um estágio

de sociedade em que não nos surpreenderemos mais com o fato de uma pessoa com deficiência praticar esporte em alto nível e tampouco a mídia terá espaço para focar e dramatizar a sua narrativa em torno das histórias destas pessoas, não tendo nada mais para espetacularizar além do que, unicamente, o desempenho esportivo dos atletas paraolímpicos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALMEIDA, B. DE; VLASTUIN, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Proteção à marca versus liberdade de expressão? Discursos emergentes a partir dos megaeventos esportivos no Brasil. **Esporte e Sociedade**, v. 6, n. 18, p. 1–21, 2011.
- ANTUNES, S. E. et al. O Pan/Rio - 2007 na perspectiva da mídia impressa mineira. In: PIRES, G. D. L. (Org.). **“Observando” o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 115–127.
- ARAÚJO, A. C. Transformações do esporte: estética e regime de visibilidade (pós)moderno. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 3, p. 773–788, 1 out. 2012.
- BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. G. Identidade, negócio e esporte no mundo globalizado: o conflito entre Guga e os patrocinadores na Olimpíada de Sydney. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 1, 2006.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. [s.l.] Brasiliense, 1985. p. 197–221.
- BERGAMO, A.; MICK, J.; LIMA, S. **Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país**. Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da UFSC, 2013.
- BETTI, M. **Janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998a.
- BETTI, M. Mídia e educação: análise da relação dos meios de comunicação de massa com a Educação Física e os esportes. Seminário Brasileiro em Pedagogia do Esporte. **Anais...**Santa Maria: 1998b
- BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, n. 17, p. 1–3, 2001.
- BITENCOURT, F. G. et al. Ritual Olímpico e os mitos da modernidade: implicações midiáticas na dialética Universal / Local. **Pensar a Prática**, v. 8, n. 1, p. 21–36, 2005.
- BITENCOURT, F. G. et al. O jornalismo esportivo no JASC/2007: um olhar antropológico. In: PIRES, G. D. L. (Org.). **Observatório da Mídia Esportiva: a cobertura jornalística dos Jogos Abertos de Santa Catarina**. Florianópolis: Nova Letra, 2008. p. 59–74.
- BITENCOURT, F. G. Esboço sobre algumas implicações do futebol da Copa Do Mundo para o Brasil: identidade e ritos de autoridade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 3, p. 174–189, 2009.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28, 2002.

- BORELLI, V.; FAUSTO NETO, A. Jornalismo esportivo como construção. **Cadernos de Comunicação**, n. 7, p. 61–74, 2002.
- BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.
- BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION. **Guide to Reporting on Paralympic Sport**. Reino Unido: ParalympicsGB, 2012. Disponível em: <http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf>
- BRUCE, T. Us and them: the influence of discourses of nationalism on media coverage of the Paralympics. **Disability & Society**, v. 29, n. 9, p. 1443–1459, 2014.
- BUYSSE, J. A. M.; BORCHERDING, B. Framing gender and disability: a cross-cultural analysis of photographs from the 2008 Paralympic Games. **International Journal of Sport Communication**, v. 3, n. 3, p. 308–321, 2010.
- CALDAS, M. DAS G. C. Ética e cidadania na formação do jornalista. **Comunicação e Sociedade**, v. 27, n. 44, p. 85–101, 2005.
- CAPRARO, A. M. Mario Filho e a “invenção” do jornalismo esportivo profissional. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 17, n. 2, p. 213–224, 2011.
- CARLOS, N. M.; MARQUES, J. C. Um olhar sobre a representação midiática das musas dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 no portal Lance! **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, p. 1–15, 2017.
- CARVALHO, J. E. DE. O discurso esportivo: por um equilíbrio possível entre o distanciamento olímpico e a linguagem emocional. In: BOAS, S. V. (Org.). **Formação & Informação Esportiva: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2005. p. 59–76.
- CASCAIS, F. O ensino do/para o jornalismo e a formação profissional. **Comunicação e Sociedade**, v. 5, p. 85–93, 2003.
- CASTILLO, S. S.; SÁEZ, M. T. M. Narrativa audiovisual y discapacidad. Realización televisiva comparada de los Juegos Olímpicos y Paralímpicos de Pekín 2008. **Zer**, v. 16, n. 31, p. 89–107, 2011.
- CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. Ronaldo x Lula: uma análise do discurso na Folha de São Paulo. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 18, n. 4, p. 121–134, 20 out. 2012.
- CHANG, I. Y. et al. One world, One dream: a qualitative comparison of the newspaper coverage of the 2008 Olympic and Paralympic Games. **International Journal of Sport Communication**, v. 4, n. 1, p. 26–49, 2011.
- CHAPARRO, M. C. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. 3 ed. rev. ed. São Paulo: Summus, 2007.

CIOCCARI, D. O. Os casos Lance Armstrong e Oscar Pistorius: a construção (e desconstrução) da identidade através da imagem fotográfica. **Revista Alterjor**, v. 1, n. 7, p. 1–19, 2013.

COAKLEY, J. Age and Ability: Barriers to participation and inclusion? In: **Sports in Society: Issues and Controversies**. 11. ed. New York: Mc Graw Hill Education, 2009. p. 302–349.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Planejamento estratégico do esporte paraolímpico brasileiro 2010 – 2016**. Brasília: Comitê Paralímpico Brasileiro, 2010.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. La cobertura mediática de las mujeres deportistas con discapacidad: análisis de la prensa diaria de cuatro países europeos durante los Juegos Paralímpicos de Sidney 2000. **Apunts, Educación Física y Deportes**, v. 97, n. 3, p. 80–88, 2009.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. The media coverage of female athletes with disability: analysis of the daily press of four european countries during the 2000 Sidney Paralympic Games. **European Journal for Sport and Society**, v. 7, n. 3–4, p. 283–296, 2010.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJAVITE, F. A. Mais do que economia e negócios: o jornalismo de infotenimento no jornal Gazeta Mercantil. **Revista Imes**, p. 64–72, 2003.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, R. Industria cultural 2.0. **Constelaciones: Revista de Teoría Crítica**, n. 3, p. 90–117, 2011.

DUNCAN, M. C. Gender Warriors in Sport: Women and the Media. In: RANEY, A. A.; BRYANT, J. (Eds.). **Handbook of Sports and Media**. [s.l.] Lawrence Erlbaum Associates, 2006. p. 247–269.

ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FARIA, M. D. DE; CARVALHO, J. L. F. Uma análise semiótica do potencial mercadológico da imagem de atletas paraolímpicos. **Revista Eletrônica Gestão e Sociedade**, v. 4, n. 9, p. 657–688, 2010.

FERMINO, A. L. et al. Futebol brasileiro nos Jogos Olímpicos Londres / 2012: enquadramentos da cobertura jornalística da televisão aberta. In: PIRES, G. D. L.; LISBÔA, M. M. (Orgs.). **Quem será “mais Brasil” em Londres/2012? : enquadramentos no telejornalismo esportivo dos Jogos Olímpicos**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2015. p. 91–116.

FIGUEIREDO, T. H. Gênero e Deficiência – uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 484–497, 2014.

FIGUEIREDO, T. H.; GUERRA, M. DE O. Olimpíadas e Paraolimpíadas: uma correlação com a mídia. 2004.

GASTALDO, É. Estudos Sociais do Esporte: vicissitudes e possibilidades de um campo em formação. **Comunicação e Esporte**, v. 17, n. 2, p. 6–15, 2010.

GODOI, M. R. Futebol, paz e guerra: Sentidos dissonantes nos discursos de duas peças publicitárias no ano da Copa 2010. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 22, n. 3, p. 373–385, 2011.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOMES, I. M. M. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico. In: DUARTE, E. B.; CASTRO, M. L. D. DE (Orgs.). **Em torno das mídias**: práticas e ambiências. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 95–112.

GONÇALVES, G. C.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: PIRES, G. DE L. (Org.). **“Observando” o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 149–167.

GREGUOL, M. Atividades físicas e esportivas e pessoas com deficiência. In: PNUD (Org.). **Movimento é vida**: Atividades Físicas e Esportivas para todas as pessoas - Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil. Brasília: PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2017. p. 1–35.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUMBRECHT, H. U. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

GURGEL, A. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, v. XXI, n. 32/33, p. 193–210, 2009.

HARDIN, B.; HARDIN, M. Conformity and conflict: wheelchair athletes discuss sport media. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 20, n. 3, p. 246–259, 2003.

HARDIN, M. Marketing the acceptably athletic image: wheelchair athletes, sport-related advertising and capitalist hegemony. **Disability Studies Quarterly**, v. 23, n. 1, p. 108–125, 2003.

HARDIN, M.; HARDIN, B. The “Superscrip” in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony’s disabled hero. **SOSOL: Sociology of Sport Online**, v. 7, n. 1, p. 1–14, 2004.

HARDIN, M.; HARDIN, B. Performance or participation... pluralism or hegemony? Images of disability and gender in Sports’n Spokes Magazine. **Disability Studies Quarterly**, v. 25, n. 4, p. 1–18, 2005.

HILGEMBERG, T. Primeiro o esporte, depois a deficiência? Análise da cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de 2012. Intercom. **Anais...Foz do Iguaçu**: Intercom, 2014a. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0142-1.pdf>>

HILGEMBERG, T. Do Coitadinho ao Super-herói Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Ciberlegenda**, n. 30, p. 48–58, 2014b.

HILGEMBERG, T. Daniel Dias em Papel-Jornal - a representação do atleta paralímpico pela imprensa. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2015.

HILGEMBERG, T. O lugar do atleta paralímpico nos jornais impressos: uma análise da cobertura dos Jogos de 2012. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2017.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

HORN, L. G. R.; MAZO, J. Z. Winning Eleven/Pro Evolution Soccer: representações de atletas de futebol masculino nos jogos digitais (1995-2009). **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 16, n. 3, p. 277–294, 25 jul. 2010.

HOWE, P. D. From inside the newsroom: paralympic media and the 'production' of elite disability. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 43, n. 2, p. 135–150, 2008.

HOWE, P. D.; JONES, C. Classification of disabled athletes: (Dis)empowering the paralympic practice community. **Sociology of Sport Journal**, v. 23, n. 1, p. 29–46, 2006.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Guide to reporting on persons with an impairment**. Bonn: International Paralympic Committee, 2014. Disponível em:

<https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/141027103527844_2014_10_31+Guide+to+reporting+on+persons+with+an+impairment.pdf>

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Strategic plan 2015 to 2018**: strategic outlook for the International Paralympic Committee. Bonn; IPC, 2015.

JACKS, N. **Querência: cultura regional como mediação simbólica - um estudo de recepção**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENNINGS, A. **Jogo sujo (foul!) o mundo secreto da FIFA**: compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011.

JENNINGS, A. **Um jogo cada vez mais sujo**: o padrão FIFA de fazer negócios e manter tudo em silêncio. São Paulo: Panda Books, 2014.

LIMA, M. A. DE; MARTINS, C. J.; CAPRARO, A. M. Olimpíadas Modernas: a história de uma tradição inventada. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 1, p. 1–11, 2009.

MARCHI JÚNIOR, W. “**Sacando**” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 - 2000). Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MARIN, E. C. O espetáculo esportivo no contexto da mundialização do entretenimento midiático. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 1, p. 75–89, 2008.

MARIN, E. C. Entretenimento: uma mercadoria com valor em alta. **Movimento**, v. 15, n. 2, p. 211–231, 2009.

MARQUES, J. C. O estigma de ser jornalista esportivo: a discriminação do profissional de esporte na imprensa brasileira. Intercom - XXVI Congresso Brasileiro PUC/MG. **Anais...Belo Horizonte (MG): Intercom**, 2003

MARQUES, J. C. “Teoria ou prática”? O movimento pendular dos cursos de comunicação no Brasil e a abordagem do esporte. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 8, n. 1, p. 165–181, 2013.

MARQUES, J. C. Nem Herói, Nem Coitadinho: A Cobertura Dos Jogos Paralímpicos 2016 Nas Páginas Dos Jornais Lance! e Folha de S. Paulo. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2017.

MARQUES, R. F. R. et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 4, p. 365–377, 2009.

MARQUES, R. F. R. et al. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 4, p. 583–596, 2013.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros. **Movimento**, v. 20, n. 3, p. 989–1015, 2014.

MARQUES, R. F. R. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatório del deporte**, v. 1, n. 1, p. 147–185, 2015.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico: perspectivas de atletas portugueses. **Motricidade**, v. 11, p. 123–147, 2015.

MARQUES, R. F. R. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso midiático como um obstáculo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n. 108, p. 87–96, 2016.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B. DE; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 13, n. 3, p. p.225-242, 2007.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. **O Esporte Paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas**. São Paulo: Phorte, 2014.

- MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. DE. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 23, n. 4, p. 515–527, 2012.
- MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C. Novas configurações socioeconômicas do esporte na era da globalização. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 20, n. 4, p. 637–648, 2009.
- MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. DE. Esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **CONEXÕES, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 42–61, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MASCARENHAS, F. et al. O Bloco Olímpico: Estado, Organização Esportiva e Mercado na configuração da agenda Rio 2016. **Revista da Alesde**, v. 2, n. 2, p. 15–32, 2012.
- MELLO, M. T. DE; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012.
- MELO, V. A. DE. Quando as paixões se encontram: o futebol em Irmãos Coragem (Janete Clair, 1970/1971). **Revista de Educação Física/UEM**, v. 23, n. 4, p. 553–563, 30 jan. 2012.
- MENDES, G. DA S. A construção da notícia sob a ótica etnográfica: contribuições da antropologia para os estudos de jornalismo. **C&S – São Bernardo do Campo**, v. 34, n. 2, p. 283–303, 2013.
- MESSA, F. DE C.; PIRES, G. DE L. A trajetória do Avaí Futebol Clube no Campeonato Brasileiro 2009: leitura de charges jornalísticas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 3, 2012.
- MEZZARROBA, C. et al. Jogos Pan-Americanos Rio / 2007: os “ locais ” na mídia regional. Descrição e análise da cobertura em jornais das cinco regiões brasileiras. In: PIRES, G. D. L. (Org.). **“Observando” o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 29–45.
- MEZZARROBA, C. et al. Entretenimento ou informação? Uma análise da cobertura jornalística do Pan-americano de Guadalajara/2011 na Rede Record. **Revista da Alesde**, v. 4, n. 1, p. 4–23, 2014.
- MEZZARROBA, C. et al. O papel da mídia sergipana nas estratégias de agendamento na mobilização da dialética global-local a partir de uma situação concreta: as Olimpíadas / 2012. **Motrivivência**, v. 27, n. 44, p. 64–78, 2015.
- MEZZARROBA, C.; MESSA, F. C.; PIRES, G. D. L. Quadro teórico-conceitual de referência: megaeventos e o agendamento midiático-esportivo. In: PIRES, G. D. L.

- (Org.). **O Brasil na Copa, a Copa no Brasil**: registros de agendamento para 2014 na cobertura da midiática da Copa da África do Sul. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. p. 21–45.
- MEZZAROBA, C.; PIRES, G. D. L. Os jogos Pan-Americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 2, p. 337–355, 2011.
- MIRANDA, T. J. **Comitê Paralímpico Brasileiro**: 15 anos de história. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011.
- MORAES, D. DE. **O planeta mídia**: tendências da comunicação na era global. Campo Grande: Letra Livre, 1998.
- MUHLEN, J. C. VON; GOELLNER, S. V. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 1, p. 165–184, 2012.
- NOVAIS, R. A.; FIGUEIREDO, T. H. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. **Logos** 33, v. 17, n. 2, p. 78–89, 2010.
- OLIVEIRA, R. C. DE et al. Prosopografia familiar da operação Lava-Jato e do ministério Temer. **Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR**, v. 3, n. 3, p. 1–28, 6 ago. 2017.
- OROZCO, G. G. Hacia una dialéctica de la recepción televisiva: la estructuración de estrategias por los televidentes. **Comunicação & Política na América Latina**, v. 22–25, n. 8, p. 57–73, 1993.
- OSELAME, M. C.; COSTA, C. F. Fim da Notícia: o “Engraçadismo” no Campo do Jornalismo Esportivo de Televisão. **Intercom**, v. 20, n. Ix, p. 1–15, 2013.
- PADEIRO, C. H. DE S. O predomínio do entretenimento no jornalismo esportivo para promoção de grandes eventos: o Globo Esporte/SP e o Caderno de Esportes. **Leituras do Jornalismo**, v. 2, n. 4, p. 166–180, 2015.
- PAPPOUS, A. et al. La visibilidad de la deportista paralímpica en la prensa escrita española. **Revista de Ciencias del Ejercicio**, v. 3, n. 2, p. 12–32, 2007.
- PAPPOUS, A. et al. La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación. **Ágora para la EF y el Deporte**, n. 9, p. 31–42, 2009.
- PAPPOUS, A. (SAKIS); HAYDAY, E. J. A case study investigating the impact of the London 2012 Olympic and Paralympic Games on participation in two non-traditional English sports, Judo and Fencing. **Leisure Studies**, n. June, p. 1–17, 2015.
- PAPPOUS, A. S.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. Contested issues in research on the media coverage of female Paralympic athletes. **Sport in Society**, v. 14, n. 9, p. 1182–1191, 2011a.

PAPPOUS, A. S.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. From Sydney to Beijing: the evolution of the photographic coverage of Paralympic Games in five European countries. **Sport in Society**, v. 14, n. 3, p. 345–354, 2011b.

PAPPOUS, A.; SOUZA, D. L. DE. **Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016**. Brasília: University of Kent / Universidade Federal do Paraná, 2016. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/documents/20181/0/Guia+para+a+mídia+Rio+2016/a26cb813-1e28-4e71-84d8-bd93ea39308c>>

PATIAS, J. C. O espetáculo no telejornal sensacionalista. In: COELHO, C. N. P.; CASTRO, V. J. (Orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006. p. 81–106.

PATTON, M. **Qualitative evaluation and research methods**. 3. ed. Newbury Park: SAGE, 2001.

PAYNE, M. **A virada olímpica: como os Jogos Olímpicos tornaram-se a marca mais valorizada do mundo**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

PEREIRA, O.; MONTEIRO, I.; PEREIRA, A. L. A visibilidade da deficiência – Uma revisão sobre as Representações Sociais das Pessoas com Deficiência e Atletas Paralímpicos nos media impressos. **Sociologia**, v. XXII, p. 199–217, 2011.

PIRES, G. D. L. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 9, n. 1, p. 25–34, 1998.

PIRES, G. D. L. **A Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

PIRES, G. D. L. et al. Retrato preliminar da produção em Educação Física / Mídia no Brasil. 1o Congresso Brasileiro de Informação e Documentação Esportiva. **Anais...** Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aberto/publicacoes/doc_download/201-retrato-da-producao-em-educacao-fisica-midia-no-brasil>

PIRES, G. D. L. **Observatório da Mídia Esportiva: a cobertura jornalística dos jogos abertos de Santa Catarina**. Florianópolis: Nova Letra, 2008.

PIRES, G. D. L. et al. Jogos Olímpicos e a dialética Global-Local: os Catarinenses em Atenas / 2004 na Mídia impressa regional. In: SANFELICE, G.; MYSKIW, M. (Orgs.). **Mídia e Esporte: Temas Contemporâneos**. Novo Hamburgo: Feevale, 2008. p. 65–90.

PIRES, G. D. L. Introdução. In: PIRES, G. D. L. (Org.). **“Observando” o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 15–26.

PIRES, G. D. L.; LAZZAROTTI FILHO, A.; LISBÔA, M. M. Educação Física, Mídia e Tecnologias – Incursões, Pesquisa e Perspectivas. **Kinesis**, v. 30, n. 1, p. 55–79, 2012.

PIRES, G. DE L. Mídia, Esporte e Ilusão. **Fiesla 2006, Fórum Internacional de Esporte e Lazer - SESC**, p. 1–11, 2006.

- POFFO, B. N. et al. “DAY AFTER”: o adeus aos Jogos Olímpicos de Londres / 2012 e as boas vindas ao Rio / 2016. In: PIRES, G. D. L.; LISBÔA, M. M. (Orgs.). **Quem será “mais Brasil” em Londres/2012?:** enquadramentos no telejornalismo esportivo dos Jogos Olímpicos. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2015. p. 117–135.
- PURDUE, D. E. J.; HOWE, P. D. Empower, inspire, achieve: (dis)empowerment and the Paralympic Games. **Disability & Society**, n. June 2015, p. 1–14, 2012.
- RIBEIRO, S. D. D. et al. Os atletas sergipanos em debate: análise da cobertura jornalística do Pan Rio-2007. In: PIRES, G. D. L. (Org.). **“Observando” o Pan Rio/2007 na mídia.** Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 129–148.
- RODRÍGUEZ, E. R. **Formación y ejercicio profesional del periodista en la España del siglo XXI dentro del marco de la Unión Europea.** Madri: Universidad Complutense de Madrid, 2004.
- SANDANO, C. A informação-mercadoria do jornalismo e as novas formas de trocas culturais na sociedade globalizada. In: COELHO, C. N. P.; CASTRO, V. J. (Orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo.** São Paulo: Paulus, 2006. p. 61–80.
- SANFELICE, G. R. Campo midiático e campo esportivo: suas relações e construções simbólicas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, n. 2, p. 137–153, 3 mar. 2010.
- SANFELICE, G. R. A construção midiática de Daiane dos Santos nos jogos olímpicos de Atenas 2004. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 22, n. 3, p. 349–359, 24 ago. 2011.
- SANTOS, G. F.; ALVES, R. J. A. A excitação no discurso televisivo dos Jogos Pan-americanos do Brasil: um estudo da transmissão da rede Globo de televisão. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 16, n. 1, p. 227–244, 1 out. 2009.
- SANTOS, D. S. DOS; MEDEIROS, A. G. A. O discurso midiático e as representações sociais do esporte: o atleta como modelo de comportamento. **Pensar a prática**, v. 12, n. 3, p. 1–11, 2009.
- SANTOS, S. M. DOS et al. Estudo da produção científica sobre Educação Física e Mídia/TICs em periódicos nacionais (2006-2012). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 2, p. 123–139, 2014.
- SANTOS, S. M. DOS. Mídia, esporte e cultura esportiva: um ensaio com a teoria das mediações culturais de Jesús Martín-Barbero. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 8, n. 17, p. 175–190, 2015.
- SANTOS, S. M. DOS; FERMINO, A. L. A identidade esportiva dos atletas com deficiência: um estudo da cobertura fotográfica no instagram do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade (CETS)**, v. 9, n. 3, p. 319–336, 2016.
- SANTOS, S. M. DOS; MEZZARROBA, C.; SOUZA, D. L. DE. Jornalismo esportivo e Infotimento: a (possível) sobreposição do entretenimento à informação no conteúdo jornalístico do esporte. **Corpoconsciência**, v. 21, n. 2, p. 93–106, 2017.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 36, n. 2, p. 174–194, 2012.

SILVEIRA, J. et al. A conquista de Arthur Zanetti e as estratégias da mídia esportiva: um exercício com a teoria do enquadramento. In: PIRES, G. D. L.; LISBÔA, M. M. (Orgs.). **Quem será “mais Brasil” em Londres/2012?:** enquadramentos no telejornalismo esportivo dos Jogos Olímpicos. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2015. p. 73–90.

SIMSON, V.; JENNINGS, A. **Os Senhores dos Anéis: poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas.** São Paulo: Best Seller, 1992.

SOLVES, J.; SÁNCHEZ, S.; RIUS, I. The prince and the pauper: Journalistic culture and Paralympic Games in the Spanish print press. **Journalism**, p. 1–17, 2016.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the British media coverage of the 2000 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 20, n. 2, p. 166–181, 2003.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAVANCAS, I. Etnografia da produção jornalística – estudos de caso da imprensa brasileira. **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 2, p. 83–102, 2010.

TRAVANCAS, I. S. **O mundo dos jornalistas.** São Paulo: Summus, 1993.

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1983.

VIDAL, D. M. DE M. Notícias de interesse público e de interesse do público: a possibilidade de convergência desses interesses. Intercom-Centro Oeste. **Anais...Goiânia: 2010.**

WEEDON, G. et al. Where’s all the “good” sports journalism? Sports media research, the sociology of sport, and the question of quality sports reporting. **International Review for the Sociology of Sport**, 2016.

WOLBRING, G. The Politics of Ableism. **Development**, v. 51, n. 2, p. 252–258, 2008.

WOLF, M. **La investigación de la comunicación de masas: crítica y perspectivas.** Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1987.

WOLF, M. **Teorias da comunicação.** 6. ed. Lisboa: Presença, 2001.

WOLTON, D. **Informar não é comunicar.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

ZHAO, B. H. The representation of disabled athletes in the Chinese and UK press during Beijing 2008: A comparison. **Sport & Society**, p. 1–6, 2008.

ZOBOLI, F. et al. Um Olímpico Paraolímpico: uma análise midiática da participação de Oscar Pistorius nas Olimpíadas de Londres 2012. In: MEZZAROBA, C. et al. (Orgs.). **As Olimpíadas e as Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2014. p. 153–188.

ZOBOLI, F. et al. O corpo híbrido: análise midiática da participação do atleta Oscar Pistorius no Mundial de Atletismo de 2011. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 1, p. 26–33, 2016.

ZOBOLI, F.; QUARANTA, A. M.; MEZZAROBA, C. Oscar Pistorius, um deficiente eficiente? Considerações sobre a segregação/inclusão no paradesporto: um olhar a partir da mídia. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 8, n. 1, p. 259–286, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Roteiro de entrevistas

Nome completo do jornalista: _____

Instituição que trabalha: _____

1. Você poderia falar sobre a sua experiência cobrindo este campeonato?
2. Você teve algum tipo de preparação especial ou orientação antes de iniciar a cobertura deste campeonato?
3. Quais foram os facilitadores e barreiras para a produção das notícias durante o dia a dia da competição?
4. Quantas modalidades/atletas tinha que cobrir por dia?
5. Como fazia para se deslocar entre as arenas de competição?
6. Quanto tempo tinha para escrever as notícias?
7. Havia a determinação de um número mínimo de notícias a serem produzidas por dia? Em média, quantas notícias escrevia por dia?
8. Normalmente, de que modo escolhia as informações que compuseram as notícias? Quais eram os critérios? Teve alguma adaptação linguística na produção dessas notícias? Quais as fontes?
9. Fale como construiu as notícias publicadas acerca de pessoas com deficiência.
10. Todas as notícias que escreveu foram publicadas pelo jornal que trabalha? Se não, saberia o motivo de não terem sido publicadas?
11. As notícias foram publicadas exatamente do modo que as escreveu ou foram feitas grandes mudanças na construção delas antes de serem veiculadas? Do que foi publicado, como teria feito diferente?
12. Fale sobre valores-notícias definidos pela redação do jornal que não podiam faltar na construção das notícias. Qual era a orientação editorial?
13. Você utilizou de alguma referência ou teve alguma interferência do seu cotidiano para se referir aos atletas com deficiência na construção das notícias? No decorrer dos Jogos foi mudando a abordagem? Como?
14. Conheceu o Guia de Orientações divulgado pelo CPB? Se sim, de que modo ele te ajudou nesse processo de produção de notícias?